

MARIA DE LOURDES JEFFERY CONTINI

Este exemplar corresponde à redação
da Tese defendida por Maria de
Lourdes Jeffery Contini e
aprovada pela Comissão Julgadora.
Data ___/___/___

**PSICÓLOGO E A PROMOÇÃO DE SAÚDE
NA EDUCAÇÃO**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO.**

1998

MARIA DE LOURDES JEFFERY CONTINI

**O PSICÓLOGO E A PROMOÇÃO
DE SAÚDE NA EDUCAÇÃO.**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO.**

1998

Tese apresentada como exigência parcial
para a obtenção do título de DOUTORA EM
EDUCAÇÃO nas áreas de concentração
Psicologia Educacional à Comissão Julgadora da
Faculdade de Educação da Universidade Estadual
de Campinas sob a orientação do Prof. Dr
Sérgio Antônio da Silva Leite.

Comissão Julgadora

DEDICATÓRIA

Em especial ao Contini, Larissa
e Daniel pelo amor que nos une...

Aos meus pais (in memoriam) por
terem me ensinado o sentido
concreto da "ética dialógica"
na relação com o outro.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Sérgio Antônio da Silva Leite pela orientação competente e pela amizade, assumindo junto comigo a construção desse trabalho, ao longo dos últimos quatro anos.

Ao Prof. Dr. Álvaro Pacheco Duran e a Prof^a. Dr^a Acácia Aparecida Angeli dos Santos, pelas observações preciosas durante o Exame de Qualificação.

Ao Prof. Dr. Fernando Gonzales Rey e a Prof^a Dr^a Albertina Mitjans que me acolheram gentilmente, lendo parte desse trabalho e me instigando com suas contribuições.

Aos professores, colegas e funcionários da Faculdade de Educação da Unicamp.

À Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que, através do seu programa de bolsas PICD/CAPES, propiciou o apoio financeiro para a realização desse trabalho.

As minhas queridas amigas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Mônica e Regina, professoras do Departamento de Educação, Catarina, Jolise, Carminha, Sandra e Roselene, professoras do Departamento de Psicologia, pelo incentivo e apoio afetivo que me deram durante essa empreitada.

Finalmente, aos psicólogos, construtores da Psicologia no Brasil, que se dispuseram a participar dessa pesquisa, minha admiração e agradecimento especial.

RESUMO

O presente trabalho discute a atuação do psicólogo na Educação, na perspectiva da promoção de Saúde. Os dados foram obtidos através de uma pesquisa realizada com profissionais de Psicologia que estavam, na época, atuando na Educação, e que consideravam a sua atuação profissional como um trabalho de promoção de Saúde. Foi utilizado o procedimento das entrevistas recorrentes, com uma amostra intencional, composta por dez sujeitos escolhidos através de uma entrevista inicial. Posteriormente, foi realizada uma análise para identificar os conjuntos temáticos, a partir dos relatos verbais dos entrevistados. Observou-se um quadro que aponta para *sujeitos em processo* de mudança, cuja marca fundamental, implica numa nova conceituação de Saúde no trabalho do psicólogo na Educação. Tal conceito refere-se a uma visão de Saúde que se relaciona diretamente com o modo de vida da população, indo além do binômio saúde/doença, ou seja, a Saúde entendida como uma construção histórica do homem como resposta a sua inserção numa determinada organização social. Dessa forma as ações do psicólogo na Educação apontam para novos caminhos. Ao contrário das práticas profissionais que buscam, em sua maioria, as patologias no cotidiano educacional, ocasionando, como consequência, uma massa de excluídos do processo de escolarização, os trabalhos que os sujeitos dessa pesquisa apontam passam a privilegiar as práticas educacionais como atividades de promoção de Saúde, através do acesso e permanência da criança na escola, da mudança do quadro do fracasso escolar e da alteração na forma de realizar a avaliação psicológica na escola. Nessa perspectiva, enfatiza-se o compromisso ético e político com o acesso à Educação enquanto um bem cultural fundamental para a construção da cidadania das crianças e jovens brasileiros.

RÉSUMÉ

Ce travail discute l'action du psychologue en Éducation, dans la perspective de la promotion de la Santé. Les données furent obtenues à travers une recherche réalisée avec des professionnels de Psychologie qui étaient, à l'époque, en activité dans l'Éducation et qui considéraient son activité professionnelle un travail de promotion de la Santé. On utilisa le procédé des entrevues récurrentes, avec un échantillon intentionnel, composé par dix sujets choisis parmi une entrevue initial. Postérieurement, on réalisa une analyse pour identifier les ensembles thématiques, à partir des exposés verbaux des interviewés. On observa un cadre qui indique des *sujets en procès* de changement dont la marque fondamentale implique une nouvelle conceptualisation de la Santé dans le métier du psychologue en Éducation. Tel concept se réfère à une vue de la Santé qui se rapporte directement avec la manière de vivre des gens. En dépassant le binôme santé/maladie, c'est-à-dire, la Santé conçue comme une construction historique de réponse l'homme en o à son insertion dans une répo déterminée organisation sociale. Ainsi les actions du psychologue en Éducation indiquent des nouvelles démarches. À l'inverse des procédés professionnels qui envisagent, la plupart, les pathologies dans le quotidien éducationnel, occasionnant en conséquence une foule d'exclus du processus de scolarisation, les travaux que les sujets de cette recherche indiquent vont privilégier le procédés éducationnels comme des actions de la promotion de la Santé, parmi l'accès et la permanence de l'enfant dans l'école, la modification du cadre d'insuccès scolaire et l'altération des formes de réaliser l'évaluation psychologique dans l'école. En cette perspective on rend saillant le compromis éthique et politique avec l'accès à l'Education en tant bien culturel fondamental pour la construction de la citoyenneté des enfants et jeunes brésiliens.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

Apresentação	01
O Problema	02
A Saúde em questão	05
Psicologia e Saúde	12
A Ciência Psicológica	17
Psicologia e Educação no Brasil	27
Psicologia e Educação: Identidade e Persepctivas	59

MÉTODO 72

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	72
1.1.Sobre abordagem qualitativa	73
1.2. Sobre a entrevista recorrente	75
2. SUJEITOS	78
2.1.Critério para escolha dos sujeitos participantes	78
2.2.Caracterização dos sujeitos	80
3. COLETA DE DADOS	88
3.1. Procedimentos	89
3.2. Análise dos dados	93

RESULTADOS 95

1.O PAPEL DO PSICÓLOGO E DA PSICOLOGIA	97
1.1.Ciência Psicológica	97
1.1.1. A contribuição da Psicologia para a sociedade	97

1.2. Relevância do trabalho do profissional de Psicologia	98
1.2.1. A especificidade da intervenção psicológica	98
1.2.2. O profissional da Psicologia comprometido com a sociedade	98
1.2.3. A atuação do psicólogo vista como um trabalho de valorização do ser humano	99
1.2.4. Psicólogo visto como um profissional que deve promover saúde	100
1.2.5. A profissionalização do psicólogo para atuar na área comunitária	103
1.2.6. A importância da questão da ética no trabalho do psicólogo	104
2. CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE	106
2.1. Promoção de saúde no trabalho da Psicologia na Educação	106
2.1.1. O espaço de promoção humana entendido como gerador de saúde	106
2.1.2. A promoção de saúde no trabalho do psicólogo, na perspectiva da cultura de prevenção	107
2.1.3. A promoção de saúde desenvolvida através do auto-conhecimento	108
2.1.4. Visão integrada da Educação no espaço institucional e social	109
2.1.5. A promoção de saúde na atuação do psicólogo, realizada em instituições que trabalham com populações “de risco”	109
2.1.6. A promoção de saúde através do processo de compreensão/conhecimento realizado no trabalho educacional	110
2.1.7. A promoção de saúde vista como um espaço de interlocução dentro da escola	112
3. ATUAÇÃO PROFISSIONAL	113

3.1. Atividades Profissionais inseridas na perspectiva de promoção de saúde	113
3.1.1. Trabalhos desenvolvidos em Psicologia da Educação, no consultório, nas instituições e na comunidade	114
3.1.2. Atividades relativas ao desempenho da função docente em cursos de Psicologia	119
3.1.3. Atividades de Supervisor de Estágio em Psicologia Escolar, nos cursos de Formação de psicólogo	122
3.1.4. Atividades Administrativa/Institucional desempenhando a função Direção	126
3.1.5. Aspectos relativos à importância de um trabalho desenvolvido em parceria com outros profissionais	127
3.1.6. Discussão sobre o espaço profissional existente hoje para o psicólogo que desenvolve atividades em instituições educacionais	131
3.1.7. A inserção do psicólogo na escola	133
4. FORMAÇÃO PROFISSIONAL	134
4.1. A Formação do psicólogo no modelo tradicional de promoção de saúde	135
4.1.1. A estruturação presente nos cursos atualmente	135
4.1.1.1. Predominância da face conservadora de saúde/doença no curso de Psicologia	136
4.1.1.2. Predominância do modelo clínico/liberal na Formação do psicólogo	138
4.1.1.3. Predominância da parte informativa nos cursos de Psicologia	139
4.1.2. Conhecimentos teóricos da Psicologia	140
4.1.2.1. A hegemonia de algumas teorias	

psicológicas em detrimento de outras, vista como um aspecto deformador da formação profissional	140
4.1.3. Conhecimentos teóricos de outras áreas	141
4.1.3.1. Pouco conhecimento de outras áreas que podem auxiliar o trabalho do psicólogo	142
4.1.4. Os estágios supervisionados	142
4.1.4.1. Os estágios constituídos com ênfase na técnica, descolados da teoria	142
4.1.5. Habilidade do profissional de Psicologia	144
4.1.5.1. Modelo da Formação atual, visto como um aspecto que dificulta a instrumentalização técnica adequada a um bom trabalho profissional	144
4.2. A formação do psicólogo que se contrapõe à promoção de saúde no modelo tradicional	145
4.2.1. Perspectivas dadas pela Formação	146
4.2.1.1. A Formação entendida como um tempo de aprendizagens básicas na área da Psicologia	146
4.2.1.2. A importância de uma nova concepção de homem na formação	148
4.2.1.3. Discussão na Formação de novos espaços de atuação	149
4.2.2. Conhecimentos das principais correntes teóricas da Psicologia	150
4.2.2.1. Conhecer as principais concepções "de homem" presente nas diferentes teorias psicológicas e seus desdobramentos práticos-profissionais	150
4.2.3. Conhecimento de outras áreas, na Formação,	

objetivando habilitar o psicólogo para uma atuação interdisciplinar	155
4.2.3.1. Áreas das Ciências Humanas e Sociais	156
4.2.4. O estágio supervisionado	160
4.2.4.1. Estágio compreendido como espaço de importante reflexão para o aluno	160
4.2.5. A importância da técnica instrumentalizada pela teoria	162
4.2.6. Habilidades, vistas como apropriação de técnicas, necessárias ao profissional de Psicologia	164
4.2.6.1. Técnicas de avaliação diagnóstica	164
4.2.6.2. Técnicas de trabalho em grupo	165
4.2.6.3. Técnicas de pesquisa	167
DISCUSSÃO	170
OS PONTOS COMUNS APRESENTADOS NOS RELATOS	175
1. O psicólogo e a sua função social	176
1.1. A ética da transformação social	176
1.2. Educação e trabalho preventivo na comunidade	181
2. Visão Institucional	186
2.1. A Instituição: espaço de conhecimento e atuação profissional	187
2.2. Educação/Sociedade/Sujeito e Instituição Escolar	190
3. Trabalhos coletivos e interdisciplinariedade	195
4. Os diferentes espaços de atuação, na Psicologia da Educação, inseridos na perspectiva de promover saúde	200
4.1. Consultório/Escritório que desenvolvem serviços de atendimento e consultorias	200
4.2. A docência e a supervisão de estágio em Psicologia no 3º grau	205
5. A Formação Profissional na direção da promoção de saúde	209

5.1. Críticas ao modelo atual de formação do psicólogo	209
5.2. O movimento dos sujeitos desta pesquisa: a formação do psicólogo na direção da promoção de saúde	213
CONSIDERAÇÕES FINAIS	223
ALGUMAS SÍNTESES POSSÍVEIS	223
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	231
ANEXOS	252
Anexo I	253
Anexo II	255
Anexo III	256
Anexo IV	287

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO I	91
QUADRO II	93
QUADRO III	95

APRESENTAÇÃO.

O momento atual da Psicologia no Brasil pode ser caracterizado pelo "repensar", de forma abrangente e coletiva, os rumos da própria Ciência Psicológica, frente às novas demandas sociais e econômicas que acabam por exigir novas formas de atuação. Muitas das práticas disseminadas nas agências formadoras colocam o profissional recém-formado diante de um impasse: como fazer Psicologia hoje? Qual é o modelo teórico a ser seguido?

Tornam-se, portanto, relevantes os estudos que possam mapear novos modelos e fornecer análises que contribuam para delineamento de uma nova realidade profissional. É nesta perspectiva que se insere este trabalho. A proposta da presente pesquisa é descrever e analisar novas formas de atuação que o psicólogo, enquanto um profissional de saúde, vem desenvolvendo na Educação, as quais podem ser consideradas como um avanço qualitativo na área, tanto nos aspectos teóricos quanto profissionais.

Tal avanço implica na modificação das práticas atuais, as quais refletem uma conceituação de saúde restrita, caracterizada pela ausência de doença. Algumas das consequências advindas dessa conceituação foram os alarmantes diagnósticos sobre o fracasso escolar que delinearão uma patologização do fenômeno da aprendizagem na âmbito educacional. A Psicologia veio fornecer o respaldo da cientificidade para uma situação ideologicamente definida. Um sistema que cria uma escola que exclui, necessita de um profissional que explique a exclusão dessas pessoas.

Para uma análise das vertentes que integram e formam o SABER e o FAZER do psicólogo na Educação, exige-se uma reflexão histórica sobre os caminhos e as intersecções ocorridas entre as disciplinas, buscando compreender o escopo epistemológico que direcionou e direciona as ações, posto que as mesmas apontarão não só para o tipo de profissional de Psicologia existente, como também para sua significação social.

Toda essa reflexão poderá revelar não só o que foi feito, mas também apontar para a necessidade de novos esquemas conceituais que poderão produzir práticas mais adequadas à realidade em função de um homem caracterizado pelo seu tempo e grupo social.

O PROBLEMA.

O papel do psicólogo que trabalha na Educação vem sofrendo, já há algum tempo, profundas críticas no que se refere à sua atuação marcadamente clínica. Essas críticas tomaram corpo, principalmente na década de oitenta, quando começaram a surgir trabalhos que discutiram a atuação do psicólogo na Educação: Patto(1982), fazendo uma relação entre Sociedade, Educação e Psicologia Escolar; Machado e outros(1982), apontando as dificuldades do psicólogo em desenvolver o seu trabalho na escola; Andaló(1984), que também discutiu a questão do papel do psicólogo escolar; e finalmente, os trabalhos mais recentes de Grandella(1990) e Maluf(1992), já delineando a crise de identidade do psicólogo escolar.

Esse movimento de críticas apontadas, não só na própria Educação como também no interior da Psicologia, propiciou reflexões entre esses profissionais. Tais reflexões buscaram verificar desde a relevância social da profissão até a revisão dos paradigmas teóricos que vinham sustentando essas "performances". Porém, seria ingênuo imaginar que todo esse movimento de idéias apareceu isoladamente; ele, na verdade, é parte de todo um questionamento atualmente presente na Psicologia enquanto Ciência, dentro de seus diferentes paradigmas, assim como nos contornos assumidos como uma profissão.

Um exemplo dos resultados que já aparecem dessas reflexões é a definição do psicólogo, hoje, enquanto um profissional de "saúde", entendida agora não como ausência de doença, mas no sentido de uma "Psico-

Higiene", sentido este dado por Bleger(1984), ou seja, a saúde passa a ser definida como bem estar geral. Nesta perspectiva caberia ao psicólogo ser um "promotor de saúde" da população.

Outra questão emergente é o reconhecimento que a Psicologia, por si só, não dá conta do complexo fenômeno humano, devendo portanto realizar intercâmbios com outras áreas do conhecimento, tanto na produção de novos saberes, como na atuação profissional. Começa dessa forma a surgir um profissional preocupado com buscar interlocutores que possibilitem uma visão mais ampla e completa do seu objeto de estudo.

Um exemplo dessa preocupação foi a participação da professora Bader B. Sawaia, discutindo o tema: "*A falsa cisão retalhadora do homem*", no "**Forum de Debates: o uno e o múltiplo nas relações entre as áreas de saber**", promovido pela PUC de São Paulo, em 1993. Aquele Forum gerou a publicação do livro organizado por Martinelli e outros(1995), onde foram publicados os posicionamentos dos diferentes debatedores sobre a temática proposta. Através da discussão inicial proposta por Gatti(1995), é possível observar o desafio apresentado naquele encontro. Para ela, o desafio "***parece ser o da integração do heterogêneo, não mais na perspectiva da unidade integral, nem de simples somatória, mas no sentido de transcodificado, com a manutenção das significações originárias embora transformadas em sínteses peculiares. Uno e múltiplo, interdisciplinariedade, transdisciplinariedade são códigos que estamos construindo, a ponte para acessar o desconhecido e o interminável***"(p.14).

Atualmente, em vista dessa discussão, não é mais possível imaginar o objeto da Psicologia circunscrito ao homem-abstrato, ou ao homem-natural, a-histórico; atualmente alguns paradigmas teóricos, na Ciência Psicológica, já contemplam o homem-concreto, como sendo esse homem inserido na sua realidade histórico-social. Esta visão sugere outras maneiras de se estudar, conhecer e trabalhar esse novo sujeito social. É possível dizer que, mesmo

mantendo em grande parte a sua face conservadora, a Psicologia e os psicólogos já começam a avançar, delineando outros caminhos, tanto a nível teórico quanto de atuação profissional. Exemplos disso são as publicações do Conselho Federal de Psicologia: " Quem é o Psicólogo Brasileiro"(1988); " Psicólogo Brasileiro - a construção de novos espaços"(1992) ; " Psicólogo Brasileiro - práticas emergentes e desafios para a formação " (1994).

É nesta perspectiva que se propõe o eixo principal do presente trabalho: o psicólogo, hoje, buscando situar-se como profissional de saúde, procura atuar com o compromisso de promover a saúde da população, no seu sentido mais amplo, juntamente com outros profissionais também comprometidos com este objetivo. A promoção da saúde concretiza-se na atuação psicológica, através da socialização do saber produzido pela Psicologia, dentro de paradigmas teóricos que apontem para o homem concreto e, ao mesmo tempo, pelo aprender do psicólogo a ter uma atuação interdisciplinar junto a outros interlocutores do fenômeno humano.

Nesse contexto atual, a questão central no desenvolvimento do presente trabalho envolve a seguinte pergunta: **quais são os conhecimentos teóricos, habilidades técnicas, concepções, valores, etc. necessários para que o psicólogo , enquanto um profissional de saúde, atue na Educação, de forma a configurar "novas" formas de ação na área ?**

Para entender o momento de reflexão, questionamentos e dúvidas por que passa a Psicologia e os psicólogos que atuam na Educação, é necessário reconstituir o quadro da Ciência Psicologia inserida no próprio nascimento das Ciências enquanto um produto humano, num determinado momento histórico, acrescentando a esse percurso as diferentes conceituações de "saúde" que, segundo Capra(1982), estiveram intimamente relacionadas com a existência material do próprio homem. A caminhada que será feita, neste primeiro momento, buscará apontar o surgimento das diferentes visões de "Saúde" emergentes em cada tempo histórico e, principalmente, descrever as transformações ocorridas até as suas

conceituações atuais e os desdobramentos que as mesmas vêm ocasionando à Ciência Psicológica.

A SAÚDE EM QUESTÃO.

Desde os tempos mais remotos, a saúde sempre esteve presente enquanto uma das principais preocupações do homem. Talvez pela própria busca da conservação da vida, ela foi e continua sendo uma questão importante a ser discutida. Muitos autores já tratam desta temática buscando esclarecer definições e ações que melhor retratem a saúde enquanto um bem comum desejável a todas as pessoas, em todas as épocas.

Pinheiro(1995) discute a falta de consenso existente entre os profissionais da saúde - entre eles o psicólogo - acerca da definição da própria saúde. Revendo essas definições desde a Antigüidade até o nosso Século, a autora demonstra que estudiosos nesse assunto classificaram definições de forma diferenciada no Ocidente e no Oriente. Porém, um aspecto importante descrito pela autora foi a verificação do percurso da conceituação da saúde, que teve, no seu início, uma ligação direta com a religião e a filosofia, para depois ir se aproximando cada vez mais das práticas da medicina hipocrática e conseqüentemente do desenvolvimento das ciências fisiológicas e biológicas. Essa trajetória demonstra as diferenças que foram ocorrendo nas próprias respostas dadas pelo homem ao fenômeno da doença e da cura.

Na Antigüidade, o homem buscou nas forças espirituais o processo da cura das doenças. Capra(1982) descreve, de forma muito interessante, os mitos pré-helênicos representados em deidades, que povoaram a antiga Grécia, enquanto respostas humanas em busca da cura. A mais importante deidade curativa, segundo o autor, era representada por *Hygieia*, considerada como uma das muitas manifestações da deusa *Atena*, simbolizada pela serpente que tinha em seu visco o poder curativo. Com as muitas invasões,

no final do segundo milênio antes de Cristo, a religião patriarcal foi imposta à Grécia; com isso, os mitos foram alterados, sendo que as deusas passaram a estar associadas a deuses mais poderosos.

Em função da religião patriarcal e de uma nova ordem social imposta à Grécia pelos invasores bárbaros, no final do segundo milênio antes de Cristo, o mito de *Hygieia* modifica-se. O antigo mito da deusa configurou-se dentro de um novo sistema, que a tornou parente de um deus mais poderoso, *Asclépio*, o deus dominante da cura. Desta forma *Hygieia* passa a ser filha deste novo deus, tendo ainda como irmã a deusa *Panakeia*. A etimologia do nome de *Asclépio* era associado ao visco e o da deusa às serpentes, símbolo este utilizado até os dias de hoje na medicina ocidental. Na nova versão do mito, as duas filhas do deus da cura representavam a prevenção e a saúde. Segundo Capra(1982) "***Hygieia (saúde) velava pela manutenção da saúde, personificando a sabedoria, segundo a qual as pessoas seriam saudáveis se vivessem sabiamente. Panakeia (panacéia) especializava-se no conhecimento dos remédios derivados das plantas ou da terra***" (p. 304).

A medicina grega desenvolveu-se através dos "filhos de asclépio", que eram os homens que praticavam a cura baseada no conhecimento empírico. Será desses asclepiadas laicos que irá surgir a tradição Hipocrática na medicina ocidental, culminando com a produção do *Corpus hippocráticum*, volumosos escritos deixados por diferentes corporações asclepsianas. Para Capra(1982), o livro "Ares, água e lugares" é um dos mais significativos do *Corpus hippocraticum*; "**ele representa o que chamaríamos hoje de um tratado sobre ecologia humana**". A definição de saúde exposta nos escritos hipocráticos aponta para a busca de um estado de equilíbrio entre "**influências ambientais, modos de vida e vários componentes da natureza humana**"(p.305). Como é possível observar, há 2.500 anos atrás já havia sido esboçada uma conceituação de saúde que demonstrava a inter-relação entre meio ambiente, corpo e mente. Para Dubos(apud Moura, 1989),

"a medicina moderna nada mais é do que uma série de comentários e elaborações sobre os escritos hipocráticos"(p.58).

No entanto, segundo Moura(1989), o desenvolvimento da fisiologia experimental, especialmente as descobertas realizadas por Galeano (131-201 d.C.) na dissecação de órgãos , obtendo análises comparativas de órgãos bons com os defeituosos, fez com que ***"predominasse o estudo das patologias em detrimento da investigação sobre a higidez"***(p.42). Dessa forma, o percurso da estruturação da nosologia dos sintomas e natureza das patologias ganhou muitos adeptos, principalmente com os vários estudos realizados na Idade Média. Para Moura(1989), iniciou-se assim uma conceituação negativa da saúde, enquanto ausência de doença, visto que a medicina começou a acumular mais conhecimentos sobre a doença ***" do que os indicadores e atributos da sanidade física e mental"***(p. 43).

Somente em meados do século XX começaram a surgir definições de saúde não restritas aos aspectos orgânicos, mas procurando abarcar a totalidade do homem envolto com o seu meio ambiente, o que parece ser um retorno ao tratado ecológico de Hipócrates, citado por Capra (1982). Mas será em 1946 que a conceituação de saúde começa oficialmente a mudar: a Organização Mundial de Saúde(1976), na publicação dos seus documentos básicos, coloca no preâmbulo da sua Constituição uma nova definição, reconhecendo que ***"a saúde é um completo estado de bem-estar físico, mental e social, e não apenas a ausência de distúrbios ou doença"***(p.1).

Mas apesar do avanço na definição de saúde da Organização Mundial de Saúde , Moura(1989) cita vários focos de insatisfação com essa definição, expressados por biólogos, médicos sanitaristas, sociólogos, entre outros. A maioria deles aponta para o fato de que a conceituação proposta pela OMS é ampla, subjetiva e estática. No Brasil, segundo o autor, aparece o médico sanitarista Carlos Gentile de Melo que considera a definição proposta como algo inatingível, utópico, pois não leva em conta as imperfeições humanas. Os professores de Medicina Oswaldo Paulo Forattini e Madel Terezinha Luz

também criticam a subjetividade contida na expressão "completo bem estar", visto que a mesma aproxima-se mais de uma expressão poética, impossível de ser traduzida em ações objetivas e efetivas para a população na melhoria da saúde .

Para superar tais impasse, Moura(1989) realiza uma interessante descrição de pesquisadores que buscaram em seus trabalhos elucidar os diferentes paradigmas que caracterizaram diferentes noções de saúde. Um dos pesquisadores citados é Steven Polgar, que investigou, até o final da década de 60, as diferentes idéias e noções sobre o conceito de saúde, presentes em diferentes países ocidentais e orientais.

Polgar conseguiu agrupar em três amplas categorias as conceituações encontradas sobre a saúde: a primeira é a *assintótica*, onde a saúde é vista como um ideal a ser perseguido, porém nunca conquistado totalmente; a segunda categoria é a *elástica*, em que a saúde representaria o acúmulo de resistência que o organismo vai adquirindo para enfrentar as adversidades ou agressões existentes no seu meio ambiente; a terceira categoria é a chamada *aberta*, que segundo o autor, refere-se ao momento em que o organismo conseguiu ter uma adaptação plena com o seu meio ambiente. Para Polgar, a definição da OMS se enquadraria na primeira categoria por ele proposta.

Os norte-americanos Guenter B. Risse, professor de História da Medicina na Universidade de Wisconsin , e Talcott Parsons, professor emérito de Sociologia da Universidade de Harvard, de Massachusetts, também estudaram as diferentes definições de saúde. Para eles, parece ser fundamental o enfoque ecológico, tendo em vista que este enfoque pode definir melhor as relações existentes entre saúde/doença das comunidades com os seus ambientes físicos e sociais.

Dubos(apud Moura,1989) reforçava com sua tese, a tendência da visão social da saúde. Ele citava que **"sob o ponto de vista médico, o homem é, geralmente, mais um produto do seu ambiente do que se seus**

***dotes genéticos. A saúde do povo é determinada não por sua raça, mas por suas condições de vida"*(p.7).**

Outra importante contribuição foi dada pelo pesquisador Canguilhem(apud Moura,1989), em sua tese de doutoramento em Medicina, publicada em forma de livro em 1966, sob o título *O Normal e o Patológico*. Em suas conclusões ele descreveu que ***" a saúde é a margem de tolerância às infidelidades do meio (...) Pelo fato do ser vivo qualificado viver no meio de um mundo de objetos qualificados, ele vive no meio de um mundo de acidentes possíveis. Nada acontece por acaso, mas tudo ocorre sob a forma de acontecimentos. É nisso que o meio é infiel. Sua infidelidade é exatamente o seu devir, sua história"* (p.159-161). Fica então claramente apontada a dimensão mais ampla de saúde, envolvida por questões sociais, políticas e econômicas, construídas e por se construir ao longo da história. Isto é, pelo seu devir.**

Com relação a esse aspecto, segundo Moura(1989), ***"parece óbvio que a saúde seja condicionada pela nutrição, moradia, vestuário, higiene de água e dos esgotos, salubridade no trabalho, remuneração e capacidade aquisitiva satisfatória, fruição de lazer, educação, cultura e por outros fatores relacionados com o ambiente físico e social onde vive o ser humano"*(p.48). Desde a Antigüidade essa noção de saúde já aparecia implicitamente em algumas definições, mas somente na década de 50 essas conceituações começaram a ser reforçadas como resultados de pesquisas, demonstrando o movimento que foi desencadeado pelo OMS ao caracterizar uma dimensão social da saúde.**

É possível concluir, através dessa resumida trajetória sobre a questão da saúde, que as pesquisas passadas e recentes refletem a busca do conhecimento nos diferentes momentos vivenciados pelo homem, com relação ao fenômeno da saúde. Considera-se, no entanto, importante ressaltar que a trajetória da conceituação de saúde não esteve desvinculada

da construção da existência material do homem, onde diferentes momentos históricos propiciaram diferentes respostas à questão da saúde.

O livro organizado por Mendes(1995), sobre as patologias do trabalho, mostra, em sua parte introdutória, como as mudanças sociais e econômicas foram criando novas circunstâncias para o aparecimento da saúde e /ou doença. Resgatando essa questão desde a Antigüidade até os nossos dias, é possível observar claramente como as novas demandas produzidas por sistemas sociais e políticos, especialmente o da Revolução Industrial no final do século XIX, ocasionaram o aparecimento de novas patologias relacionadas com o trabalho.

Em relação a aspectos psicológicos, destacam-se as análises de Christophe Dejours, sobre a psicopatologia do trabalho, publicadas no Brasil em 1988, e o seu último livro divulgado em 1994, através do Centro de Estudos e Pesquisa do Trabalho. Neste, em conjunto com os pesquisadores Elisabeth Abdoucheli e Christian Jayet, são abordadas as principais contribuições da escola Dejouriana na relação trabalho, prazer e sofrimento psíquico ao longo da história da humanidade.

Atualmente, essas preocupações podem ser observadas nos movimentos reivindicativos, tanto a nível mundial como em nosso país, sobre a questão da saúde coletiva, e os cuidados primários da saúde, bem como a organização de eventos científicos para troca de experiências, propostas de políticas e avaliação de programas. Entre tais movimentos destaca-se o da *Bioética*, conceituação que vem sendo discutida principalmente por Berlinguer(1993), com a seguinte definição: **"O termo bioética se refere, freqüentemente, aos problemas éticos derivados das descobertas e das aplicações das ciências biológicas"**(p.21). A preocupação dentro desse enfoque é com as chamadas "zonas limítrofes" entre a ética e a ciência. Para o referido autor **"Na fase em que a ciência proporciona mudanças mais incisivas, mais amplas e , às vezes, menos reversíveis dos equilíbrios vitais, que permitem a evolução da espécie(e do homem) e na qual o**

Homo sapiens torna-se força genética e bioevolutiva, no sentido construtivo e também destrutivo, representa-se de modo mais agudo o tema da liberdade da ciência. Há vinte anos , discutiu-se muito sobre sua neutralidade; hoje fala-se sobre seus limites e seus fins"(p.23).

Todas essas questões mostram a evolução ocorrida no interior da comunidade científica, sobre as conceituações de saúde que se interligam com o ecossistema do homem. As reflexões demonstram preocupação e buscam propiciar, através dos conhecimentos científicos já produzidos, saúde para a humanidade.

No Brasil, trabalhos como os de Moraes(1985), sobre a "Medicina Preventiva e a Saúde Coletiva" e, mais recentemente, os de Schraiber(1990), organizadora do livro "Programação em Saúde Hoje", já delineiam o caminho que os profissionais da área de saúde devem se confrontar: a busca de práticas, embasadas na Epidemiologia, tornando possível resgatar tanto a equidade social quanto a cidadania dos sujeitos através do exercício de lutas e conquistas dos mesmos pelo direito à saúde, pois como enfaticamente Moura(1989) aponta no título do seu livro, "**Saúde não se dá, conquista-se**".

PSICOLOGIA E SAÚDE.

E a Psicologia? Como se insere nessa questão? O que se pode dizer, é que a Psicologia tem sido, em grande parte, ancorada no estudo do desvio, do patológico, o que a coloca dentro de uma visão conservadora de saúde. No Brasil, só recentemente começaram a surgir pesquisadores preocupados com uma conceituação mais ampla. Esse movimento de idéias, segundo Pinheiro(1995), iniciou-se na década de 70, quando das muitas discussões que foram aparecendo sobre uma nova definição da saúde, questionando as

políticas de saúde vigentes no país pós a ditadura militar. Essa mobilização envolveu diferentes profissionais que tinham como objetivo a democratização do Sistema de Saúde Brasileiro, reivindicando uma rede básica de serviços de saúde que todo cidadão brasileiro pudesse ter acesso e usufruto.

A partir da participação dos psicólogos nesse movimento, o espaço profissional cresceu dentro da área de saúde. Surgem também os trabalhos de pesquisa que começaram a questionar tanto a prática do atendimento da doença mental no Brasil, quanto o atendimento da saúde geral. O psicólogo inicia, então, tímidas ações preventivas e de promoção de saúde.

Em relação à questão da Saúde Mental, surge a luta anti-manicomial, encampada pela categoria, através da sua autarquia, o Conselho Federal de Psicologia, juntamente com outras categorias profissionais, através do Conselho Federal de Medicina e da Associação dos Usuários e Familiares. É através do movimento *Brasil sem manicômio no ano 2000*, que esses profissionais vêm procurando uma maior conscientização, por parte de todos os envolvidos, com o problema das instituições psiquiátricas no Brasil, buscando alternativas que envolvam a própria comunidade na assistência ao doente mental.

Este movimento ganhou contribuições teóricas importantes como as de Miranda e Sanches(1990) que desenvolveram um trabalho junto às famílias de pacientes psiquiátricos, com o objetivo de verificar se um programa de apoio a essas famílias propiciaria melhor integração destes pacientes; e as contribuições de Vascelos(1992) que discutiu, em sua tese de doutorado, o movimento "Psiquiatria Democrática" na Itália, que desencadeou o processo de fechamento dos hospitais psiquiátricos e o aparecimento de tratamentos alternativos realizados na comunidade. Ao final, o autor aponta as possibilidades de trabalhos nesta perspectiva, no Brasil.

Começam a surgir também várias pesquisas, que buscaram questionar os paradigmas teóricos da doença mental e suas práticas, veiculados junto aos profissionais de Psicologia através da publicação , em

1988, da revista "Ciência e Profissão" do Conselho Federal de Psicologia com o título: *Como está a saúde mental do trabalhador?*, onde diferentes artigos discutiram as condições de trabalho e as consequências que estas traziam à saúde mental do trabalhador. Estas questões apontavam para uma relação entre trabalho e sofrimento psíquico.

O trabalho, visto como atividade humana, aparece, nos estudos de Codo e outros(1993), como uma categoria de análise importante a ser investigada enquanto parte integrante da vida do homem, visto que o mesmo é produtor da sua própria existência e esta configura-se pelo trabalho. Codo e Sampaio(1995), na mais recente publicação, descrevem diversas pesquisas desenvolvidas pelo grupo sobre a temática do trabalho e sofrimento psíquico, organizando-as em diferentes categorias profissionais. Para eles "**a temática da saúde e da doença está, surpreendentemente e radicalmente, se renovando**"(p.85); esta renovação acontece, na medida em que "**busca compreensão de um processo crítico entre saúde e doença, assentado sobre o chão da história**" (p.86).

Na questão da prevenção e promoção de saúde, já existem também publicações em número crescente, com discussões interessantes sobre essa nova perspectiva que se abre para o profissional de Psicologia. A mais recente, publicada em 1992, foi o livro " Psicologia e Saúde - repensando práticas", organizado por Florentina Coelho Braga Campos. Este livro apresenta as diferentes visões de saúde que estão permeando o atual tripé profissional - a clínica, a escolar e a organizacional em trabalhos multiprofissionais, sendo um testemunho claro da discussão que está acontecendo: como ser um profissional de saúde dentro de uma nova conceituação ecológica ou sistêmica da saúde?

Spink(1992) discutiu sobre a constituição de um novo campo de saber, o da Psicologia da Saúde. Embora a Psicologia estivesse relacionada com a definição da saúde dada pela Organização Mundial de Saúde, como disciplina, esta chega à área de saúde bem depois de outras disciplinas,

como a Sociologia da Saúde, a Antropologia da Saúde, a Medicina Social e Preventiva.

O surgimento deste novo campo, no Brasil, está intimamente ligado à demanda da inserção do psicólogo na saúde já que, até então, a Psicologia restringia-se ao atendimento na área da saúde mental. Será em 1982, no Estado de São Paulo, o marco para esta nova configuração. A Secretaria de Saúde do Estado adotou uma política explícita de desospitalização estendendo os serviços de saúde mental à rede básica. Este fato determinou a presença dos psicólogos nos centros de saúde, que os colocou, segundo Spink(1992) diante de um impasse: "**como atuar? onde atuar?: com a comunidade, com os usuários, com os profissionais?**"(p.14).

Para a autora, a Psicologia da Saúde encontra-se numa fase inicial de descoberta de novos campos de trabalho e abertura de novos horizontes, sendo necessário uma reflexão/revisão profunda das representações existentes no processo saúde/doença, a fim de que a Psicologia apropie-se de dimensões explicativas sobre este processo.

Spink(1992) destacou três dimensões consideradas fundamentais: "**1. a compreensão da doença como um fenômeno coletivo, ou seja, privilegiando o discurso de uma dada sociedade sobre as enfermidades e os enfermos(...)** 2. **a construção do saber leigo , ou seja, os modelos explicativos que embasam as diferentes interpretações das doenças e a busca de alternativas terapêuticas(...)** 3. **a interface entre o saber oficial(...)** e **a representação da doença prevalente em determinadas épocas e/ou grupos**"(p.20). Estas dimensões, segundo a autora, permitirá à Psicologia da Saúde construir marcos teóricos que possibilitem consolidar o trabalho do psicólogo na área.

Trabalhos, como os de Carvalho e Silva(1990), já apontavam para o desafio da atuação do psicólogo em instituições de saúde, discutindo a necessidade de aprofundar estudos a fim de que "**os psicólogos dediquem-**

se à apropriação de sua ciência e que, ao mesmo tempo apropriem-se da história dos homens para que possam perceber e entender os limites da psicologia" (p.23).

Pinheiro(1995), na discussão sobre o trabalho do psicólogo na saúde pública, retoma a definição dada pela OMS ao recurso humano na saúde, denominado como *promotor de saúde*. Este é visto como um ***"interlocutor da população no desenvolvimento de atividades de promoção e educação para a saúde, cuidados primários e prevenção de doenças"***(p.4) Isto, segundo a autora, demonstrou uma preocupação com a saúde dos povos, especialmente os excluídos, havendo também um entendimento que esta promoção envolve profissionais e comunidade, o que significou uma participação das organizações populares e profissionais nas definições de políticas públicas de saúde. O psicólogo inserido nesta situação começa a promover discussões sobre as novas ações que envolveriam situações preventivas e de promoção de saúde.

A autora comenta sobre a ação dos profissionais de Psicologia nesta perspectiva, enfocando para o risco de dar poder excessivo a esta ação, questionando como se dá a ação que envolve a promoção de saúde. Se esta promoção for entendida como mais um 'serviço profissional', tem-se a idéia de alguém que necessita e recebe passivamente os serviços, dependendo da boa vontade dos que estão no poder. Se a promoção estiver vinculada à informação, corre-se o risco de surgir a ideologia da saúde, levando ao controle social e práticas disciplinadoras. Na definição de Pinheiro(1995) ***"quem promove a saúde são as pessoas que têm o direito inalienável a ela. Este direito não é dado mas conquistado e dentro de uma sociedade cuja estrutura muitas vezes reconhece o direito em tese mas o nega de fato(...) a saúde da comunidade está contida no próprio movimento de conquistá-la"***(p.6).

E os profissionais? A eles cabem criar condições para este movimento, esta conquista. As condições surgirão das ações educativas que estabeleçam

circunstâncias de informação, troca, compreensão, buscando soluções dos problemas vividos pela própria comunidade. Para Pinheiro(1995) "**com esta redução de poder concordo que o psicólogo pode contribuir para a promoção da saúde, principalmente quando trabalha em instituições (de saúde ou não) ou junto às populações em seu cotidiano**"(p.7).

Destas discussões e indagações surge o interesse por este trabalho, porém com uma pergunta mais específica: como ser um profissional de Psicologia na Educação, inserido na proposta de promoção de saúde?

Para poder buscar responder a essa indagação, considera-se necessário aprofundar na trajetória da constituição da Ciência, especialmente a da Ciência Psicológica e suas relações com a Educação, para melhor poder compreender a relação entre a construção dos paradigmas teóricos e as ações profissionais deles derivadas. Concorde-se com Mendes(1995) sobre a importância de se resgatar a história do conhecimento da nossa área. Para ele "**conhecer a saga do conhecimento na área em que trabalhamos, dá mais sentido ao pedaço da caminhada que nos propomos fazer hoje(...)** Portanto, resgatar a história ou conhecer a saga é antes de tudo, uma atitude(...)de dispormos nossas forças, a nossa inteligência e o nosso compromisso - temporais, limitado e finitos - na perspectiva do eterno, ilimitado e do infinito" (p.5).

A CIÊNCIA PSICOLÓGICA.

Para falar em constituição da Ciência Psicológica, é necessário, e até mesmo imprescindível, buscar compreender como os homens foram produzindo, ao longo da sua história, o conhecimento científico. Considera-se também fundamental esclarecer qual concepção de Homem está permeando essa trajetória. É o "homem concreto" que se caracteriza basicamente por : sua condição de pertencer à natureza ; sua condição de ser social, ou seja, é definido pelo conjunto dessas relações sociais; sua

condição de ser histórico, onde o seu grau de desenvolvimento dependerá da estrutura social mais ampla em que ele se encontra inserido; finalmente, sua condição de pertencer à natureza mas poder se diferenciar dela, através das suas possibilidades de produzir os seus meios de sobrevivência, os quais, em última estância, serão as matrizes geradoras de todas as relações humanas estabelecidas e, conseqüentemente, da produção da cultura e do conhecimento.

Essas concepções são parte do escopo epistemológico da corrente teórica da Psicologia Sócio-Histórica que tem na base do seus pressupostos teórico o Materialismo Histórico. Marx e Engels(1980) afirmam que "***A produção de idéias, de representações e da consciência está a princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e ao intercâmbio material dos homens, linguagem da vida real (...) Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência***" (p. 22-23).

O conhecimento referente ao mundo criado pelos homens possibilita conhecer o caminho por eles percorrido, até chegar à produção do saber científico e deste à constituição da Ciência Psicológica que, na história da sua constituição, não deixou de sofrer as influências do aparecimento da atividade científica. Considerada como um dos ramos da Filosofia até a segunda metade do século XIX, a Psicologia ganha o seu "status" científico, utilizando-se de técnicas de outras ciências, demarcada na sua origem pelas atividades desenvolvidas por Wilhelm Wundt, no Laboratório de Psicologia da Universidade de Leipzig.

Desde então, diferentes escolas foram surgindo ao longo dos cem anos de existência da Psicologia enquanto Ciência, como o funcionalismo, o estruturalismo, o behaviorismo, a Gestalt, todas com o intuito de garantir a sua versão científica para análise do fenômeno humano. As linhas filosóficas que deram sustentáculo aos diferentes sistemas teóricos que constituíram as "escolas" psicológicas foram: o *idealismo*, desenvolvido pelos 'mentalistas', e o *materialismo mecanicista*, desenvolvido pelos comportamentalistas. A

divisão do corpo e mente, proposta por René Descartes que estabeleceu o dualismo psicofísico, acompanhou a constituição da Psicologia.

Segundo Figueiredo(1995), o projeto de Wundt (1832-1920) reconhecia uma causalidade física e também psíquica no homem, dividindo o estudo desta dualidade psicofísica em duas Psicologias separadas: a Psicologia fisiológica e experimental e a Psicologia social. O projeto de Titchener (1867-1927) dá uma ênfase à Psicologia fisiológica, não negando a existência da mente mas subjugando-a ao funcionamento do sistema nervoso.

Os psicólogos funcionalistas Dewey(1859-1952) e Angel(1869-1949) definiram a Psicologia como uma ciência que deveria estudar os processos, as operações (mentais), para compreender a adaptação existente nestas formas de interação, dentro de uma visão biológica do fenômenos. Estes projetos buscavam reforçar a definição inicial de Wundt, de diferentes formas e metodologias, da Psicologia como ciência da mente.

O comportamentalismo surge em oposição às conceituações anteriores. Watson (1878-1958) propõe que a Psicologia torne-se ciência do comportamento com o objetivo de estudar as relações do mesmo com o seu ambiente. Finalmente, outro grande projeto de Psicologia científica foi a escola psicológica denominada Gestalt, na Alemanha. Seus representantes Weitheimer (1880-1943), Koffka (1886-1941) e Kohler (1887-1967) não negavam a experiência subjetiva e buscaram estudá-la e explicá-la através do método fenomenológico. Na Psicologia da Gestalt havia o reconhecimento da experiência imediata , relacionando-a com a experiência física, biológica e sóciocultuiural.

As correntes teóricas mais contemporâneas reúnem o Behaviorismo Radical de Skinner (1904-1990), a Psicologia Cognitivista de Piaget (1896-1980), a Psicanálise de Freud (1856-1939) e a Psicologia Sócio-Histórica de Vygotsky (1886-1934). Estes teóricos tentaram superar, de forma

diferenciada, o dualismo psicofísico, buscando uma visão mais integradora no estudo do homem.

Skinner desenvolveu um projeto marcante para a Psicologia contemporânea. A sua linha teórica era a do comportamentalismo, mas, no entanto, este projeto diferenciava-se do de Watson. O foco principal do behaviorismo radical é uma visão monista da questão mente-corpo. Para Skinner, a Psicologia deve estudar o comportamento dos organismos, que inclui tanto os eventos observáveis como os 'encobertos', incluindo o mundo privado das sensações, sentimentos, pensamentos, etc., desde que possam ser empiricamente detectados. No entanto, mesmo os comportamentos privados derivam-se da história de vida do sujeito, construída nas relações do mesmo com o seu ambiente. Para Skinner, a ação do homem em seu universo produz, de um lado, alterações nesse ambiente e, por outro, alterações em si próprio.

A Epistemologia Genética, teoria construída por Jean Piaget, foi um projeto importante para a Psicologia Científica. Estudando o *sujeito epistêmico*, ele sistematizou os grandes períodos de desenvolvimento do ser humano, no que se refere à construção do pensamento racional. Segundo Piaget(1969) ***"o desenvolvimento psíquico, que começa quando nascemos e termina na idade adulta, é comparável ao crescimento orgânico: como este orienta-se essencialmente para o equilíbrio. (...) Da mesma maneira (...) a vida mental pode ser concebida como evoluindo na direção de uma forma de equilíbrio final (...) o desenvolvimento, portanto, é uma equilibração progressiva, uma passagem contínua de um estado de menor equilíbrio para um estado de equilíbrio superior"*** (p.11).

Os construtos da Psicanálise foram constituídos a partir dos dados obtidos por Freud, dos casos que ele acompanhou na clínica psiquiatria. Essas experiências fizeram com que ele entrasse em contato com vivências subjetivas de forma individual. Buscando compreender esses relatos,

traduzidos como experiência imediata, Freud construiu uma teoria da 'psique' a nível do seu desenvolvimento e funcionamento. Segundo Figueiredo(1995) **" como esta teoria vai além do 'psicológico' e do 'vivido', esta parte de sua obra foi denominada metapsicologia"**(p.60). O conceito fundamental que a teoria psicanalítica trouxe à Psicologia foi a do *inconsciente*: parte integrante do sistema psíquico, onde as experiências subjetivas ficam armazenadas, desencadeando uma dinâmica constante de repressão-liberação ao *consciente* da pessoa.

A Psicologia Sócio-Histórica, proposta por Vygotsky, surge com propósito de dar uma nova configuração ao fenômeno psicológico, buscando na corrente filosófica do Marxismo, o paradigma básico de análise da conduta humana em seu contexto histórico, político e social. Oliveira(1995) sintetizou as idéias centrais que podem ser consideradas como pilares do pensamento de Vygotsky. São elas: **"as funções psicológicas têm suporte biológico pois são produtos da atividade cerebral ; o funcionamento psicológico fundamenta-se nas relações sociais entre o indivíduo e o mundo exterior, as quais desenvolvem-se num processo histórico; a relação homem/mundo é uma relação mediada por sistemas simbólicos"** (p.23).

Com esta breve retrospectiva dos principais projetos teóricos da Psicologia, é possível observar que a Ciência Psicológica sempre esteve dividida em diferentes linhas de pensamento. Estas divisões não foram casuais e nem serão superadas brevemente, pois a sua constituição enquanto ciência se deu no bojo de momentos de crises, ora pendendo para uma visão biologizante, ora para uma influência ambientalista ou ainda com projetos que procuraram uma visão mais interativa dos fenômenos. Mas Figueiredo(1995) questiona: **"há um lugar para uma psicologia como ciência independente entre as demais ciências?"**(p.61).

Vários psicólogos têm dado contribuições importantes sobre a constituição da Psicologia Científica e as suas 'crises', Todos têm procurado

de alguma forma contribuir para novas análises sobre a Psicologia e seus desdobramentos teóricos e profissionais.

Gabbi(1986) apresenta uma discussão polêmica mas muito interessante. Ele apontou para as contradições existentes no projeto da constituição da Psicologia como ciência. Iniciando pelas diferentes definições atribuídos ao seu objeto, o autor mostra que essas diferenças dependem de fatores sócio-culturais, ou seja, a Psicologia norte-americana tem uma preocupação em defini-la como ciência, utilizando então o termo 'comportamento'; já na França, o termo referido é 'conduta', ressaltando as interações do sujeito com o ambiente. Isto demonstra que cada teoria psicológica constitui seu objeto de forma diferente, existindo, na realidade, "Psicologias" e não uma Psicologia.

Para o autor, um obstáculo à cientificidade da Psicologia estaria na natureza histórica do seu objeto. A ciência exige busca da necessidade e da universalidade. Segundo Gabbi(1986) "***para poderem fazer uma ciência do homem, os psicólogos são levados a tomá-lo como algo a-histórico, como algo que possa ser descrito como categorias não-históricas***"(p.494).

Para o autor, a Psicologia estaria dividida epistemologicamente em duas. Uma formula leis, com nível de abstração grande, onde as categorias encontradas são a-históricas e definem o domínio de aplicação; a outra formula regras, que não são falsas nem verdadeiras e referem-se ao domínio das interações simbólicas. Quando uma ocorrência contraria uma Lei, esta perde a sua legitimidade, o que não ocorre com as regras, pois "***o seu fundamento está sempre num 'dever ser'***"(p.491). Gabbi(1986) considera que muitos projetos da Psicologia, que se colocam no domínio das Leis, estariam no domínio das regras, como por exemplo, a teoria rogeriana. Conclui sugerindo que as Ciências ditas 'humanas' devem, na sua análise epistemológica, incorporar também uma análise sócio-política do fenômeno humano, para não correr o risco de inviabilizar o seu objeto de estudo.

Lñesta(1982) discute questões ligadas ao surgimento de novas disciplinas científicas, entre elas a Psicologia e a demanda pela criação do campo social da profissão. Ao referir-se à constituição da Ciência Psicológica, o autor aponta o desnivelamento cada vez maior entre a pesquisa pura e a pesquisa aplicada, ocasionado pelo evento do capitalismo, que passou a exigir, cada vez mais rapidamente, respostas 'científicas' às questões sociais. Por isso, segundo o autor, "**la psicología irrumpió como profesión antes de su consolidación como ciencia o ingeniería de alguna ciencia**"(p.127).

Inserindo estas questões no contexto do fortalecimento do capitalismo após a segunda guerra, gerado pelo crescimento industrial, a Psicologia Diferencial ganha espaço. Assim, observa-se uma ênfase na tecnologia ou Psicologia Aplicada, através da Psicometria, que tinha por objetivo medir as aptidões e habilidades dos indivíduos, a fim de classificá-los e adequá-los às necessidades sociais emergentes. Tais aplicações, inicialmente realizadas na Educação e no exército, rapidamente se estenderam a outros setores da vida social. A expansão trouxe distorções ideológicas, visto que problemas levantados pelos instrumentos apontavam que estes problemas eram consequência das diferenças individuais, deixando de fora a análise das possíveis influências dos fatores sociais para estas questões.

Para Lñesta(1982), a consequência deste fato foi um desenvolvimento acelerado da pesquisa aplicada em detrimento da pesquisa pura, ocasionando as chamadas 'crises de identidade' na inserção profissional da Psicologia. O resgate da Psicologia, enquanto uma profissão, exigiria uma integração 'orgânica' da Psicologia aplicada com o corpo epistemológico da Psicologia numa perspectiva interdisciplinar, devido à natureza mediada da Psicologia profissional com outras áreas do conhecimento.

Outra discussão interessante foi a realizada por Figueiredo(1992) discutindo a invenção do fenômeno psicológico ou da subjetividade contemporânea. Para ele "**de variadas maneiras, a história dos estudos**

psicológicos está entrelaçada com a história da modernidade e as suas vicissitudes. São múltiplas as relações das 'psicologias' com os movimentos em expansão e, principalmente, como veremos, de retraimento das virtudes morais, pois foi exatamente deste duplo movimento que nasceu o 'psicológico' "(p.26).

Segundo o autor, o contexto histórico- cultural do século XIX propiciou o desenvolvimento do projeto epistemológico da modernidade, em particular o da Ideologia Iluminista e o Romantismo, colocando o homem diante de um dilema: sentir-se protegido enquanto parte integrante da coletividade no sistema feudal, ou virar indivíduo, cidadão livre da nova sociedade burguesa e mercantil, mas solitário e desprotegido.

A economia mercantil criou as condições do aparecimento da individualização, na medida em que, segundo Figueiredo(1992), "***para que existam trabalhadores necessitados de garantir a própria sobrevivência, alugando sua força de trabalho, é preciso que eles tenham perdido suas condições mais antigas de vida e produção"***(p.24). Isso se concretiza com o rompimento das formas pré-capitalista de produção, onde a mesma era coletivizada, passando a existir a figura do trabalhador livre.

As Ideologias Liberal - Iluminista e Romântica dão sustentação a essa nova concepção de homem. A primeira destaca que os homens são livre e com direitos iguais; a segunda preconiza que essa liberdade dos homens garante também a diferença entre eles. A idéia de homem no projeto epistemológico da Modernidade é de um ser livre e com direitos, sendo um deles o de ser diferente.

O homem vê-se, então, diante do dilema anunciado anteriormente: protegido pela coletividade onde está integrado, na sociedade feudal, ou livre, no projeto da modernidade, mas desamparado e solitário. Desse dilema nasce a subjetividade privatizada, o fenômeno psicológico, criando o terreno

adequado à constituição de uma Psicologia Científica. Através da subjetividade privatizada o homem foi construindo, ao longo do século, a consciência da sua própria existência, cristalizando uma imagem de seres autônomos e dotados de desejos e intenções. Mas com o tempo, segundo Figueiredo(1992), é possível verificar que **" esta imagem é completamente ilusória, e uma das tarefas da psicologia será talvez a de revelar esta ilusão"**(p.20).

O aspecto ideológico que impregnou a Psicologia durante a Revolução Industrial foi apontado por Merani(1977), citando os grandes construtores teóricos da Ciência Psicológica. Para o autor, os projetos psicológicos de Bergson, Wundt, James, Watson, cada um embuído do espírito da sua época, acabaram alicerçando uma visão alienante do homem.

Merani(1977) considera que a Psicologia é uma das disciplinas fundamentais para o conhecimento do homem, mas ao se afastar **" da sua função histórica, concentrando-se na prática de especulações gerais, desvirtua o próprio princípio do saber, anula-se como conhecimento científico e filosófico para converter-se em máscara humanizadora da tecnocracia. Consciente ou inconscientemente, portanto, os psicólogos estão a serviço da alienação e fazem da psicologia um instrumento de poder"**(.p1-2).

Ainda dentro do aspecto ideológico, Patto(1984) buscou esclarecer a *unidade ideológica* da Ciência Psicológica, para além das críticas feitas à Psicologia, sob a sua heterogeneidade teórico-metodológica. Para a autora, a heterogeneidade que aparenta uma falta de unidade no seu escopo teórico, acaba por definir a sua identidade; mas, subjacente a essa questão parece haver **" uma homogeneidade mais definidora da sua natureza e do seu papel social"** (p.97), que é a sua unidade ideológica. Um exemplo disso é que, tanto no Behaviorismo como no Humanismo, a ideologia adaptacionista se faz presente. Na primeira, a analogia do "campo natural" com o "campo social", traduzindo sua função racionalizadora e adaptadora às circunstâncias

vigentes. Na segunda concepção, aparecem os traços adaptacionista revestidos dos conceitos de "solidariedade" e "participação".

O caso da Psicologia Escolar, para Patto(1984), confunde-se com a própria origem do advento da Psicologia Científica. O surgimento da sociedade industrial exige novas demandas de trabalho e mão de obra; para tanto torna-se necessário a criação de critérios objetivos que propiciem a seleção e o recrutamento da mesma. Segundo a autora , "**(...) a Psicologia nasce com a marca de uma demanda: a de prover conceitos e instrumentos 'científicos' de medida que garantam a adaptação dos indivíduos à nova ordem social**"(p.96).

Os estudos desenvolvidos por Binet e Galton, sobre as diferenças individuais, já apontavam para uma resposta à demanda solicitada, na medida em que começava a aparecer uma preocupação em direcionar o conjunto dos conhecimentos teóricos-práticos da Psicologia , para o aperfeiçoamento da seleção e orientação profissional. A partir daí os trabalhos vão cada vez mais se aperfeiçoando, surgindo, em 1905, a primeira escala métrica da inteligência infantil, desenvolvida por Binet e Simon, na França. Esse fato, para Patto(1984), é o passo para a "**constituição do primeiro método da Psicologia Escolar, do qual até hoje não se libertou: a psicometria**" (p.97).

A versão americana dos testes tem em J.M. Catell o seu principal representante. Catell já realizava medidas desde 1889, o que para muitos o faz antecessor de Binet. Sua influência foi decisiva no movimento americano de seleção dos mais aptos, especialmente no ambiente escolar. Mas Binet havia avançado ao permitir o cálculo da 'idade mental', sendo este cálculo aperfeiçoado em 1912 pelo americano C.M. Terman, através do *Quociente de Inteligência - Q.I.* , e a sua utilização torna-se logo revestida de noções ideológicas. O próprio Binet advertiu para o risco do pré-determinismo, mas os principais teóricos envolvidos nesses estudos, influenciados pela teoria

evolucionista de Darwin , acabaram por dar fortes conotações deterministas à questão da inteligência.

A Psicologia Escolar estabeleceu sua função nos sistemas de ensino da Europa, Estados Unidos e mesmo no Brasil, baseada nesses estudos, o que a fez desempenhar o papel, segundo Patto(1984), ***"de medir habilidades e classificar crianças quanto à capacidade de aprender e progredir pelos vários graus escolares"***(p.99).

Nesta perspectiva, a Psicologia aplicada à Educação ajudou a mascarar as verdadeiras causas do fenômeno do fracasso escolar, visto que através da psicométrica tornou-se possível dar respostas individuais à questões educacionais e sociais. Este modelo esteve impregnado da visão tradicional de saúde e doença e o fracasso escolar acabou sendo 'a doença' da escola, sendo o psicólogo o seu diagnosticador.

Segundo Maluf(1994), a Psicologia aplicada à Educação começou a sofrer críticas sobre os resultados obtidos dos seus estudos sobre as teorias de aprendizagem, teorias do desenvolvimento da criança e teorias das diferenças individuais. A principal crítica foi a da fragmentação dos dados obtidos e das dificuldades em aplicá-los à realidade educacional. ***"Começa-se a reconhecer, nas relações entre a psicologia e a Educação, o influxo unidirecional da primeira sobre a segunda: a Psicologia não está conhecendo suficientemente a ação educacional."***(p.159).

Para poder entender esse 'influxo unidirecional' entre Educação e Psicologia, é fundamental primeiro conhecer as diferentes etapas histórico-sociais que sedimentaram o campo de relações entre a Educação e a Psicologia no Brasil, para depois entender como essas intersecções foram criadas e quais foram as suas consequências. A partir desse mapeamento, poderá ser possível analisar criticamente as práticas e teorias revestidas do caráter ideológico.

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO NO BRASIL.

O aparecimento das idéias pedagógicas e psicológicas no Brasil, que deram sustentação aos diferentes sistemas de ensino, entrelaçam-se através das principais correntes teóricas que emergiram nos diferentes momentos educacionais, desde a época do Império. Esse percurso não pode ser entendido de forma linear, mas como produto das contradições presentes em cada período, tendo como foco o movimento histórico que estava ocorrendo na época em questão.

Os diferentes movimentos históricos envolvidos nesses acontecimentos vão refletir as etapas para a consolidação de uma nova ordem: a da sociedade capitalista, sendo que esta concretiza a sua visão de mundo através do pensamento liberal. O liberalismo, segundo Cunha (1977), representa **“um sistema de idéias elaboradas por pensadores ingleses e franceses no contexto das lutas de classe da burguesia contra a aristocracia”**(p.27). Os valores máximos da doutrina liberal, assumidos a partir do século XVIII e fortalecidos com a Revolução Francesa, são: individualismo, liberdade, propriedade, igualdade e democracia.

Esses movimentos serão o pano de fundo para o entendimento da trajetória das correntes filosóficas que estiveram subjacentes aos diferentes momentos educacionais, tendo em vista que a escola passa a ter a sua existência concreta a partir desses momentos, como instrumento importante para a concretização da burguesia no poder, tornando-se não só a classe dominante, mas também classe hegemônica que busca a realização dos ideais do liberalismo.

Esta hegemonia vai concretizando-se através da ideologia burguesa, ou seja, a visão de mundo da classe dominante passa a ser compartilhada pelo conjunto da sociedade, enquanto valor universal. No entanto, tal fato não ocorre sem antagonismos e contradições numa sociedade marcada pela divisão de classes. Nessa perspectiva, os momentos históricos em que emergiram diferentes concepções educacionais e psicológicas, refletem os

mecanismos de recomposição acionados pela classe dominante com vistas a garantir sua hegemonia e dominação.

Para caracterizar as idéias que apontaram as diferentes tendências na Educação, será utilizada a cronologia desenvolvida por Saviani(1985) embasada na concepção dialética, visto que a mesma, segundo o autor, permite ultrapassar a superfície dos fatos estabelecendo a vinculação **"do processo educativo com as condições estruturais da sociedade que o engendra"**(p.30). Quanto às idéias psicológicas, serão utilizados os estudos de Massimi(1990) e Pessoti(1988), buscando realizar análises que contem as configurações teórico-práticas construídas entre a Psicologia e a Educação, desde a época do Império até os dias atuais.

Período colonial - de 1549 a 1759 - a produção das idéias pedagógicas na vertente religiosa .

O pensamento filosófico presente no início do período colonial tinha como ponto de referência o pensamento dos jesuítas. Para Paim(1974), os jesuítas **"constituíam o núcleo principal da nossa intelectualidade"** (p.139) até a sua expulsão em 1759.

Para entender o pensamento dos jesuítas é preciso recuperar como se deu a organização da Ordem e quais foram as suas relações com o Império Luso. A organização da Ordem aconteceu em 1539, chegando a Portugal em 1540. Nas primeiras década do século XVII, os jesuítas já haviam monopolizado o ensino médio em Portugal. Contextualizando o momento histórico em que vivia a Europa, Simonsen(1978) mostra que, a partir do século XV, a Europa já começava a sofrer **"verdadeiras revoluções na ordem econômica, política e social. O espírito guerreiro-religioso foi se substituindo pelo espírito mercantil"**(p. 27). Os Estados começaram a aparecer absorvendo os Feudos. As descobertas marítimas tornaram-se fundamentais para o fortalecimento desses Estados e potencializaram as relações comerciais, fazendo emergir a mentalidade mercantil, que

considerava o comércio como o **“meio mais rápido de enriquecimento e, portanto, de fortalecimento dos povos”** (p. 28).

Aparece então o homem burguês, mercador que cuidava das mercadorias e dos custos das caravanas. Para Alves(1990), **“O domínio dos negócios burgueses associa-se, diretamente, ao domínio do mundo material”** (p. 54). Esse momento histórico propiciou, através das descobertas de novas rotas marítimas, o descobrimento do Brasil.

Os portugueses, naquele momento, estavam à frente das descobertas marítimas e, a partir do fim do século XV, começavam a fundar as suas colônias. Segundo Simonsen(1978), dos povos neolatinos, os portugueses eram os mais cuidadosos no desenvolvimento das colônias, buscando criar condições que reproduzissem os costumes e tradição da terra - mãe. No caso do Brasil, para o desenvolvimento dessa tarefa, segundo Almeida (1989), **“o governo da metrópole confiava inteiramente no clero secular e regular, a tarefa de instruir as populações deste país (...) manter a fé dos colonos e seus descendentes nos limites da moral, da justiça e humanidade”**. (p. 25).

Os primeiros jesuítas que chegaram ao Brasil possuíam uma certa autonomia em relação à ordem, ainda em fase de estruturação, e eram influenciados pelas idéias desses novos tempos. O jesuíta Manoel da Nobrega, logo após a sua chegada, propôs um plano de ensino para o Brasil. Tal plano continha o ensino de português, o ensino religioso e o canto opcional, havendo uma sub-divisão: ensino técnico-agrícola para os índios e ensino de latim para os que fossem seguir a carreira eclesiástica. Mas o plano de Manoel da Nobrega sofreu restrições da Ordem, que indicava a obrigatoriedade dos jesuítas seguirem a Filosofia de S. Tomás de Aquino.

É através da *Ratio Studiorum*, apresentada na sua forma definitiva no começo do século XVII, que as linhas principais da obediência ao Tomismo foram explicitamente traçadas, dando a configuração filosófica da Companhia

de Jesus. A *Ratio Studiorum*, segundo Paim(1974), **“sintetiza a experiência pedagógica dos jesuítas, regulando cursos, programas, métodos e disciplina das escolas da Companhia”** (p. 143), e expressa o movimento da Contra-Reforma embuído do espírito da Segunda Escolástica. Esta, segundo Paim(1978), pode ser caracterizada como uma tentativa de re-cristianização, através do filósofo S. Tomas de Aquino, das idéias de Aristóteles.

A Contra-Reforma aparece em oposição às idéias formuladas pela Reforma Portestante. O dogma defendido pela Reforma apresenta o homem numa outra situação frente à salvação, pois esta era vista como um desígnio insondável da vontade de Deus, independente das boas obras de fé que o homem pudesse realizar. A salvação eterna é expurgada e o trabalho torna-se o único caminho para a realização de boas obras, o que poderia revelar os eleitos de Deus.

O movimento de oposição desencadeado pela Companhia de Jesus a essas novas idéias fica expresso na *Ratio Studiorum*. O rigor imposto por essa nova orientação delineava o aspecto central que deveria estar presente na pedagogia da Companhia de Jesus. A idéia era a de subordinar a Filosofia à Teologia. Paim(1974) analisa a Segunda Escolástica Portuguesa, considerando que a mesma **“foi dominada por um espírito de índole medieval, privando a intelectualidade de um contato aberto com a filosofia moderna”** (p. 145).

Nos dois séculos da presença dos jesuítas no Brasil, foram construídas várias instituições de ensino, escolas para meninos e outros colégios. O ensino nessas instituições era o ensino médio tipo clássico. Para aqueles que iriam seguir a carreira eclesiástica, existiam cursos superiores de Teologia e Ciências Sagradas. Para os que não iriam seguir a carreira eclesiástica, a única alternativa eram as Universidades européias, especialmente a de Coimbra, para onde o fluxo de brasileiros fazia-se presente desde o século XVII.

A concepção dominante da pedagogia da época era a *humanista tradicional*. Segundo Saviani(1985), nessa concepção **“o homem é encarado como constituído por uma essência imutável, cabendo à educação conformar-se com a essência humana”**(p.24). Essa fase caracteriza-se pela vertente religiosa nas idéias pedagógicas, que se apoiavam nas correntes Tomistas e Neotomistas, substanciadas na *Ratio Studiorum*.

No campo da Psicologia, esse período foi denominado por Pessoti(1988) como *pré-institucional*, pois a produção da época estava desvinculada das instituições voltadas à difusão da Psicologia. Os textos da época, escritos por políticos e religiosos na sua maioria, versavam sobre Medicina, Pedagogia, Psicologia, Política, onde tratavam de questões, segundo o autor, dirigidas a **“(...) métodos de ensino, controle de emoções, causas da loucura, diferenças de comportamento entre sexos e raças, controle político, formação da juventude, persuasão de selvagens, condições de conhecimento, percepção, etc.”**(p.18). Esses trabalhos demonstram que a 'Psicologia' da época colonial tinham por objetivo a organização de uma nova sociedade e do estado brasileiro.

Massimi(1990), em seu trabalho sobre a História da Psicologia Brasileira, descreve que a psicopedagogia dos jesuítas era rica de proposições teórica e práticas, publicadas em obras como as do padre Alexandre de Gusmão, pedagogo e literato, que escreveu *A arte de criar bem os filhos na idade de puerícia*(1685), e as de Manoel de Andrade, pedagogo e calígrafo, com *Nova Escola para Ensinar a ler, escrever e contar*(1722).

A autora conclui que esse período foi marcado por um interesse difuso em diferentes áreas do conhecimento. **“Apesar da riqueza de idéias e métodos psicológicos presentes no saber da época, é preciso frisar o caráter fragmentário e episódico desses conhecimentos”**(p.27). De um lado, havia o fato da Psicologia não estar ainda estabelecida como uma

disciplina autônoma; por outro, a própria situação específica do Brasil, no início da sua colonização. Essas circunstâncias começam a se alterar no final do período colonial e início da República. Novos fatos históricos e sociais começam a propor discussões que irão determinar mudanças nos projetos Educacional e Psicológico.

Período colonial/início da República - de 1759 a 1932 - as idéias pedagógicas na vertente leiga.

Os jesuítas passaram a fazer parte da colonização do Brasil, desenvolvendo não só atividades espirituais, como também atividades materiais para prover sua existência. Essas atividades materiais obtiveram benefícios através do acordo feito com a Monarquia que as isentava de impostos.

Essas atividades foram se ampliando com doações feitas pelo Rei e com doações de terra feitas pelos seus proprietários antes de morrerem, em forma de indulgências. Dessa forma, os jesuítas, que mantinham um forte controle espiritual na colônia, conseguiram uma considerável acumulação de bens materiais.

A produção da vida material dos jesuítas, desenvolvida pelos índios e pelos escravos, passou a ameaçar os empresários locais e o próprio Estado. Com isso, a iniciativa privada e o Estado buscaram uma nova configuração de forças. Essa situação, somada à crise mais ampla que já atingia a própria Igreja, visto que , segundo Paim(1974) “ ***já se vivia uma época em que a Igreja havia deixado de ser, como nos séculos anteriores, o único centro e eixo da cultura***”(p.148), eclode com a expulsão dos Jesuítas e com a busca, por parte da elite brasileira, em inserir o Brasil na época moderna , já prenunciada na Europa.

A grande conquista do período moderno, no que se refere ao plano das idéias, para Paim(1974), “***é a emancipação do pensamento científico de preocupações ontológicas***” (p.164).

Em Portugal, a corrente política chefiada por Pombal propõe o fortalecimento da Monarquia Absoluta, subordinando a própria Igreja a essa Monarquia. O Absolutismo acaba por destruir a aparente unidade do Tomismo. Com isso, em meados do século XVIII, a Segunda Escolástica começa a sofrer declínio e novos pensamentos começam a surgir. Essas idéias, advindas dos condicionamentos históricos, apontam uma nova ética, produzida pelos movimentos da Reforma e do Materialismo que desembocaram nas formulações das idéias Iluministas.

Para Alves(1990), o Iluminismo pode ser considerado o segundo movimento ideológico burguês, após o Humanismo. Esses dois momentos refletem diferentes graus de luta da burguesia pela consolidação da nova ordem. ***“O Humanismo reivindica espaço para a burguesia no mundo feudal, enquanto o Iluminismo nega às forças feudais um lugar no mundo, pregando sua destruição”*** (p. 67).

Essa correlação de forças, permeada pelas novas idéias, não acontece de forma homogênea na Europa, visto que as forças produtivas encontravam-se em diferentes estágios. Na França, por exemplo, aparece o movimento Materialista, ideologia que negava o primado do espírito e apontava a primazia da matéria. Ao remeter à luta de classes que se travou na França, é possível entender o surgimento dessa corrente ideológica. Ali não ocorreu uma conciliação entre a burguesia e a nobreza, como no caso da Alemanha, em consequência das idéias da Reforma. Essa luta de classes ocasionou um acirramento de forças que levou à sangrenta Revolução Francesa. Na Inglaterra não houve composição de forças, mas a expropriação dos camponeses pelos burgueses permitiu o fortalecimento de suas condições materiais, o que lhes assegurou a posição de classe dominante. Todos esses fatos vieram fortalecer o movimento Iluminista.

Essas idéias e acontecimentos não só alteraram os princípios ético-religiosos, como também criaram um clima propício para o desenvolvimento do pensamento científico. O desenvolvimento da Ciência Moderna baseada

na observação e experimentação, segundo Alves(1990), **“não nasce dentro das universidades, mas dos navios e das manufaturas”** (p. 55), sendo o seu maior beneficiário o homem burguês.

Em Portugal, segundo Paim(1974), o contexto histórico mostrava-se diferente do que vinha acontecendo nos outros países: embora no campo das idéias se buscasse incorporar o pensamento científico, baseado nas teses de Verney, o objetivo dos portugueses era o fortalecimento da Monarquia. Com isso, a nova ética não foi contemplada na consciência em formação. **“A Ciência é descoberta e incorporada como um saber operativo”** (p.167).

Alves(1990) discorda desta leitura de Portugal nesse momento histórico, considerando que aquele país não havia sofrido transformações na base material, como nos outros países da Europa. Por isso, o Iluminismo português configurava-se de uma outra forma e sua burguesia mostrava-se ainda titubante e conciliatória, nas suas lutas contra a nobreza.

Em termos de proposta pedagógica, no Brasil colônia, a figura de Azeredo Coutinho, Bispo de Olinda, é considerada, por Alves(1990), como um dos mais importantes representantes do Iluminismo português. Apoiando as teses de Pombal, Azeredo Coutinho buscava retomar as grandezas de Portugal e, a partir de um pensamento marcadamente burguês, defendia com afinco a escravidão no Brasil e o Absolutismo.

A argumentação do Bispo de Olinda, citada por Alves(1990), era a de que **“o trabalho livre poderia até caber nas condições típicas da Europa, onde os trabalhadores expropriados não tinham outra alternativa que não se assalariarem junto aos detentores do capital. Isto seria impossível no Brasil, (...) pois só a compulsão ao trabalho, associado ao trabalho escravo, asseguraria a permanência do trabalhador junto ao capitalista.”**(p.57).

A criação do Seminário de Olinda, por Azeredo Coutinho, justificou-se por razões puramente econômicas, ou seja, restaurar a grandeza de Portugal. Para tanto, era necessária a formação de filósofos naturalistas: cientistas da época que inventariassem as riquezas da fauna e flora brasileira. Para contornar o fato de que os filósofos naturalistas da época eram de gabinete, ele propôs essa formação técnica ao cura, que poderia embrenhar-se pelo interior do Brasil, não só cumprindo o ofício religioso, mas também o científico. Com essa catalogação, tornaria possível a Portugal criar políticas econômicas, baseadas nas riquezas naturais do Brasil.

Segundo Alves(1990), ***“foi essa motivação nitidamente burguesa, marcada pela preocupação do domínio do mundo material, que Azeredo Coutinho instalou solenemente o Seminário de Olinda no dia 16 de fevereiro de 1800”*** (p.63).

O movimento que, no entanto, marcou a primeira concepção filosófica estruturada, no Brasil, de acordo com Paim(1974), foi a corrente Eclética, influenciada pelo empirismo inglês. Era uma tentativa de introduzir a modernidade dentro das peculiaridades brasileiras, ou seja, tinha o liberalismo econômico como modelo, mas com forças produtivas mantidas pelo braço escravo. Era necessário conciliar a ciência experimental com bases empiristas, com a tradição traduzida pelos vínculos da Igreja com o Estado.

A resposta estava no Ecletismo de Victor Cousin, considerado um filósofo de segunda classe na França, que criou um sistema filosófico denominado de *ecletismo espiritualista*, onde se distinguiam, segundo Paim (1974), três aspectos: ***“1) o Ecletismo como método (historicismo); 2) o método psicológico, elevado à condição de elemento último da filosofia; e 3) o espiritualismo”*** (p.205).

Assim, Cousin empregou na filosofia os métodos de observação e experimentação, influenciado pelo espírito da época. Na observação, utilizou

a *razão*, defendendo uma razão impessoal, cujo acesso espontâneo seria dado através da *reflexão*. Dessa forma, o método psicológico e o espiritualismo constituíram as bases do Ecletismo deste pensador.

No Brasil, foram muitos os adeptos desse pensamento, como por exemplo o Bispo do Pará, Moraes Torres, e Silvestre Pinheiro Ferreira, entre outros. Para Paim(1974), no processo de estruturação do Império ***“torna-se evidente a existência de uma constante, em torno à maioria dos problemas em debates: formadas as polaridades - o conservadorismo intransigente e o reformismo radical - surge e passa a predominar, invariavelmente, a tendência conciliatória”***(p.210). A intelectualidade brasileira cria, dessa forma, uma ideologia da conciliação.

No plano das idéias pedagógicas, o predomínio na Pedagogia Tradicional ainda é da concepção Humanista, agora, na vertente leiga, que foi elaborada, segundo Saviani(1985), ***“pelos pensadores modernos já como a expressão da ascensão da burguesia e instrumento de consolidação de sua hegemonia”*** (p.25). Nesta perspectiva, a escola era vista com uma função redentora, já que ela redimiria o homem da ignorância, transformando-o em cidadão livre e apto para consolidar a democracia burguesa. O papel do professor é avaliado como de fundamental importância, sendo ele o artífice dessa grande obra.

Massimi(1990) mostra que a Psicologia Filosófica desse período, administrada nos cursos acadêmicos, como a Faculdade de Direito de São Paulo, sofreu influências, numa primeira fase, tanto do sensualismo de Cabanis Condillac, como também do empirismo moderado de Antonio Genovesi. A Psicologia dentro dessas proposições teóricas era considerada com a 'ciência do homem' , fundamentada na fisiologia ,isto é , 'física da natureza humana', e poderia constituir uma jurisprudência da ética humana.

A segunda fase da Psicologia, denominada por Pessoti(1988) como *período institucional*, inicia-se por volta de 1840, marcada pelas idéias dos

filósofos franceses Victor Cousin, Maine de Biran e Royer-Conllard, que desenvolveram o ecletismo espiritualista. Conforme já descrito anteriormente, essa corrente filosófica foi a que mais marcou o período, quando a Psicologia passou a ganhar cada vez mais importância nos meios intelectuais, enquanto uma área de conhecimento importante para Filosofia, Medicina, Direito e Educação.

Com relação à Educação, observou-se a presença cada vez mais forte da disciplina de Psicologia nas Escolas Normais, criadas a partir da segunda metade do século XIX, para atender a necessidade de formar um corpo docente em sintonia com os avanços científicos europeus e norte-americanos. Segundo Massimi(1990), "**os temas estudados são a atividade sensorial e motora, a inteligência e suas operações, a sensibilidade moral e os hábitos, os métodos didáticos e de aprendizagem**"(p.36).

A partir de 1850 já começa a aparecer a disciplina Psicologia em várias escolas, como no colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro. A Psicologia passa a ser considerada como matéria propedêutica ao ensino de Filosofia e a orientação teórica era baseada no ecletismo espiritualista.

Massimi(1990) conclui sobre esse período, descrevendo os diferentes 'discursos psicológicos' que foram emergindo. Essa denominação é dada pela autora, visto que a Psicologia ainda não tinha "status" de ciência autônoma; por isso todos os conhecimentos elaborados que se relacionassem com questões ligada à Psicologia, foram incluídos dentro desse 'discurso psicológico'.

Segundo a autora, na cultura brasileira, foram agrupados quatro tipos principais de 'discursos psicológicos': *Psicologia Filosófica*, influenciada pelas correntes do racionalismo, do empirismo, do ecletismo espiritualista, do reducionismo organicista e pela visão dos tomistas e idealistas; *a Psicologia Médica*, que teve no materialismo francês a sua principal vertente teórica, que orientou diferentes trabalhos e estudos na época; e *a Psicologia no âmbito*

da Teologia Moral, que reproduziu seus ensinamentos baseados no tomismo e no jansenismo, demonstrando uma forte conotação religiosa nas questões que envolviam comportamento e ética; *A Psicologia Pedagógica*, fonte de interesse deste trabalho, apontando para a influência da Psicologia Experimental nas questões pedagógicas.

Apesar da Psicologia ainda não se delinear como ciência autônoma, é possível observar que, no início do século XX, sua influência foi cada vez mais marcante. Na relação com a Pedagogia, sua influência era realizada através de provas e currículos das escolas normais. Para Massimi(1990), **"(...) sendo o objetivo da pedagogia definido , na época, como a direção e a educação das faculdades da alma, é evidente sua dependência da psicologia, estendida então como conhecimento filosófico da natureza e do funcionamento de tais faculdades"**(p.55).

Uma questão importante a ser ressaltada é a influência do meio médico na estruturação da psicologia no Brasil. Esse fato mostra que a Psicologia nasceu no bojo de uma visão de patologia. Na pedagogia, essa ponte foi feita através dos testes psicológicos, primeiramente utilizados pelos médicos, para identificar as características das crianças com distúrbios de aprendizagem.

As idéias pedagógicas a partir da década de 1930.

No final do século XIX, aparecia de forma mais organizada o inconformismo com a corrente Eclética. Em 1869, os liberais apresentavam um programa avançado, exigindo a extinção da Monarquia, a liberdade na indústria e comércio, a descentralização administrativa, reforçando a autonomia dos governos das províncias e dos municípios. No ano seguinte, com a fundação do Partido Republicano, essas campanhas mostraram-se com feições nitidamente anti-monárquicas.

No campo das idéias, era adotado o espírito crítico, com influências variadas e sem uma unidade doutrinária. Segundo Paim(1974), **"havia talvez**

uma unidade de objetivos: a crítica ao pensamento e às Instituições vigentes” (p.257).

O fracasso da escola, vista como redentora de todos os males, já era evidente. Começam então a avolumar as críticas à Pedagogia Tradicional, dando origem a uma nova teoria, que mantinha ainda a visão equalizadora da escola, mas que buscava alterar o tipo de escola implantada. É o período da corrente denominada *Escola Nova ou Escolanovismo*, fundada através das idéias dos sociólogos americanos John Dewey e Karl Mannheim, representantes do pensamento liberal dentro da perspectiva educacional. Estes sociólogos foram influenciados pelas idéias do filósofo E. Durkheim, sobre os conceitos de solidariedade e integração numa sociedade industrial complexa; ambos consideravam a educação escolar como a via transformadora de uma sociedade democrática.

Para desenvolver as idéias do Escolanovismo, é necessário não perder de vista o contexto social que as possibilitou emergirem. A herança do Iluminismo e da Ciência Positiva do século passado depositou na Educação uma missão complexa e gigantesca, acreditando que a escola, por si só, seria capaz de formar o cidadão para a democracia burguesa. Essa missão fracassou. Os novos tempos exigiam uma nova escola. Segundo Lopes(1984), ***“ O Taylorismo, aplicado diretamente aos processos de trabalho, dispensava a transformação da sala de aula em fábrica e esta já fazia novas exigências ”***(p.24). Com isso tornava-se necessário, naquele momento, uma escola que ajustasse o aluno ao espírito científico da época.

A escola tradicional não criava esse espaço, visto que nela o aluno era passivo. Era preciso uma reformulação do sistema escolar para criar esse novo aluno. O sistema de ensino começa a receber as contribuições que os estudiosos da Biologia e da Psicologia traziam sobre o desenvolvimento da criança. A escola passa a trabalhar com esses dados científicos e a criança transforma-se no foco principal do fenômeno educativo. O professor deixa de ser o elemento principal do processo de ensino e torna-se mediador e orientador da aprendizagem, ficando a iniciativa desse processo com os

próprios alunos. Surgia , dentro desse enfoque, o fenômeno da *bio-psicologização* da Sociedade, da Educação e da escola.

O Brasil da época era um Estado Oligárquico, com modelo econômico agro-exportador. A realidade educacional configurava-se dentro de um paradoxo, pois se mostrava liberal do ponto de vista dos métodos, mas conservadora do ponto de vista político. O país tinham uma educação voltada para os interesses oligárquicos que atendia às elites, deixando à margem uma grande camada da população.

Nesse aspecto eram urgentes as reformas que apontassem para uma escola mais afinada com as mudanças pelas quais passavam a sociedade. Essas reformulações concretizaram-se nas discussões travadas entre grupos que Cury(1984) denominou de católicos e liberais. Os católicos querendo manter a escola a favor das oligarquias e os liberais, opondo-se ao caráter excludente e elitista da Igreja, buscando construir uma escola baseada no pensamento leigo e liberal. Tal conflito tomou corpo no processo Constituinte em curso, no ano de 1934.

Lançado em 1932 pelos liberais, o *Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova* trás no seu bojo ideológico, segundo Cury(1984), "**a adaptação da política educacional ao processo econômico gerado pelas novas forças produtivas**" (p.25). O autor considera que a posição dos pioneiros representou um avanço em relação à posição dos católicos que defendiam a continuidade do modelo oligárquico e da sua política educacional.

No Manifesto, na parte que se refere às finalidades da Educação, esse teor fica assim expresso: "**A Educação Nova que, certamente pragmática, se propõe ao fim de servir não aos interesses de classes, mas aos interesses do indivíduo, e que se funda sobre o princípio da vinculação da escola com o meio social, tem seu meio condicionado pela vida social atual, mas profundamente humano, de solidariedade, de serviço**

social e cooperação" (p.112). Dessa forma, o Movimento Escolanovista reveste-se do antigo ideário pedagógico liberal, defendendo a escola como forma de adaptar os indivíduos à sociedade, respeitando, entretanto, as suas diferenças individuais.

A Constituição de 34 acabou por conciliar as duas tendências, contemplando tanto as teses dos católicos quanto as dos liberais. Segundo Cury(1984), a Constituição tornou-se **"ao mesmo tempo o momento de conflito e acomodação entre os segmentos da classe dominante"** (p.25). Para o autor, ambos os grupos não basearam as suas análises nas necessidades existentes no país, na época, mas sim em modelos normativos. Um grupo defendendo a tese da 'nação católica' , buscando recuperar uma cosmovisão ética sob a autoridade de Deus e outro, defendendo o 'Estado geral e supra-ideológico', tendo como horizonte a ideologia liberal através dos ideais de solidariedade, integração, cooperação e paz social. Desse confronto, saiu perdendo a idéia de uma 'escola para o povo', pois os conflitos de interesses estavam voltados, na verdade, para a classe dominante.

Saviani(1985), que se refere às tendências do pensamento educacional da época, considerou o Escolanovismo uma concepção Humanista Moderna que **" esboça uma visão centrada na existência, na vida, na atividade "** (p.25). O homem é visto como um ser em permanente construção, cabendo à Educação possibilitar esse constante processo.

A Psicologia, já com o status de ciência autônoma, ganha força nas questões educacionais e de saúde, contribuindo de forma importante para a Escola Nova. Para Lourenço Filho, a Psicologia científica brasileira foi construída, num esforço entre educadores e médicos, especialmente no campo da 'higiene mental'. Desde o início do século , foram sendo instalados laboratórios para o desenvolvimento dos conhecimentos psicológicos, destacando-se os do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Em 1931 é criado na cidade de São Paulo o primeiro Serviço de Psicologia Aplicada, tendo à frente Noemy Silveira Ruldolfer. Este serviço foi posteriormente incorporado à Universidade de São Paulo, já transformado no Laboratório de Psicologia Educacional. Os estudos desenvolvidos eram baseados na Psicologia norte-americana e no gestaltismo. Vários outros laboratórios aparecem na Bahia e em Minas Gerais, fortalecendo as pesquisas sobre desenvolvimento, inteligência, memória, aprendizagem, entre outros temas ligados à área de psicometria na Psicologia Educacional. Em 1938 é criado o Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos- INEP - sob a direção de Lourenço Filho, que estende os serviços de psicologia aplicada à nível nacional. Para Pessoti(1988) essa fase foi o *período universitário* da Psicologia no Brasil.

Todo esse fortalecimento da Psicologia Educacional respondia a uma demanda social que esperava da disciplina uma resposta adequada para a grande tarefa de construir uma Educação nos moldes do escolanovismo.

Mas a realidade já começava a apontar para desajustes e fracassos dentro da escola e a Psicologia iniciou a busca de respostas. Patto(1990) cita os trabalhos de A. Ramos, como *Educação e Psicanálise*(1934) e *A criança problema*(1939), que mesmo se contrapondo à psicometria, considerava o ambiente familiar como o foco principal de desajustes, podendo determinar os problemas das crianças nas escolas. Esses fatos, somados aos da psicologia diferencial, apontam para as primeiras tentativas de patologizar as questões educacionais.

Na prática, houve boas escolas para poucos, o que significou não ter havido mudanças em relação à ordem anterior, visto que o fracasso de muitos continuou existindo. Será da própria exaustão da Escola Nova, assim como da sua preocupação excessiva com os métodos, que começam a se compor críticas sobre os seus fundamentos, dando contornos a uma nova teoria educacional : a Pedagogia Tecnicista.

As idéias pedagógicas de 1961 A 1980 .

A Pedagogia Tecnicista, segundo Lopes(1984), representou **"a racionalização do sistema de ensino em todas as suas formas e níveis tendo em vista sua eficiência, mediada pela adequação de seu produto às necessidades de modelo de desenvolvimento vigente. Ou seja, significa a absorção na educação, da ideologia empresarial"** (p.70).

Para entender essa tendência dentro da Pedagogia, é necessário retomar o momento histórico em que estava em pauta a racionalização do sistema produtivo. Um marco nessa perspectiva foi a construção da Teoria Geral do Sistema, iniciada no século passado e sistematizada pelo seu mais importante teórico, Frederick W. Taylor.

O fundamento da sua teoria é a racionalização do processo produtivo, separando no trabalho a fase da decisão da fase da execução. Essa visão altera o processo de trabalho: no início do Capitalismo, os trabalhadores eram contratados por tarefa e como a produtividade não atingia o esperado pelo sistema, esse fato exigiu um melhor planejamento das atividades, para que as mesmas passassem a ser mais eficientes. A partir disso, não era mais o trabalhador quem iria planejar o seu trabalho; essa tarefa passou a ser executada por uma nova figura no processo: o gerente. O trabalhador tornou-se responsável somente pela execução da tarefa planejada.

Todo esse contexto insere-se no final da Segunda Guerra Mundial, quando se gerou uma concentração de capitais com o objetivo de reconstruir os países destruídos, dando um novo vigor ao Capitalismo. Para atingir de forma plena o objetivo da reconstrução, tornou-se necessário um bom sistema de planejamento, visando ao aumento da produtividade. Todos esses fatos acabaram gerando a busca da racionalização do processo produtivo, concretizada no Taylorismo.

No Brasil, a política sócio-econômica no período de 1951 a 1964 foi marcada pelo *nacionalismo/ desenvolvimentista*. Nessa fase, tanto a

esquerda quanto a direita matinham uma frágil aliança política em torno do desenvolvimento nacional.

É dentro desse espírito que a Pedagogia Tecniciста se impõe. Nessa perspectiva, segundo Saviani(1983), "***Buscou-se planejar a educação de modo a dotá-la de uma organização racional capaz de minimizar as interferências subjetivas que pudessem por em risco sua eficiência***" (p.16). Dentro desse contexto, a Educação ainda era vista como equalizadora social em busca do equilíbrio do sistema. O fracasso escolar é visto como uma ameaça a essa estabilidade, pois caracterizava a ineficiência, o improdutivo. O foco, que na Pedagogia Tradicional ficava no professor, na Escola Nova centrava-se no aluno, na Pedagogia Tecniciста deloca-se para a organização racional dos meios, onde professor e aluno passam a ocupar uma posição secundária no processo de ensino.

A base teórica das ações dentro da Pedagogia Tecniciста é dada pelas contribuições da Psicologia Behaviorista, pela Engenharia Comportamental e outras, com inspiração na Filosofia Neopositivista e no Método Funcionalista. O processo de burocratização cresce de importância nas escolas e passa a ser reforçado, enquanto um controle necessário de todo processo educativo. Tragtenber(1974), em seus estudos sobre o fenômeno da burocracia, definiu-a como o ponto central da Teoria Geral da Administração da empresa capitalista e do que ele denomina de *coletivismo burocrático*. Segundo o autor "***a burocracia age antiteticamente: de um lado responde à sociedade de massas e convida a participação de todos, de outro, com sua hierarquia, monocracia, formalismo e opressão afirma a alienação de todos, torna-se jesuítica (secreta), defende-se pelo sigilo administrativo, pela coeção econômica, pela repressão política***"(p.190)

Dentro dessa perspectiva burocrática, a Pedagogia Tecniciста introduz a prática crescente de preenchimento de formulários, de planejamentos, enfim de todos os tipos de papéis, o que se transforma num ritual sufocante e sem sentido no interior da escola. Para Saviani(1983), a Pedagogia

Tecnicista, na tentativa de transpor o processo fabril para dentro da escola, acabou perdendo de vista a especificidade da mesma, que se relaciona com o processo produtivo de forma indireta e por mediações complexas. O resultado das condições impostas por essa proposta acabou gerando um caos educacional, não conseguindo reduzir o índice de fracassos na escola, evidenciando, dessa forma, o fracasso da própria Pedagogia Tecnicista.

Antes de percorrer um novo movimento histórico gerador de novas idéias, é fundamental retomar a concepção dialética para analisar os percursos que fizeram emergir diferentes concepções educacionais apresentadas até aqui. Na perspectiva dialética, uma etapa não é substituída por outra, automaticamente e de forma linear, como se a primeira etapa fosse superada pelo aparecimento da segunda, depois da terceira e assim sucessivamente. Ao contrário, todos os movimentos educacionais (pedagogia tradicional, escola nova, pedagogia tecnicista) estão presentes hoje nas escolas, enquanto tentativas de recomposição da hegemonia da classe burguesa, com o objetivo de garantir o avanço do capitalismo. Por isso, Luckesi(1990) caracterizou esses movimentos educacionais como partes das Tendências Pedagógicas Liberais, que contém no seu bojo a concepção da 'escola como redentora da humanidade'.

A partir de 1964, começa uma nova configuração política ideológica, como consequência da divisão de forças pós - Guerra. Após a reconstrução, a hegemonia se dá em dois grandes blocos: o lado Ocidental - capitalista, e o lado Oriental - comunista. O Brasil encontra-se geopoliticamente no bloco Ocidental, sendo o líder desse bloco os Estados Unidos. Os reflexos no sistema produtivo ocorreram através da fase caracterizada como a *internacionalização da economia*, com vistas ao fortalecimento do bloco Ocidental. No Brasil, a ditadura militar toma o poder e se submete à liderança americana, instalando um clima de ênfase na segurança nacional, tendo como inimigo o comunismo. Esse período ficou caracterizado pela ideologia da interdependência e da segurança nacional.

A contraposição a essa ideologia inicia-se com o movimento estudantil de 1968, na França. Os estudantes franceses buscavam a revolução social através da revolução cultural, baseados nas idéias de Mao Tse Tung. O movimento teve repercussão mundial e chegou a abalar o sistema vigente - capitalismo internacional -, mas foi contornado e as forças dominantes conseguiram recompor a sua hegemonia, de forma mais fortalecida. É nesse contexto que aparecem teóricos que começam a fazer análises críticas da Educação.

Vários teóricos passaram a descrever o movimento estudantil de 68, buscando compreender o fracasso da revolução cultural. Dentre os teóricos, os que se destacaram: P. Bourdieu e J.C. Passeron com a *Teoria da Reprodução - elementos para uma teoria do sistema de ensino*; L. Althusser com a *Teoria da Escola enquanto um Aparelho Ideológico do Estado* e a de C. Baudelot e R. Establet intitulada *Teoria da Escola Dualista*.

A Teoria da Reprodução descreve a teoria da violência simbólica. Para descrever o que é a violência simbólica, os autores analisam o sistema de forças que compõem toda sociedade. Esse sistema estrutura-se a partir das relações de força material entre grupos e classes e a violência simbólica cumpre o papel de reforçar, através da dissimulação, essas relações de força material. Trata-se de uma teoria axiomática que vai se encadeando a partir de enunciados universais para os enunciados analíticos com consequências particulares.

O axioma fundamental é a teoria de violência simbólica (proposição zero), aplicada ao Sistema de Ensino (proposição 4), que se desdobra na Ação Pedagógica - AP (proposição 1), exercida pela Autoridade Pedagógica - AuP (proposição 2), realizada através do Trabalho Pedagógico - TP (proposição 3). Esse trabalho pedagógico tem a sua institucionalização através dos Sistemas de Ensino.

A Teoria proposta por Althusser descreve os diferentes Aparelhos Ideológicos presentes no Estado. Para ele, existe o Aparelho Repressivo do

Estado, presente no Governo, na Administração, Exército, Polícia, etc., e o Aparelho Ideológico do Estado - AIE - que tem uma existência material, concretamente apresentado através de vários AIEs, como o religioso, o familiar, o escolar, o jurídico, o político, o sindical o da informação e o cultural.

O AIE escolar constitui-se, dentro da Teoria de Althusser, o Aparelho Ideológico melhor elaborado para reproduzir as relações de produção capitalista, visto que ao longo de vários anos inculca a ideologia dominante nas crianças de todas as classes sociais. O resultado é que uma grande parte dessas crianças - operários e camponeses - só alcançarão a escolaridade básica e logo serão introduzidos no sistema produtivo, enquanto que outros conseguirão chegar à escolaridade média e se tornarão os pequenos burgueses. Os poucos que atingirem o vértice da pirâmide escolar, ocuparão postos, dentro do sistema produtivo, como agentes da exploração, ou no sistema repressivo do Estado, através dos Aparelhos Repressivos do Estado, ou ainda como profissionais da ideologia nos Aparelhos Ideológicos do Estado.

Althusser não nega a luta de classes, mas não vê possibilidade de êxito na mesma por parte da classe dominada, pois o sistema encontra-se muito bem estruturado (através dos seus Aparelhos Ideológicos) e qualquer tentativa fica diluída devido ao peso que a inculcação burguesa faz ao longo dos anos da escolarização.

A Teoria da Escola Dualista de Baudelot e Establet, contrapondo à visão unitária da escola, identifica duas redes no sistema de ensino que compreendem as duas classes presentes na sociedade capitalista: a burguesia e o proletariado. Uma é a rede de escolarização chamada de Secundária-Superior (rede S.S.) , a outra é a chamada rede de escolarização Primária-Profissional (P.P.).

Utilizando o conceito de Aparelho Ideológico do Estado de Althusser, eles definem o Aparelho Escolar como uma unidade contraditória de duas

redes de escolarização. A função básica do Aparelho Ideológico Escolar é formar a força de trabalho e inculcar a ideologia burguesa. A outra função é não deixar desenvolver a ideologia proletária. Essas funções não acontecem separadas mas uma implica na outra, ou seja, há um fortalecimento sistemático da veiculação da ideologia burguesa e um desprezo pela ideologia proletária.

Essa Teoria admite a existência de uma ideologia proletária, mas sua origem e existência se dá fora da escola, nas organizações operárias. Portanto a escola tem o papel de reforçar a ideologia burguesa, e de não deixar emergir a ideologia proletária. A luta de classes, nessa teoria, também parece ser improdutiva, pois a escola não se constitui um instrumento do proletariado, visto que a mesma está a serviço da burguesia, lutando contra a classe trabalhadora.

Todas essas teorias influenciaram de forma decisiva a intelectualidade brasileira, que buscava respostas para o fracasso da revolução cultural. As análises que passaram a ser realizadas assumiram o caráter da denúncia como, por exemplo, o trabalho realizado por Cunha(1977) sobre Educação e Desenvolvimento no Brasil, onde em uma das suas conclusões expõe: "***As aparências das medidas de política educacional, em todos os níveis sugerem a existência de uma tentativa de redistribuir os benefícios educacionais em proveito dos trabalhadores (...) Entretanto os pontos comentados acima permitem que possamos verificar a convergência das políticas educacionais contadora e liberadora no sentido do alcance de uma mesma e única meta: a reprodução das classes sociais e das relações de dominação que as definem, sustentam, dão vida***" (p.288).

Outro trabalho dentro dessa perspectiva é o de Freitag(1980) que, no seu livro "Escola, Estado e Sociedade", também denuncia o caráter reprodutivo do Sistema Escolar. Para ela "***a tomada de consciência da importância da Educação como mecanismo de manipulação para a implantação, conservação e dinamização das estruturas de produção***

***capitalista no Brasil, corresponde , em certo sentido, à valorização teórica que este fato experimentou nos últimos anos para a compreensão e explicação dos dinamismos da reprodução das modernas sociedades capitalistas em geral "* (p.128).**

Na obra seguinte de Freitag(1984) já aparecem críticas às proposições dos teóricos reprodutivistas. No estudo por ela desenvolvido com crianças de favelas, a autora buscou focalizar a constituição das estruturas formais de consciência dessas crianças, em idade escolar, baseando-se na concepção psicogenética de Piaget. Freitag(1984) concluiu que ***" a tese defendida por Baudelot, Establet, Bourdieu, Passeron e Althusser, e outros, de que a escola capitalista funciona prioritariamente como mecanismo de transmissão de ideologias (...) precisa ser revista no contexto brasileiro"***(p.217), visto que o seu estudo revelou que a escola torna-se uma condição necessária, embora não a única, de formação de consciência e do desenvolvimento do pensamento lógico infantil. Como é possível observar, as décadas de 70 e 80 foram marcadas tanto pelas influências das teorias críticas de Educação, como pelo surgimento das críticas à essas visões.

A Psicologia teve como sua maior marca, nesse período, a Teoria da Carência Cultural. No período de 65 a 75, surgiram nos Estados Unidos várias pesquisas como as de Bronfenbrenner - (1969), Sterns e Peteerson - (1973) e Guimagh e Gordon - (1876), discutindo a privação cultural das crianças de classe baixa, como resultado do ambiente social que se reflete diretamente no seu desempenho escolar.

No Brasil, esse movimento tomou corpo na década de 70, quando se desenvolveram algumas pesquisas, entre elas a de Poppovic e outros(1975), utilizando o referencial teórico da educação compensatória. Na pesquisa referida, interpretava-se que o problema do fracasso escolar recai sobre o aluno que tem carências afetivas, cognitivas e biológicas, por ser proveniente de ambientes desfavorecidos, que não lhe proporcionam estimulação suficiente para o bom desenvolvimento da vida escolar. Além disso, apontam

para uma desorganização generalizada (familiar, social e afetiva) na vida do aluno, comprometendo, assim , sua passagem pela escola.

Segundo Patto(1984) "**a primeira função desempenhada pelos psicólogos junto aos sistemas de ensino, seja na França, seja nos Estados Unidos, seja no Brasil (...) foi de medir habilidades e classificar crianças quanto à capacidade de aprender e de progredir pelos vários níveis de ensino**" (p.99). O psicólogo, segundo essa concepção, passa a desempenhar o papel de classificar, através do diagnóstico feito com testes psicológicos, quais as crianças que necessitariam da educação compensatória ou da estimulação precoce, numa tentativa de evitar o fracasso escolar futuro.

Outra vertente importante dessa época foi dada pela psicologia neobehaviorista, divulgada pelo trabalho de Witter(1978) - *O psicólogo escolar: pesquisa e ensino* - . Em oposição ao trabalho do psicólogo escolar, dentro de uma perspectiva clínica de diagnóstico e tratamento, Witter propõe o psicólogo enquanto um 'especialista educacional, com funções de consultor, ergonomista, modificador de comportamento e pesquisador. Dentro dessa vertente, caberia ao psicólogo ensinar ao professor como proceder cientificamente, para evitar os comportamentos inadequados dos alunos, que poderiam levá-las ao fracasso.

Conforme aponta Patto(1986), dentro desta perspectiva , o psicólogo passa a ser visto como aquele profissional capaz de dar conta de todos os problemas referentes à escola e ao ensino, tais como distúrbios de comportamento e aprendizagem, como também aos problemas referentes ao ajustamento escolar e social. "**Witter, fiel à tradição behaviorista, não se indaga criticamente sobre a relação escola e sociedade, sobre a função política dos conteúdos veiculados pelos programas escolares, da metodologia comumente usada e das normas de funcionamento do sistema escolar, embora seja constante sua preocupação com a ética**"(p109).

Em síntese, é a psicologização levada ao extremo, onde, em nome de uma 'postura científica', os problemas educacionais ficam esvaziados das questões sociais e políticas que muitas vezes os definem, bastando, nesta ótica, um mero aprendizado sobre 'como proceder cientificamente' para a resolução dos problemas apresentados.

Em reação a essas duas tendências, aparece a visão humanista de Carl Rogers, com a abordagem centrada na pessoa, que teve grande influência entre os psicólogos escolares. O psicólogo seria uma espécie de facilitador do cliente na sua caminhada em busca da auto-realização; para tanto o profissional deveria estar sustentado em três conceitos fundamentais: *autenticidade, espontaneidade e pessoa*. Para Patto(1984) **"a moral rogeriana se resumiria na afirmação que somos todos irmãos; para exercer esta máxima, basta que estabeleçamos relações humanas baseadas na transparência individual"**(p.110).

Neste enfoque, os antagonismos de uma sociedade de classes fica reduzido ao um 'desvio' praticado pelo sujeito, que deve ser novamente integrado na sociedade harmoniosa, por pressuposto, através do reencontro a nível interpessoal. Este reencontro acontece quando novamente as relações humanas são restabelecidas no resgate da autenticidade e da cooperação mútua.

Sobre estas três grandes tendências, que influenciam até os dias de hoje a ação do psicólogo na educação, Patto(1984) conclui que **" da psicométrica para o behaviorismo e deste para a psicologia humanista, a semelhança dos fins - a não fricção, o não conflito - fala mais alto que a diferença dos meios"**(p.112).

Essas três tendências, inseridas no *período profissional*, como denominou Pessoti(1988), estão presentes ainda hoje, tanto nos cursos de formação, em forma de ementas curriculares, quanto nas práticas

desenvolvidas por psicólogos, no âmbito escolar ou fora dele. O psicólogo acaba reforçando uma visão ideológica do fracasso escolar.

Na década de 80 já começam a se avolumar críticas nesse sentido, como os trabalhos de Farias(1980) e Sant'Ana(1984) , entre outros. Enfim, já começa a se avizinhar a 'crise' sobre o papel que a Psicologia vem exercendo na Educação. Essa crise não vem desarticulada dos fatos maiores; as críticas surgem primeiramente entre os próprios educadores e, posteriormente, no interior da Psicologia Educacional. É o que veremos a seguir.

As idéias pedagógicas no Brasil atual .

No âmbito da Educação, tem ocorrido uma superação das teorias crítico-reprodutivistas. As idéias apresentadas por Gramsci(1987) em seu livro " Concepção Dialética da História", desencadearam entre os educadores profundas críticas às concepções reprodutivistas: se, de um lado, essas teorias tiveram a importância de descrever os condicionantes sociais presentes na ação educacional, por outro, acabaram sacrificando a história, ao não apontarem perspectivas para as transformações; a impotência presente em suas teorias reifica as estruturas sociais, não deixando espaço para a contradição.

Gramsci(1982) ampliou a conceito de Estado, demonstrando a presença de dois segmentos na sociedade: um correspondente à sociedade civil, considerada como " **o conjunto de organismos chamados comumente de 'privados'** " ; e outro, a sociedade política, esta também denominada de Estado, " **que corresponde à função da 'hegemonia que o grupo dominante exerce em toda sociedade e aquele de 'domínio direto' ou de comando, que se expressa no Estado ou governo 'jurídico'** " (p.10-11).

Dentro desta ótica, ocorre uma alteração na análise feita por Althusser acerca dos Aparelhos Ideológicos do Estado, pois a dinâmica entre estes dois

segmentos não se dá passivamente, havendo, portanto, previsões de crises e rupturas no consenso estabelecido. Isto cria espaços de contradição, fundamental para mudanças na estrutura social vigente.

Outra questão importante discutida por Gramsci(1982) foi o papel dos intelectuais na organização da cultura. Partindo do princípio que **"todos os homens são intelectuais(...) mas nem todos os homens desempenham na sociedade a função dos intelectuais"**(p.7), o autor mostra que aqueles que cumprem esta função na sociedade têm o papel fundamental a desempenhar: o de formar novos intelectuais que possam elaborar, cada vez mais criticamente , através de graus de desenvolvimento, uma nova e integral concepção do mundo, sendo a escola **" o instrumento para elaborar os intelectuais de diversos níveis"**(p.9).

Luckesi(1990) considera importante registrar que as críticas às teorias crítico-reprodutivistas, influenciadas pelas idéias de Gramsci, propiciaram o aparecimento de novas tendências educacionais no cenário brasileiro. Utilizando o termo 'progressista', definido por Georges Snyders, Luckesi(1990) classificou-as de Tendências Progressistas, porque realizam uma análise crítica da realidade, explicitando as finalidades sociopolíticas da Educação.

As três tendências principais manifestadas atualmente são: progressista libertadora; progressista libertária e a histórico-crítica.

A Tendência Progressista Libertadora é mais conhecida como a Pedagogia de Paulo Freire, educador com uma vasta obra publicada, cuja marca é a da Pedagogia do oprimido com vistas à sua libertação. Por isso , ela tem sido aplicada mais ao ensino não-formal; entretanto muitos professores aplicam os pressupostos desta pedagogia no cotidiano escolar.

Nesta concepção, a Educação é um processo onde professores e alunos, constróem o conteúdo da aprendizagem, mediados pela realidade apreendida, sendo que esse movimento propicia a construção da consciência

e, conseqüentemente, da transformação social. Paulo Freire, mentor dessa pedagogia, deixa explícito, em seus pressupostos, o caráter essencialmente político da sua proposta, o que possibilitou que a mesma fosse absorvida pela educação extra-escolar, a chamada 'educação popular'.

Freire(1978) define os pressuposto da sua proposta no livro " Pedagogia do Oprimido". Para ele, essa é uma pedagogia voltada para os oprimidos e que **" tem de ser forjada com ele e não para ele"** (p.32), ou seja, a opressão e suas causas tornam-se o foco central de reflexão desta pedagogia , resultando no engajamento do oprimido em luta pela sua libertação. **"A libertação desafia, de forma dialética antagônica, a oprimidos e opressores. Assim , enquanto é, para os primeiros, seu ' inédito viável', que precisam concretizar, se constitui, para os segundos, como 'situação-limite', que necessitam evitar"** (p.111).

O papel da escola, nesta perspectiva, é a constituição de um lugar onde se privilegie a *educação conscientizadora* em oposição à *educação bancária*. A primeira, revestida de temas geradores retirados da própria realidade, que poderão desencadear reflexões sobre a mesma; a outra, domestica o aluno, com conteúdos fora da sua realidade, inculcando a ideologia dos opressores.

Segundo Gadotti(1982) **" depois de Paulo Freire ninguém mais pode ignorar que a educação é sempre um ato político. Aqueles que tentam argumentar em contrário, afirmando que o educador não pode 'fazer política', estão defendendo uma certa política, a política da despolitização"** (p.14). Desta forma é claro o compromisso que para Paulo Freire a Educação assume, enquanto uma instância importante, não a única, de possibilidades de transformação social.

A Tendência Progressista Libertária tem por objetivo buscar a autogestão, num sentido libertário, através das transformações na personalidade dos alunos. A escola, dentro desse enfoque, cria condições,

com base na participação grupal, que modifica todo o sistema institucional, abrindo cada vez mais para a participação coletiva, na tomada de decisões. Para Luckesi(1990) **"a autogestão é, assim, o conteúdo e o método; resume tanto o objetivo pedagógico quanto o político"**(p.67).

Esta tendência é conhecida como a ' Pedagogia Institucional', tendo como representantes Vasquez e Oury(1975), Hess(1975), e outros. Estes autores, com suas idéias, pretendem ser uma forma de resistência contra a burocracia, esta vista como um instrumento de dominação do Estado. A autogestão propiciaria o crescimento e o desenvolvimento de potencialidades das pessoas, através das vivências grupais rompendo com o poder e a autoridade constituída , principalmente, através da burocracia.

No Brasil, esta tendência abrange todas as formas de antiautoritarismo presente na Educação, sendo importante citar Tragtenberg(1974, 1982); apesar de não dar uma tônica em seus trabalhos nas questões pedagógicas, é um dos estudiosos sobre a temática da burocracia através da crítica às instituições, em favor de um projeto autogestionário.

A Tendência histórico-crítica surgiu na tentativa de superar a visão Crítico-Reprodutivista. Saviani(1983), um dos seus representantes no Brasil, questionou: **"É possível encarar a escola como uma realidade histórica, isto é, suscetível de ser transformada pela ação humana ?"**(p.35). Com esse questionamento abriu-se a perspectiva de uma nova forma de tentar compreender a Educação, emergindo as reflexões que irão culminar na tendência educacional denominada de Pedagogia Histórico-Crítica. Os pressupostos dessa perspectiva encontram-se na concepção Dialética da História, procurando entender o fenômeno educativo a partir do desenvolvimento histórico objetivo, baseado na concepção do Materialismo Histórico. Autores como B. Charlot, Manacorda e Snyders, são os que vêm realizando investigações importantes dentro desse enfoque teórico.

Segundo esta perspectiva teórica, para procurar compreender a Educação dentro do movimento histórico, torna-se necessário resgatar a

categoria da Contradição, presente na própria estrutura do sistema capitalista, o que possibilitaria à Educação, não só o movimento da reprodução, mas também o movimento da sua superação, da sua transformação.

Para compreender a Educação Escolar nesta perspectiva, é necessário, sinteticamente, entender os diferentes sentidos da escola nos diferentes momentos históricos. A escola, no modo de produção escravista e feudal, era o lugar do ócio, pois aquele modo de produção possibilitou aparecer uma classe ociosa - a dos senhores - que, por não se preocupar com a sua existência material (esta era suprida pelos escravos e servos), acabou por ocupar o seu tempo livre na escola.

Na época moderna, com o desenvolvimento das forças produtivas, surge uma nova sociedade - a capitalista burguesa -. Os meios de produção dessa formação social, deslocou o processo produtivo do campo para a cidade, da agricultura para a indústria, exigindo um novo trabalhador. A escola passa a ser uma necessidade para o desenvolvimento das forças produtivas, adquirindo um papel dominante e de grande extensão.

Nos dias atuais, a situação mostra-se aparentemente confusa quanto à função da escola. Há aqueles que defendem que o ato educativo não é exclusivo da escola e a secundarizam; há aqueles que negam a escola por considerá-la negativa do ponto de vista educacional, tendo como o maior representante desse pensamento Ivan Illich. Mas existe também uma parcela que reivindica uma ampliação cada vez maior do tempo escolar; a isto Saviani(1994) denominou de "**hipertrofia escolar**" (p.123). Como é possível observar, o quadro que se apresenta parece confuso e desordenado. Como a Pedagogia Histórico-Crítica vê essa questão ?

Dentro desta perspectiva teórica, a aparente confusão é parte da contradição existente no sistema capitalista. O fato de secundarizar a escola, ou mesmo negá-la, demonstra essa contradição, pois a instrução passada de forma generalizada à classe trabalhadora pode colocar em risco a hegemonia

da classe dominante. A Pedagogia Histórico-Crítica, entendendo essa questão sob o prisma da Dialética, busca o resgate da especificidade da escola. Para Saviani(1994) **"a escola tem uma função específica educativa, propriamente pedagógica, ligada à questão do conhecimento"** (p.124). A meta que se coloca nesta perspectiva teórica é a de resgatar a função específica da escola e, através dela, socializar o saber, que hoje se encontra privatizado (exclusivo das classes dominantes), possibilitando o acesso a esse saber pelas classes trabalhadoras.

Ao longo da trajetória das Idéias Pedagógicas no Brasil e das ações produzidas pela Psicologia na Educação, procurou-se mostrar que essas não se constituíram no vazio, e sim enquanto produto das diferentes necessidades de existência material dos homens na construção do país. Desta forma, é possível entender que a produção dos diferentes pensamentos foram a tradução dessas exigências. A escola é parte integrante desse processo e só é possível compreendê-la a partir dos seus condicionantes sociais.

Por outro lado, como estão, atualmente, as relações entre a Psicologia e a Educação? Para responder a essa questão basta olhar para as publicações dos últimos dez anos. O quadro desenhado mostra uma Psicologia em crise, com um volume de críticas sobre questões teóricas e práticas. Algumas dessas questões serão analisadas, mostrando não só a 'crise', mas as buscas da sua superação.

PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO: IDENTIDADE E PERSPECTIVAS.

Retomando a discussão inicial sobre o momento atual de 'repensar' a Psicologia, verifica-se que não é mais consenso entre os seus profissionais a visão restrita de saúde, enquanto ausência de doença aplicada à ação da Psicologia. Parcela significativa da categoria, hoje, tenta situar-se como um profissional de saúde, no seu sentido amplo, de promoção de saúde. Mas essa é uma identidade que ainda tem que ser construída, sendo que tal construção passa necessariamente por críticas ao modelo que aí esta e por

novas propostas baseadas em pesquisas que possam dar sustentáculo teórico ao desenvolvimento de algumas atividades profissionais.

Bock(1993), por exemplo, retrata, em sua pesquisa, o trabalho dos profissionais de Psicologia, realizando uma análise dos discursos dos profissionais pesquisados, através de três categorias: "atividade", "consciência" e "identidade"¹, que vão delineando o "pensar" e o "fazer" psicológico, assim como suas contradições e buscas. Ficam claras essas contradições entre o discurso e a visão do que é ser psicólogo, assim como as intrincadas relações estabelecidas entre locais de trabalho, geradores de diferentes atividades e de diferentes consciências. As conclusões de Bock(1993) mostram que **"os psicólogos têm repetido a Psicologia, não a têm criado"**.

Na Psicologia aplicada à Educação, estudos como os de Urt(1989), que faz uma reflexão sobre os limites e possibilidades da Psicologia aplicada à Educação, Carraher(1989), que discute a relação entre sociedade e inteligência, Yassle(1990), que analisa a formação do Psicólogo Escolar no Estado de São Paulo, passam a fazer parte das preocupações do profissional de Psicologia atuante na Educação, no desafio de superar o que foi feito e encontrar novas alternativas para uma atuação mais conseqüente e comprometida com a transformação da atual realidade educacional.

No entanto, é necessário destacar os trabalhos desenvolvidos por Patto(1982 - 1984 e 1990), visto que estas produções marcaram, ao longo dos últimos 15 anos, uma crítica consistentemente construída e ampliada acerca das relações da Psicologia com a Educação.

Na organização e publicação do livro "Introdução à Psicologia Escolar", de 1982, Patto já promovia uma ruptura nas discussões vigentes na época, onde o predomínio eram das questões técnicas. A obra da autora,

¹As categorias utilizadas na pesquisa, se baseiam nas concepções teóricas de LEONTIEV (1978), LANE (1984) e CIAMPA (1984). Ver Referências Bibliográficas.

dividida em quatro grandes unidades, mostrava uma preocupação com discussões de cunho político-ideológico nas ações da Psicologia Escolar.

As unidades descreviam, através de diferentes autores, temas como: a relação entre a Educação, a Sociedade e a Psicologia Escolar, com objetivo de **"adquirir condições para superar uma visão ingênua e ideologicamente comprometida da escola como uma instituição neutra e repensar o seu papel"**; pobreza e escolarização, buscando discutir **"o fenômeno da pobreza em suas causas estruturais, sua função no sistema social, suas conseqüências sobre o desenvolvimento humano e a maneira como tem sido encarada e trabalhada nas escolas"**; interação professor - aluno, visando ao **"contato com os determinantes escolares das dificuldades da aprendizagem e de ajustamento escolar, indo além dos tradicionalmente situados no aluno"** e, concluindo a obra, a unidade final abria espaço para repensar o papel do psicólogo escolar, **"sem o que o psicólogo escolar estará impossibilitado de moldar gradual e reflexivamente uma práxis inovadora"** (p.2-3).

Dois anos depois, Patto publica o livro que pode ser considerado como um marco importante na área. A obra "Psicologia e Ideologia- uma introdução crítica à Psicologia Escolar" situa, nas palavras de Bosi(1984) que apresenta a obra, **"a psicologia entre fogos cruzados"** considerando as proposições teóricas discutidas por Patto, corajosas e de grande interesse para a área e concluí afirmando: **"há uma pedagogia do oprimido, de Paulo Freire; há uma psicoterapia do explorado, de Alfredo Moffat. Por que só a Psicologia Escolar se manteria ausente e silenciosa? Maria Helena fez ouvir o seu não."**

Este livro é o resultado de um estudo efetuado por Patto(1984) sobre a Psicologia Escolar, no município de São Paulo, buscando conhecer as determinações políticas, sociais e econômicas que vinham determinando a demanda pelos serviços da psicólogo escolar. O trabalho se desenvolveu através do estudo das produções disponíveis na área e do discurso produzido

por profissionais de Psicologia Escolar atuantes nas escolas primárias da rede estadual de ensino, na cidade de São Paulo. Focalizar a Psicologia Escolar como objeto de estudo, para a autora, é "**um primeiro passo para instaurar em seu âmbito um exercício de crítica que permite identificá-la como psicologia instrumental, dimensão da consciência, necessária da sociedade, e transformá-la numa psicologia crítica, dimensão da consciência possível desta sociedade**" (p.15).

A obra inicia-se através da análise das relações Educação e Sociedade, utilizando-se do referencial teórico de Althusser, demonstrando a utilização da escola enquanto um aparelho ideológico do Estado. Introduz, logo após, o percurso histórico no Brasil, que interligou Educação e Psicologia nos diferentes movimentos históricos, desde a época do Império até a década de oitenta.

Patto(1984) passa então a descrever e analisar a constituição da Psicologia Científica, fazendo um recorte sobre Ciência e Ideologia, para demarcar o saber científico do saber ideologicamente construído, ou da existência de uma pseudo-ciência. Aponta, em seguida, para o exemplo da Psicologia Escolar no Brasil, discutindo as questões ideológicas que estavam permeando as teorias psicológicas e as ações delas derivadas. Tendo como base essas análises, a autora passa a discutir, nos capítulos seguintes, questões teóricas e práticas da Psicologia em relação às classes subalternas, indagando em um dos subitens: "**A psicologia da carência cultural: psicologia da pobreza ou pobreza da psicologia?**"(p.113).

Nos resultados obtidos pela pesquisas, a autora aponta para o fato de que a formação acadêmica e profissional do psicólogo coloca-o, na maioria das vezes, "**como participante de uma classe social intermediária(...) o psicólogo se vê dividido entre a adesão e a transformação e freqüentemente acredita - o que é mais grave - transformadora uma prática adesiva**" (p.187). Na concepção de Patto(1984), a transformação surge necessariamente do processo de mudanças de "grupo sujeito" para

"grupo sujeito", ou seja, o psicólogo precisa tomar consciência da sua própria exclusão, percebendo que o sistema acaba determinando a ele o papel de **"concessionário involuntário da violência, com o poder técnico para conduzir os excluídos da escola(...) a instalarem-se sem atritos em sua condição de exclusão"** (p.205). Somente tendo clareza destas questões poderá ser possível a construção de uma nova forma de atuação, na perspectiva de uma Psicologia crítica, que promoverá o fortalecimento da sociedade civil para o confronto com a sociedade política e arbitrária.

O último trabalho publicado por Patto(1990), intitulado "A produção do fracasso escolar - histórias de submissão e rebeldia", representa mais uma valiosa contribuição que a autora, através da pesquisa realizada, expõe aos psicólogos que atuam na Educação. Recuperando toda a construção histórica e social do fenômeno do fracasso escolar, numa análise macro sociológica, ela resgata a dimensão psicológica e individual das crianças repetentes, procurando respostas para as seguintes perguntas: **"quem são essas crianças? Como vivem na escola e fora dela? Como vivem a escola e como participam do processo que resulta na impossibilidade de escolarizar-se?"**(p.4). Para essa busca Patto(1990) utilizou o referencial teórico de Agnes Heller sobre a *vida cotidiana*.

Em sua análise teórica, demonstra que o fenômeno do fracasso escolar foi construído e sedimentado, na medida em que também sedimentava-se a hegemonia da classe dominante, na perspectiva da Ideologia Liberal. No Brasil, a influência da Medicina na constituição da Psicologia Educacional contribuiu decisivamente para que o fenômeno do fracasso escolar, já cercado de esteriótipos e preconceitos sociais, se revestisse de conotações patológicas. A Psicologia científica e a Pedagogia, baseadas nesses pressupostos, passaram a responsabilizar-se pela promoção dos mais capazes, excluindo aqueles considerados problemáticos.

As concepções teóricas de Agnes Heller buscaram ultrapassar o pensamento marxista, incluindo a categoria da subjetividade (da pessoa, do sujeito), colocando-o no centro do processo histórico, que é visto por ela como a busca da humanização do homem. Esse indivíduo por ela focalizado é o *indivíduo da vida cotidiana*. Patto(1990) define essa conceituação ao apontar que "**a vida cotidiana é a vida de todo homem, pois não há quem esteja fora dela, e do homem todo, na medida em que , nela , são postos em funcionamento todos os sentidos, suas capacidades intelectuais, manipulativas, seus sentimentos e paixões, suas idéias e ideologias. Em outras palavras, é a vida cotidiana do indivíduo, e o indivíduo é sempre ser particular e ser genérico.**"(p.133).

O desenvolvimento da pesquisa foi feito através de um longo acompanhamento pela autora, junto a uma escola da periferia, aonde foram coletados dados de diversas naturezas. As conclusões do estudo foram sintetizadas em quatro teses: a necessidade de rever as teorias do déficit e das diferenças individuais como base para explicações do fracasso escolar; o próprio sistema como o gerador do fracasso escolar; o discurso científico acaba naturalizando as causas do fracasso escolar, assim como todos que nele estão envolvidos; os mecanismos de neutralização dos conflitos têm contribuído , na escola, para a disseminação de compromisso humano genérico e sem finalidades claramente apontadas.

Como é possível verificar, a contribuição que Patto vem dando, ao longo dos últimos quinze anos, é de fundamental importância para a compreensão da complexidade e das armadilhas ideológicas que cercam a Psicologia Escolar e seus profissionais. Outros autores já citados também engrossam essas contribuições, mas o legado de pesquisas e reflexões dados pela referida autora merece o destaque, tendo em vista o objetivo deste trabalho, pois considera-se que o momento agora é de ultrapassar as críticas já amplamente descritas e buscar a transformação que ainda está por se construir.

Inserindo esta discussão no panorama internacional, Oakland e Sternberg(1993) fizeram uma descrição sobre a Psicologia Escolar, baseando suas discussões nos resultados da pesquisa desenvolvida em 1992 em mais de 52 dois países. Algumas questões interessantes foram apontadas, como a dos serviços desenvolvidos pela Psicologia Escolar, que são diversificados, dependendo das necessidades e características de cada país, (por exemplo, na Nova Zelândia, Israel, Irlanda, Dinamarca e Inglaterra); esses serviços são geralmente de consultoria à comunidade , atendendo tanto às escolas como também às comunidades nelas inseridas. Em outros países, como a Alemanha e Gana, os serviços ficam restritos à Educação com o atendimento direto às escolas.

A questão que chama a atenção é o fato de ter sido observada, pelos pesquisadores , a falta de profissionalismo dentro da área de Psicologia Escolar, na maioria dos países, como consequência da ausência de pesquisas e avaliações constantes dos trabalhos desenvolvidos. Oakland e Sternberg(1993) concluem que "***o prestígio profissional dos psicólogos escolares é pequeno. Os que trabalham na área, com freqüência, recebem reconhecimento pelos seus serviços, são limitados de oferecer um maior número de serviços, recebem salários baixos e ouvem que seus serviços são dispensáveis***"(p.25).

Nos países de língua espanhola e portuguesa, esses dados confirmam-se, por exemplo, nos trabalhos de Simões(1993), apontando que "***a inexistência em Angola, de um estatuto do psicólogo e de uma estrutura associativa que os possa congrega, tem levado a uma certa ambigüidade e instabilidade profissional dos tão poucos quadros, cujo perfil, é o de serem professores de psicologia***"(p.38). Arbués e Lois(1993) demonstram a preocupação com o futuro da Psicologia Escolar; para eles "***a Psicologia Escolar se encuentra en Españã en un trace delicado, lleno de encrucijadas(...) las perspectivas están llenas de promesas y de incertidumbres***"(p.89).

Donald(1997), citando o seu trabalho na Africa do Sul, país que sofreu, num passado recente, profundas mudanças políticas que culminaram na organização de uma nova ordem social, descreve a necessidade do psicólogo escolar ser capaz também de redefinir o seu papel frente a este novo contexto. Para o autor, os trabalhos desenvolvidos pelos psicólogos na educação, que privilegiam o modelo teórico positivista das patologias individuais, deve ser superado. Considera fundamental que novas orientações sobre o desenvolvimento da saúde sejam construídos levando-se em conta, especialmente na educação, o contexto social em que os fatos acontecem. Para isso apontam os estudos etnográficos e ecológicos de orientação construtivista, como circunstâncias propiciadoras para a construção de novos modelos de promoção de saúde na educação, superando, dessa forma, o aspecto eminentemente curativo nas ações do psicólogo escolar.

No Brasil, a perspectiva não se mostra diferente; basta verificar as últimas publicações de artigos de pesquisa e de anais de congressos, para observar que esses questionamentos mostram-se na ordem do dia, ou seja, a necessidade de novas práticas profissionais por parte do psicólogo escolar. O trabalho de Witter e outros(1992) pode ser considerado o mais atual e abrangente sobre essas questões. Esse grupo de pesquisadores analisou, através dos textos publicados no período de 1980 a 1992 (periódicos, anais, dissertações e teses), a atuação do psicólogo escolar - onde atua , o que faz e quem atende - Nas conclusões os autores destacam os cuidados com as inferências levantadas a partir dos dados, pois os mesmos podem não ter conseguido abranger todas as ações dos psicólogos no país.

No entanto, por considerar importante e esclarecedor o que foi observado e analisado, levando-se em conta as restrições colocadas, julga-se importante transcrever na íntegra as conclusões da pesquisa. Para Witter e outros(1992), (...) **"1. a psicologia escolar e educacional, enquanto campo de atuação profissional, ainda está buscando uma definição legal; 2. a produção científica na área é limitada, face aos parâmetros internacionais, predominantemente feminina e de autor individual; 3. há**

correlação entre a hierarquização dos tipos de trabalhos produzidos por homens e mulheres; 4. predominam os trabalhos apresentados em anais, havendo uma grande defasagem na publicação posterior; 5. privilegiou-se a produção de textos sobre a prática em detrimento da formação, havendo correlação entre anais e teses quanto ao tipo de trabalhos; 6. comparativamente poucos trabalhos ou textos investigaram a relação formação-atuação; 7. há carência de pesquisas; 8. o psicólogo escolar vem atuando predominantemente na escola, mas outros locais de atuação começam a se fazer presentes; 9. sua atividade tem sido predominantemente clínica, embora outras também estejam se fazendo notar; 10. embora sejam os alunos o alvo principal de sua atuação, a assessoria e o trabalho em equipe alcançam níveis apreciáveis"(p.44-45).

Outro estudo esclarecedor é o de Maluf(1994), que discutiu a formação e atuação do psicólogo na Educação, através de entrevistas feitas com profissionais da área. Em suas conclusões, a autora demonstrou que as práticas da Psicologia na Educação continuam embasadas num referencial teórico não crítico, com predominância do modelo clínico e psicométrico. No entanto, algumas transformações já são visíveis, através de publicações que criticam o modelo que aí está, propondo novas formas de atuação, citadas pela autora. "**Estão surgindo novas formas de atuação em que o psicólogo ajuda a escola e os docentes a melhor atingirem seus objetivos, na medida em que lhes oferece um conhecimento psicológico útil, que leva em conta a heterogeneidade das significações culturais"**(p.194).

É possível verificar, através das pesquisas desenvolvidas, que houve poucas mudanças na atuação do psicólogo, ao longo dos 30 anos de existência desse profissional no Brasil. O psicólogo escolar continua, em sua maioria, tendo uma visão clínica do fenômeno educacional, associada às questões de patologias detectadas em diagnósticos com auxílio da psicometria.

O fato que se considera relevante apontar é que os dois estudos expõem tanto a *crise de identidade* do psicólogo que atua na Educação como as tímidas tentativas de *transformação*. Este aspecto interessa particularmente ao objetivo do presente trabalho pois, na última década, a Psicologia aplicada à Educação foi alvo de severas críticas, tanto no que se refere aos seus aspectos teóricos quanto práticos (Libanêo, 1984; Ferreira,1986; Franco, 1989; Moreira,1992). A expectativa é que se tenha iniciado o período de busca das novas perspectivas; não desprezando as críticas, posto que elas são fundamentais, acredita-se que elas já realizaram o seu objetivo; agora torna-se necessário voltar o olhar para a busca das possíveis transformações.

O profissional de Psicologia que deseja trabalhar na Educação necessita , portanto, de uma nova postura que substitua a visão estritamente psicológica do fenômeno educativo por uma visão interdisciplinar do processo educacional. É neste ponto que surge a perspectiva de um trabalho com diferentes interlocutores comprometidos com mudanças, pois será através dessas ações que o psicólogo irá construir uma atuação mais transformadora e menos adaptacionista, dentro de uma visão de saúde enquanto direito de acesso aos bens culturais, entre eles o da Educação.

O ponto fundamental para avançar nas discussões, hoje apresentadas sobre a temática do psicólogo atuante na Educação, passa necessariamente pela superação da visão maniqueísta da questão: de um lado, os que acreditam e defendem a presença do psicólogo na Educação como aquele que pode dar conta dos problemas existentes no processo educacional, (por exemplo o trabalho de Cunha(1994), que defende uma ação terapêutica na escola junto aos professores, alunos e pais, como forma de resolver os problemas de aprendizagem); por outro lado, os críticos que acreditam que a atuação do psicólogo é a causa, por si só, do fracasso da Educação Brasileira, como é o caso do trabalho ingênuo de Correa(1995), que associa diretamente fracasso escolar com atuação do psicólogo na escola.

Entende-se que o avanço está numa atuação embasada em novos paradigmas teóricos - objeto de estudo da Psicologia - que possibilitem a construção de um profissional aberto às mudanças - objeto de intervenção dos psicólogos - engajado em trabalhos que envolvam equipes interdisciplinares. Botomé(1988), em suas discussões sobre a profissão como área de estudo, diferencia o *objeto de estudo da Psicologia* em relação ao *objeto de intervenção dos psicólogos*, apontando que o primeiro possibilita fazer recortes da realidade para buscar os 'aspectos psicológicos' da questão; o segundo configura-se em uma situação de realidade multideterminada, exigindo uma intervenção do psicólogo que ultrapassa os aspectos essencialmente 'psicológicos', o que torna necessário que o profissional tenha competência para buscar conhecimentos de outras áreas que possam auxiliar o seu trabalho.

Segundo o autor, isto não significa ***despsicologizar o objeto de trabalho dos psicólogos*** " mas fazer com que o profissional de Psicologia aprenda a identificar outros aspectos determinantes de um fenômeno, além dos 'psicológicos'. ***"Mais do que descaracterizar, é ampliar as possibilidades de atuação do psicólogo em relação ao seu objeto de trabalho, utilizando , para isso, o conhecimento de múltiplas áreas para derivar, dele e do que se conhece em Psicologia, as habilidades (competências e capacitações) que deve apresentar um profissional desse campo de atuação"*** (p.279).

Dentro desta perspectiva, o que define, portanto, a presença do psicólogo na Educação é a clareza que ele deve ter sobre as possibilidades e limites da Psicologia aplicada à Educação, entendendo que a Ciência Psicológica tem conceituações teóricas construídas no seu interior que podem representar contribuições importantes ao processo educacional; por outro lado, deve-se compreender também a necessidade de aprofundar o seu conhecimento sobre a rede de multideterminações do fenômeno educacional.

Será esta visão integrada que permitirá ao psicólogo, um profissional de saúde, ter uma atuação coerente na Educação no desenvolvimento de um projeto de **socialização do saber**. Para tanto, é fundamental compreender que a conceituação da 'socialização do saber' assenta-se sobre dois pilares básicos: um, dentro da perspectiva apontada por Gramsci, na sua discussão sobre o papel desempenhados pelos intelectuais na organização da cultura; o outro, enfocando a promoção da saúde, no sentido de conquista de um estado de direito inalienável de uma comunidade, destacando-se o direito à Educação.

A socialização do saber traduz-se, então, pelas interfaces de uma mesma realidade: por um lado, pela intervenção do profissional de Psicologia na função de intelectual, com o objetivo de promover, junto com outros profissionais, o desenvolvimento de novos intelectuais através do processo educativo; e por outro, viabilizar a promoção da saúde, através da interlocução entre profissionais e comunidade, traduzidas em ações que fortaleçam o acesso à Educação e que se transformem em conquistas da sua própria cidadania.

Na medida em que o profissional de Psicologia passe a se ver como um profissional de saúde, que trabalha com outros interlocutores interessados e com projetos para a Educação, não faz mais sentido centrar a discussão, muitas vezes revestida de fortes conotações corporativas, sobre quem pode e deve trabalhar no campo educacional. A questão fundamental passa a ser : *é possível um projeto construído coletivamente por diferentes profissionais envolvidos com a Educação, apontando para transformações que possibilitem a construção da cidadania da população, através do processo educacional?*

Voltando à questão inicial, propõe-se o psicólogo como um profissional de saúde, segundo uma visão mais ampla desse conceito, atuando na Educação. Como se configura concretamente essa atuação? Qual ou quais as perspectivas teóricas que estão dando suporte para o

surgimento dessas 'novas ações' ? Para poder responder essas questões, algumas discussões já estão sendo feitas, como as de Bock(1992), que cita a importância da atuação multiprofissional; Neves(1992), que discute a necessidade da organização de um projeto articulando teoria e prática, e Leite(1995), ao descrever sobre atuação do psicólogo e as instituições escolares, enfatizando o papel do psicólogo como um profissional de saúde que deve ter como meta, dentro dessa perspectiva, o cumprimento da função social da escola, que é o acesso ao saber. Ao psicólogo caberia, então, engajar-se junto com os profissionais da Educação, na busca da concretização desse objetivo.

Nesse sentido, há um crescente movimento internacional, com a participação no Brasil, da Associação Brasileira de Psicologia Escolar Educacional – ABRAPEE -, com o objetivo de construir parâmetros que possam nortear ou mesmo promover discussões sobre a formação e atuação do psicólogo que trabalha no âmbito educacional. Um exemplo disso é o recente trabalho desenvolvido por Cunningham e Oakland(1998) para a International School Psychology Association - ISPA -, descrevendo diretrizes comuns para a formação do psicólogo escolar baseada em outro estudo realizado pelos mesmos autores² em mais de 60 países. Foram apontados 6 diretrizes básicas aprovadas na Assembléia Geral da ISPA, em seu encontro anual ocorrido em 1996. São elas:

1. Aquisição do núcleo básico do conhecimento psicológico.
2. Desenvolvimento profissional visando promover capacidade de tomada de decisões por parte do profissional.
3. Aquisição do conhecimento científico e desenvolvimento de habilidades para realização de pesquisas.
4. Desenvolvimento de habilidades para uma atuação interpessoal.
5. Conhecimento ético como base fundamental para o trabalho profissional.

² Ver os seguintes trabalhos:

a) Oakland, T. & Cunningham, J. L. "A Survey os School Psychology in Developed and Developing Countries". **School Psychology International**, London, SAGE Publications, 13: 99-130, 1994.

b)Oakland, T. & Cunningham, J. L. "International School Psychology Association - Definition of School Psychology". **School Psychology International**, London, SAGE Publications, 18:195-200, 1997.

6. Estabelecimento de valores profissionais construídos através do desenvolvimento de uma postura ética.

A trajetória aqui descrita mostra a busca, por parte dos psicólogos que atuam na Educação, tanto no plano nacional como no internacional, de um outro modelo profissional diferente do que está aí hoje. E para sair deste impasse, tornam-se cada vez mais urgentes estudos que possam abrir espaços de análises entre questões teóricas e as práticas delas decorrentes, buscando superar o momento atual. Tal superação parece passar pela identificação do profissional dentro da perspectiva mais ampla de promoção da saúde. Na Educação, essa atuação reveste-se do sentido de promover a socialização do saber psicológico, dentro de uma visão não mais adaptacionista mas, sim, transformadora.

MÉTODO

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.

Vygotsky(1984), ao abordar os problemas do método dentro de uma visão materialista dialética, nos estudos sobre *análise da história humana*, definiu três princípios básicos que devem privilegiar tal análise: a) buscar compreender as mudanças que ocorrem ao longo dos processos, revelando as relações que os produziram; b) buscar as explicações que possam apreender as relações dinâmica-causais entre os fenômenos; c) ultrapassar a

mera descrição do *comportamento fossilizado*, buscando através das análises da *história do comportamento* compreender a sua origem.

O autor considera fundamental a utilização de uma perspectiva histórica na investigação dos fenômenos psicológicos, por entender que esta perspectiva possibilita estudar e compreender o comportamento, desde as suas origens mais rudimentares às funções psicológicas superiores. Em síntese, para Vygotsky(1984), é necessário focar não o *produto* mas o *sim processo* de como o desenvolvimento ocorreu, para poder chegar à origem dos processos psicológicos. Portanto, o método torna-se parte fundamental para obtenção dos dados que irão compor uma determinada experiência humana e suas relações, mediadas pelas condições concretas da sua existência.

A abordagem qualitativa aparece, dentro dessa perspectiva teórica, como a que pode propiciar uma melhor aproximação do objeto deste estudo, nesta fase de investigação empírica. Este momento de investigação empírica envolve uma ação reflexiva e ativa , tanto por parte do investigador como do objeto a ser investigado, objeto este, que neste estudo, configura-se como *sujeitos em processo*.

1.1. Sobre a abordagem qualitativa.

Rey(1997), ao discutir sobre a concepção qualitativa, que deve orientar a investigação na Psicologia, faz a seguinte observação: "***el proceso de investigación*** [numa abordagem qualitativa] ***implica de forma activa e reflexiva al investigador y al sujeto estudiado, quien frecuentemente logra nuevos niveles de reflexión y construcción de su experienica en el curso de la investigación***"(p.8). Portanto, nesta perspectiva, os sujeitos tornam-se parte fundamental dentro do processo de investigação, pois será através das suas reflexões e decisões que novos contornos na investigação

poderão ser necessários, mantendo, dessa forma, uma participação ativa neste momento de construção empírica.

Hebert e outros(1990), nas suas observações sobre a investigação qualitativa, aponta como questão importante o paradigma interpretativo(compreensivo) para realizar investigação do que ele chama de "mundo humano". Escreve o autor: **"No âmbito do paradigma interpretativo, o objecto geral da investigação é o mundo humano enquanto criador de sentido: deste modo a investigação qualitativa interpretativa tem como objectivo a compreensão dos significados ou da interpretação dada pelos próprios sujeitos inquiridos, com frequência implicitamente, aos acontecimentos que lhes dizem respeito e aos comportamentos que manifestam (que são definidos em termos de acções)"** (p.175).

A metodologia da presente pesquisa enquadra-se numa abordagem qualitativa, onde o pesquisador obtém os dados através do contato direto com a situação a ser estudada, enfatizando o *processo* enquanto fator determinante do *produto* obtido.

Para Lüdke e André(1986), **"A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento.(...) A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto.(...) O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador.(...) A análise de dados tende a seguir um processo indutivo"**(p.11-12-13).

O desafio metodológico da pesquisa qualitativa está na busca do rigor científico, evitando tanto o cientificismo positivista, quanto a visão de que conhecimento científico e popular fundem-se num só. Para Thiollent(1986), é necessário superar os conflitos, tendo em vista que os partidários da pesquisa qualitativa não devem abrir mão da racionalidade e das exigências científicas, buscando o aprimoramento metodológico dessa abordagem.

Segundo o mesmo autor, as formas de raciocínio utilizadas na pesquisa qualitativa, utilizadas para comparar, analisar, argumentar um fato, são diferentes do raciocínio da pesquisa convencional. Esta última utiliza as regras do raciocínio lógico-formal clássico através das formulações binárias verdade/falsidade, sendo excluídas ou ignoradas das análises as que não se enquadram em algumas delas. Este tipo de pesquisa parece não mais adequar-se a pesquisas que constroem o conhecimento científico através de situações comunicativas e interativas. Nessas abordagens o raciocínio deve ser mais flexível, não excluindo formulações hipotéticas, inferenciais e verificações comprobatórias, acrescentando conteúdos discursivos e argumentativos a serem analisados.

No presente trabalho, cuja a abordagem foi predominantemente qualitativa, a opção em focalizar, como objeto da investigação, a atuação de profissionais de Psicologia na Educação, teve por objetivo descrever e analisar atuação do Psicólogo, que se identifica como um profissional de saúde, na Educação, bem como identificar as características da sua formação para tal. O dado básico para atingir o objetivo proposto foi obtido através do relato verbal dos participantes, utilizando-se o procedimento das *entrevistas recorrentes*.

1.2. Sobre a entrevista recorrente.

A entrevista é um dos procedimentos que mais auxiliam na coleta de dados das investigações qualitativas. Aliada à observação, a entrevista acrescenta o fator da interatividade entre pesquisador e pesquisado, principalmente naquela em que se utilizam questões abertas, onde o entrevistado pode discorrer sobre o tema solicitado. Michelant(1982) considera que esse tipo de entrevista é ***"essencial todas as vezes em que se procura apreender e prestar contas dos sistemas de valores,***

***normas, de representações, de símbolos próprios à uma cultura ou subcultura"*(p.192).**

A habilidade e competência do pesquisador são consideradas, por Thiollent(1982), como questões primordiais para o aproveitamento total da entrevista. Para o autor, um fator importante é o que ele chama de *atenção flutuante por parte do pesquisador*, pois será essa atenção que o permitirá estar atento a toda gama de informações que estarão envolvidas ao longo da relação interativa. Essas informações ultrapassam os relatos verbais, indo também para os gestos, entonações, sinais não-verbais, hesitações, que acabam por contornar a informação dada. Mas como não cair no perigo de inferências infundadas? ou ainda interpretações errôneas por parte do pesquisador? Nesse aspecto aparecem as contribuições de estudos como os de Bori e colaboradores(1978), Tunes(1981), Goyos(1986), Simão(1989), Zanelli(1992), Guanais(1995) e Larocca(1996) que foram aprimorando, através de variações, um procedimento de entrevista denominado *entrevistas recorrentes*. Este tipo de procedimento é o que será utilizado para a coleta de dados, no presente estudo.

A contribuição fundamental dada pelo desenvolvimento das entrevistas recorrentes foi o aperfeiçoamento da interação pesquisador-pesquisado. Nesta perspectiva, a interação torna-se o núcleo central para a construção do conhecimento , na medida em que o sujeito participante passa a ter uma atuação maior na relação entrevistador-entrevistado, pois será ele quem irá fornecer ao pesquisador a confirmação e/ou modificações das interpretações que o mesmo fez dos relatos verbais transformados em relatos escritos. Para tanto, o pesquisador irá realizar constantes consultas ao sujeito entrevistado , com o objetivo de esclarecer continuamente as dúvidas e inferências feitas sobre a análise inicial dos dados coletados, até concluírem que a questão está totalmente esclarecida.

Neste procedimento, o pesquisador e pesquisado desenvolvem, ao longo do procedimento, o aperfeiçoamento da comunicação, possibilitando a obtenção do conhecimento de um determinado tema. Para Simão(1989), **"ao**

longo do tempo, sob as condições da própria interação, as informações sobre o tema vão se modificando, se transformando, e é a esse processo que estou chamando de construção de conhecimento"(p.196). A cada instante da interação abrem-se possibilidades de mudanças e aperfeiçoamentos das interpretações geradas ativamente no processo das entrevistas recorrentes. Portanto o conhecimento, neste procedimento, é gerado pela contínua cooperação mútua entre pesquisador e pesquisado, configurando-se assim uma interação dialética entre conhecimento e ação.

Uma questão central que irá permear as entrevistas recorrentes é a linguagem. Zanelli(1992) aponta a linguagem como um elemento fundamental presente em todo processo de interação entre pesquisador-pesquisado. ***"A linguagem constitui-se em meio complexo e que marca singularmente as ações humanas. Permite a vinculação subjetiva do raciocínio ao mundo exterior ao ser"***(p.59).

A linguagem, expressa nos conteúdos verbais presentes nas entrevistas, permitirá o acesso aos eventos privados, através de um cuidadoso exame dos seus significados. Para Engelmann(1983), o significado é ***"aquilo que se encontra atrás da fala em seu nível de organização mais molar"***(p.1452). É o nível semântico que projeta o nível psicológico do indivíduo, ou o que está acontecendo dentro dele.

No procedimento proposto, os relatos verbais dos participantes deverão apontar situações por eles vivenciadas e as interpretações que os mesmos fazem dessas situações. Simão(1989) aponta para o fato de que essas interpretações caracterizam-se pelas relações que o sujeito vai estabelecendo entre as suas ações e as dos outros. ***"É o produto de reflexões que envolvem alguma espécie de abstração, classificação e estabelecimento de relações entre eventos"***(p.120).

A tarefa do pesquisador, portanto, será a de apreender o significado do que foi relatado no diálogo interativo. Essa apreensão é enriquecida , nas

entrevistas recorrentes, pela possibilidade que o pesquisador possui de conferir o significado atribuído ao relato verbal, com o próprio sujeito que o emitiu. Para tanto, o pesquisador transformará o relato verbal em dados através da linguagem escrita, inferindo as suas interpretações nessa transcrição. Para Zanelli(1992) **"a transcrição transforma o relato verbal, produto de ação do falar, em linguagem escrita e permite, nesta forma, que sejam feitas operações no relato"**; a transcrição nesta perspectiva se **"constitui uma versão do relato verbal oral do sujeito que inclui elementos do universo do transcritor"**(p.65).

As ações interativas entre pesquisador e pesquisado, com o objetivo de checar as inferências feitas, só estarão concluídas quando ambos considerarem que a temática em questão foi adequadamente analisada e esgotada. A partir da conclusão dessa fase, é iniciada a análise final do material obtido nas entrevistas, realizada apenas pelo pesquisador, a fim de estabelecer as matrizes temáticas dos conteúdos dos relatos, com vistas à classificação e interpretação conclusiva dos dados. Portanto, esse procedimento pressupõe duas fases que envolvem a análise: a primeira, através das entrevistas recorrentes checando-se as inferências feitas sobre os relatos verbais, com a participação ativa dos sujeitos; a segunda, realizada somente pelo pesquisador, utiliza-se da análise dos dados de cada sujeito, a fim de organizar as matrizes temáticas, que irão dar sustentação às conclusões encontradas no presente trabalho.

Os estudos citados utilizaram as entrevistas recorrentes adotando diferentes procedimentos na primeira fase. Essa diferença possibilitaram um aperfeiçoamento na interação entre entrevistado-entrevistador, demonstrando, dessa forma, que este tem sido um procedimento de grande potencial dentro das abordagens qualitativas, especialmente nos estudos de eventos privados, cujo acesso é basicamente através dos relatos verbais. As entrevistas recorrentes tem aberto caminhos nessa direção.

2. SUJEITOS.

2.1. Critério para a escolha dos sujeitos participantes

A amostra do grupo que participou desta pesquisa é a classificada, segundo Thiollent(1986), como *amostra intencional*. A intencionalidade permite que os sujeitos escolhidos atendam aos objetivos propostos no estudo, no caso, profissionais de Psicologia que já começaram a esboçar novas formas do *fazer profissional*, traduzidas aqui por ações desenvolvidas em atividades profissionais e também em cursos de Formação.

A presente investigação pretendeu, desse modo, obter um quadro do momento das discussões e ações, propiciadas por profissionais de Psicologia que buscam delinear, tanto a nível teórico quanto de exercício profissional, o trabalho do psicólogo na Educação, na perspectiva da Saúde. Neste Estudo estabeleceu-se como critério para a escolha dos sujeitos, profissionais que estivessem atuando no mercado de trabalho, na área da Psicologia aplicada à Educação, incluindo a docência, dentro da perspectiva da Saúde. Ou seja, baseou-se na concepção teórica que tais profissionais tinham sobre as conceituações de Saúde. É fundamental, portanto, relembrar a concepção teórica deste conceito, adotado neste estudo.

A perspectiva teórica enfocada neste trabalho é a da concepção sistêmica ou ecológica de Saúde. Esta conceituação contempla uma interligação entre a saúde e o ecossistema do homem em diferentes momentos históricos, ocasionando diferentes representações da saúde/doença em determinadas épocas e sociedades.

A circunstância atual tem demonstrado a preocupação de alguns profissionais de Psicologia com estas questões, através da seguinte indagação: como ser um profissional de saúde dentro de uma visão sistêmica de saúde? Neste trabalho, assumiu-se um questionamento mais específico: como ser um profissional de Psicologia na Educação, inserido na proposta de promoção de saúde?

A escolha dos sujeitos foi, portanto, guiada por essas proposições teóricas, obtidas no primeiro contato, através de uma entrevista inicial, na qual o pesquisador preencheu um questionário com dados sobre os profissionais indicados. Essa entrevista semi-dirigida inicial foi feita através de um **roteiro de caracterização**³ com questões que identificassem tanto a trajetória profissional, como também o trabalho do psicólogo na Educação hoje e, principalmente, as conceituações teóricas sobre Saúde, que apontassem para uma superação do modelo restrito de saúde enquanto ausência de doença.

O foco de atenção, para a escolha dos sujeitos foi inicialmente o curso de graduação em Psicologia da PUC de São Paulo. O interesse inicial por esse curso deveu-se à reforma curricular implantada no ano de 1988, que buscou construir um perfil do psicólogo como um profissional de saúde. Dois professores da PUC aceitaram ser sujeitos da pesquisa e foram eles que indicaram outros psicólogos que, segundo eles, poderiam enquadrar-se na amostra do presente trabalho.

Após tais indicações os profissionais citados foram contactados e todos demonstraram interesse participar da pesquisa. O grupo dos seis primeiros profissionais apontados compunha-se pelos profissionais da PUC e os indicados por eles. Outras três indicações surgiram durante as entrevistas apontados pelos próprios sujeitos, e outras 4 indicações foram buscadas junto à Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional - ABRAPEE; dessas sete últimas indicações, somente quatro foram aproveitadas por atenderem os critérios de seleção da amostra já apontados. No final da seleção contou-se com um amostra de 10 sujeitos.

A seguir será apresentada uma síntese sobre o perfil dos sujeitos participantes desta pesquisa.

³ O **roteiro de caracterização** encontra-se no **Anexo I**.

2.2. Caracterização dos sujeitos

Sujeito 1

Caracterização Profissional -

Formada em Psicologia em 1975, ao longo dos vinte e um anos de atuação profissional; trabalhou em docência nos cursos de Psicologia, em diferentes faculdades e universidades. Atua também em escritório de consultoria, junto com outros profissionais da Educação em projetos de Orientação Vocacional. Na época, estava na fase final do seu curso de doutorado em Psicologia Social na PUC de São Paulo.

Concepção sobre Saúde -

É um processo de construção. Considera que os aspectos mais importantes estão diretamente relacionada às condições de enfrentamento das dificuldades quotidianas e as condições criadas para esse enfrentamento, que é entendida como a compreensão dos determinantes aos quais o indivíduo está sujeito. Isso se dá quando ele conhece e compreende sua realidade. Tal conceito de saúde se opõe à alienação. Quanto mais o sujeito conhece sobre sua vida, inserida num contexto social e refletida na sua vida individual, mais ele terá instrumentos para o enfrentamento cotidiano.

Atuação do psicólogo, hoje, na Educação -

Considera que a atuação do psicólogo na Educação é ruim, está presa a uma concepção do indivíduo descolado da sua realidade social. Entende que a realidade educacional está destruída e o profissional de Psicologia entra com essa perspectiva e só piora a situação. A construção de uma nova realidade passa necessariamente por uma perspectiva interdisciplinar que possa desenvolver um projeto político mais conseqüente para Educação.

Sujeito 2

Caracterização Profissional -

Formada em Psicologia no ano de 1975, estava concluindo o seu curso de doutorado em Psicologia Social na PUC de São Paulo. Ao longo desses vinte e um anos realizou vários trabalhos, iniciou a sua atuação como psicóloga em uma escola particular, desenvolveu também projetos na comunidade (grupos

de jovens e de gestantes na periferia de São Paulo) e passou depois a lecionar em cursos de Psicologia em diferentes faculdades. Atualmente é professora e supervisora de estágio em um curso de psicologia e desenvolve projetos de Orientação Vocacional em um escritório de consultoria que é dividido com outros profissionais da Educação.

Concepção sobre Saúde -

Considera que tanto a saúde como a de doença são construídas através das condições que o indivíduo vivencia. Entende que a saúde e a doença se constituem na relação com o outro, ou seja, *na relação com o outro eu posso me tornar mais saudável ou mais doente*. Dentro dessa visão, considera importante que a intervenção seja feita nas relações, onde o indivíduo possa, cada vez mais, conhecer a sua constituição histórica e social e, conhecendo tais determinantes, possa intervir mais concretamente nesses próprios determinantes, alterando-os ao seu favor, para o desenvolvimento da sua saúde nas relações com os outros.

Atuação do psicólogo na Educação -

Considera que a maioria dos psicólogos que trabalham na Educação apresentam, ainda hoje, as marcas de uma formação cujo modelo é o da patologia, o da busca em curar doenças. Tais práticas nas escolas têm sido desastrosas: o exemplo disso foi a retirada dos psicólogos da Secretaria da Educação do município de São Paulo. Considera que o psicólogo pode dar contribuições importantes para a Educação mas é necessário mudar e ampliar seu foco de atuação e, nesse sentido, entende que é fundamental o profissional incorporar uma nova visão de promoção de saúde na Educação.

Sujeito 3

Caracterização Profissional -

Formado em Psicologia na década de setenta, estava realizando o seu curso de Doutorado em Educação na área de Psicologia Educacional na UNICAMP. Iniciou sua vida profissional trabalhando como psicólogo numa escola particular, foi convidado depois para trabalhar na Secretaria de Educação de um município de porte médio do estado de São Paulo, para desenvolver o projeto de municipalização da pré-escola. Na época era supervisor de estágio em um curso de Psicologia numa Universidade pública de São Paulo.

Concepções sobre Saúde -

Entende que a saúde no sentido mais tradicional esteve e está ligada ao modelo médico de saúde/doença. Considera, que numa perspectiva mais ampliada, a visão de promoção de saúde abrange o conhecimento sobre políticas sociais, políticas públicas e das questões econômicas, porque esse todo social é que irá compor as circunstâncias de saúde da população. Entende que a questão da promoção de saúde não é algo ligado só à Psicologia mas às Ciências Sociais em geral.

Atuação do psicólogo na Educação -

A representação que a escola tem sobre a atuação do psicólogo ainda é ligada à velha concepção de que esse profissional é aquele que vai na instituição exclusivamente para resolver os ditos *problemas* que lá existem. Tal expectativa é reforçada, ainda, pela atuação do profissional na medida em que ele também se vê como um profissional da *cura*. Entende que é necessário alterar esse papel, tentando construir um profissional que promova saúde no seu sentido mais amplo. Para tanto é necessário que ele conheça a totalidade do contexto educacional para poder ter uma ação que supere o que está aí hoje.

Sujeito 4

Caracterização Profissional -

Formada em Psicologia em 1976, atuou durante um longo tempo na Secretaria de Educação do Município de São Paulo, no Setor Saúde do Escolar. Na época lecionava no curso de Psicologia em uma Universidade particular. Estava cursando o mestrado em Psicologia na Universidade São Marcos.

Concepção sobre Saúde -

Entende que a promoção de saúde envolve momentos de discussão entre as pessoas visando a uma busca de resolução dos problemas daquele grupo. Com isso a concepção de saúde avança para além de uma visão restrita à ausência ou presença de doenças, tendo como foco a melhoria das relações entre as pessoas, seja numa comunidade ou num espaço institucional. Desta forma a promoção de saúde efetiva-se através da integração das pessoas, no lugar de trabalho, moradia, etc. Esta integração pode também propiciar a

melhoria das relações entre as pessoas nos seus espaços de trabalho e na construção de projetos de vida baseados no efetivo conhecimento de determinada realidade.

Atuação do psicólogo na Educação -

O trabalho do psicólogo na área da Educação aumentou. Aponta principalmente os espaços disponíveis nas instituições e nas comunidades para o trabalho com as chamadas *situações de aprendizagem e/ou situações educacionais*. O trabalho na escola, na sua visão, continua em sua maioria, vinculado ao modelo médico. Considera que o psicólogo deve trabalhar dentro de uma visão institucional, buscando romper com a visão patológica, que quase sempre esta presente, na dinâmica das instituições.

Sujeito 5

Caracterização Profissional -

Formada em psicologia em 1977, realizou cursos de especialização em psicanálise e psicodrama e na época estava cursando o mestrado em Psicologia Escolar na USP. Atuou durante um tempo na Secretaria Municipal de São Paulo - Setor Saúde do Escolar , e como psicóloga em escola particular; era professora e supervisora de estágio em curso de Psicologia numa Universidade particular.

Concepção sobre Saúde -

Considera que a Saúde não é algo que possa ser definido essencialmente. O corpo e a mente funcionam de acordo com as diferentes forças que aí atuam. A Saúde é a constante busca do equilíbrio entre essas forças e o funcionamento harmonioso entre essas forças acontece quando é encontrado o *ponto médio*. Compreende que a saúde não é somente a ausência de doença mas é também espaço de reflexão e resolução de problemas. Através das reflexões tornam-se possíveis realizar processos de *auto-conhecimento* que possibilitam às pessoas reconhecer e utilizar os seus próprios recursos para resolução dos problemas enfrentados no cotidiano.

Atuação do psicólogo na Educação -

Entende que há uma certa confusão, às vezes, entre psicólogos e outros profissionais da Educação. Na sua opinião, todo esse conflito é relacionado à demanda em relação ao trabalho do psicólogo , que muitas vezes não é

papel do psicólogo. Entende que cabe ao profissional esclarecer o que ele pode dar, considerando que isso já é grande parte do trabalho. O psicólogo, na sua opinião, deve trabalhar com o desejo e a realidade, olhando e entendendo determinada situação para poder intervir. No caso específico da Educação, o profissional tem que compreender as especificidades deste contexto para melhor atender as suas demandas.

Sujeito 6

Caracterização Profissional -

Formada em psicologia no ano de 1991, está atualmente cursando o curso de mestrado em História na Puc de São Paulo. A sua atuação profissional é basicamente desenvolvida através da sua agência de consultoria, onde vem realizando diferentes projetos junto a órgãos públicos e privados cuja característica é de serem projetos educacionais voltados para a comunidade em geral.

Concepção sobre Saúde -

Na sua opinião, a Saúde, hoje, ainda está vinculada a uma concepção conservadora, onde é priorizado um trabalho descontextualizado de *prevenção e adaptação*. Considera que uma posição mais avançada é aquela que consegue compreender a noção de Saúde como algo produzido historicamente e, portanto, tal concepção dever ser entendida, a partir do contexto social que a produziu. O papel que o psicólogo pode desenvolver, nessa direção de promover saúde é, na sua opinião, essencialmente o resgate das relações humanas. Esse resgate acontece quando você cria contextos que possam promover essas relações e o fortalecimento delas. Tais ações tornam-se contextos propiciadores de melhorias de vida e de saúde.

Atuação do psicólogo na Educação -

Entende que essa foi uma área que cresceu muito, mas muito desarticulada, inserida numa visão tecnicista, pontual, sem discussão política. Cita como exemplo, na direção contrária, alguns trabalhos que são desenvolvidos pela ação da Psicologia na Educação, dentro de uma perspectiva mais politizada e que podem dar certo. Mas considera que, ainda hoje, tais trabalhos são reduzidos e isolados, não tendo a possibilidade de uma ampliação imediata,

que atenda um maior número de crianças. Considera que esse papel vem sendo construído ainda e deve ser fortalecido principalmente na formação.

Sujeito 7

Caracterização Profissional -

Formada em psicologia em 1979, está realizando atualmente o seu curso de mestrado em Psicologia Escolar na USP. Atuou na Secretaria de Educação do Município de São Paulo - Setor Saúde do Escolar, lecionou em cursos de Psicologia em Faculdades particulares e atualmente trabalha no Serviço de psicologia Escolar da USP; também atende em consultório particular e leciona em uma faculdade particular, no curso de Psicologia.

Concepção sobre Saúde -

Na sua opinião, a posição da Organização Mundial da Saúde sobre o conceito de Saúde é equivocada, pois é muito ampla e não diz nada concretamente. Considera que é necessário avançar para uma visão que vá além daquela da Saúde simplesmente curativa, ligada à patologia. É necessário construir uma perspectiva que consiga abarcar o ser humano integral, inserido no seu cotidiano. Considera que promover a saúde é exatamente trabalhar com esse cotidiano humano.

Atuação do psicólogo na Educação -

Considera que hoje ainda é necessário fazer a denúncia das práticas psicológicas tradicionais, dentro da escola. Tais práticas, na sua opinião, são patologizadoras das crianças que não se saem bem nas tarefas escolares. Entende que tais práticas devem ser alteradas e isso passa pela mudanças da representação que a escola tem do trabalho do psicólogo escolar, mas cabe fundamentalmente a ele, psicólogo, modificar tal situação.

Sujeito 8

Caracterização Profissional

Formada em Psicologia em 1988, realizou o seu mestrado em Psicologia Escolar na PUCCAMP e atualmente está cursando o doutorado em Educação na área de Psicologia Educacional na UNICAMP. Atuou durante muito tempo como psicóloga em escola particular, desenvolvendo também

trabalhos de pesquisa como colaboradora; é também supervisora de estágio no curso de Psicologia numa Universidade particular.

Concepção sobre Saúde -

A Saúde, em sua opinião, é essencialmente o bem-estar das pessoas. Entende que o estado de bem estar envolve divergências e equilíbrio, num constante movimento. Considera que é necessário aprender a lidar com essas divergências, desenvolvendo capacidades e habilidades para poder superá-las, tanto no aspecto individual como nas questões coletivas. Exemplifica citando que é necessário ao psicólogo compreender não só os problemas da escolas isoladamente, mas também da comunidade onde ela está inserida.

Atuação do psicólogo na Educação -

A Psicologia na Educação cresceu nos últimos anos; considera que a comunidade escolar já busca o trabalho do psicólogo. No entanto, os psicólogos apresentam ainda um trabalho incipiente, isolado, não existindo troca entre os próprios profissionais. Alguns trabalhos desenvolvem o básico, ou seja, sobre o que está mais sistematizado. Entende que é necessário avançar na produção de conhecimento que possa instrumentalizar o profissional a avançar também na sua atuação junto à Educação.

Sujeito 9

Caracterização Profissional -

Formada em Psicologia em 1978, está cursando , atualmente o mestrado em Psicologia Escolar na PUCCAMP. Ao longo dos seus dezoito anos de atuação profissional, desenvolveu vários trabalhos nas diferentes áreas da Psicologia , mas nos últimos anos começou a se dedicar nos trabalhos institucionais com meninos de rua. Atualmente desenvolve tal trabalho em uma instituição que atua com crianças e adolescentes de rua.

Concepção sobre Saúde -

Considera que a Saúde está associada ao bem estar e ao equilíbrio, onde a pessoa pode viver de uma maneira saudável. Na sua visão, a Saúde não está vinculada somente à ausência de doença e sim do bem estar geral e especialmente o psicológico. Dentro dessa perspectiva, entende que o

profissional de Psicologia tem uma contribuição importante, com o seu trabalho, para que as pessoas possam atingir este estado de Saúde.

Atuação do psicólogo na Educação -

O psicólogo é um profissional importante para a Educação, pela própria bagagem que ele tem. A Psicologia ajuda de forma direta no desenvolvimento da Pedagogia, como por exemplo, as questões da aprendizagem e do ensino. Hoje a maioria dos psicólogos só está na escola para resolver os problemas; considera que somente aqueles que estão se reciclando estão tendo a oportunidade de poder ampliar essa visão, tendo uma atuação mais voltada para a promoção da saúde no sentido mais amplo.

Sujeito 10

Caracterização Profissional -

Formada em Psicologia em 1994, está terminando o seu curso de Especialização em Psicodrama pela Associação Brasileira de Psicodrama. Nos últimos dois anos vem desenvolvendo vários trabalhos no consultório particular, em instituições e também no serviço público. O seu trabalho é basicamente voltado para a população escolar, realizando Orientação Profissional e Sexual, junto a essa clientela.

Concepção sobre Saúde -

A saúde é entendida como uma busca por uma vida mais saudável, que passa necessariamente pela atitude preventiva. A promoção de saúde envolve aspectos bio-psico-sociais do indivíduo. É o aprender do sujeito a lidar com os conflitos postos diariamente pelo meio social onde ele se insere.

Atuação do psicólogo na Educação -

Considera que o psicólogo tem bastante possibilidade de atuação nessa área, na escola, na instituição, posto de saúde, mas entende que nem sempre isso é feito pela própria falta de incentivo à Educação e à Saúde no nosso país. Considera que alguns profissionais ficam muito restritos em termos de capacitação; na sua opinião, é importante a educação continuada; o profissional procura uma pós graduação, um curso de atualização, para não parar na graduação.

3. COLETA DE DADOS.

A utilização das entrevistas recorrentes, conforme já apontado anteriormente, compreende duas fases de análises: a primeira compõe-se da checagem contínua, por parte do entrevistado e do pesquisador, dos relatos verbais coletados nas entrevistas e organizados em matrizes individuais; a segunda fase é a realizada após a finalização da fase da coleta de dados e desenvolve-se basicamente pela análise e composição de todas as matrizes individuais a partir das quais, ao final desse processo, estarão constituídos os conjuntos temáticos, sub-conjuntos e unidades.

Será descrita, a seguir, a primeira fase. Nessa etapa realizaram-se as entrevistas e a análise inicial após cada encontro, com a sistematização dos relatos verbais dos entrevistados.

3.1. Procedimentos.

Estabeleceram-se, com os sujeitos escolhidos, horário e local da entrevista, sendo utilizada, como recurso, o gravador.

O primeiro contato procedeu-se através de uma entrevista inicial para preenchimento do questionário de caracterização e concepções sobre Saúde e atuação do psicólogo na Educação. Após esse primeiro momento, era marcada a primeira entrevista propriamente dita. A decisão de iniciar a primeira entrevista logo após a entrevista inicial deveu-se à possibilidade de verificar, simultaneamente, se as mesmas apresentavam um perfil que se encaixava dentro da amostra desejada. Nessa fase foram contatadas doze pessoas, sendo que duas delas foram dispensadas após o preenchimento dos dados desse primeiro momento.

Após a seleção dos dez participantes da amostra, esclareceram-se os objetivos da pesquisa e a forma como os dados seria coletados, dentro da perspectiva das entrevistas recorrentes.

Em seguida, foi informado a cada participante que, após cada entrevista, o pesquisador iria transcrevê-la de forma a organizar e analisar as verbalizações obtidas em classes e sub-classes de respostas e, a cada sessão subsequente, ser-lhe-ia entregue um quadro contendo **uma matriz**⁴ com essas sistematizações, podendo ser realizado, por parte do entrevistado, a checagem da análise feita, com possíveis alterações e novas informações a serem adicionadas ou alteradas.

Esclareceu-se, também, a cada um dos sujeitos participantes, que as interações entre o entrevistador e o entrevistado seriam sempre possíveis; caso houvesse dúvidas por parte de algum deles, essas seriam sempre esclarecidas na sessão seguinte. Além disto, destacou-se, na matriz, uma coluna denominada *dúvidas a serem esclarecidas*, onde aquelas verbalizações necessárias estariam localizadas.

Todas essas explicações foram dadas verbalmente a todos os sujeitos participantes escolhidos, no início da primeira entrevista. Em seguida, apresentou-se a cada um dos sujeitos uma questão problematizadora, através da seguinte pergunta: - **quais são os conhecimentos teóricos, habilidades práticas, concepções, valores, etc., necessários para que o psicólogo, enquanto um profissional de Saúde, atue na Educação?**

Cada sessão de entrevista foi gravada pelo pesquisador e transcrita posteriormente. Após a transcrição, as primeiras análises dos relatos verbais coletados foram feitas. Através dessa análise, os relatos foram agrupados em classes de resposta, conforme a similaridade dos seus conteúdos. A composição dessas classes de respostas realizou-se a partir da análise, por parte do pesquisador, do significado que determinados conteúdos verbais estavam mantendo com a situação problematizadora da pesquisa.

⁴ O modelo inicial da **matriz** encontra-se no **Anexo II**.

A partir da segunda sessão recorrente, cada um dos sujeitos participantes teve acesso à matriz contendo as classes de respostas organizadas, podendo, dessa forma, confirmar ou não as categorizações elaboradas pelo pesquisador, baseadas nos seus relatos verbais anteriores.

A recomposição de cada matriz foi repetida até que o pesquisador e cada um dos sujeitos participantes consideraram que a problemática proposta pela pesquisa estava devidamente explorada e analisada⁵.

Foram realizadas um total de 39 encontros com todos os sujeitos, com uma média de 4 por sujeito, conforme é possível verificar no **Quadro I** abaixo:

Quadro I - Número de entrevistas realizadas com os sujeitos participantes com as respectivas datas.

Número de Entrevistas.	1º encontro	2º encontro	3º encontro	4º encontro	5º encontro
Sujeito 1	04.03.96	10.05.96	10.06.96	08.07.96	19.08.96
Sujeito 2	10.06.96	08.07.96	19.08.96	21.10.96	
Sujeito 3	14.08.96	24.10.96	28.11.96	23.04.97	
Sujeito 4	22.10.96	04.12.96	18.02.97		
Sujeito 5	18.10.96	04.12.96	18.02.97		
Sujeito 6	25.02.96	03.12.96	21.02.97		
Sujeito 7	17.10.96	29.11.96	05.12.96	18.02.97	25.04.97
Sujeito 8	19.02.97	24.04.97	20.05.97	10.07.97	

⁵ O exemplo do processo da **entrevista recorrente**, realizada com um dos sujeitos, encontra-se no **Anexo III**.

Sujeito 9	20.02.97	24.04.97	20.05.97		
Sujeito 10	21.02.97	23.04.97	19.05.97		

As entrevistas realizaram-se durante um período de um ano e meio. O espaço entre as entrevistas e a quantidade de encontros necessários para cada um dos entrevistado variou em função da disponibilidade dos mesmos e do agendamento prévio com cada um deles. Somente uma sessão de uma das entrevistas realizou-se na casa de um dos sujeitos; as demais foram realizadas nos locais de trabalho dos participantes. Os locais escolhidos para a realização das entrevistas eram apropriados e as mesmas duraram em média 90 minutos.

O problema suscitado pela pesquisa apontava, inicialmente, para as seguintes classes na composição das matrizes:

- **conhecimentos teóricos** (verbalizações que deveriam apontar para a compreensão das teorias psicológicas que podem subsidiar a intervenção do psicólogo na Educação, na perspectiva da promoção de saúde);
- **habilidades técnicas** (verbalizações que deveriam apontar para as habilidades instrumentais, consideradas necessárias à atuação do psicólogo, enquanto profissional de Saúde, na Educação);
- **representações** (verbalizações que deveriam apontar para as representações que o psicólogo tem sobre a promoção de saúde, na Educação, através do seu desempenho profissional);
- **valores** (verbalizações que deveriam apontar para os significados atribuídos pelo psicólogo acerca da relevância da sua atuação profissional).

Essas classes foram inicialmente utilizadas na coleta de dados; outras surgiram durante o desenvolvimento das entrevistas, conforme aparecem no **Quadro II**, que contem as oito classes de respostas totalizadas, ao final de todas as entrevistas.

Quadro II - Classes de respostas identificadas na matriz de cada sujeitos, na fase inicial da coleta de dados.

Classes de Respostas	Matriz S1	Matriz S2	Matriz S3	Matriz S4	Matriz S5	Matriz S6	Matriz S7	Matriz S8	Matriz S9	Matriz S10
1. Atuação profissional	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
2. Conhecimentos teóricos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
3. Habilidades técnicas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
4. Representações	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
5. Valores	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
6. Formação	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

profissional										
7. Espaço profissional		X	X	X						
8. Trabalho interdisciplinar		X	X	X		X		X	X	X

3.2. Análise dos dados.

Após o encerramento da coleta de dados, realizada através das entrevistas, foi realizada a segunda etapa de análise dos dados.

Nesta etapa, as entrevistas foram analisadas a partir das categorizações já construídas e finalizadas nas matrizes de cada sujeitos. Estas eram compostas de classes e sub-classes de respostas. A análise, Nesse segundo momento, buscou as inter-relações entre as classes levantadas, através das comparações entre aquela que apresentaram similaridades e diferenças entre si. Ao final foram identificados **4 conjuntos temáticos**⁶ que serão apresentados a seguir no capítulo dos Resultados.

RESULTADOS

Quadro III apresenta os conjuntos temáticos, com seus sub-conjuntos, unidades e sub-unidades, organizados durante a análise final dos dados.

Quadro III : Conjuntos Temáticos, Sub-conjuntos, Unidades e Sub- Unidades Temáticas.

1. O PAPEL DO PSICÓLOGO E DA PSICOLOGIA
1.1. A CIÊNCIA PSICOLÓGICA. 1.1.1. A contribuição da Psicologia para a sociedade.
1.2. RELEVÂNCIA DO TRABALHO DO PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA. 1.2.1. A especificidade da intervenção psicológica. 1.2.2. O profissional de psicologia comprometido com a sociedade. 1.2.3. A atuação do psicólogo vista como uma trabalho de valorização do ser humano. 1.2.4. O psicólogo visto como um profissional que deve promover saúde. 1.2.5. A profissionalização do psicólogo para atuar na área comunitária. 1.2.6. A importância da questão da ética no trabalho do psicólogo.
2. CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE
2.1. PROMOÇÃO DE SAÚDE NO TRABALHO DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO. 2.1.1. O espaço de promoção humana entendido como gerador de saúde. 2.1.2. A promoção de saúde no trabalho do psicólogo, na perspectiva de uma cultura de prevenção. 2.1.3. A promoção de saúde desenvolvida através do auto-conhecimento. 2.1.4. Visão integrada da Educação, no espaço Institucional e Social. 2.1.5. A promoção de saúde na atuação do psicólogo, realizada em

⁶ Síntese das verbalizações dos sujeitos por conjunto temático- ver Anexo IV .

- Instituições que trabalham com populações “de risco”.
- 2.1.6. A promoção de saúde através do processo de compreensão/conhecimento realizado no trabalho educacional.
 - 2.1.7. A promoção de saúde vista como um espaço de interlocução dentro da escola.

3. ATUAÇÃO PROFISSIONAL

3.1. ATIVIDADES PROFISSIONAIS INSERIDAS NUMA PERSPECTIVA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE .

- 3.1.1. Trabalhos desenvolvidos em Psicologia da Educação, no consultório, em instituições e na comunidade.
- 3.1.2. Atividades relativas ao desempenho da função docente em cursos de Psicologia.
- 3.1.3. Atividades de Supervisor do Estágio em Psicologia Escolar , nos cursos de Formação de psicólogo.
- 3.1.4. Atividade Administrativa/Institucional desempenhando a função de Direção.
- 3.1.5. Aspectos relativos à importância de um trabalho desenvolvido em parceria com outros profissionais.
- 3.1.6. Discussão sobre o espaço profissional existente hoje, para o psicólogo que desenvolve atividades nas Instituições Educacionais.
- 3.1.7. A inserção do psicólogo na escola.

4. FORMAÇÃO PROFISSIONAL

4.1. A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO MODELO TRADICIONAL DE PROMOÇÃO DE SAÚDE.

- 4.1.1. A estruturação presente nos cursos de Psicologia atualmente.
 - 4.1.1.1. Predominância da face conservadora de saúde/doença no curso de Psicologia.
 - 4.1.1.2. Predominância do modelo clínico/liberal na Formação do psicólogo.
 - 4.1.1.3. Predominância da parte informativa nos cursos de Psicologia.
- 4.1.2. Conhecimentos teóricos da Psicologia.
 - 4.1.2.1. A hegemonia de algumas teorias psicológicas em detrimento de outras, vista como um aspecto deformador da formação profissional.
- 4.1.3. Conhecimento teóricos de outras áreas.
 - 4.1.3.1. Pouco conhecimento de outras áreas que podem auxiliar o trabalho do psicólogo.
- 4.1.4. Os Estágios Supervisionados.
 - 4.1.4.1. Os estágios constituídos através da ênfase na questão técnica descolados da teoria.
- 4.1.5. Habilidades do profissional de Psicologia.
 - 4.1.5.1. Modelo da formação atual, visto como um aspecto que dificulta a instrumentalização técnica adequada a um bom trabalho profissional

4.2. A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO QUE SE CONTRAPÕE AO MODELO TRADICIONAL DE PROMOÇÃO DE SAÚDE.

- 4.2.1. Perspectivas dadas pela Formação.
 - 4.2.1.1. A Formação entendida como um tempo de aprendizagens básicas.
 - 4.2.1.2. A importância de uma nova concepção de homem na Formação.
 - 4.2.1.3. Discussão na Formação de novos espaços de atuação.
- 4.2.2. Conhecimentos das principais correntes teóricas da Psicologia.
 - 4.2.2.1. Conhecer as concepções “de homem” presente nas teorias psicológicas e seus desdobramentos práticos/profissionais.
- 4.2.3. Conhecimento de outras áreas, na Formação, objetivando habilitar o psicólogo para uma atuação interdisciplinar.
 - 4.2.3.1. Áreas das Ciências Humanas e Sociais.
- 4.2.4. Estágio Supervisionado

- 4.2.4.1. Estágio compreendido como espaço de importante reflexão para o aluno.
- 4.2.5. A importância da técnica instrumentalizada pela teoria.
- 4.2.6. Habilidades, vista como apropriação de técnicas, necessárias ao profissional de Psicologia.
 - 4.2.6.1. Técnicas de avaliação diagnóstica.
 - 4.2.6.2. Técnicas de trabalho em grupo.
 - 4.2.6.3. técnicas de pesquisa.

1. O PAPEL DO PSICÓLOGO E DA PSICOLOGIA.

Este conjunto temático foi constituído levando-se em conta as concepções que os sujeitos participantes apontaram sobre a Psicologia, assim como a importância dada à inserção social desta ciência e dos trabalhos que devem ser realizados pelos profissionais psicólogos.

1.1. A CIÊNCIA PSICOLÓGICA.

Este sub-conjunto foi constituído a partir das verbalizações de um dos sujeitos participantes que considera que a ciência psicológica já possui contribuições teóricas importantes que podem possibilitar o entendimento da realidade social e que tais contribuições podem se desdobrar em atuações profissionais relevantes para a sociedade.

1.1.1. A contribuição da Psicologia para a sociedade

Nessa unidade temática foi apontada, por S9, o avanço das contribuições teóricas da Ciência Psicológica, considerando que tais avanços são importantes para a compreensão da realidade. *“A Psicologia, hoje em dia, ela está mudando o enfoque dela. A Psicologia como ciência ela tem muito ainda que fazer”* (Anexo-/1.1.1./S9). Entende que tais contribuições ainda são incipientes, mas vê como positivo o espaço de discussões existentes hoje no interior da Psicologia.

Outra questão considerada como a principal contribuição da Psicologia no Brasil é a de investir na área comunitária na perspectiva da prevenção. *(...) eu acho assim, hoje eu estou nesse trabalho porque acredito que a psicologia a nível do Brasil é muito mais efetiva por aqui, sabe? Pelo trabalho preventivo, comunitário. Eu acho que a gente como profissional tem muito mais a fazer, né?”*(...)(Anexo-/1.1.1./S9). O trabalho preventivo é compreendido dentro do enfoque de buscar alterar o curso de uma vida “de risco” para uma outra mais saudável, e para tanto entende que a Psicologia tem grandes possibilidades de subsidiar teórica e profissionalmente tal intervenção.

1.2. RELEVÂNCIA DO TRABALHO DO PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA.

Este sub-conjunto temático refere-se às verbalizações dos sujeitos que apontaram para aspectos considerados relevantes, que devem acompanhar o trabalho do psicólogo junto à sociedade.

1.2.1. A especificidade da intervenção psicológica.

Em relação a essa unidade temática, S4 discutiu a necessidade do psicólogo ter clareza sobre o seu papel nas instituições educacionais. Considera que o psicólogo deve ter uma especificidade na atuação junto a outros profissionais da Educação, a fim de não perder a sua identidade. Para ele a identidade do psicólogo é constituída através das intervenções nos

aspectos psicológicos, dentro da instituição educacional, sendo tais aspectos ligados diretamente aos processos de relações e da subjetividade. Diz ele: *“(...) quem é o psicólogo numa instituição de educadores? Qual é o objetivo dele?(...) Quer dizer, o psicólogo já foi muitas vezes o pedagogo, na escola. Então o povo não conseguiu, eu acho, encontrar uma identidade própria do psicólogo dentro da escola.(...)o psicólogo tem um conhecimento específico(...) tem uma especificidade que ele tem que dar conta(...) eu sou um elemento de ajuda que a instituição pode requisitar(...) eu vou prá tratar das relações, eu vou tratar das subjetividades”*(Anexo-1/1.2.1./S4).

1.2.2. O profissional de psicologia comprometido com a sociedade.

A percepção política dos acontecimentos foi apontada por um dos participantes como um critério importante para se obter uma compreensão mais clara do movimento histórico das transformações sociais. Para tanto, o profissional de Psicologia tem que ter clareza de um projeto político, a longo prazo, de valorização da pessoa humana.

Entende que o psicólogo engajado nessa visão é movido também pela “paixão”, tendo claro que tal projeto poderá ser usufruído por outras gerações, como S6: *“(...) eu acho que trabalhar na área social, primeiro tem que ter paixão, tem que ter uma coisa que todo mundo fala e é verdade, precisa ter paixão mesmo.(...) tem que ter perspectiva de futuro mesmo(...) acreditar em uma perspectiva que você pode até não viver, avaliação de humanidade, você não vai viver as conseqüências mas outra geração vai(...)você não pode ter uma visão imediatista na área social, de curto prazo(..) então você tem que ter uma paciência histórica”*(Anexo-1/1.2.2./S6).

1.2.3. A atuação do psicólogo vista como um trabalho de valorização do ser humano.

Para dois sujeitos participantes o enfoque principal da atuação do psicólogo é o de valorização do homem e da vida. Segundo S9: *“(...) é própria do psicólogo a valorização do ser humano (...) outro valor é pela vida*

humana”(Anexo-/1.2.3./S9). Entende que algumas teorias psicológicas, hoje, já demonstram tais preocupações, apontando para mudanças necessárias de enfoque e atuação.

Além disto, considera que a ação do psicólogo é relevante dentro da perspectiva de um trabalho preventivo e institucional, para poder entender melhor as circunstâncias consideradas dramáticas vividas por crianças e adolescentes provenientes de uma situação econômica adversa, clientela de tais instituições. Na sua verbalização ele aponta: *“(...) eu estou dentro de uma instituição que trabalha com a realidade, - meninos e adolescentes de rua - que vem de uma consequência de pobreza, miséria. É todo esse aspecto sócio-econômico, agindo no psicológico desses meninos(...) então a gente tem que estar com os pés no chão, achar meios de que esses jovens possam estar optando por uma coisa diferente(...) eu acho que o nosso papel é esse(...) esse é alguém que está nessa situação mas que pode sair dela(...) tem condições de estar se voltando para uma vida mais feliz, mais digna.* (Anexo-/1.2.3./S9).

O outro sujeito participante - S10 - considera que um profissional de Psicologia sempre procura ajudar o outro, sendo tal preocupação inerente à escolha de ser psicólogo. Entende que toda escolha tem um fim reparatório e considera que a Psicologia tem a característica do profissional de ajuda. *“(...) então você vai escolher a sua profissão por alguma coisa que você tem que reparar em você mesma ou na sociedade(...) então assim todas essas coisas que eu fui fazer, passa pelos meus valores aquela coisa do psicólogo, de querer ajudar os outros, oferecer algum tipo de serviço que ele se sinta bem*”(Anexo-/1.2.3./S10).

Considera ainda que o psicólogo deve estar atento a mudanças, buscando na sua criatividade atender as novas demandas que aparecem na atualidade. *“(...) como tudo, hoje, está mudando, todas as estruturas de grupo, seja no mercado de trabalho, seja no comércio(...) eu acho que o psicólogo tem que estar atento a isso. Tem que mudar a estratégia dele.*

Mudando como? Trabalhando muito com a criatividade dele”(Anexo/1.2.3./S10).

1.2.4. O psicólogo visto como um profissional que deve promover saúde.

Para alguns dos sujeitos participantes o psicólogo deve focalizar a promoção de saúde em seu trabalho, ampliando a sua atuação, buscando novas formas de intervenção.

S2 considera que cabe ao profissional de Psicologia desenvolver intervenções nas relações existentes nas instituições educacionais. Considera que tais intervenções devem ser revestidas de ações de promoção de saúde. Entende que o psicólogo é um profissional de saúde, embora não considere isso o ponto fundamental. A promoção de saúde é enfocada através do trabalhos com “as relações” dentro da instituição, promovendo também melhoras nas situações de aprendizagem e ensino. Diz S2: “(...) *quando a gente fala do profissional psicólogo como um promotor de saúde(...) na verdade é uma tentativa de ampliar o campo de atuação do psicólogo, e não só ampliar é criar uma prática com uma outra qualidade(...) Então a promoção de saúde ela amplia e muda a qualidade da intervenção”(Anexo- /1.2.4./S2).*

Considera a denominação “de saúde” como um reflexo do momento histórico, dentro da categoria, da participação nas lutas da saúde a nível nacional.

Já para S3, a promoção da saúde é realizada através de um trabalho com outros profissionais que tenham uma visão teórica crítica da sociedade. A promoção de saúde dentro dessa perspectiva é a luta pela construção da cidadania dos indivíduos. Entende que o profissional deve buscar compreender as questões políticas que estão subjacente à sua atuação.”(...) *a gente procura estar refletindo todas essas coisas juntos, pensando a realidade juntos, desde a realidade psíquica até a realidade social, é pensar*

tudo isso(...) é tentar socializar o conhecimento, essa é a questão.(Anexo-1.2.4./S3).

O profissional deve, ainda, participar coletivamente do debate sobre as instituições educacionais, escola, creche, etc. enquanto espaços que promovem a cidadania ou a exclusão, entendendo que tais debates propiciam a ampliação, para o profissional de Psicologia, do fenômeno educativo, conforme ele aponta: *“(...) A primeira coisa que eu aprendi, quando estava fazendo o mestrado, é que a Psicologia sozinha ela não consegue fazer nada(...) nós temos pessoas de áreas diferentes que procuram discutir, estar enxergando as coisas em enfoques diferentes, para poder saber como é que se pode trabalhar com uma determinada questão. Para que as escolas, os educadores possam ir se apropriado dessas múltiplas visões educacionais e dos problemas que emergem do contexto educacional”(Anexo-1.2.4./S3).*

Uma outra questão apontada por S5 é a identidade do psicólogo como um profissional de saúde, entendendo que em qualquer espaço profissional, seja ele na saúde, na educação ou na empresa, o profissional de Psicologia é eminentemente alguém que trabalha com o objetivo de promover saúde, como aponta em suas verbalizações : *“(...) psicólogo é psicólogo, em qualquer lugar que ele estiver, ele vai estar trabalhando com saúde”(Anexo-1.2.4./S5).*

Considera que a promoção de saúde, no trabalho educacional, concretiza-se quando o psicólogo tem uma visão da totalidade institucional e da dinâmica das relações existentes no interior das mesmas, tornando-se “ elemento de escuta” em tais situações. *“(...) a gente ensina como não fugir do conflito, a entender o conflito como positivo e como necessário para a superação do problema(...) eu sempre achava que eu servia para isso(...) de servir como um terceiro elemento de escuta”. Tal trabalho é visto como algo que deva ser realizado com “paixão” , esta entendida como a mola propulsora das suas ações. “(...) agora tem que ter paixão, não adianta só a técnica, tem que ter paixão(...) eu acho que é coisa de característica, nem todo mundo gosta de trabalhar dessa forma”(Anexo-1.2.4./S5).*

No entendimento de outro sujeito - S4 - o psicólogo deve estar habilitado a desenvolver intervenções nas relações existentes nas instituições educacionais, considerando-o também como um profissional da “escuta”, *“(...) acho que o psicólogo é um profissional de escuta, escuta dessas, vamos dizer, desse mundo interno mesmo”(Anexo-/1.2.4./S4).*

Tais intervenções, para esse sujeito, podem ser caracterizadas como ações que promovem a saúde. Considera o psicólogo como um profissional que irá mediar os conflitos existentes nas relações humanas, através da comunicação e da linguagem.

Para S6, a questão da perspectiva de um projeto político claro e definido, também podem ser caracterizadas como ações de promoção de saúde, cujo enfoque está centrado no resgate das relações humanas, ou da “humanização” do homem. *“(...) você precisa desses espaços de discussão. Agora a gente está num projeto muito bonito com as mulheres da favela, discutindo educação(...) então a gente tem descoberto coisas muito preciosas. Eu acho que cada vez mais o projeto está conseguindo trabalhar com as relações humanas, humanizando as relações”(Anexo-/1.2.5./S6).*

1.2.5. A profissionalização do psicólogo para atuar na área comunitária.

Em relação à atuação mais inserida na perspectiva comunitária, um dos sujeitos participantes, considerou que *“(...) no Brasil está acontecendo atualmente um movimento ainda muito incipiente muito frágil,(...) da possibilidade na área social, na área comunitária de profissionalização”(Anexo-/1.2.5./S6).* Entende que é necessária a troca de informações entre profissionais que atuam nessa área, com o objetivo de construir um corpo teórico e de intervenção mais consistentes.

Sintetiza o seu trabalho como sendo de uma psicóloga que trabalha na comunidade em geral, desenvolvendo ações educativas de valorização do ser humano, enfocando em seu trabalho a questão do lúdico, buscando

criar espaços que resgatem o prazer, a brincadeira, a festa, conforme aponta em suas verbalizações: *“(...) a gente trabalha com a ludicidade, com o lúdico, que no meu ponto de vista, a gente trabalha com o que seria de mais humano. O jogo, a possibilidade de relação, quer dizer, a gente não tem valorização do objeto, mas o objeto enquanto meio de inter-relação (...) então eu acho que é um espaço de promoção humana, de saúde”*(Anexo- /1.2.5./S6).

1.2.6. A importância da questão da ética no trabalho do psicólogo.

Todos os sujeitos participantes citaram a questão da ética enquanto um valor fundamental para uma atuação consistente e comprometida com o respeito, justiça, cidadania, etc. Para seis participantes, essa questão foi mais diretamente discutida.

Alguns entendem que o trabalho do psicólogo deve ser revestido por uma ética da transformação social sendo iniciada desde a formação. As indagações são pontos que servem para as reflexões necessárias ao trabalho profissional dentro dessa perspectiva, como S1: *“(...) todo esse trabalho que a gente faz, pra que? Com que finalidade? Acho que aí tem toda uma ética embutida que é a perspectiva da transformação social, é de formar pessoas, contribuir na formação de pessoas para que elas atuem no seu meio social de forma a transformar. (...) eu acho que essa é a nossa ênfase, por que eu acho que tem valores, tem uma ética presente , com certeza”*.(Anexo- /1.2.6./S1).

A construção de uma reflexão ética, iniciada na formação, faz com que se estimulem discussões que poderão ajudar a construir uma postura ética, por parte do aluno, ao longo do curso, sendo que esta irá refletir diretamente no seu trabalho enquanto profissional. Para S2 é fundamental o compromisso da formação em criar circunstâncias que propiciem ao aluno, o aparecimento de um olhar crítico a respeito dos valores postos na sociedade. Diz ele: *“(..) eu acho que não é só o psicólogo, mas qualquer profissional é fundamental que ele tenha uma ética, que ele tenha uma forma de avaliar, de criticar, de*

negar e afirmar , enfim os valores sociais que está posto ali. (...) no caso do psicólogo, eu acho super importante(...) acho que o curso tem que dar condições do aluno construir essa reflexão ética”. (Anexo-/1.2.6./S2).

A reflexão ética é também considerada um valor fundamental para o profissional que atua nas instituições. Além da questão ética, valores como senso de justiça, de humanidade e de cidadania devem estar presentes em seu trabalho, considerando que tais valores podem apontar para uma atuação mais comprometida e de qualidade, segundo aponta S8: *“(...)Eu acho que a ética é fundamental. A ética entre os colegas(...) esses valores como ética, cidadania que já está embutido no conceito de ética(...) senso de justiça. (...) você considera que o profissional deveria estar construído, desenvolvendo esse tipo de valor para poder ter uma atuação mais comprometida”(Anexo-/1.2.6./S8).*

Ainda dentro desse aspecto de iniciar, desde a formação, tais discussões, S3 descreve o seguinte: *“(..) Eu não sei os valores que ele deva ter, o que eu sei é que precisaria ter uma discussão dos valores hegemônicos , dos valores existentes(...), então é estar , é muito mais, não tentando construir um conjunto de valores, mas é estar discutindo, questionando os existentes e tentando que a pessoa construa um conjunto de princípios e de valores(...) não é uma coisa posta mas uma coisa construída pelo próprio sujeito”(Anexo-/1.2.6./S8).* Considera que o profissional é quem fará a síntese dessas discussões, construindo um conjunto de princípios éticos que deverão nortear a sua atuação.

Outra questão apontada em relação à construção dessa postura ética é o fato dessa construção se constituir como um objetivo, dando suporte e referência ao trabalho do profissional, conforme expressa, S7, em sua verbalização: *“(...) eu acho que é importante a gente discutir a ética , viu? dentro da profissão e não só(...) a gente tá num mundo assim, que é todo voltado prá coisas que se desmancham no ar, né? (...) precisa ser feito uma crítica nesse tipo de coisa, por que num mundo assim não tem ética(...) ética sempre tem que ter uma referência num projeto e tem uma referência numa*

organização social(...) enfim eu acho que tem que discutir a ética em geral e dentro disso a prática do psicólogo”(Anexo-1.2.6./S7).

Foi apontada também, como uma ação necessária, a construção de um senso-crítico a respeito da realidade, de acreditar nas possibilidades de realização do outro e também na intuição do psicólogo sobre as situações postas, é o que aponta S4: *“(...) A crítica tem que estar permeado as coisas, né? O senso crítico. Assim, acreditar no outro como capaz de dar conta das coisas, né? no mundo dele(...) acreditar na intuição(...) é você acreditar que tem coisa além do seu conhecimento”(Anexo-1.2.6./S4).*

2. CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE.

Os sujeitos, neste conjunto temático, apontaram as principais características do processo de promoção de saúde que, na opinião deles, devem estar presentes no trabalho do profissional de Psicologia.

2.1. PROMOÇÃO DE SAÚDE NO TRABALHO DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO.

Estão descritas, neste sub-conjunto temático, diferentes espaços de promoção de saúde, segundo a opinião dos sujeitos participantes, referindo-se especificamente às atuações do psicólogo, no campo educacional.

2.1.1. O espaço de promoção humana entendido como gerador de saúde.

A perspectiva de desenvolver um trabalho que recupere a noção de promoção humana é apontada por S6, considerando tal trabalho fundamental para a promoção de saúde. Tais ações são desenvolvidas através de trabalhos educacionais na comunidade. O foco principal desses trabalhos educacionais é a utilização da ludicidade como espaço de resgate do humano. *“(...) a gente vai para uma comunidade o que é que a gente resgata? Resgata a festa, que é o momento do encontro , um momento de compartilhar coisas, de lembrar lembranças. A gente resgata histórias(...) então assim a gente tem descoberto coisas muito preciosas, acho que cada vez mais a gente está conseguindo trabalhar com relações humanas”(Anexo- /2.1.1./S6).*

Para desenvolver este trabalho no espaço escolar, é necessário criar circunstâncias de resgate e valorização das relações humanas envolvendo professor-aluno, professor-pais, aluno-pais, etc. Esse resgate da história de vida de cada um dos sujeitos envolvidos, em tais instituições, possibilita a composição do quadro de relações culturais produzidas em determinadas comunidades.

Tal movimento é considerado como espaço de promoção de saúde, dentro do trabalho educacional que busca humanizar as relações. O processo educativo, realizado através do lúdico, é considerado um espaço de informação, acolhimento e fala para as pessoas que estão envolvidas no trabalho. Esse trabalho deve ser desenvolvido pelo psicólogo junto com outros profissionais.

Considera que o trabalho do psicólogo, dentro desse enfoque, pode possibilitar mudanças na vida das crianças e adolescentes “de risco”, entendendo tais mudanças como promoção de saúde, na medida em que, podem resultar em situações de vida mais dignas para essa população.

2.1.2. A promoção de saúde no trabalho do psicólogo, na perspectiva de uma cultura de prevenção.

Para S10 , as ações preventivas são fundamentais no trabalho de promoção de saúde. O psicólogo pode realizar no seu trabalho estas ações através de informações teórico-científicas, que podem constituir-se em espaço para reflexões. Entende que essas reflexões possibilitarão comportamentos mais amadurecidos, responsáveis e preventivos. A prevenção é entendida como “criar atitudes” que gerem cuidados e a auto-estima do indivíduo com a sua própria vida e com o seu desenvolvimento. *“(...) a gente quando fala em prevenção como uma atitude, que é isso que você falou mesmo, que a prevenção é muito ampla então o que é que a gente tem que fazer é ligar com uma atitude mais concreta mesmo. A gente pretende criar uma atitude preventiva, que seja uma ação na escola mesmo”*(Anexo-/2.1.2./S10).

Considera que os projetos que desenvolve, em seu trabalho como psicóloga na área educacional, tem a finalidade de promover a saúde ao propiciar circunstâncias , para as pessoas que atende, de desenvolver uma atitude de educação e saúde para com as suas vidas, atitude esta que influenciará nas decisões a serem tomadas no futuro.

2.1.3. A promoção de saúde desenvolvida através do auto-conhecimento.

Uma questão apontada por S4 é a do trabalho que busca o auto-conhecimento da pessoa. Entende que tal conhecimento de si faz com que a pessoa descubra os seus próprios recursos para lidar com as situações problemáticas. *“(...) eu estou na realidade, buscando que eles descubram recursos pessoais, deles próprios, para estar lidando com as situações(...) recursos que eles têm, eles se organizam para dar conta daquilo que eles podem dar conta”*(Anexo/2.1.3./S5). Esse processo se traduz no cotidiano do sujeito e, conseqüentemente, na construção de projetos de vida mais reais, possibilitando à pessoa reorganizar sua vida, baseada nos seus próprios recursos para tal.

O trabalho como um espaço de promoção de saúde, para este mesmo sujeito, deve focalizar a dinâmica institucional, cabendo ao psicólogo realizá-lo. Entende que tal trabalho pode desmistificar a patologização do cotidiano, diante das situações problemáticas.

2.1.4. Visão integrada da Educação no espaço Institucional e Social.

A perspectiva institucional dentro de uma visão mais ampla, é apontada por dois participantes. Um deles - S3 - entende que é necessário o psicólogo compreender que a instituição é parte e reflexo do contexto social.”(...) *eu acho que é uma coisa que esta além de você pensar uma instituição só, é pensar como é que está instituição se insere na vida social*” (Anexo-/2.1.4./S3). Tal visão amplia a noção de práticas educativas, por parte do profissional de Psicologia, alterando também a sua ação dentro da escola.

Uma das mudanças refere-se à necessidade do profissional romper com as práticas psicológicas, dentro da escola, legitimadoras da discriminação social. Para S3, a promoção de saúde concretiza-se na instituição educacional, como resultado do trabalho do psicólogo, com diferentes profissionais, no movimento de conhecer, promovendo a socialização do saber e do fazer, que é apontada como a ação coletiva dos diferentes profissionais articulados e envolvidos com a comunidade escolar.

Para o outro sujeito participante - S5 -, a promoção de saúde é realizada quando são criadas circunstâncias em que as pessoas de uma determinada instituição, inseridas numa determinada comunidade, conseguem uma integração com vistas ao bem estar comum. Tal integração baseia-se na melhoria das relações entre as pessoas no espaço institucional e na comunidade em geral. “(...) *eu fazia essa coisa de integração daquela comunidade, daquelas instituições, e isso eu entendia como promoção de saúde e sempre foi meu objetivo*” (Anexo-/2.1.4./S4).

2.1.5. A promoção de saúde na atuação do psicólogo, realizada em Instituições que trabalham com populações “de risco”.

No entendimento de S9, o trabalho do psicólogo na instituição deve estar voltado ao desenvolvimento de ações que procurem alterar a realidade, na medida do possível, das populações excluídas socialmente.

Entende que o trabalho do psicólogo é basicamente o de criar ambientes positivos, que valorizem a vida humana na perspectiva de promover saúde das crianças e adolescentes “de risco”. Para isso valoriza as ações preventivas, porque *“(...) é nessa faixa de idade que você tem ainda alguma coisa a fazer, depois você vê a promoção de saúde no bem estar dessas crianças e adolescentes. Você dá apoio, você dá uma chance pra eles”*(Anexo-/2.1.5./S9).

Considera que o trabalho do psicólogo, dentro desse enfoque, pode possibilitar mudanças na vida das crianças e adolescentes “de risco”, entendendo tais mudanças como promoção de saúde, na medida em que, podem resultar em situações de vida mais dignas para essa população.

2.1.6. A promoção de saúde através do processo de compreensão/conhecimento realizado no trabalho educacional.

Para alguns dos sujeitos participantes, o processo de promoção de saúde passa necessariamente pela relação da díade compreensão/conhecimento, entendendo que a dinâmica existente neste processo possibilita às pessoas ter uma clareza maior do contexto em que estão inseridos.

Um dos sujeitos - S1 - considera que a promoção de saúde se concretiza através do acesso ao conhecimento que leve o indivíduo a compreender sua inserção na sociedade e as multi-determinações da constituição da sua existência, possibilitando uma atuação que aponte para uma compreensão/conhecimento do mundo. *“(...)A Educação como um processo faz o indivíduo se apropriar do seu mundo para poder melhor conhecer as suas determinações, é um processo de construção , de*

desenvolvimento da saúde individual(...) no sentido do indivíduo se apropriar das suas determinações e poder atuar no seu meio , demovendo barreiras que se apresentam, demovendo conflitos, resolvendo dificuldades que aparecem da melhor forma, por que o indivíduo se apropriou do que o cerca e eu acho fundamental esse processo”(Anexo-/2.1.6./S1).

Outra questão apontada dentro desta perspectiva é a descrita por S2, considerando que o processo educacional pode propiciar uma reflexão que aponta para as determinações afetivas, sociais, econômicas, etc., que estão influenciando diretamente na construção da existência do homem. Esse processo se traduz na tomada de consciência do sujeito e, conseqüentemente, na construção de projetos de vida, calcados na realidade. *“(...) essa seria a concepção de saúde prá gente, quer dizer, é fazer com um trabalho para que a gente através dessas relações que a gente vive, ele consiga se perceber como um ser histórico, determinado e ao mesmo tempo ativo no social, ele pode construir fórmulas de superar obstáculos, fórmulas de alcançar metas”(Anexo-/2.1.6./S2).*

Esse movimento, para este sujeito, é considerado como o espaço de promoção de saúde, dentro do trabalho educacional, que enfoca a constituição das relações e papéis dentro do contexto educacional, cabendo ao psicólogo desenvolver tal espaço, como é apontado nas suas falas: *“(...) eu acho que o psicólogo pode fazer isso muito bem, é fazer esse trabalho com professor, com aluno, com diretor, prá que eles se percebam nessas relações professor-aluno, aluno-diretor, diretor-professor, como é que eles estão se construindo como professores, alunos, diretor. Esse é um trabalho que eu estou chamando de promoção de saúde” (Anexo/2.1.6./S2).*

S5 também considera que o trabalho de promoção de saúde é aquele que permite a reflexão dos problemas da própria escola, envolvendo todos os componentes - professores, pais, alunos, técnicos - de tal instituição. *“(...) promover saúde é poder estar trabalhando com a escola, na reflexão dos seus problemas, né? É estar trabalhando com as crianças, e trabalhando com as famílias(...) É nesse sentido é de estar facilitando e se conseguir alguma*

coisa lá dentro. Pode ser o planejamento do ano, pode ser a avaliação do ano, pode ser uma reunião dos pais, pode ser qualquer coisa”(Anexo- /2.1.6./S4).

2.1.7. A promoção de saúde vista como um espaço de interlocução dentro da escola.

Neste sub-conjunto temático é importante ressaltar que o foco da interlocução recai especialmente sobre a figura do professor, com o objetivo de “dar voz” a essa figura dentro da dinâmica da instituição escolar.

Para dois dos sujeitos participantes o trabalho de interlocução no espaço escolar é compreendido como um processo que pode promover saúde . Um deles - S7 - considera que o espaço de interlocução pode produzir rupturas nas práticas cristalizadas no cotidiano escolar. Tais rupturas podem promover a saúde através do resgate da auto-estima e das potencialidades do aluno e, especialmente, do professor, vítima de um sistema que o desvaloriza de forma sistemática e ostensivamente, afetando a sua auto-imagem. Essas rupturas podem, enfim, concretizar-se através de novas práticas escolares.

A ação do psicólogo seria a de construir espaço possíveis de interlocução com os diferentes personagens do sistema escolar, valorizando nesse contexto a figura do professor. Diz ele: *“(...) quantas vezes simplesmente da gente se colocar como um interlocutor atento, o professor começa a poder se ouvir mais, a utilizar os seus recursos(...) porque os professores estão que nem os alunos, eles estão num sistema tão arrasador, desvalorizados, com a auto-estima tão arrasada que nem os alunos. Quer dizer tem, que fazer com os professores, o mesmo trabalho que tanto se faz com os alunos, resgatar sua auto-estima, dar suporte, para esse professor libertar todo seu potencial que ele tem como educador”(Anexo-/2.1.7./S7).*

Para S8 o trabalho do psicólogo é o de criar espaços para a comunidade escolar, com o objetivo de refletir sobre os seus problemas,

questionamentos e soluções. “(...) O psicólogo, está na escola, como apoio para pensar, para discutir junto. A gente acaba sendo um instrumento de pensar, analisar junto e ver formas de encaminhar isso da melhor maneira”(Anexo-1/2.1.7./S8). Entende que este trabalho deve-se voltar, especialmente, ao professor, dentro da instituição, a fim de que ele passe a ter voz , seja junto aos alunos, junto à direção, ou ainda entre os próprios colegas. Toda essa dinâmica de relações é considerada como um trabalho que promove a saúde dos componentes da instituição educacional.

O resultado dessa dinâmica de reflexão, pode possibilitar aos pais, professores, alunos e a comunidade em geral obter consciência dos fatos e, conseqüentemente. construir projetos coletivos que visem à melhoria do cotidiano escolar.

3. ATUAÇÃO PROFISSIONAL.

Neste conjunto temático estão elencadas as atividades que os sujeitos executam na sua vida profissional. Esses trabalhos são realizados em diferentes locais, formulações teóricas e ações. Em cada um desses trabalhos, os sujeitos descreveram as concepções de promoção de Saúde que consideram estar subjacente a tais ações.

3.1. ATIVIDADES PROFISSIONAIS INSERIDAS NA PERSPECTIVA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE.

Foram agrupados em sete sub-conjuntos temáticos as diferentes atuações profissionais encontradas, apontando ainda para situações consideradas relevantes para o desenvolvimento de um bom trabalho profissional e a sua inserção no espaço educacional.

A maioria dos sujeitos participantes atuam em mais de uma modalidade de trabalho, como por exemplo, consultório e instituição, comunidade e empresas privadas, etc. No entanto, optamos por dividir os sub-conjuntos temáticos pelos diferentes tipos de trabalho, com o objetivo de analisar o enfoque que é dado em cada forma de atuação, buscando compreender quais as visões apontadas nas mesmas, na perspectiva de estar promovendo saúde.

3.1.1. Trabalhos desenvolvidos em Psicologia da Educação, no consultório, instituições e na comunidade.

Nas atividades desenvolvidas em consultórios ou escritórios, quatro sujeitos participantes descreveram os trabalhos que são realizados. Um dos trabalhos citado foi o de Orientação Vocacional. Tal atividade é geralmente desenvolvida em seus consultórios particulares ou escritórios, (segundo a denominação dada por um dos sujeitos), sendo ampliado para as escolas, como projetos de consultoria, quando há uma solicitação nesse sentido.

Dois sujeitos participantes desenvolvem o trabalho de Orientação Vocacional com outros profissionais de outras áreas - pedagogo, sociólogo -. Para um deles, S1, o trabalho de Orientação Vocacional propicia o espaço de reflexão para os jovens sobre sua escolha profissional.

A promoção de saúde acontece na medida em que possibilita ao jovem o conhecimento dos fatores determinantes que influenciam sua escolha profissional. *“(...) Qual a nossa perspectiva de promoção de saúde? A gente entende que a idéia de promoção de saúde como um trabalho que visa ampliar a compreensão que a pessoa tem(...) quanto mais ela compreende o mundo ao redor dela, mais facilidade ela tem de enfrentar as dificuldades que essa realidade trás”(Anexo-/3.1.1./S1).*

Para este sujeito, o trabalho de promoção passa necessariamente pela via da informação, entendendo que quanto maior o acesso à informação, menor possibilidade de alienação frente aos fatos da vida dessa pessoa.

Portanto o trabalho de orientação nessa perspectiva aponta para a desalienação, como aparece nas falas do sujeito: (...) *Para nós essa é a condição saudável, ela é o inverso da doença, ela é o inverso da alienação, a gente trabalha para a desalienação, que é um trabalho de promoção de saúde*”(Anexo-/3.1.1./S1).

Ainda dentro dessa perspectiva de valorizar a informação na busca da desalienação, S2 aponta que esse tipo de processo propicia a reflexão ,por parte do jovem, que pode resgatar a sua história de escolhas.

Tal trabalho não tem, portanto, o foco clássico da Orientação Vocacional, uma vez que valoriza o processo de escolha, enquanto parte importante da reflexão do jovem acerca das múltiplas influências que afetam tais escolhas. Dentro dessa visão, o sujeito considera que *“(...) o trabalho de Orientação Vocacional seria de promoção(...) o sujeito que consegue maior clareza sobre o maior número de determinações, quer dizer, determinações sociais, afetivas, políticas, enfim, tudo que está me determinando, quanto mais eu conheço, mais consciente é a escolha, portanto mais saudável.”*(Anexo-/3.1.1./S2).

Dentro da perspectiva de trabalho desses dois sujeitos, a promoção de saúde envolve uma tomada de consciência, por parte do jovem, dos determinantes envolvidos na sua escolha profissional.

Já outro sujeito - S10 - que também desenvolve trabalhos de Orientação Profissional e Orientação Sexual, em consultório particular, entende que ambos os trabalhos promovem saúde, pois propiciam, na Orientação Vocacional, reflexões em relação às escolhas que devem ser realizadas, *“(...) a gente tenta ligar escolhas com habilidades, interesses, aptidões, mas ligada também à sociedade ao mercado de trabalho(...) eu acho esse trabalho importante porque ele também é preventivo(...) a gente previne a pessoa a passar por aquele sofrimento(...) é uma escolha ,mais saudável, uma escolha que esteja ligada aos desejos da pessoa com a possibilidade dela de atuação”*(Anexo-/3.1.1./S10).

No trabalho de orientação sexual, enfatiza-se o aspecto preventivo e do desenvolvimento da capacidade de cada um, em relação às questões da sua própria sexualidade, com o objetivo de criar agentes multiplicadores desse processo. Este trabalho é desenvolvido com outros profissionais, sendo considerado basicamente um trabalho conjunto de educação e saúde. Para S10, a prevenção é um aspecto fortemente presente em seu trabalho, considerando que tal aspecto é que irá possibilitar às pessoas uma vida mais saudável, na medida em que suas escolhas são produtos de um processo de reflexão fortemente aliado às questões preventivas.

Outro participante - S7 - descreveu o seu trabalho de atendimento de crianças com problemas de aprendizagem em consultório particular. A demanda desse serviço envolve geralmente crianças das escolas particulares. Considera mais complexo conhecer a escola particular. Diz ele: *"(...) aqui - no consultório - eu tenho ficado muito com os casos de queixa escolar, só que em escolas particulares(...) as escolas particulares são mais fechadas, eu não sei o que acontece lá dentro, claro que eu tenho bagagem para levantar dados junto às crianças, mas eu reconheço que a escola particular é uma coisa muito mais misteriosa para mim"*(Anexo-13.1.1./S7).

Outra modalidade de trabalho apontada foi a de empresa de consultoria para projetos educacionais, apresentada por S6. Este sujeito possui uma empresa que desenvolve diferentes projetos educacionais junto à comunidade, empresas e instituições públicas e privadas. Atualmente desenvolve os seguintes projetos: do "Ônibus-Ludicidade" junto ao Núcleo de Trabalhos Comunitários da PUC de São Paulo; projetos de treinamento de voluntários para atuar no Centro de Juventude da empresa C&A, na área do brinquedo e junto à Prefeitura Municipal da cidade de São Paulo, com projetos para as creches, também na área da ludicidade através do brinquedo.

A característica fundamental destes trabalhos é o foco da aspecto lúdico enquanto espaço de promoção de saúde realizado a partir de

diagnósticos feitos sobre determinada realidade e suas formas de intervenção, como por exemplo o trabalho do Ônibus-ludicidade, que foi baseado em um diagnóstico feito na comunidade, sobre a questão da evasão escolar. Enfatiza, em seu trabalho, a importância do espaço da educação informal como um forte aliado, na resolução dos problemas da educação formal.

Dentro desses diferentes trabalhos, S6 considera que a utilização do brinquedo, do lúdico, é uma metodologia que possibilita intervir no espaço simbólico das relações. Entende que tais projetos avançam na promoção da saúde ao possibilitar a humanização das pessoas através do lúdico e das inter-relações existentes na comunidade. Como aponta o sujeito: é "(...) *a via de acesso à promoção de saúde, através do lúdico mesmo. Quer dizer, de resgatar esse espaço simbólico das pessoas, humanizando as relações*" (Anexo-/3.1.1./S6).

No trabalho institucional, dois dos sujeitos participantes têm uma atuação como psicólogos, desenvolvendo trabalhos de suporte junto a tais instituições. Um deles atua no Serviço de Psicologia Escolar da USP - SEPE, cuja finalidade principal é assim apontada: "*(...)o motivo principal de ter surgido o Serviço de Psicologia Escolar foi que houvesse psicólogos que desenvolvessem um trabalho com escola, coerente com os princípios do curso de Psicologia e que pudessem encaixar os alunos trabalhos feitos.*"(Anexo-/3.1.1./S7).

Tal Serviço conta com quatro técnicas psicólogas que desenvolvem diferentes projetos, dentro dos objetivos acima propostos, atuando nos serviços de atendimento breve, projetos de saúde mental do escolar em parceria com outros profissionais, cursos de atualização, supervisão para profissionais de saúde mental e para as escolas públicas, desenvolvendo trabalhos de Psicologia Escolar nas escolas públicas.

Dentro desse tipo de ação institucional, S7 entende que os trabalhos desenvolvidos pelo Serviço de Psicologia Escolar promovem saúde, por

possibilitar espaços para a comunidade resgatar o seu valor, sua auto-estima, os seus recursos técnicos, desenvolvendo-se e melhorando, dessa forma, "*(...) o fazer cotidiano, dentro do que o psicólogo pode ajudar*". Para que essa situação se concretize é necessário, segundo este sujeito, "*(...) estar pesquisando formas de estar lidando , por exemplo, com a questão do preconceito, e favorecendo que o ambiente escolar seja uma coisa "saudável" seja um lugar de vida, que as pessoas possam estar confiantes, alegres e produtivas*"(Anexo-/3.1.1./S7).

O outro sujeito participante - S9 - realiza atividades de coordenação em instituições de atendimento a crianças "de risco". Atualmente desenvolve este trabalho junto a uma instituição de caráter religioso, onde realiza diferentes projetos, através de uma equipe de profissionais, objetivando dar suporte educacional, psicológico e religioso a essas crianças e adolescentes, considerados em situação "de risco". A sua atuação, como psicóloga, é tanto no planejamento dos projetos, quanto na coordenação e acompanhamento específico de alguns deles, como é apontado: "*(...) o que realmente está na minha mão hoje, é a promoção humana, a orientação sexual e prevenção ao abuso de drogas, sou eu quem busco e implemento a execução desses dois projetos*"(Anexo-/3.1.1./S9).

Considera que o seu trabalho é fundamentalmente de promoção humana, dentro de uma perspectiva preventiva, voltado para a população considerada "de risco".

Entende que o seu trabalho é de promoção de saúde, na medida em que está intervindo no encaminhamento dessa população de forma mais "saudável", podendo alterar, com isso, sua perspectiva de vida. "*(...) então direcionando mais o meu papel, o meu papel seria mais no aspecto preventivo(...) você realmente aponta caminhos para eles, você vai observando qual é a direção que você tem que dar ou orientá-lo, para que ele desenvolva um outro estilo de viver e a Psicologia está bem associada a isso*"(Anexo-/3.1.1./S9).

Um dos sujeitos participantes - S10 - , desenvolve várias atuações institucionais como a participação de projetos junto à Secretaria Estadual de Educação - SP, desenvolvendo projetos de Orientação Vocacional, Orientação Sexual e prevenção às drogas para adolescentes, profissionais da Saúde e da Educação, e cursos de capacitação de educadores em Educação Preventiva; o trabalho realizado em Instituição de Sexualidade, realizando projetos junto às escolas e, o trabalho na Associação Brasileira de Psicodrama.

Considera que os seus diferentes trabalhos realizados nas escolas têm como objetivo comum facilitar a criação de multiplicadores no sentido da prevenção, entendendo que promove saúde ao difundir a cultura preventiva nas escolas através da formação de líderes. Considera que o seu trabalho é basicamente educacional, com o objetivo de promover a saúde." (...) *Eu acho assim que o trabalho que eu faço é Psicologia Educacional mesmo.(...) dentro disso eu vou trabalhar com a saúde, porque é um trabalho de prevenção de gravidez, de prevenção de drogas. Então temos que juntar a duas coisas(...) eu tenho a base na Psicologia Educacional, mas o meu objetivo final é a promoção de saúde*"(Anexo-/3.1.1./S10).

3.1.2. Atividades relativas ao desempenho da função docente em cursos de Psicologia.

As atividades de docência aparecem nas verbalizações de cinco sujeitos. Cada um deles cita quais as disciplinas ministram e como consideram que neste trabalho estão promovendo saúde.

S1 desenvolve trabalhos de pesquisa, iniciação científica, extensão e ensino, trabalhando numa equipe de professores na perspectiva teórica da Psicologia Sócio-Histórica. Em relação ao ensino , ministra as seguintes disciplinas: *Psicologia Geral I e II - História da Psicologia; Psicologia da Educação e Adolescência* no Núcleo 51 - Saúde do Adolescente.

Considera que desenvolve o trabalho do magistério na linha da desalienação. A promoção de saúde se dá através da apreensão, por parte do aluno, da inter-relação entre teoria e prática. *"(...) quando a gente organiza os nossos cursos a gente procura mostrar que esses conteúdos teóricos, esses conteúdos de conhecimentos, o que eles tem a ver com a realidade"(...) o aluno ao apreender uma teoria, aprende também algo sobre a realidade, não aprende uma teoria solta do real. Esse é o nosso modelo de promoção no magistério, ou seja , o aluno ser capaz de compreender a realidade em que ele está imerso, através de uma teoria(...) a hora em que o aluno consegue fazer um discurso mais com a sua própria voz, é porque ele compreendeu a teoria"(Anexo-/3.1.2./S1) .*

Outro sujeito - S2 - ministra disciplinas no Núcleo da Educação, ligada a projetos junto a crianças e adolescentes, participando também de uma equipe de professores, dentro do curso de Psicologia, que desenvolvem seus projetos de docência, extensão e pesquisa, na perspectiva teórica da Sócio-Histórica .

Considera que realiza, junto aos seus alunos, uma ação que visa promover saúde, através do trabalho educacional-institucional, buscando entender o significado dos problemas educacionais na sua totalidade. Tenta possibilitar aos alunos visualizarem outras formas de se trabalhar o cotidiano educacional. *"(...) eu estou tentando trabalhar nas relações com os alunos, para que? para que esses alunos que convivem com esse cotidiano, consigam então, o que é que eu vou chamar de promoção? que eles tenham consciência maior das condições deles, enquanto alunos, eles tenham uma percepção maior dos conflitos que eles vivem, que eles percebam os porquês desses conflitos, que eles se percebam como indivíduos históricos"(Anexo-/3.1.2./S2).*

Um outro sujeitos - S4 -, coordena a área de Psicologia da Educação que é formada por uma equipe de professores que desenvolvem trabalhos na área. Ministra a disciplina *Psicologia da Educação*, procurando desenvolver conteúdos nas disciplinas que levam o aluno a ter uma reflexão crítica sobre

a atuação profissional de Psicologia." (...) *procuro mostrar novas possibilidades do trabalho na Educação, indo além da Ed. Formal e trabalhando com o que nós chamamos de situações educacionais que podem ser encontradas até num asilo*"(Anexo-/3.1.2./S4).

Considera que desenvolve um trabalho educacional , dentro da perspectiva de promoção de saúde, buscando, na formação dos alunos, desenvolver conteúdos mais abrangentes sobre as questões educacionais, priorizando os trabalhos grupais e coletivos, na perspectiva de valorização do homem. "*(...)é olhar para outros métodos e acreditar na possibilidade que o outro tem de ser mais feliz mesmo, de poder estar num lugar mais organizado, ter sua identidade respeitada(...) eu tenho buscado dar esse enfoque. Alguns alunos ficam apaixonados, outros somem*"(Anexo-/3.1.2./S4).

Já o trabalho de S5 é também o de participar de uma equipe da área da Psicologia da Educação. Ministra a disciplina *Análise e Intervenção Psicológica em Instituições Educacionais que tem por objetivo* levar o aluno a entender a intervenção do psicólogo num contexto institucional. Considera que desenvolve um trabalho basicamente de promoção de saúde. "*(...)a gente encaminha os alunos para a escola, para atender nas instituições, trabalhando também com a comunidade(...) o trabalho que a gente propõe é que o psicólogo acompanhe o desenvolvimento daquela instituição, ou organização comunitária, para estar sendo uma escuta dos conflitos, das dificuldades nas relações mesmo(...) todo esse trabalho é numa perspectiva de promoção de saúde mesmo*"(Anexo-/3.1.2./S5).

O trabalho da docência é apontado por outro sujeito - S7 -, como um espaço em que é possível fazer uma reflexão crítica com os alunos" (...) *é estar esclarecendo o que é a vida na escola, o que são as práticas escolares, quem é o professor*" (S7). Na disciplina *Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem* aponta essas questões, propiciando uma reflexão, por parte dos alunos, sobre as questões ideológicas presentes no

cotidiano escolar e sobre a ação do psicólogo, apresentando novas formas de trabalho.

Considera que este seu trabalho de docência, assim como os outros trabalhos por ela desenvolvidos, na área da Psicologia da Educação, são parte integrante de um projeto de promoção de saúde, na medida em que possibilitam espaços para a reflexão por parte da comunidade escolar.

3.1.3. Atividades de Supervisor de Estágio em Psicologia Escolar, nos cursos de Formação de Psicólogo.

Alguns dos sujeitos participantes apontaram a sua atuação como supervisores de estágio, apresentando como desenvolvem, junto aos alunos, projetos de intervenção na área educacional que visam à promoção de saúde.

A maioria deles tem uma atuação nitidamente institucional, buscando inserir os alunos estagiários no conhecimento da dinâmica presente nas instituições e como o trabalho do psicólogo pode ser desenvolvido em tais circunstâncias.

S2 realiza o estágio em Psicologia Escolar em diferentes instituições educacionais, envolvendo professores e alunos. Nesses trabalhos privilegia o enfoque institucional, inserido num contexto social. *"(...) é necessário ter uma compreensão da realidade institucional(...) ele tem que compor um diagnóstico que de para ele ter uma visão da totalidade institucional"*(Anexo- /3.1.3./S2). Considera que a promoção de saúde amplia e muda a qualidade da intervenção; entende que a saúde e a doença são construídas através da mediação social com o outro; portanto, a promoção de saúde que o psicólogo pode realizar em seu trabalho é a intervenção nessas relações.

Desenvolve um trabalho que considera educacional e dentro da perspectiva de promoção de saúde *" (...) eu trabalho a questão institucional educacional, então ele - o estagiário - vai numa escola, numa creche ou*

mesmo numa unidade da Febem, enfim ele vai para as instituições educacionais, ele vai fazer um trabalho(...) não pensando na doença, mas pensando como criar nesse espaço, melhores condições de saúde"(Anexo-/3.1.3./S2).

Outro sujeito - S3 - também desenvolve em seu trabalho de supervisionar o estágio em Psicologia Escolar , dentro de um enfoque institucional, inserido na vida social. Para ele as contradições presentes na sociedade aparecem no interior das instituições, sendo necessário que os alunos tenham conhecimento desse movimento entre instituição e sociedade." (...) *é pensar como é que esta instituição se insere na vida social e como é que você para chegar nessa vida social, através da instituição, que coisas você tem que romper, que são amarras da própria instituição e que são amarras da própria sociedade"(Anexo-/3.1.3./S3).*

Considera que desenvolve um trabalho mais coletivo e educacional dentro da perspectiva da promoção de saúde, que é efetivada através da socialização do saber psicológico junto à comunidade educacional . Essa socialização é realizada através da instrumentalização das pessoas envolvidas no cotidiano escolar, sobre determinados conhecimentos da Psicologia que podem favorecer o encaminhamento e resolução de determinados problemas. Um dos exemplos citados foi a discussão proposta na escola sobre a sexualidade infantil cuja resolução foi a participação de todos " (...) *então de um problema que aparentemente é psicológico, tem que ser tratado por um especialista, a gente tentou encaminhar coisa para socializar o conhecimento, para subsidiar o professor em sua ação em sala de aula"(Anexo/3.1.3./S3).*

Outro tipo de atividade apontada foi o trabalho realizado junto ao CEFAM, por S8. O trabalho de estágio é desenvolvido dentro da escola pública com alunos do magistério. Para este sujeito, a suas atividades de estágio propiciam um importante canal de informações junto aos alunos do magistério. Considera que desenvolve um trabalho informativo apontando novas alternativas teóricas e práticas.

Entende que tal trabalho promove saúde através do processo de "*(...) informar, descobrir o mundo novo, pensar junto, enxergar novas alternativas*"(Anexo-/3.1.3./S8). Ao socializar determinados conteúdos psicológicos, considera que pode ajudar a todos, professor alunos, equipe escolar, a pensar na educação, em novos recursos de ensino, visando ao processo de ensino e aprendizagem e a vê-los como cidadãos.

Uma preocupação apresentada por outro sujeito - S4 -, foi com o grande número de encaminhamentos , junto à clínica-escola, de crianças com problemas de aprendizagem. O seu trabalho de estágio é basicamente o de supervisionar a avaliação e o atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem. Entende como necessário o trabalho com a criança que fracassa na escola, rompendo, no entanto, com a visão ideológica do fracasso individual pois considera que "*(...) a criança que fracassa denuncia, só que ela sucumbe*" (Anexo-/3.1.3./S4). Em vista disso, entende que é necessário um trabalho imediato junto a essa população, buscando resgatar o seu espaço junto à escola.

O estágio é realizado, então, nesta linha, priorizando o trabalho grupal, focando as potencialidades da criança e suas relações com o conhecimento. Para este sujeito, o seu trabalho "*(...) ajuda a criança a se relacionar de outra maneira com o professor, chega até a ter uma melhora nas relações entre eles na escola*" . A avaliação é realizada em duas dimensões: a cognitiva e a afetiva. "*(...) a gente começa a fazer um trabalho de descobertas da pontencialidades com essas crianças(...) a relação dela com o conhecimento. A gente atende em grupo, então a gente cresce junto*"(Anexo-/3.1.3./S4).

A promoção de saúde é entendida , nesse tipo de atendimento, como um trabalho que cria circunstâncias que impeçam a instalação definitiva de doenças, nas pessoas.

S5 apresenta outra modalidade de estágio denominada de intervenções psicológicas em instituições educacionais, com trabalhos individuais ou em grupo. A denominação "instituições educacionais" é apontada como uma forma encontrada de superar a visão estreita do estágio exclusivamente em escolas, podendo, então, ser desenvolvidos em instituições que contenham um caráter educacional nas suas ações, visando sempre intervenções especificamente psicológicas; (...) *na realidade a gente não só encaminha os alunos para as escolas, mas a gente atende outras instituições, por exemplo, o Centro de Juventude*". A partir dos trabalhos realizados nesses Centros, que ficam localizados nas próprias comunidades, foi possível, segundo o supervisor, criar uma demanda na comunidade pelo trabalho do psicólogo. " (...) *eles - os Centros - acabam se tornando um centro de referência para os moradores. Então os moradores vão lá, para resolver problemas de relações dentro da comunidade, problemas de moradia*"(Anexo-/3.1.3./S5).

Dentro desse estágio, também são realizados trabalhos de consultoria, com o objetivo de assessorar projetos junto às organizações comunitárias. " (...) *tem dentro desse projeto, pequenas organizações, como os de moradores de rua, eles tem sopa comunitária, trabalho com alcoólatras, e agora estão surgindo outros trabalhos*" (Anexo-/3.1.3./S5). Considera que desenvolve um trabalho basicamente de promoção de saúde, propiciado através do processo de reflexão e análise objetivada no trabalho institucional, visando a um auto-conhecimento das pessoas envolvidas no mesmo e possibilitando que as mesmas usem dos seus próprios recursos, então conhecidos, para a resolução dos problemas que se apresentam no seu cotidiano.

3.1.4. Atividade Administrativa/ Institucional desempenhando a função de Direção.

Uma das atividades apontadas foi a do exercício administrativo dentro de uma instituição. S1 descreveu sua atuação frente à direção da Faculdade de Psicologia, entendendo que esta atuação pode também ter em seus

objetivos a promoção de saúde, ao desempenhar o papel de mediadora entre o espaço institucional e o espaço coletivo das pessoas que compõem tal instituição. *"(...) eu levo essa perspectiva - de promover saúde - para o meu trabalho na direção da Faculdade, que é uma outra função que eu cumpro(...) como é que eu faço isso? acredito que é permitindo que as informações circulem para que as pessoas possam melhor compreender a realidade da própria instituição"*(Anexo-/3.1.4./S1).

O modelo de promoção de saúde é então, entendido como o processo de mediação entre o espaço institucional e o espaço coletivo. *"(...) é interessante eu me sinto como diretora como uma intermediária entre o espaço coletivo, criado por esse coletivo, e cada um desses atores que criam este coletivo(...) então a gente procura sempre trabalhar as informações, procuro também, sempre que posso, pensar os conteúdos do planejamento, pensar os espaços onde os grupos do departamento possam trocar, debater, a gente procura incrementar esses espaços, mas é muito difícil..."*(Anexo-/3.1.4./S1).

3.1.5. Aspectos relativos à importância de um trabalho desenvolvido em parceria com outros profissionais.

A maioria dos sujeitos envolvidos na presente pesquisa apontou o trabalho em parceria com profissionais de outras áreas, como um ponto importante na atuação profissional. Tais parcerias são consideradas como complementares ao trabalho, como algo que possibilita ampliar a visão da realidade a ser trabalhada, por parte do psicólogo, entre outras questões consideradas importantes.

Para S1, o que deve estar permeando o trabalho com outros profissionais é a abordagem teórica que deve funcionar como ponto aglutinador das leituras a serem feitas sobre determinados fenômenos, possibilitando, dessa forma, a construção coletiva de um projeto comum. Como exemplo, cita o seu trabalho desenvolvido em Orientação Vocacional, em parceria com outros profissionais, assim descrevendo tal trabalho: *"(...) o*

projeto quando foi construído ele tinha um pedagogo, tinha um sociólogo e um psicólogo, eles construíram coletivamente e ele tem essa cara, o projeto, porque ele tem a cara do pedagogo, no processo de informação profissional, essa parte informativa; ele tem a cara do psicólogo na perspectiva de ser fundamental trabalhar o auto-conhecimento, valores; ele tem a cara do sociólogo na perspectiva da percepção do trabalho na sociedade(...) eu acho fundamental o projeto ter essa cara”(Anexo-/3.1.5./S1).

Por sua vez, o trabalho que, segundo S4 marcou sua atuação profissional, com referência à sua ação como psicóloga escolar, foi o realizado em uma escola, ao longo de nove anos, que contava com uma equipe pedagógica que deu o suporte necessário ao seu desenvolvimento junto aos professores, alunos, pais e técnicos da instituição .“(...) eu era lotada no departamento de saúde do escolar e a gente prestava serviços junto às escolas(...) nessa escola tinha uma equipe que era a assistente pedagógica, a orientadora educacional e eu e sempre trabalhávamos com a dinâmica da escola, e isso dava tranquilidade para todo mundo, eram pouquíssimos mal entendidos, essas coisa da fofoca, quase não existia”(Anexo-/3.1.5./S4). A coesão desse trabalho foi a grande qualidade apontada, considerando que conseguiu um trabalho de qualidade graças a uma equipe que tinha objetivos comuns e uma direção comprometida com esse projeto“(...) tinha uma diretora que não trabalhava só com a administração da escola, mas tinha uma pedagogia, ela não largava a questão pedagógica da escola”(Anexo-/3.1.5./S4).

Considera que o psicólogo tem sua especificidade, que é trabalhar com as relações humanas, promovendo saúde, mas entende que a riqueza do trabalho está na troca e na sua cumplicidade dentro de uma equipe interdisciplinar. “(...) eu me senti assim , estou fazendo um trabalho de promoção de saúde, de integração das pessoas(...) e eu achava que trabalhava num oásis e de fato eu trabalhava porque eu encontrava com colegas que não conseguiam fazer isso”(Anexo-/3.1.5./S4).

Outra questão interessante apontada sobre a riqueza do trabalho coletivo é descrita por S6, considerando que o trabalho com outros profissionais propicia contribuições teóricas diferenciadas, ampliando o “olhar” sobre determinada realidade. Diz ele: *“(...) o meu trabalho eu faço um esforço , para que ele seja um trabalho de integração de profissionais diferentes(...) são leituras diferenciadas da realidade , leituras de cada área do conhecimento(...) eu vou trazer texto do referencial teórico que eu tenho, eu sou da Psicologia. O que é do Serviço Social, por exemplo, tem outros repertórios e aí você vai poder cruzar essas informações, é uma riqueza, é uma diversidade de olhar sobre a prática”*(Anexo-/3.1.5./S6).

Para outro sujeito - S8 -, o trabalho contou com a cooperação de outros profissionais dentro da escola e considera que essa cooperação pode trazer avanço na resolução das questões mais coletivas do cotidiano escolar assim como nas reflexões sobre a importância do trabalho interdisciplinar. *“(...) muito deles cooperavam com o meu trabalho, uma porque aderiu e tal, outra porque achou interessante e outros porque ah! não custa nada ajudar o setor da psicologia(...) então por isso eu acho que ficou mais perto de um trabalho integrado do que interdisciplinar”*(Anexo-/3.1.5./S8).

Entende que o trabalho do psicólogo na escola é mais enriquecedor quando desenvolvido junto a um grupo de profissionais, numa perspectiva interdisciplinar, com um projeto em comum que busque a totalidade do fenômeno humano. *“(...)Nessa perspectiva de promover saúde é fundamental essa perspectiva interdisciplinar(...) eu acho que o ser humano ele está lá como um todo, né? A gente didaticamente tenta separar os assuntos, os conteúdos, para poder estar passando, trocando melhor a idéia, mas ele é um todo.”*(Anexo-/3.1.5./S8).

S9, por sua vez, considera que a parte social e pedagógica, realizada por assistentes sociais e pedagogos, complementa a sua atuação como psicóloga. Essa equipe possibilita projetos comuns dentro da instituição, mas segundo sua visão, essa equipe caracteriza-se por um trabalho multidisciplinar, porque há as discussões conjuntas, mas cada qual

desenvolve o seu projeto em seu setor. *“(...)a nossa atuação junto é no sentido de emitir opiniões, de troca de idéias, de planejamento. Mas no dia-a-dia realmente cada um está na sua área(...) a nível geral a gente está sempre discutindo e caminhando junto, tendo um projeto comum”(Anexo-/3.1.5./S9).* Na sua opinião, a união de diferentes profissionais com objetivos em comum fortalece o trabalho, ainda que este não possa ser considerado um trabalho interdisciplinar.

Outra questão apontada por S10, como uma qualidade do trabalho conjunto, é a possibilidade de complementação de conteúdos. Tais trabalhos podem envolver tanto diferentes profissionais como profissionais de Psicologia que atuam em diferentes áreas. Essa complementação facilita a revisão dos objetivos propostos para tal ação, assim como no planejamento das tarefas. *“(...) é muito mais interessante você estar trabalhando com outros profissionais do que isolado, por exemplo, eu estou dando um curso de Orientação Sexual para adolescentes para educadores. Eu venho com os conceitos da Psicologia ligada á área da educação, e o meu parceiro, que é psicólogo e que trabalha na secretaria da saúde, ele pode complementar com outros dados que é da área da saúde(...)eu já trabalhei com enfermeiros num programa de prevenção de drogas e AIDS(...) Então eu acho que seria isso, a Psicologia junto com a educação, com a saúde e também com a sociologia”(Anexo-/3.1.5.S10).*

Outros três participantes apontaram o espaço da Formação, como contexto em que se devem iniciar as reflexões sobre o trabalho coletivo, sobre a importância e riqueza que esse tipo de atuação pode oferecer ao futuro profissional. Entendem que tal proposição ainda é incipiente nos cursos de Formação e descrevem como estão tentando possibilitar tais discussões em suas práticas como docentes e/ou supervisores.

Para S2, é fundamental desenvolver com os alunos, na Formação, reflexões sobre o trabalho em equipe, apontando que tal trabalho possibilita a complementação de diferentes pontos de vista sobre determinados fenômenos. Entende que o trabalho multidisciplinar pressupõe diferentes

profissionais com um projeto político educacional em comum, uma visão de homem, uma metodologia de trabalho. *“(...) é necessário essa discussão, do trabalho com outros profissionais, enquanto uma exigência do mercado atualmente.(Anexo-/3.1.5/S2).*

Outra questão apresentada por S8 é a necessidade de construir uma postura profissional que facilite o trabalho interdisciplinar na instituição, tentando desenvolver a identidade dos educadores. Entende que tal perspectiva enriquece e complementa o trabalho do psicólogo. *“(...) eu acho fundamental, se você vai trabalhar na instituição, você tem que saber tudo que está acontecendo(...) então você está compartilhando das idéias, compartilhando das histórias que aconteceu ali. Então no trabalho de estágio , é importante que o estagiário desenvolva essa compreensão. Inclusive assim, você complementa muito mais a sua formação como psicóloga que vai trabalhar com instituição”(Anexo-/3.1.5./S8).*

Um outro tipo de trabalho coletivo é o realizado no interior da própria Psicologia, com profissionais de diferentes área. Neste exemplo foi citado o trabalho de S3, desenvolvido no estágio de Psicologia Escolar, em parceria com uma professora da área de Psicologia Clínica, junto a uma escola pública. Tal participação, segundo o sujeito, possibilita a ampliação do atendimento à criança, assim como o conhecimento sobre a mesma, por parte dos estagiários e professores de diferentes áreas. *“(...) o modelo de atuação profissional - dentro da psicologia - que apresenta modelos das diversas áreas, como áreas isoladas , é um modelo superado e ele precisa ser substituído por um tipo de prática que seja mais coletivo. Eu acho que a gente conseguiu criar esse exemplo de como isso pode acontecer” (Anexo-/3.1.5./S3).*

Considera que seria um avanço se tal prática fosse mais disseminada na Formação e entende que cada vez mais deveria ser buscado um modelo de atuação transdisciplinar, ou seja, desenvolver uma postura de troca teórico-prática que faça avançar as análises institucionais. Tais atuações seriam compostas de *“(...)pessoas de áreas diferentes que procuram discutir,*

estar enxergando as coisas dentro de um enfoque diferente(...) para que a escola, os educadores, eles possam ir se apropriando dessas múltiplas visões das questões educacionais e dos problemas que emergem dentro do contexto educacional”(Anexo-/3.1.5./S3).

3.1.6. Discussão sobre o espaço profissional existente hoje para o psicólogo que desenvolve atividades em instituições educacionais

Uma preocupação, foi citada por dois dos sujeitos participantes, refere-se à história ocorrida há pouco tempo, na cidade da São Paulo, sobre a transferência dos psicólogos lotados na Secretaria da Educação para a Secretaria de Saúde. Essa alteração deu uma nova configuração à atuação do psicólogo dentro do município e esses dois sujeitos participaram de forma diferenciada desse processo, fazendo uma análise sobre o momento atual.

Um deles, S4, descreve que, atualmente, os psicólogos têm atuado em diferentes instituições de Educação Formal e não Formal, mas não estando mais previstos nas escolas municipais de São Paulo. Tal suspensão foi uma imposição administrativa que alterou o setor de saúde do escolar, passando todos os psicólogos lotados nesse setor para a Secretaria de Saúde do Município. Considera que fez parte de uma minoria que resistiu a essa mudança, porque a maioria dos profissionais desejava estar na Saúde. *“(...)Eu não gostei nada disso, fiquei muito brava, lutei muito para não ir, fizemos um grupo, e aí ficou decidido que as pessoas podiam não ir, mas perderiam a verba, que era uma verba de ações integradas na saúde que era 95% do salário.(...) hoje eu vejo que algumas amigas minhas estão sofrendo com o PAS. O meu PAS foi lá”(Anexo-/3.1.6./S4).* Analisa, no entanto que, para a maioria, foi tranqüila essa mudança, porque a opção deles não era pela área da Educação, então a oportunidade acabou satisfazendo uma expectativa da grande maioria.

Na sua opinião, o psicólogo, em parceria com outros profissionais, amplia o seu leque de atuação, podendo atuar nas chamadas instituições educacionais presentes na Educação Formal ou não; dessa forma, ele pode

estar trabalhando em diferentes instituições educacionais, além da própria escola, presentes na comunidade.

Na visão de outro sujeito - S2 -, os psicólogos, hoje, têm atuado em diferentes instituições educacionais, não estando mais previstos nas escolas municipais de São Paulo. Em sua análise sobre o fato ocorrido no município, a transferência dos psicólogos foi uma decisão da própria categoria, que desejava estar lotada na Saúde.”(...) *os próprios psicólogos, quando entrou a Erundina, o prof. Paulo fez uma reunião com eles - os psicólogos - como é que era o trabalho (...) os próprios psicólogos quiseram ir embora, foram todos para a saúde. Isso é a cara do psicólogo, na educação*”(Anexo-/3.1.6/S2).

O trabalho do psicólogo, está, hoje, restrito às escolas particulares, sendo que o trabalho nas escolas públicas está restrito aos estágios. Entende que a existência do psicólogo na escola pública municipal, nesse período, foi desastrosa, haja vista que a saída dos mesmos não foi nem sentida pela comunidade escolar.”(...) *a minha tese é sobre isso, por que era tão ruim o trabalho deles, tanto que ninguém sentiu falta quando eles foram embora*”(Anexo-/3.1.6./S2)

Considera que o psicólogo deve atuar dentro da perspectiva de promoção de saúde numa visão institucional, num trabalho de assessoria às escolas. A promoção de saúde, dá uma especificidade ao trabalho do psicólogo, que é trabalhar com as relações nas instituições educacionais, embora ele possa e deve estar discutindo, junto com a equipe escolar, sobre a totalidade das mesmas.

3.1.7. A inserção do psicólogo na escola.

Um dos entrevistados - S3 - apontou a escola como um importante espaço para a atuação do psicólogo; no entanto é necessário ter clareza da “velha demanda” que a escola acaba por exigir do profissional, estando

atento para introduzir uma nova configuração a respeito da atuação do psicólogo dentro dessa instituição educacional.

Para ele, a demanda escolar acerca do trabalho do psicólogo ainda é a “velha demanda”, que é a de legitimar o fracasso escolar, por via da cientificidade da Psicologia. Entende que o psicólogo pode responder a tal demanda de uma outra forma, dentro do modelo de promoção de saúde; cita o trabalho que desenvolveu em uma escola dentro de uma visão mais ampliada e diferenciada das antigas práticas.. *“(...)então a gente começou a pensar o papel do psicólogo escolar um pouco diferente(...) o papel do psicólogo passou a ser uma coisa não tão, não havia uma preocupação com os problemas, com as disfunções e sim com a formação de um jeito de pensar, de ver as práticas educativas(...) isso possibilitava a gente re-interpretar a função do psicólogo, re-interpretar a inserção dele dentro da prática educativa”(Anexo-13.1.7./S3).*

Cita como exemplo, para desenvolver essa nova prática, ações que seriam calcadas nas teorias críticas, pressupondo os seguintes passos: a) diagnóstico institucional; b) devolução de tal diagnóstico à comunidade escolar; c) tomada de decisões , por parte da comunidade escolar, das ações que irão compor um determinado plano educacional para a escola.

Entende que, dessa forma, o profissional desenvolve um trabalho que permite à comunidade escolar ter conhecimento da dinâmica da própria instituição e decidir sobre os seus rumos. O psicólogo passa a ser o mediador, junto com outros profissionais, desse processo de apropriação. Conclui, então, que o espaço profissional do psicólogo, nas instituições educacionais, é necessário, mas exige que o mesmo saia do seu gabinete para entender melhor as instituições, dentro de uma perspectiva que tanto pode ser de assessoria ou não, dependendo da conjuntura encontrada.

4. FORMAÇÃO PROFISSIONAL.

Neste conjunto temático estão reunidas as opiniões dos sujeitos participantes sobre a Formação Profissional. Ao longo das entrevistas, esta questão foi abordada por todos, como parte fundamental para mudança da atuação do profissional de Psicologia e para uma nova configuração profissional que aponte um profissional preocupado e instrumentalizado para a promoção de saúde.

Para a maioria dos sujeitos participantes, até o momento, a atuação do psicólogo vem sendo identificada como a de um profissional que lida, quase sempre, com patologias.

A partir das verbalizações apresentadas pelos sujeitos desta pesquisa, foram criados dois sub-conjuntos temáticos. O primeiro descreve as críticas feitas à Formação atual, entendida como uma Formação conservadora que privilegia o modelo de promoção de saúde enquanto ausência de doença.

O segundo modelo descreve as expectativas dos participantes, ao apontar como a Formação pode contribuir para a construção de um profissional que atue na Educação, tendo a promoção de saúde como parte fundante da sua atuação cotidiana. A saúde neste enfoque é compreendida como um sistema integrativo e relacional, composto das questões sociais, psicológicas e biológicas do homem.

4. 1. A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO MODELO TRADICIONAL DE PROMOÇÃO DE SAÚDE.

O modelo tradicional de saúde aqui considerado é aquele sustentado pela perspectiva médica de entender a saúde enquanto ausência de doença. Dentro deste modelo, a promoção de saúde, repassado na Formação, é caracterizada através da ênfase no trabalho preventivo objetivando evitar futuras doenças, calcado no binômio saúde-doença.

4.1.1. A estruturação presente nos cursos atualmente.

Nesta unidade temática foram agrupadas as características, apontadas pelos sujeitos participantes, de um modelo de curso que enfatiza uma concepção tradicional de promover saúde.

4.1.1.1. Predominância da face conservadora de saúde/doença no curso de Psicologia.

Para a maioria dos sujeitos participantes, uma forte característica presente no curso de Psicologia, hoje, é a hegemonia teórica que do postula a visão do homem natural, propiciando uma formação fragmentada e dispersa, valorizando o aspecto patológico do comportamento humano, em detrimento da higidez do mesmo.

S1 cita *“(...) olha toda formação vai na direção contrária, quase toda. (...) porque a Psicologia caminha na direção da visão de homem autônomo,(...) então é uma visão de que o outro produz o seu processo de individuação sozinho(...) é uma perspectiva que carrega em si a idéia que o indivíduo pode sair do pântano puxando o pelos seus próprios cabelos”*(Anexo-/4.1.1.1./S1).

Este sujeito entende que a maioria das abordagens teóricas, presentes no curso de Psicologia, sustenta o postulado do homem natural, a crença da neutralidade no trabalho do psicólogo. Considera que o curso de Psicologia prioriza a técnica em detrimento da teoria.

Outra questão apontada, agora por S2, é a dificuldade que o aluno tem de entender a constituição de diferentes teorias psicológicas, devido à hegemonia de algumas teorias, como é caso da Psicanálise. O aluno se depara, então, com uma colcha de retalhos, em termos de diferentes Psicologias, de forma desarticulada, ocasionando mais dificuldades no entendimento da construção dessas diferenças. A conseqüência direta dessa situação é o predomínio da visão clínica, no curso de Formação, onde o

aluno acaba identificado como um profissional que vai fundamentalmente lidar *"(...) com a doença , com a patologia, com um trabalho tradicional de consultório, onde o importante é curar"*(Anexo-/4.1.1.1./S2).

Considera que, para romper com esse modelo conservador de saúde, é importante uma formação generalista, rompendo com o modelo estritamente técnico, existente hoje nos cursos. *"(...) o que a gente chama de formação generalista é aquele em que o aluno consiga perceber socialmente qual é o papel que o psicólogo tem na sociedade(...) abrir um pouco para mostrar um currículo que favoreça a reflexão sobre a função social do psicólogo"*(Anexo-/4.1.1.1./S2).

A preocupação apontada por outro sujeito, S3, é a estrutura ainda vigente hoje nos cursos de formação que, para ele, propicia uma visão fragmentada do homem, apontando como exemplo a sua própria formação . *"(...) a formação que eu tive foi muito fragmentada, eles chamavam de eclética, mas tinha a predominância de uma área, no caso a psicanálise, com aquela visão de que o ser humano adoecer independente das circunstâncias, e ele precisa ser cuidado, ele precisa tratado, é a função da Psicologia é fazer isso, do ponto de vista da saúde"*(Anexo-/4.1.1.1./S3).

Outro fator que este sujeito considera como mais um complicador na Formação é a divisão de áreas da Psicologia, entendendo que esta divisão tem sido extremamente sectária, onde o psicólogo clínico "não entende" da área da psicologia da Educação ou vice-versa. Tal fato vem determinando uma dificuldade cada vez maior para realizar uma atuação mais integrada do profissional de Psicologia.

Considera que, na Formação, todas essas questões acabam sedimentando mais uma visão fragmentada tanto no aspecto teórico quanto no sentido de atuação profissional. Entende que é necessário um forte movimento para romper com essa visão fragmentada, e o caminho inicial seria mostrar ao aluno *"(...) que nenhum profissional, individualmente, consegue dar conta da realidade, seja ela qual for. Então a idéia é juntar*

forças, é estar querendo construir junto, eu acho que é um jeito de superar a nossa formação fragmentada(...) então eu acho que o aluno deveria ter um bom embasamento das diversas áreas, para poder enxergar o homem de forma diferente, não só individualizada, intimista que a Psicologia normalmente enfoca”(Anexo-/4.1.1.1/S3).

4.1.1.2. Predominância do modelo clínico/liberal na Formação do psicólogo.

Alguns dos sujeitos citaram a forte influência do modelo clínico/liberal na formação, como um dos fatores que distorcem o papel do psicólogo quanto às suas possibilidades de atuação profissional. As críticas não se referem, no entanto, ao modelo em si, mas à sua predominância no curso, em detrimento de outros modelos, ocasionando toda uma estruturação de identidade profissional ligada a uma visão de profissional liberal e de cunho eminentemente curativo.

Como aponta S2 “(...) em função do currículo novo, a gente alterou várias coisas(...) primeiro, assim, tem que quebrar aquele estereótipo do psicólogo que vai trabalhar no divã, no consultório, a formação do psicólogo(...), e isso dificulta muito ele - o aluno - imaginar que um dia ele vai trabalhar, não necessariamente com a doença, que ele não vai trabalhar naquele lugar certinho, que é o consultório...”(Anexo/4.1.1.2./S2).

Ainda sobre a questão do predomínio da visão de doença na formação do psicólogo, S4 aponta que é difícil tentar trabalhar fora desse esquema, principalmente nas disciplinas finais, porque os alunos, muitas vezes, já incorporaram estes conceitos e criam uma expectativa para desenvolver um trabalho dentro desse enfoque. *“(...) na minha disciplina eles não gostam muito, eles não querem isso, porque a gente problematiza as questões na Psicologia da Educação, e eles querem trabalhar com a doença, eles estão mais envolvidos com as teorias da personalidade, com TEP, os testes projetivos, que eu sei que são importantes, mas eles têm um jeito de olhar*

que parece ligado ao hospício, ao manicômio, uma coisa muito antiga”(Anexo-/4.1.1.2./S4).

S7 aponta essa mesma questão, entendendo que, ainda hoje, existe toda uma expectativa na Formação de ver o psicólogo como um profissional liberal de clínica, ocasionando muitas vezes sentimentos contraditórios naqueles profissionais que acabam não atuando nesse modelo; *“(...) o psicólogo continua tendo como referência o psicólogo de consultório. O que não trabalha com isso, é um psicólogo de segunda, que não conseguiu, então tem que quebrar o galho com outra coisa. Não tem nada disso de outras aplicações menos nobres, precisa, mesmo é saber dessas outras áreas de aplicação. E saber bem sabido”(Anexo-/4.1.1.2./S7).*

Ainda dentro dessa questão do predomínio da visão clínica na formação, S6 entende que a crítica sobre isso não se restringe ao modelo clínico, mas à forma como ele é organizado, dentro de uma perspectiva “individualista” e que atende poucos. *“(...),o modelo clínico vigente é basicamente estruturado em atendimentos individuais. O atendimento individual é um atendimento privilegiado, porque enquanto política pública nunca vai acontecer, pode até ser um política lindíssima, mas não tem viabilidade econômica em nosso país. Então eu não sou contra o modelo clínico, eu sou contra como o atendimento clínico é organizado” (Anexo-/4.1.1.2./S6).*

4.1.1.3. Predominância da parte informativa nos cursos de Psicologia.

S8 mencionou, como uma falha do curso, o fato de haver um investimento maior na parte informativa, relativo ao conhecimento sistematizado do saber psicológico. Entende que é importante essa questão mas considera que a parte formativa também deveria estar presente, com o objetivo de auxiliar os alunos a construírem valores importantes para atuação profissional. Diz ele: *“(...) os nossos cursos de formação eles acabam investido, eles acabam assim, tem que dar conta do conteúdo, acabam então investido mais nessa parte formativa. E eu sinto que eles não investem na*

parte formativa. Que trabalhem com alguma coisa para orientar o aluno, se o aluno não está bem, será que ele não precisa de um encaminhamento? A gente não vê esse tipo de serviço, e eu acho necessário porque o aluno está numa fase de desenvolvimento, e as vezes até crítica porque ele está saindo a primeira vez de casa...”(Anexo-14.1.1.3/S8).

4.1.2. Conhecimentos teóricos da Psicologia.

Nesta unidade temática, alguns dos sujeitos descreveram aspectos relativos à hegemonia de determinados conhecimentos teóricos que são dados nos cursos de Psicologia, analisando o fato como um fator limitante para o desenvolvimento de novas atuações profissionais.

4.1.2.1. A hegemonia de algumas teorias psicológicas em detrimento de outras, vista como um aspecto deformador da formação profissional.

S3 refere-se à pouca importância dada na Formação, às teorias cognitivas, enquanto consequência da predominância teórico-prático da visão clínica nos cursos. Tais teorias são consideradas fundamentais para o profissional que vai atuar na Educação. *“(...) outra coisa que eu percebo no curso de Psicologia é a pouca ênfase, a pouca importância que é dado às teorias cognitivas, as teorias psicológicas que abordam a questão cognitiva. Em geral tem umas pinceladas de Piaget e é uma coisa que acontece num determinado momento do curso depois morre. Isso reflete o predomínio da visão clínica dentro do curso. E a gente tem que construir uma prática fora dessa visão, então a gente tem que retomar a questão da teoria e praticamente trabalhar tudo isso de novo”*(Anexo-14.1.2.1./S3).

Complementando, para S6, a hegemonia na formação dentro de uma visão clínica/individualista, com uma predominância teórica da psicanálise, cria muitas dificuldades no momento da atuação porque neste modelo, há um descompasso com as questões mais amplas, como por exemplo, políticas de saúde, questões históricas do surgimento da psicanálise no Brasil. *“(...) então essa falta de contexto histórico faz com que a ação do profissional fique*

parecendo uma coisa muito fechada, é muito individual e completamente descontextualizada”(Anexo-/4.1.2.1/S6).

A conseqüência, dessa hegemonia teórica e prática na Formação acaba por frustrar a expectativa do profissional, ao se deparar com a realidade de que não é tão fácil montar um consultório particular, indo trabalhar no que o mercado oferece, mercado esse que já está reduzido, que é o serviço público.”(...) *Só que ele vai para o serviço público com a mentalidade individualizada, sem contexto, então essa pessoa sai completamente despreparada para lidar com o contexto histórico da ciência que ela está lidando, com a conjuntura política e econômica. E aí ele se frustra enormemente porque ele não consegue atuar dentro daquele modelo incorporado na Formação”(Anexo-/4.1.2.1./S6).*

A conclusão, portanto, na visão desses sujeitos, é que a predominância de uma linha teórica, como é apresentada hoje na formação, pode dificultar o acesso a conhecimentos teóricos importantes, no interior da própria Psicologia, que possibilitem a criação de novos modelos de intervenção, como o atendimento institucional e também à comunidade através de grupos.

4.1.3. Conhecimentos teóricos de outras áreas.

Nesta unidade temática, um dos sujeitos indicou a carência de conhecimentos de outras áreas afins, nos currículos dos cursos de Psicologia. Aponta a necessidade da presença desses conhecimentos na Formação do profissional, mas descreve esses conhecimentos no sub-conjunto que exemplifica uma Formação voltada à promoção de saúde no sentido mais amplo. Portanto, nesta unidade, será descrita somente a verbalização de um dos sujeitos, que citou tal carência, enquanto uma dificuldade enfrentada no seu cotidiano profissional.

4.1.3.1. Pouco conhecimento de outras áreas que podem auxiliar o trabalho do psicólogo.

S8 critica não só a falta de oportunidade para o aluno conhecer as mais diversas correntes teóricas da Psicologia, como também a pouca informação que os cursos geralmente oferecem sobre outras áreas do conhecimento, tais como Filosofia, Sociologia, Economia. Tais conhecimentos poderiam, na visão deste participante, ampliar a visão do aluno sobre o homem.

Diz ele "(...) eu sinto muito assim, eu gostaria de estar trabalhando mais a parte sociológica, essas análises, eu sinto muita falta disso. O curso carece de Filosofia, Economia, a gente até teve Antropologia Filosófica, mas são disciplinas semestrais. Então não sinto muito assim embasamento da nossa parte, falta muito, muito..."(Anexo-14.1.3.1./S8).

4.1.4. Os estágios supervisionados.

Os estágios também foram apontados como parte da Formação que também sofre diretamente a estruturação conservadora dos cursos de Psicologia.

4.1.4.1. Os estágios constituídos com ênfase na questão técnica, descolados da teoria.

Dois supervisores especificaram mais diretamente as dificuldades que a estruturação do curso atualmente impõe ao desenvolvimento dos seus trabalhos de estágio.

S6 cita que os estágios, da forma como estão organizados dentro do curso, produzem práticas tecnicistas, não se tornando um espaço de reflexão para o aluno, mas sim de réplicas dos modelos já existentes e que não conseguem responder adequadamente às contradições presentes na realidade."*(...) ele - o aluno - pode até ser um ótimo aplicador de teste, um ótimo aplicador daquela técnica, mas ele não vai interferir naquela realidade, e aquela realidade vai tomar conta e aí o que acontece? Ele vai reclamar da*

realidade, que ela não é boa para ele, né? É com esse olhar que os estágios são organizados”(Anexo-/4.1.4.1./S6).

O resultado desse tipo de estruturação é um estágio vazio da articulação teoria- prática que, segundo o sujeito, acaba sendo a marca da Formação; um curso que tem focado mais os aspectos técnicos, exagerando no seu pragmatismo, ocasionando uma prática descolada da teoria.

Essa realidade é a que o aluno vai se deparar no seu estágio, e ele acaba reproduzindo o modelo proposto pela estruturação do curso, como aponta o sujeito “(...) *É assim, eles voltam do estágio para dizer que aconteceu isso, aconteceu aquilo, mas não para pensar a prática articulada com a teoria. Então, por exemplo, você foi, e o que você viu tem a ver com a teoria estudada? E na hora de você fazer o relato, em vez de você fazer o relato afetivo, que é isso que acontece, gostei disso , não gostei daquilo, você vai fazer um relato reflexivo, o que é que nesse contexto que você viu confirma ou contradiz com a teoria que você está estudando? Essa deveria ser a pergunta principal”(Anexo-/4.1.4.1./S6).*

Outro sujeito, S3, aponta: “(...) *eu acho que é necessário para superar esse estágio tecnicista, é você fazer o aluno ver a profissão como área de aplicação de conhecimento e como área de investigação de conhecimento, no sentido da pesquisa, redescobrimo coisas, tais como: o que é ser psicólogo? É você aplicar conhecimento psicológico? Essa é uma questão, por exemplo, que deve ser superada na Formação, por que ela ocasiona essa dicotomia entre teoria e prática”(Anexo-/4.1.4.1./S3).*

Essa dicotomia, segundo este sujeito, acaba criando um tipo de formação em que primeiro você adquire o conhecimento, depois você aplica esse conhecimento e não precisa mais da teoria. E esse é o problema, não só na questão da Formação em Psicologia, mas de um modelo predominante na sociedade, enquanto visão de mundo.

4.1.5. Habilidades do profissional de Psicologia.

As habilidades que predominam na Formação com características conservadoras são aquelas que favorecem um tecnicismo exacerbado, geralmente descolado de uma visão teórica consistente e do contexto que envolve determinado fenômeno, produzindo, dessa forma, práticas ineficientes para alterar tal fenômeno.

Todos citam que é fundamental ter uma clareza sobre a técnica como uma produção ou instrumentalização de uma determinada leitura teórica da realidade. Então, parece que o importante não é a técnica em si, mas a sustentação teórica que a produziu e a sua devida contextualização dentro de um projeto articulado entre teoria e prática. Tais situações nem sempre são presentes na Formação atualmente.

4.1.5.1. Modelo da Formação atual, visto como um aspecto que dificulta a instrumentalização técnica adequada a um bom trabalho profissional.

S3 exemplifica a dificuldade de se obter uma instrumentalização técnica, pelo fato da Formação hoje estar pautada no modelo 4+1(quatro anos de teoria e um ano de estágios), citando também que as diferentes áreas da Psicologia acabam dificultado o desenvolvimento das habilidades técnicas. Isso aparece quando o aluno não consegue apreender as diferentes possibilidades do trabalho psicológico, ficando preso a práticas específicas dentro de determinadas áreas.

Diz ele "(...) o modelo de formação que a gente tem é esse em que o aluno faz quatro anos de teoria e depois um ano de estágio, eu acho que uma das formas de romper com isso é o aluno estar engajado em projetos , em coisas práticas, desde o começo do curso, para que ele possa acompanhar e participar, ter uma visão de tudo que está ocorrendo ali, que ele possa discutir, onde ele possa estar treinando algumas habilidades e conhecimentos"(Anexo-14.1.5.1./S3). Parece que há uma preocupação em

construir, ao mesmo tempo, uma reflexão teórica e suas conseqüências de aplicação profissional.

A crítica de outro sujeito, S6, sobre a ênfase na técnica descolada da teoria, presente na formação, é assim descrita:“(...) *o cara vai lá na Febem e aplica todos os testes de Piaget e esquece que está no Brasil que aquela é uma instituição total, ele esquece esse contexto. Quer dizer, enquanto técnica está tudo perfeito, agora como pensamento abortaria... E aí o que acontece? Como não tem pensamento, contexto, só tem técnica, ele pode reproduzir a técnica dez vezes, mas ela vai ser ineficiente, porque ela está descolada da realidade.*”(Anexo-/4.1.5.1./S6).

4.2. A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO QUE SE CONTRAPÕE ÀO MODELO TRADICIONAL DE PROMOÇÃO DE SAÚDE.

Neste conjunto, temático os sujeitos participantes apontaram as características que devem estar presentes na formação, objetivando constituir uma nova identidade profissional do psicólogo, ou seja , aquele que promove saúde, saúde esta compreendida na relação homem e modos de vida⁷.

É necessário construir um referencial teórico e profissional que habilite o psicólogo a ter uma ação que vá além da ação meramente curativa, entendida hoje como a sua função principal. Tal função, historicamente, produziu graves distorções no trabalho do psicólogo na área da Educação; portanto, é de fundamental importância, segundo os sujeitos participantes, discussões que possam produzir a alteração do papel do psicólogo junto ao contexto educacional.

4.2.1. Perspectivas dadas pela Formação.

⁷ A conceituação “modos de vida” aqui citada é a discutida por Rey(1993): “**O modo de vida é um importante conceito sociológico, nele se expressam as motivações essenciais do**

As discussões aqui apontadas pelos sujeitos participantes, demonstram o movimento presente atualmente nos cursos de formação, que propicia reflexões importantes para a construção de um profissional de Psicologia, cuja marca seja a de promover saúde, nas diferentes áreas de atuação, entendida como uma perspectiva sistêmica de saúde⁸.

4.2.1.1. A Formação entendida como um tempo de aprendizagens básicas.

Alguns dos sujeitos entendem que o principal objetivo que deve estar presente na Formação é o de apresentar as questões básicas referentes à ciência psicológica e à profissionalização do psicólogo.

Para S5, os cursos de formação devem possibilitar aos alunos , a partir do conhecimento básico da Psicologia, refletir sobre este, questionando as diferentes intervenções psicológicas em cada área. Considera que na Formação, o aluno irá encontrar muitos questionamentos e poucas soluções para as situações problemáticas, pois estas deverão ser construídas por ele, ao longo da sua atuação profissional.”(...) *o curso de Psicologia ele te inicia com questões, não com soluções ou com respostas. A prática dentro do curso de Psicologia ela é muito restrita, então, você se transforma em psicólogo também na sua prática profissional.*”(Anexo-/4.2.1.1./S5).

Para este sujeito, as diferentes correntes teóricas não são consideradas impeditivas para uma boa Formação, demonstrando sim a complexidade do objeto da Ciência Psicológica na descrição da singularidade do fenômeno humano. Aponta ainda que as dificuldades presentes na Formação devem ser compreendidas a partir do contexto do Ensino Superior

homem em um sistema de atividades concretas, pela qual esta categoria têm um importante significado para o estudo da a saúde humana”(p.17).- tradução minha -.

⁸ A concepção sistêmica aqui considerada é a citada por Capra (1982). Segundo o autor “ o pensamento sistêmico é pensamento de processo e , por conseguinte a visão sistêmica encara a saúde em termos de um processo contínuo(...) a saúde é realmente um fenômeno multidimensional envolvendo aspectos físicos, psicológicos e sociais, todos interligados”(p. 315).

no Brasil, que é marcado por problemas e contradições. Mas no seu ponto de vista *“(...) a formação, apesar de estar faltando muita coisa, ela está muito melhor hoje do que antigamente, até porque teve um desenvolvimento muito grande da Psicologia no Brasil”(Anexo-/4.2.1.1./S5).*

A formação permanente é a preocupação que S7 considera importante o aluno compreender ao longo da graduação, entendendo que o curso de Psicologia é apenas o início de um longo processo de novas vivências teóricas e práticas que irão compor a sua trajetória profissional. *“(...) ele precisa saber que ela não vai sair da graduação formado, de jeito nenhum. E que a profissão da gente é realmente uma coisa de formação permanente, sabe? Que a gente nunca sabe tudo, então a gente tem que sempre estar atrás das coisas, porque cada conhecimento que a gente estabelece, a gente logo vai fazer um conflito com ele, e essa é uma busca permanente” (Anexo-/4.2.1.1./S7).*

Na mesma direção, S10 considera que o curso de Psicologia deve propiciar uma visão geral sobre a ciência e a profissão. Na sua avaliação *“(...)a Formação não dá para abarcar tudo. Nem acho que tem que ser mesmo dessa forma. Depois da graduação cada pessoa vai ver qual é a sua área de interesse e vai se especializar, vai se dedicar mais O importante é que o curso oferece as coisas básicas da Psicologia, dando uma visão mais geral”(Anexo-/4.2.1.1./S10).* Considera que teve um bom curso de Formação, vivenciando diferentes práticas propiciadas pelo seu estágio.

Dentro dessa perspectiva de uma formação generalista, S2 apontou que *“(...) você precisa ter uma formação mais generalista, ou seja uma formação menos técnica, uma formação onde o aluno consiga perceber socialmente qual é o papel do psicólogo”(Anexo-/4.2.1.1./S2).*

Finalmente, para S9, é necessário que o aluno na Graduação tenha contatos não só com as principais correntes teóricas da Psicologia, mas também adquira uma visão dos aspectos preventivos na atuação do profissional. *“(...) eu acho que é importante conhecer todas as teorias*

psicológicas, porque todas tem algo a colaborar na atuação da gente, mas enfatizo a necessidade do aluno conhecer, na Formação, aspectos mais preventivos no trabalho do profissional de psicologia, ele precisa ter essa visão, ajuda muito no dia-a-dia...”(Anexo-/4.2.1.1./S9).

4.2.1.2. A importância de uma nova concepção de homem na Formação.

S2 citou, como aspecto fundamental, que deve estar presente nas discussões da Formação, uma nova concepção de homem, quebrando a hegemonia, hoje existente, da concepção do homem da psicanálise. Entende que isto pode contemplar uma reflexão ética e teórica, possibilitando concretamente o desenvolvimento de um modelo de promoção de saúde, na Formação, assim como formas de implementá-la.

Diz ela: “(...)uma questão importante é que o curso de Psicologia discuta mais a concepção de homem, é claro que tem diferentes teorias, nós temos dado para o aluno uma outra forma de conceber o homem, não esse homem que o Édipo filogeneticamente transmitiu. Então não é negar isso, mas é poder dar outra possibilidade, outro tipo de homem que é histórico, construído nas relações(..) então um curso que dê uma visão mais social, no sentido de homem de mundo, que isso muitas vezes é fraco” (Anexo-/4.2.1.2./S2).

4.2.1.3. Discussão na Formação de novos espaços de atuação.

As práticas emergentes aparecem como fatos importantes e que devem ter mais espaço na formação. Essas práticas estão, na maioria dos casos, associadas a atuações institucionais e comunitárias. S5 considera fundamental essa discussão, sobre novos espaços de atuação, especialmente para aqueles que pretendem atuar na Educação, que são considerados como “situações educacionais”, onde o psicólogo pode atuar na perspectiva de promoção de saúde. *“(...) procuro estar mostrando para eles - os alunos - as novas possibilidades do trabalho na Educação, indo além da Educação Formal e trabalhando com o que nós estamos chamando*

de situações educacionais que podem estar presentes em diferentes instituições, privilegiando os trabalhos grupais e coletivos”(Anexo- /4.2.1.3./S5).

Outro aspecto, apontado, por S6, foi sobre práticas com enfoque educativo, junto à comunidade, ocorrendo uma interseção entre a Psicologia Comunitária e a Psicologia Educacional. Tais trabalhos são, ainda hoje, considerados incipientes, mas de grande importância para o psicólogo que deseja trabalhar com aspectos mais amplos, que envolvem um conhecimento da cultura institucional e comunitária.

Na sua opinião será “(...) *partindo da Psicologia Comunitária, que a gente poderia produzir projetos governamentais muito mais coerentes, por que a Psicologia daria elementos da realidade(...)* seria fundamental a Psicologia discutir políticas de saúde, políticas de educação(...) quando a gente fala em educação reduz muito à alfabetização, ao mundo letrado e esquece do espaço informal, presente na comunidade, que é de informação, que também é educação”(Anexo-/4.2.1.3./S6).

4.2.2. Conhecimentos das principais correntes teóricas da Psicologia.

Nesta unidade temática, foram reunidas as principais teorias que segundo os sujeitos participantes, devem estar presentes na Formação, porque podem auxiliar o trabalho do psicólogo, na perspectiva de promover saúde.

4.2.2.1. Conhecer as principais concepções “de homem” presente nas diferentes teorias psicológicas e seus desdobramentos práticos - profissionais.

Algumas questões apresentadas nesta unidade demonstram uma compreensão comum entre os sujeitos participantes. Todos apontaram para a necessidade da Formação possibilitar, ao aluno, o conhecimento das principais correntes teóricas da ciência psicológica. Isto demonstra um

consenso sobre uma formação generalista que apresente as várias “Psicologias” que compõem tal ciência. Outra questão descrita de forma consensual foi a necessidade de aprofundar o conhecimento sobre a Psicologia Institucional, para habilitar o futuro profissional a ter uma atuação consistente, frente à complexa dinâmica presente nas instituições.

As questões nas quais os sujeitos apresentam diferenças indicam a visão teórico-prática que se encontra subjacente ao trabalho profissional de cada um, embora todos entendem que, na sua atuação, os conhecimentos teóricos, por eles utilizados, têm auxiliado para efetivar uma ação comprometida com a promoção de saúde na Educação.

A teoria Sócio-Histórica é apontada por três dos sujeitos como a teoria dentro da Psicologia que sustenta a compreensão que eles têm dos fenômenos psicológicos, presentes na realidade.

Para eles, essa abordagem é aquela que melhor faz a ponte entre teoria e realidade, considerando que tal visão teórica é importante para o psicólogo que quer atuar na perspectiva da promoção da saúde, porque ela pode subsidiar uma compreensão do mundo enquanto constituído pelas tramas da sua própria história, rompendo com a visão individualista, presente na maioria das outras teorias psicológicas. Cita um deles - S1: *“(...) A teoria Sócio-histórica ela é mais que uma teoria pronta sobre o mundo psíquico, sobre o funcionamento psíquico(...) ela é uma postulação, da relação do indivíduo com o mundo. Ela é uma teoria que fala da gênese do humano no homem, a gênese do psiquismo do homem que está na gênese da história e do social”*(Anexo/4.2.2.1./S1).

Essa perspectiva teórica contrapõe-se à noção de homem natural. A Educação, dentro dessa concepção teórica é vista como um fenômeno construído historicamente e que se atualiza constantemente através das relações sociais. *“(...) a gente está tentando desenvolver uma outra noção de que a Educação é um processo, processo de relacionamento, de parceria, de diálogo, onde professor e aluno dialogam com o conhecimento , eles são*

parceiros num diálogo com o conhecimento, para poder se apropriar de uma cultura, com um conhecimento que a humanidade sistematizou, sempre entendendo aquele conhecimento como processo, como conhecimento histórico” (Anexo-/4.2.2.1./S1).

No mesmo sentido, para S2, a teoria Sócio-Histórica contribui para uma nova concepção de homem, vendo-o como ser histórico, constituído através das suas relações sociais. Tal concepção é ainda incipiente nos cursos de formação, mas vem ganhando cada vez mais espaços tanto entre os alunos quanto os profissionais.”(...) *a gente tem sentido que de um dois anos para cá , uma mudança muito grande,(...) Isso para nós é um indicativo que os alunos não estão mais fechados. Então assim a gente não quer a hegemonia, mas a gente quer que essa posição teórica também exista na Formação” (Anexo/4.2.2.1./S2).*

Um outro sujeitos, S3, citou o corpo teórico das chamadas Teorias Críticas, entendendo que estas reflexões contribuíram para uma nova concepção de homem, vendo-o como um ser determinante e determinado pelas circunstâncias sociais e históricas. Considera importante que o profissional tenha conhecimento dessas teorias.

As Teorias Críticas geraram um corpo teórico dentro da Psicologia, a chamada corrente Sócio-Histórica. “(...) *hoje as teorias psicológicas que levam em conta uma visão de mundo que a teoria marxista pressupõe, compreendem o homem como sendo construtor também determinado pelas circunstâncias históricas, em um determinado espaço social”(Anexo/4.2.2.1./S3).* Considera que existe uma necessidade também de se conhecer , dentro desse enfoque, a Psicologia Social e a Institucional, entre outras.

Entende a teoria Sócio-Histórica pode propiciar uma visão mais integrada do homem, na sua relação com o mundo, possibilitando, dessa forma, uma atuação mais ampliada do profissional. Tais conhecimentos, na

sua opinião, podem possibilitar ao profissional uma ação que vise promover a socialização do saber e, conseqüentemente, a promoção de saúde.

A característica presente nos outros sujeitos participantes é a de utilizar várias vertentes teóricas na sua atuação profissional. Um deles justifica que é necessário uma postura aberta frente a diferentes teorias, porque considera que nenhuma delas dá conta da complexidade do ser humano. Dentre as teorias citadas, aparecem, de forma predominante, a Psicanálise, o Construtivismo de Piaget, a teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, a teoria do Grupo Operativo de Pichon River e o Psicodrama de Moreno.

Assim, para S4, é importante conhecer, além das teorias da Psicologia da Educação, as da Psicologia Institucional e Psicologia Social, tendo em vista que tais conhecimentos ajudam na reflexão das práticas desenvolvidas. No seu trabalho ele utiliza as contribuições teóricas do construtivismo, da psicanálise e dos grupos operativos. Entende que tais contribuições enriquecem o seu trabalho, não vendo em tal fato um ecletismo teórico e sim uma busca para compreender o complexo fenômeno humano *“(...)eu não sei te dizer se o que eu faço é ecletismo, eu não me sinto assim, ora isso, ora aquilo. Eu acho que o ser humano é rico demais e que uma teoria é sempre pouco(...) Se eu tiver que ser alguma coisa, eu acho que sou muito mais cognitivista. Essa cognitivista comportamental moderna”* (Anexo-14.2.2.1./S4).

Outro sujeito, S5, utiliza-se das bases teóricas psicanalíticas de autores independentes, como Winnicott e outros. Considera que tais contribuições teóricas auxiliam de forma bastante interessantes a interpretação das situações institucionais. *“(...) eu estou muito identificada com a psicanálise, com autores independentes, como Winnicott, menos ortodoxo. Então eu faço leituras das situações, quer dizer, eu uso a psicanálise mais para a leitura das situações institucionais, do que para o desenvolvimento das ações”*(Anexo-14.2.2.1./S5).

O conhecimento das teorias de desenvolvimento e aprendizagem é também considerado com fator que complementa o seu trabalho, pois tais conhecimentos descrevem as relações e evolução do ser humano ao longo da sua existência.”(...) *eu estudo um pouco mais aprofundadamente a questão da aprendizagem(...) você tem que conceituar para você, tem que conceituar a aprendizagem, o desenvolvimento, como é que você vê o ser humano em relação ao outro. E tem que ter também uma conceituação sobre a educação*”. Considera que cabe à Formação dar esses diferentes contextos teóricos e “(...) *cada um - dos alunos - vai localizar as teorias psicológicas, uma coisa mais geral e aí ele vai dar um significado, vai internalizar alguma coisa como teoria, e vai fazer uma escolha e nessa escolha ele tem que aprofundar*” (Anexo-/4.2.2.1./S5).

O conhecimento das várias correntes teóricas é também apontado por outro sujeito; S7 considera que essa diversidade amplia a compreensão do fenômeno psicológico, em suas várias vertentes teóricas.”(...) *eu acho importante que o aluno possa ter contato com as várias Psicologias, para pessoa poder escolher a sua, o seu jeito, também se identificar. Então eu acho importante ela saber que tem essas várias correntes dentro da Psicologia*”(Anexo-/4.2.2.1./S7).

Em seu trabalho utiliza-se das contribuições da Psicanálise, do Construtivismo de Piaget e das discussões realizadas por Patto em Psicologia Escolar, entendendo que essas discussões esclarecem tanto as relações homem-mundo em geral como da especificidade do universo escolar. Para esse sujeito “(...) *o fato de você ter ido buscar nesses autores, de alguma forma, tem uma representação que você faz sobre o próprio objeto da psicologia, né? Daí essa busca...*”(Anexo-/4.2.2.1./S7).

Já na descrição de S10, é necessário conhecer as teorias educacionais, as teorias do desenvolvimento e da aprendizagem, complementado ainda com a Psicanálise e o Psicodrama de Moreno.

Em seu trabalho, utiliza-se dessas fontes para ter uma atuação que considera ampla e preventiva, considerando que na formação é que o aluno vai iniciar os seus contatos com essa diversidade teórica.”(...) *você vai adquirir é na faculdade, para mim foi importante os conceitos que eu estudei na faculdade. Na aprendizagem, por exemplo, teóricos como Sara Pain, Alícia Fernandez, na Orientação Vocacional as contribuições de Bohoslavisky, o psicodrama de Moreno, depois depende muito da busca pessoal de comprar livro, estar sempre acompanhando...*”(Anexo-14.2.2.1./S10).

Por sua vez, S8 considera que é fundamental que a Formação possibilite esse conhecimento geral da Psicologia. Entende que, para ter uma atuação mais coerente na Educação, é necessário aprofundar algumas teorias consideradas de suporte, como as teorias do desenvolvimento, da Psicologia Social, das Organizações, as teorias da personalidade, na medida em que tais teorias podem ser aquelas que irão facilitar diretamente o trabalho do psicólogo escolar. Diz ele: *“(...)a Psicologia do Desenvolvimento, porque você vai estar lidando com o desenvolvimento do processo, a Psicologia Social, contextualiza suas ações, a Psicologia das Organizações te dá a noção de poderes que existem dentro das instituições, as teorias da personalidade, a própria Psicologia Clínica, porque se você precisar fazer um diagnóstico, encaminhamento, essas coisas. Então eu vejo, no trabalho do psicólogo na escola, como um todo que envolve muita coisa”*(Anexo/4.2.2.1./S8).

No seu trabalho como psicóloga que atua na Educação, utiliza as contribuições teóricas do Behaviorismo, da teoria Cognitivista de Piaget e de Vygotsky e o Psicodrama de Moreno. Entende que tais teorias têm dado um importante suporte para o desenvolvimento do seu trabalho junto à Educação.

Finalmente, S9 também considera que todo conhecimento psicológico é importante para o desenvolvimento de um trabalho mais integrado. Utiliza várias vertentes teóricas - comportamental, cognitiva, humanista - utilizando autores como Vygotsky, Rogers, Maslow, entre outros

nos encaminhamentos e leituras realizadas na sua atuação.”(...) *Eu acho que tem que ter conhecimento de várias teorias, na formação. Eu quando me formei me especializei em teoria comportamental, atualmente tenho utilizado a Psicologia do Desenvolvimento, e a gente tem conseguido, com isso, entender os meninos e desenvolver uma metodologia de trabalho. Já com os professores eu utilizo a Psicologia Humanista, no que se refere a questões de relacionamento, de aceitação, empatia*”(Anexo/4.2.2.1./S9).

4.2.3. Conhecimento de outras áreas, na Formação, objetivando habilitar o psicólogo para uma atuação interdisciplinar.

Todos os sujeitos participantes apontaram , como uma deficiência na Formação, o pouco contato que o aluno tem com outras áreas de conhecimento que podem contribuir para a sua atuação profissional e, principalmente, criar um novo modelo que avance para uma perspectiva de projetos interdisciplinares e que promovam saúde.

4.2.3.1. Áreas das Ciências Humanas e Sociais.

Os conhecimentos que foram citados pela maioria são os de Filosofia, Sociologia e História. Os sujeitos participantes apontaram , baseados em sua vivência profissional, aqueles conhecimentos que julgam serem importantes para ajudá-los a terem uma atuação interdisciplinar. Tal atuação é vista como uma exigência do mercado hoje.

Tanto S3 como S2 consideraram importante que o profissional de Psicologia tenha acesso a outras áreas de conhecimento , tais como a Filosofia, a Sociologia, História da Educação, entre outras, possibilitando uma ampliação da perspectiva de trabalho profissional. Para S2, tais conhecimentos são fundamentais “(...) *porque ele (o aluno) vai poder compreender a própria constituição da Ciência Psicológica*”.(Anexo-/4.2.3.1./S2). Outra questão levantada é o fato de que esses outros conhecimentos poderão instrumentalizar melhor aquele aluno que vai

trabalhar na Educação. Diz S3: *“(...)eu acho que só com os conhecimentos da Psicologia, ele não consegue dar conta de formar o psicólogo escolar. Uma das coisas que considero fundamental é o aluno ter um bom conhecimento do campo educacional”*(Anexo-/4.2.3.1./S3) .

Já para S5, a importância de se conhecer outras áreas, como a Filosofia, a História, Sociologia, é poder dar ao aluno a oportunidade de contextualizar a Psicologia diante desses outros conhecimentos. Diz ela: *“(...)o aluno precisa colocar no contexto. Num contexto histórico, num contexto filosófico. A Psicologia tem um século de existência, então é conhecer as razões históricas do surgimento da psicologia, o porque dessa variabilidade teórica, enfim conhecer todo esse percurso”*(Anexo-/4.2.3.1./S5).

Na questão da profissionalização, considera importante o aluno conhecer as teorias das organizações, a dinâmica das instituições, do caráter conservador das mesmas, para realizar uma intervenção mais claramente definida.

Um outro sujeito, S6, também aponta a necessidade de conhecer para contextualizar. Somente dessa forma, segundo ele, será possível entender o desenvolvimento histórico dos fenômenos sociais e políticos, enquanto parte integrante da produção de determinados conhecimentos teóricos, entre eles a própria Psicologia.

Considera que tais conhecimentos podem dar uma visão menos individualista, própria da Psicologia em geral, possibilitando uma visão mais ampliada, por parte do profissional, da sua atuação. Faz uma crítica à formação apontando que *“(...) existe uma cisão dentro da Psicologia, um descontexto. Então essa falta de contexto histórico, faz com que a ação profissional fique parecendo muito fechada em si mesma(...) porque você não pode falar em atendimento, por exemplo, sem discutir políticas de saúde no país(...) Essa falta de leitura faz com que o profissional depois fique muito impotente na ação deles”*(Anexo-/4.2.3.1./S6). Portanto, entende como fundamental o profissional ter conhecimentos que possam instrumentalizá-lo

a desenvolver uma atuação mais conseqüente na perspectiva de promoção de saúde.

Também para S7 é importante que o aluno, durante a Formação, *“(...) não fique só na Psicologia, ele tem que ter uma visão das Ciências do homem, de Filosofia, Sociologia (...) porque ele vai atuar na sociedade e precisa ter um mínimo de entendimento de onde ele está, e para que está ali, para não ter uma prática alienada” (...)* no fim das contas não consegue nem ter opção, porque não sabia nem que tinha outras opções”(Anexo- /4.2.3.1./S7).

Concordando com o aspecto do profissional procurar conhecer teorias, S8 exemplifica: *“(...) A Psicologia sozinha não dá conta mesmo de explicar tudo e a Formação não dá esse embasamento, o que é dado é muito pouco, a gente carece de Filosofia, essa parte mais sociológica, de Economia. Então falta muito isso tudo, de subsídio para estar discutindo, ampliando, para fazer essa investigação que eles - instituição - nos solicitam”*(Anexo- /4.2.3.1./S8). Entende que tais conhecimentos ampliam as possibilidades do profissional promover a socialização do saber e conseqüentemente a promoção de saúde.

Já para S10, é necessário não só ter conhecimento de outras áreas, como a médica, mas ir além de leituras estritamente técnicas, buscando estar sintonizado com os diferentes meios de comunicação, para acompanhar as mudanças que a realidade apresenta. *“(...) eu compro muita revista, jornal, como por exemplo, tem uma revista para adolescente que o CAPLA - Instituto de Sexualidade - que escreve numa das seções (...) então revista também tem muita informação. Eu vi no meu trabalho com professores no interior, que eles utilizavam a revista ” Claudia” em sala de aula, apresentando reportagens sobre saúde”*(Anexo- /4.2.3.1./S10).

Alguns dos sujeitos participantes citaram teorias educacionais como parte fundamental para aqueles que atuam nessa área.

S5 considera fundamental que o aluno, na Formação, tenha conhecimento das teorias educacionais, com uma visão mais crítica, citando o trabalho do professor Paulo Freire como um exemplo dessa postura mais crítica sobre a realidade e fins da Educação. No seu trabalho, ela cita o percurso que fez para ampliar a sua visão dentro da campo educacional.”(...) *na minha disciplina a gente discute novas perspectivas na Psicologia da Educação(...) a gente estuda as visões de ensino, as concepções de homem, as metodologias dentro dessa abordagens, a tradicional, comportamental, cognitivista até a hora em que privilegio a crítica social e aí eu trabalho muito com os conceitos criados por Paulo Freire. Acho importante essa troca de informações entre as áreas”(Anexo/4.2.3.1./S5).*

Esses conhecimentos, ainda segundo o sujeito, ampliam a visão sobre os fenômenos humanos e sociais, o que possibilitaria trabalhos centrados em aspecto mais coletivos e integrativos, trabalhos esses propícios à promoção de saúde.

Na compreensão de S1, a teoria Sócio-Histórica amplia a visão do fenômeno educativo, entendido como um processo que se constitui e é constituído nas relações históricas. Considera ser de fundamental importância que o aluno apreenda essa visão para poder atuar na perspectiva de compreender o movimento presente no processo educativo. Diz ele: “(...) *eu acho importante que o psicólogo que atue na Educação, nessa perspectiva de saúde, ele entenda o movimento das coisas, é ele perceber que as coisas, essas que eu estou chamando de perspectiva histórica, de que as coisas estão em movimento, de que são construídas pelo conjunto social, eu acho isso fundamental”(Anexo/ 4.2.3.1./S1).*

Na análise que um dos sujeitos faz, é importante que o profissional tenha conhecimento das teorias educacionais, como a História da Educação, entre outras, mas entende que o aluno, ao iniciar o curso de Psicologia, tem uma expectativa de ser um futuro psicólogo clínico; esse fato cria uma certa resistência, por parte do aluno, em conhecer outras áreas, fora da Psicologia.”(...) *a atuação do psicólogo não consegue dar conta da maioria*

das questões que aparece na Educação. A Formação não consegue dar conta de formar o psicólogo escolar. Então considero fundamental que o aluno tenha um bom conhecimento do campo educacional, ter um bom conhecimento de áreas próximas e principalmente das teorias críticas dessas áreas e dentro da própria Psicologia”(Anexo-/4.2.3.1./S3).

S10 também apontou a importância do psicólogo, que atua na Educação, conhecer mais a área pedagógica e suas interfaces com a Psicologia. Cita, como exemplo, no seu trabalho institucional, a Pedagogia Salesiana, de base humanista, tem vem dando um bom suporte ao desenvolvimento do seu trabalho. Tal pedagogia gerou novas vertentes como a Pedagogia da Presença.”(...) *A Pedagogia Salesiana não é muito conhecida no meio científico, mas nos meios educacionais ela é muito conhecida, ela foi elaborada há mais de cem anos e é basicamente voltada para a educação dos jovens. Então para mim foi muito útil os conhecimentos que a Psicologia oferece e mais os dessa Pedagogia, eles complementam o nosso trabalho.*(Anexo-/4.2.3.1./S10).

4.2.4. O estágio supervisionado.

O estágio supervisionado é considerado como um momento privilegiado para o aluno estar em contato com diferentes vivências que podem ampliar suas perspectivas de atuação profissional. É neste sentido que alguns dos sujeitos , que atuam como supervisores, descreveram sobre a contribuição efetiva que os estágios podem propiciar ao aluno, na Formação.

4.2.4.1. Estágio compreendido como espaço de importante reflexão para o aluno.

S3 considera que os estágios são espaços importantes para o aluno entender e aprender a lidar com as contradições existentes nas instituições que, na maioria das vezes, reproduzem a estrutura conservadora e autoritária, presentes também na sociedade.”(...) *o estágio é a oportunidade concreta para os alunos conhecer a realidade escolar, dos problemas nela*

existentes e ver como é que o psicólogo educacional pode atuar nessa realidade”(Anexo-/4.2.4.1./S3).

Um dos aspectos apontados é a velha demanda que a escola tem em relação ao trabalho do psicólogo e somente com uma reflexão crítica sobre o “porquê” dessa demanda, é que o estagiário pode não cair na armadilha ideológica de legitimar cientificamente os ditos problemas de aprendizagem que a escola apresenta solicitando uma solução por parte do psicólogo. Exemplifica esta situação com uma das experiências que teve no estágio em uma escola pública:“(…) *No início a gente começou a perceber que a expectativa que a escola tem do trabalho do psicólogo é de resolver os problemas de aprendizagem, então vinha aquela listagem enorme de nomes de crianças(…)A escola espera que você legitime aquilo que ela acredita que deva ser feito, ou seja uma prática discriminatória, seletiva, justificando o fracasso”(Anexo-/4.2.4.1./S3)*

Após muitas reflexões conjuntas, ainda segundo S3, foi possível alterar tal expectativa propondo“(…) *abrir a escola, quer dizer, trazer os recursos da própria comunidade para discutir as questões que a escola estava colocando(…) então, juntando as forças fica mais fácil de você ir tirando as máscaras, ir desnudando o preconceito. Então é nessa perspectiva de você tentar ver o sujeito não isoladamente , mas na dinâmica interna da instituição, que é reflexo de uma sociedade discriminatória e seletiva”(Anexo-/4.2.4.1./S3).* Entende que essas vivências conflitantes dos estágios propiciam ao aluno, uma visão mais realista do movimento existente na sociedade, levando-o a refletir sobre a importância de uma atuação profissional engajada numa ação política mais ampla.

Outra sujeito, S6, discute que, no espaço universitário, o estágio é o espaço privilegiado para desenvolver ações de investigação que possibilitem uma reflexão crítica das teorias aprendidas e dos modelos práticos delas derivados.“(…) *a universidade ela cumpre um papel, por isso que o estágio é importante. A universidade é um espaço de promover uma ação, de investigação, de pensamento, de reflexão ou de discussão(…) então eu acho*

que a universidade ela tem que promover essa mentalidade, esse hábitos(...) e vai ser a partir da prática que você vai direcionar o pensamento, por isso o estágio é fundamental”(Anexo-/4.2.4.1./S6).

Atualmente, tais estágios têm produzido práticas tecnicistas, não se tornando espaço de reflexão mas sim de réplicas de modelos já existentes. É necessário porém que haja um movimento que produza uma nova forma de desenvolver os estágios numa visão mais ampla, relacionando a teoria e a prática, senão “(...) *você fica com esse mundo de teoria descosturado , e aí você não objetiva, fica um monte de não sei o que...*”(Anexo-/4.2.4.1./S6).

Para outro sujeito, S8, é necessário ampliar, além da parte informativa nos estágios, a chamada parte formativa. Entende que nos estágios procura-se atingir a parte informativa e formativa, sendo que as circunstâncias específicas do estágio acabam concretizando mais a parte informativa.”(...) *Eu acho que a gente tenta dar conta mais do conteúdo clássico, mais tradicional, tenta colocar as vertentes teóricas mais atualizadas, mas fica mais nessa parte de informação mesmo(...) acho que acaba faltando uma parte mais formativa, de acompanhamento do aluno, eu não sinto investimento nesse sentido”(Anexo/4.2.4.1./S8).*

Entende que a parte formativa vai contribuir para a reflexão, mudanças de atitudes e busca de alternativas, que podem evitar determinados problemas e auxiliar no trabalho de promoção de saúde. Esse movimento de ajudar a pensar, dar apoio ao trabalho no estágio, é considerado como o espaço de promoção de saúde, dentro do trabalho educacional, cabendo ao psicólogo desenvolvê-lo.

Todos os sujeitos apontaram a necessidade do estágio poder propiciar ao aluno o desenvolvimento de uma visão mais integradora do homem, através de ações institucionais e interdisciplinares.

4.2.5. A importância da técnica instrumentalizada pela teoria.

A questão da técnica pela própria técnica foi amplamente criticada pelos sujeitos participantes ao longo das entrevistas, como por exemplo, o excesso de técnicas presentes nos cursos, a profissionalização dentro de uma visão tecnicista, entre outras. Nesta unidade, alguns sujeitos descrevem a necessidade da técnica, entendida enquanto parte instrumental de determinadas teorias.

Para S1, a técnica deve existir não enquanto um fim em si mesma, mas diretamente relacionada com uma determinada reflexão teórica.”(...) *eu diria que as habilidades técnicas necessárias para trabalhar em determinada abordagem é a própria apropriação teórica da abordagem, é o conhecimento que te habilitará tecnicamente*”(Anexo-/4.2.5./S1).

A técnica é uma forma mais adequada de intervir na realidade, entendendo que a construção técnica se dá no movimento de um olhar técnico seguido de operacionalização prática, cujos resultados devem subsidiar novas reflexões teóricas.”(...) *sempre a gente entende que quando a gente faz uma técnica que não deu certo, a gente compreende o nosso erro está na forma como a gente entendeu o fenômeno, então a gente vai jogar a responsabilização na sistematização teórica que a gente construiu...*”(Anexo-/4.2.5./S1).

Outro sujeito, S2, cita a necessidade, desde a Formação, do psicólogo identificar a concepção de homem subjacente à determinada técnica, pois a consistência de uma visão teórica possibilita a construção de determinadas “técnicas” adequadas a tal trabalho, por parte do profissional.

Entende que a técnica é uma forma mais adequada de intervir na realidade.”(...) *eu acho que não dá para jogar fora a questão das habilidades técnicas, só que eu nunca falaria da técnica descolada . (...) o que eu te digo é o seguinte: não tem que abolir a técnica , mas sempre que eu pensar na técnica, ela deve estar relacionada, embasada em uma teoria. A técnica só surge por que a teoria fez uma reflexão,(...) então é assim é um olhar que é teórico, vai para a prática, trás novidades e conteúdos da prática, reforça a*

teoria e é nesse movimento que eu vou construir a técnica” (Anexo- /4.2.5./S2).

O espaço do estágio, já na opinião de S5, é o espaço privilegiado para o aluno construir técnicas adequadas ao seu desempenho profissional. “(...) eu acho que o estágio abre caminhos, uma porta(...) esse ano a gente chamou ex-alunos para contar isso, o que é que esse curso me deu, e eles dizem que facilitou lá fora, eles dizem que tem conseguido trabalhar em instituições, porque eles tem todo suporte da psicologia Institucional. Então a gente abre uma porta Agora tem que ter, não só técnica, eu acho que tem que ter paixão mesmo...”(Anexo-/4.2.5./S5).

Para S6, finalmente, é fundamental que o aluno, na Formação, esteja inserido em projetos que propiciem a reflexão entre teoria e prática, para não cair no tecnicismo. “(...) A técnica é importante enquanto disciplina, uma disciplina profissional, e por isso o aluno deve estar engajado em projetos que resultem nessa disciplina(...) eu quando estava no segundo ano eu entrei na iniciação científica e isso me ajudou muito na Universidade(...) então eu não sou contra a técnica eu sou contra o tecnicismo”(Anexo-/4.2.5./S6).

4.2.6. Habilidades, vistas como apropriação de técnicas, necessárias ao profissional de Psicologia.

Os sujeitos participantes descrevem nesta unidade algumas técnicas que eles consideram como importantes, para o trabalho do psicólogo.

4.2.6.1. Técnicas de avaliação diagnóstica.

Para a realização de diagnósticos, institucionais ou individuais, a maioria dos sujeitos participantes citou as seguintes técnicas: a técnica da entrevista, a da observação, do registro, do trabalho grupal, todas com planejamento voltado a focar um determinado fenômeno, para posteriormente realizar as análises necessárias e programar as intervenções devidas. Cada

um dos sujeitos descreveu tais situações inseridas no seu próprio desempenho profissional.

S3 considera que uma visão teórica consistente possibilita a construção de técnicas de avaliação, no trabalho profissional do psicólogo. Para realizar tal objetivo, o profissional deve saber“(...) *planejar, observar, registrar, etc. eu colocaria, eu colocaria também a construção de instrumentos de avaliação*”(Anexo-/4.2.6.1./S3), com o objetivo de realizar diagnósticos.

Para outro sujeito, S6, é fundamental que o profissional aprenda técnicas de observação e registro, enquanto instrumentos importantes para diagnosticar a realidade trabalhada. Tais técnicas, no entanto, devem ser complementadas com espaços de discussões entre diferentes profissionais para fins de avaliação, à luz de determinada teoria, sobre o que foi diagnosticado.“(...) *na realidade a observação, o registro que você vai fazendo vai dando elementos da realidade, quer dizer, através da observação e do registro partir para uma discussão mesmo, uma reflexão sobre o que foi encontrado...eu acho que esse métodos a gente tem que estudar mesmo, porque é a base para você depois discutir, né?*”(Anexo-/4.2.6.1./S6).

Já segundo S9 “(...) *a entrevista é básica, o psicodrama é muito rico para você trabalha com pais, e o aconselhamento psicológico também*”(M9). Através de tais técnicas é possível realizar um bom diagnóstico e prognóstico da situação. Aponta ainda a necessidade de estar sempre atento às novas técnicas que podem auxiliar no trabalho do psicólogo. “(...) *eu acho que tem muita coisa renovando diariamente, então essa busca de informação e essencial(...) tem técnicas, por exemplo, que a gente ainda está aprendendo, a nível de como lidar com infratores, não os graves, mas aqueles que estão iniciando, de como a gente pode intervir, são coisas que a gente ainda está aprendendo, mas são fundamentais para o trabalho da gente*”(Anexo-/4.2.6.1./S9).

4.2.6.2. Técnicas de trabalho em grupo.

Em relação às técnicas necessárias para um bom trabalho em grupo, S10 considera que o profissional de Psicologia deve ter o conhecimento das técnicas do Psicodrama. Para ele, tais conhecimentos têm sido fundamentais para o seu trabalho com grupos. Diz ele: *“(...) para o meu trabalho acho importante as técnicas do Psicodrama, com os jogos dramáticos, as dramatizações, o Role Play (...) então eu faço o jogo e depois eu vou passar os conceitos teóricos e isso também é a seqüência do Psicodrama(...) então no meu trabalho, eu acho que tem que ter isso, essa parte expositiva e a parte vivencial”*(Anexo-14.2.6.2./S10).

Para outro do sujeito, S3, é necessário, na Formação, que o aluno tenha conhecimento a respeito da entrevista e do trabalho em grupo. *“(...) Outra questão que acho ser importante, em relação às técnicas, é o fato do aluno ter um conhecimento mais aprofundado das técnicas de entrevista e do trabalho com grupos. Quer dizer acho que são técnicas que o aluno tem que dominar, através do próprio trabalho, ou seja, em cima do uso, do manejo dessas técnicas, ele usa ao enfrentar concretamente, no estágio, uma situação que ele necessite dessas técnicas”*(Anexo-14.2.6.2./S3).

Por sua vez, S4 entende que é necessário ao profissional um constante ambiente de estudo e reflexão sobre as ações desenvolvidas, a fim de aperfeiçoar as técnicas utilizadas. Na sua opinião *“(...) a técnica mais importante é a da observação(...) quando os alunos chegam aqui na formação, não sabem, então eu peço e é muito difícil. E aí tem que estudar um pouco sobre como observar, eu digo: o psicólogo não vai observar? Não trabalha observando? O psicólogo tem coordenar grupos e tem que saber observar”*(Anexo-14.2.6.2./S4).

Aponta entre as técnicas para trabalhar com grupos, as do Psicodrama, as de coordenação, registro como técnicas de suporte para o desenvolver tais trabalho. *“(...) essas técnicas também são necessárias, se a gente lança mão, acho que a gente tem que saber aproveitar um pouco disso tudo no trabalho”*(Anexo-14.2.6.2./S4).

Na opinião de S5, o psicólogo é fundamentalmente um profissional da “escuta”. Dentro dessa característica considera que é necessário que o aluno adquira a habilidade de “conversar”.

Entende que, no trabalho institucional, é fundamental que o aluno aprenda “(...) *a técnica de conversar, porque na nessa técnica é que você vai identificando o que se passa naquela situação que você está conversando*”(Anexo-4.2.6.2./S5), possibilitando, dessa forma, a interpretação da dinâmica das relações. Tais interpretações podem proporcionar uma reorganização, por parte das pessoas envolvidas, dos problemas apresentados.

Considera que a técnica da observação é um suporte para olhar e interpretar o significado de determinadas situações. Tais interpretações devem ter o respaldo dos significados encontrados.

Para S7, finalmente, a escolha de determinadas técnicas depende do interesse, da história de vida e do estilo pessoal de cada profissional.”(...) *não adianta copiar do outro, se alguma coisa que não estava em harmonia com essa singularidade da gente, que se deu certo, é bem capaz que prá gente dê tudo errado*”(Anexo/4.2.6.2./S7).

Considera importantes as técnicas de grupo, como as do psicodrama, por exemplo, para o desenvolvimento do trabalho junto às escolas. O profissional, na opinião desse sujeito, aprende através da educação continuada, dos seus estudos, vivência profissional, as técnicas que o possibilitam a fazer leituras da realidade e intervenção na mesma.

4.2.6.3. Técnicas de pesquisa.

Alguns sujeitos apontaram a atividade de pesquisa como um experiência rica na formação, que pode auxiliar na própria atuação profissional. Independente deste profissional tornar-se um pesquisador, as

vivências que a pesquisa trás ao aluno o instrumentalizam em técnicas que ele deverá utilizar na sua atuação, tais como, observação, registro, análise, etc. Dois dos sujeitos citaram mais diretamente essa questão

Para S6, a Universidade é o espaço ideal, durante a Formação Profissional, para a aquisição de hábitos de pesquisa, através da investigação, da reflexão e da discussão. Tais hábitos podem possibilitar uma atitude reflexiva mais conseqüente sobre a relação de determinadas construções teóricas e as práticas delas derivadas.

Entende que a pesquisa, como por exemplo a Iniciação Científica, pode possibilitar a criação do hábito de observar, registrar e refletir criticamente sobre as situações postas. Cita a sua experiência como exemplo: *"(...) a minha primeira Iniciação Científica foi sobre a questão do brinquedo com as crianças da Febem. A segunda já foi com a própria instituição da Febem(...) então eu fui aprendendo a ter uma reflexão crítica sobre a realidade, eu consegui chegar no estágio com propostas, quando eu fui fazer estágio eu propus um projeto e eu fiz um estágio diferenciado do grupo, porque como eu já vinha de toda uma experiência coma Iniciação Científica eu tinha possibilidades concretas de propor alguma coisa..."*(Anexo-14.2.6.3./S6).

Outro sujeito, S8, considera que a atividade de pesquisa é fundamental para a aquisição de técnicas como visão sobre produção de conhecimento, da observação, registro, dados estatísticos. Descreve o seu próprio trabalho onde utiliza a pesquisa como parte do planejamento da sua atuação: *"(...) eu trabalho com pesquisa, eu acho super importante esse tipo de trabalho, o quanto é importante a gente instalar essas pesquisas, entender o contexto de pesquisa, de estar checando, de estar detectando. Muitos dos nossos trabalhos lá na escola a gente conseguia através da pesquisa(...) a pesquisa dentro daquele contexto mesmo, você selecionar, fazer amostragem, trabalhar com estatística. Nossa! Isso nos mostra a situação, de como você enxergar o mundo"*(Anexo-14.2.6.3./S8).

Na sua opinião, a pesquisa ajuda a conhecer melhor a realidade , por isso considera ser necessário que o aluno, desde a sua Graduação, tenha uma aprendizagem de pesquisa. Além da própria pesquisa, cita também as técnicas e o entendimento de dinâmica de grupo, de aconselhamento psicológico, entre outros, para obter um bom desenvolvimento do seu trabalho na escola.

Enfim, os dados aqui apresentados, extraídos dos quatro conjuntos temáticos, expressam o processo de construção dos sujeitos desta pesquisa, acerca das concepções de "promover saúde na Educação", e que refletem nas suas práticas profissionais. Será realizada, a seguir, uma discussão que buscará compreender as mediações históricas e ideológicas presentes nas concepções aqui relatadas, com o objetivo de poder responder às questões iniciais deste estudo.

DISCUSSÃO

Ao iniciar o capítulo da Discussão, é necessário retomar a noção da transitoriedade do saber, com a clareza de que os dados que serão aqui discutidos fazem parte de um recorte de um determinado momento, com um determinado grupo. Os relatos desenharam o movimento⁹ pelo qual passam os sujeitos entrevistados. Em vista disso, as discussões pretendem apreender o processo de transformação que irá caracterizar esse movimento compreendido como formas de significação na trajetória do profissional de Psicologia, que se identifica como um profissional que promove saúde no seu trabalho na educação.

Tais análises estarão diretamente relacionadas aos conteúdos apresentados por esse grupo, não perdendo de vista que as respostas, mesmo sendo individuais, são compreendidas, dentro do conceito de

⁹ O conceito de movimento descrito neste trabalho é relacionado com as proposições da Psicologia Sócio-Histórica que descreve o "movimento" como parte dos processos de

Totalidade¹⁰, ou seja, como um produto de uma construção coletiva, inserida na própria história da Psicologia no Brasil, com suas contradições, avanços e recuos.

A partir dos dados, é possível observar que os sujeitos participantes da presente pesquisa encontram-se em diferentes momentos de construção a respeito da concepção de “estar promovendo saúde”, no seu trabalho junto às instituições, atendimentos, assessorias, etc.

Adentrar e tentar apreender a realidade traduzida nesse movimento torna-se um desafio muito bem explicitado por Fontana(1997) ao considerar que, ***"o desafio de pesquisar no movimento é que o pesquisador não olha um tecido pronto; procura aproximar-se do movimento em que o tecido vai sendo feito. Mergulha na multiplicidade dos fios em movimento, buscando compreender a trama que vai sendo urdida"*** e questiona ***"como olhar desse lugar do em se fazendo, como aproximar-se da emergência e do desenvolvimento da autoconsciência do ser profissional em indivíduos singulares, em suas relações imediatas com o trabalho?"***(p.75).

Compreender, então, o processo de transformação que tais sujeitos vivenciaram e vivenciam na sua prática profissional, expressos através dos seus relatos - palavras - é fundamental, para que se entenda tal atuação como prática mediada pela ideologia e pela história do contexto social, em que essa atuação se insere.

Essa mediação é explicada por Vygotsky(1984) ao apontar que o homem não estabelece uma relação direta com o mundo e sim uma relação

mediações presentes ao longo da vida do homem, e que compõem a constituição da sua consciência, fenômeno, segundo Vygotsky(1984), genuinamente humano.

¹⁰O conceito de Totalidade aqui apontado é o da dialética marxista . Segundo Konder(1981)para dialética marxista ***"o conhecimento é totalizante e a atividade humana, em geral, é um processo de totalização , que nunca alcança uma etapa definitiva e acabada"***(p.36). Dessa forma a atividade humana é parte de um todo e suas ações estão interligadas e somente como uma visão do conjunto das partes que o compõem é possível realizar uma análise das conexões e razões que cada ação tem em um determinado conjunto, ressaltando que essa visão é sempre provisória e não esgota a realidade a que se refere.

através de complexas mediações que vão se ampliando ao longo do seu desenvolvimento. Dessa forma, a função psicológica superior é uma combinação entre instrumentos e signos na atividade psicológica, onde um altera e é alterado pelo outro no processo dialético da construção da subjetividade social¹¹.

Bakhtin(1990) destaca a importância dos signos e mostra nessa instância de representação, como foco central, a palavra ("**discurso interior**"), que se revela como "**material semiótico privilegiado do psiquismo**"(p.52) tornado-se um importante caminho para compreensão não só da subjetividade como também da ideologia, na medida em que "**tudo que é ideológico é um signo, sem signo não existe ideologia**"(p31).

Ao discutir a palavra enquanto signo ideológico, Neves(1997) enfoca que essa palavra "**(...) vai sempre estar apontando as menores variações das relações sociais, não só referentes aos sistemas ideológicos constituídos, mas também no que dizem respeito à ideologia do cotidiano, aquela que se exprime na vida corrente, em que se formam e se renovam as ideologias constituídas**"(p.16).

Dentro desse contexto, *da palavra/signo*, expressa nos relatos dos sujeitos nas entrevistas que viabilizaram a estrutura central dos conjuntos temáticos, considera-se importante estar discutindo como, em cada uma das categorias, aparece esse "movimento de diferentes configurações" caracterizando, de um lado, aspectos da construção de cada profissional na sua trajetória de trabalho e, por outro, as convergências dessas trajetórias na procura de desenvolver um trabalho "novo", avançando além dos limites, postos hoje, na área da Psicologia da Educação. Esses dois lados formam uma mesma unidade e será precisamente a análise desta unidade e de como ela se configura no todo deste estudo, que poderá oferecer um quadro dos aspectos dessa realidade que se está buscando estudar e compreender.

¹¹ O conceito de *subjetividade social* é discutido por Rey(1997) ao considerar que "**(...) la subjetividad se expresa a nivel social como constituyente de la vida social,**

Quais são essas novas práticas profissionais, essas novas concepções? Elas, de fato, representam algum avanço teórico que vem refletindo na constituição e na atuação do profissional de Psicologia na direção de “promover saúde”?

É necessário retomar que a concepção teórica que está sendo considerada neste trabalho, como avanço da perspectiva de “promover saúde”, é a da concepção sistêmica ou ecológica de saúde. Capra(1982) e Moura(1989), entre outros, consideram que o enfoque sistêmico ou ecológico relaciona fatores sociais, políticos e econômicos como partes integrantes da saúde dos povos. Para esses autores, tal enfoque parece definir melhor as relações existentes entre saúde/doença das comunidades e seus ambientes físicos e sociais. A conceituação sistêmica ou ecológica contempla uma interligação entre a saúde e o ecossistema do homem em diferentes momentos históricos, ocasionando diferentes representações da saúde/doença em determinadas épocas e sociedades.

Na Psicologia, essas discussões também já estão presentes, conforme autores já citados na introdução deste trabalho. Estes autores buscaram avançar nas conceituações sobre saúde e Psicologia, fazendo surgir o conceito de “Psico-Higiene” de Bleger(1982), assim como as questões apontadas por Pinheiro(1995) considerando o psicólogo como um profissional que se enquadra dentro da categoria de “promotor de saúde”, atuando em equipes interdisciplinares. Spink(1992) discute igualmente a “Psicologia da Saúde” como um novo campo de saber para a Ciência Psicológica e Rey(1995) vem desenvolvendo uma discussão importante, ao descrever aspectos do desenvolvimento da personalidade, relacionada com a "saúde e o modo de vida".

Enfim, a questão tem sido colocada no debate presente através das seguintes indagações: como ser um profissional de saúde dentro de uma visão sistêmica de saúde? Neste trabalho, a preocupação em determinar

momentos que hemos designado como subjetividade social, y no se diferencia de la individual por su origen sino por el escenario de su constitución"(p.83)

características dessa visão levou-nos a um questionamento mais específico: como ser um profissional de saúde na Psicologia aplicada à Educação? Como desenvolver uma atuação específica do psicólogo, inserido na proposta de promoção de saúde, na Educação? Será através da análise dos conjuntos temáticos construídos a partir dos relatos dos sujeitos participantes desta pesquisa, que tais respostas poderão ser encontradas.

Rey(1997), ao discutir o objeto da Psicologia, aponta que ***“la psicología, como el resto de las ciencias sociales, tiene un objeto que es consciente e interactivo, cuya naturaleza ontológica es similar a la del investigador que lo estudia”***(p.2). Portanto, a relação dual investigador-investigado, dentro da técnica da entrevista recorrente, possibilitou que os dados fossem construídos enquanto um produto dessa interação, produto pensado e repensado por ambos e será esse produto, traduzido nos grandes conjuntos temáticos, que “desenhou” a realidade estudada. Realidade esta vista como um resultado da atividade produzida por sujeitos sociais em suas constantes lutas, que produzem movimentos contraditórios fazendo aparecer diferentes experiências e acontecimentos. Para Nora(1976) ***“(…) o acontecimento testemunha menos pelo que traduz do que pelo que revela, menos pelo que é do que pelo que provoca. Sua significação é absorvida na sua ressonância; ele não é senão um eco, um espelho da sociedade, um abertura”***(p.187).

Neste estudo, portanto, pelas perspectivas teóricas e metodológicas que o sustentam, os sujeitos participantes serão considerados como sujeitos sociais, ainda que, por economia, eles sejam apontados, ao longo do trabalho, pela simbolização S1, S2, S3, etc.

Cada um desses sujeitos sociais, que re-escreveram a sua história profissional, teve trajetórias próprias demonstrando diferentes concepções sobre “o que é” e o “como fazer” para promover saúde no seu trabalho na Educação. Essas diferenças, no entanto, apontam uma unidade: a de sujeitos “em processo”. Estas posições serão analisadas a partir da

compreensão de como cada um dos nossos participantes se constituíram desta ou daquela forma, para ser possível captar tal unidade, traduzida no movimento em que cada um deles se encontra, movimento este que não é linear, mas contém contradições que podem ser traduzidas pelos avanços e recuos presentes nas práticas profissionais.

Para poder analisar esses diferentes momentos, foi fundamental buscar o que aparece nos dados de "comum" entre todos eles, pois será esse núcleo "comum" que poderá caracterizar tal processo de mudança. O que os dados desse núcleo comum apresentaram? Quais as características que os relatos mostraram que poderão ajudar na resposta da indagação feita inicialmente neste estudo? Para responder a essas indagações foram pinçado os pontos comuns dos relatos considerados como pistas importantes, as quais serão apresentadas a seguir.

OS PONTOS COMUNS APRESENTADOS NOS RELATOS.

Ao analisar os conjuntos temáticos que representam a apreensão do pensamento-ação dos sujeitos participantes, é necessário não perder de vista que cada um deles reproduz sua própria história profissional, inserida e constituída no interior da historicidade da Psicologia no Brasil.

Esta história tem história... e envolve as últimas três décadas no Brasil acompanhando e refletindo os diferentes momentos sociais pelos quais o país passou. Bock(1997) resgata está história, que é nossa , que é parte da nossa formação e identidade como profissionais. Ela envolve as entidades nacionais da Psicologia e as agências formadoras que buscaram ao longo desse tempo criar espaço de pesquisa e discussão para fazer avançar a ciência e a profissão. É dentro deste percurso que se inserem os sujeitos da presente pesquisa, descrevendo o seu trabalho, suas dúvidas e suas perspectivas futuras, representando a concretude da história da Psicologia no Brasil.

É possível observar o fato de que cada sujeito teve trajetórias diferenciadas, mas com pontos comuns em relação à busca de um trabalho que refletem concepções além do que está posto tradicionalmente, no que se refere a promover saúde na área educacional. Serão esses pontos que irão interessar nesta discussão, visto que eles poderão descrever caminhos que estão levando à construção de um processo de reflexão e formas de atuação profissional.

As principais características que os dados apresentaram apontam para diversas questões, consideradas centrais pelos sujeitos, para o desenvolvimento de uma ação cada vez mais integrada na perspectiva de promover saúde na Educação. Serão essas questões que passarão a ser analisadas a seguir.

1. O PSICÓLOGO E SUA FUNÇÃO SOCIAL.

1.1.A ética da transformação social

Em relação ao trabalho do profissional de Psicologia, vários pontos foram descritos pelos sujeitos. Em cada uma dessas descrições é possível observar uma constante preocupação com a construção de um profissional ético¹², inserido cada vez mais nas questões do nosso tempo e profundamente comprometido com um trabalho que possa promover a saúde da população, ou seja, um profissional buscando dar um sentido político às suas práticas profissionais demarcando mais claramente a sua função social.

¹² Na exposição de motivos do Código de Ética Profissional do Psicólogo feita pelo Conselho Federal de Psicologia (1995), o conceito de ética é definido como a: “**ética filosófica, que aponta para uma reflexão, para a compreensão das singularidades(...) É esta visão de totalidade existencial-filosófica que faz com que o profissional abra as janelas da sua mente para ver o mundo como uma realidade social, política, comunitária e perca a mesquinhez de ver o indivíduo no seu imediatismo, e é esta**

Há uma preocupação com questões consideradas importantes, que devem estar presentes na atuação profissional. A questão da ética é citada enquanto um norte fundamental para uma atuação conseqüente. Para (S7) é necessário *"discutir a ética em geral e dentro da prática do psicólogo"*. Esta ética voltada *"para perspectiva da transformação social"*(S1), através das reflexões sobre a sociedade e suas contradições, *"enfim, dos valores sociais que estão postos ali"*(S2). Tais reflexões devem ser *"iniciadas na Formação"* (S3) para possibilitar a construção de valores que apontem para uma perspectiva de trabalho voltada à humanização do indivíduo, na busca *"de uma atuação mais comprometida"*(S8) com a construção da sua cidadania¹³.

Para podermos compreender o que vem acontecendo hoje em nossa sociedade e como a Psicologia se insere nessa questão da busca da cidadania, é necessário entender a própria constituição e apropriação desse conceito. A cidadania foi sendo conquistada ao longo da história através das lutas travadas no interior de várias organizações sociais, que buscaram a garantia básica dos direitos fundamentais do homem. Os diferentes modos de organização social do Estado, assim como das relações de participação e emancipação, demonstram que a cidadania está indissolúvelmente ligada ao Estado de Direito¹⁴.

Torna-se necessário que o profissional de Psicologia tenha claro qual o seu projeto de cidadania e como orientar-se teórica e metodologicamente para um projeto que implique no desenvolvimento coletivo. É preciso tentar

visão que o faz transcender do indivíduo para o grupo, do momento para a história, de soluções precárias para procuras mais globais (p.98)".

¹³ Palazzo(1998) utilizando a definição de Hannah Arendt sobre o conceito de cidadania, aponta que **"a cidadania é o direito de ter Direitos, que só é conquistado pelo sujeito quando o mesmo tem pleno acesso a ordem jurídica"**(p.35). Dentro dessa perspectiva, Santos(1997) descreve a íntima relação entre cidadania e subjetividade. Para ele a subjetividade é constituída através do processo de auto-reflexividade e de auto-responsabilidade, mediada pela relação com a cidadania, esta entendida como deveres e direitos, ampliando a possibilidade de auto-realização do homem.

¹⁴ Para aprofundamento das questões sobre Direitos Humanos e Psicologia ver:

- Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. **"Psicologia, Ética e Direitos humanos"**. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 1998.
- Dornelles, J. R. **"O que são Direitos Humanos"** . São Paulo, Ed. Brasiliense, 2ª ed., 1997(Coleção Primeiros Passos:229).

responder a tradicional e sempre atual questão: a quem a Psicologia estará servindo nesse momento?

Tal indagação pode dar início à ruptura com uma postura ingênua, muito presente ainda hoje entre os psicólogos, de que o objeto da Psicologia é um objeto "natural", neutro. Essa visão não ocorre por acaso, ela é uma consequência do predomínio de concepções de homem e de mundo, impregnadas pela correntes filosóficas do positivismo e do idealismo. Essas idéias embasam muitas das teorias psicológicas. Para Bock(1997) **"(...) a Psicologia está impregnada de uma visão naturalizante do psiquismo. Essa visão está diretamente relacionada ao positivismo e ao idealismo presentes nas ciências , ao liberalismo como concepção filosófica e política dominante em nossa sociedade, ao próprio desenvolvimento histórico da Psicologia e ao reforço permanente que fazemos a essas concepções em produções e trabalhos"**(p.5).

Com isso, as práticas profissionais têm reproduzido , na maioria das vezes, uma postura a-política, contribuindo para uma visão ideológica de ocultamento das determinações sociais e históricas no desenvolvimento do psiquismo humano. A questão que parece ser importante é a do profissional compreender que a função social de uma determinada profissão, não só da Psicologia, estará sempre relacionada com o compromisso ético e político de desenvolver ações que busquem modificar a realidade hoje, ou seja, da transformação social que assegure o estado de Direito por parte das populações excluídas socialmente.

Para alterar tal situação, o compromisso básico da Psicologia será o de colocar integralmente o conhecimento acumulado na área a serviço dos setores majoritariamente excluídos da cidadania. Para tanto, a atuação do psicólogo em todas as áreas deverá priorizar o cotidiano social, a questão ética de respeito ao ser humano, compreendido em sua concretude histórica e social.

Enfim, não há fórmulas prontas; o que se deve buscar é a idéia fundamental de que o sujeito do processo (a coletividade) precisa certificar-se e aprender a lidar com os mecanismos sociais que dão origem a limites, normas, convenções, leis e regras, que dizem respeito ao seu próprio cotidiano.

O trabalho da Psicologia direcionado para a cidadania deve buscar um conjunto de procedimentos que coloquem à disposição da população conhecimentos que poderão ajudá-la a entender as contradições presentes no seu cotidiano e na construção do processo de humanização¹⁵ desses sujeitos sociais.

O processo de humanização é também uma preocupação central dentro do projeto de promover saúde, apontada pelos sujeitos da pesquisa, e esta tem uma significação especial sendo compreendida como parte integrante da construção da “condição humana”¹⁶. Bock(1997), ao discutir o conceito de condição humana, descreve: **“(...) na condição humana, nada no homem está aprioristicamente concebido. Não há nada em termos de habilidades, faculdades, valores, aptidões ou tendências que nasçam com o ser humano. As condições biológicas, hereditárias do homem são a sustentação de um desenvolvimento sócio-histórico, que lhe imprimirá possibilidades, habilidades, aptidões, valores, tendências historicamente conquistadas pela humanidade e que se encontram condensadas nas formas culturais desenvolvidas pelos homens em sociedade”** (p.23)

¹⁵O processo de humanização é compreendido por Vygotsky(apud Fontana,1997) como um processo que envolve a natureza social e histórica da experiência humana, no desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores, portanto, **“(...) a natureza psicológica do homem é a totalidade das relações sociais”**(p.51).

¹⁶ O conceito de condição humana apoia-se nas proposições teóricas da Psicologia Sócio-Histórica. Baseando-se no Materialismo Histórico de Marx, esta corrente teórica aponta, a partir de Vygotsky(1984), uma nova configuração ao fenômeno psicológico, analisando *a constituição da condição humana* a partir do seu contexto histórico, político e social. Para Kusolin(1994), Vygotsky considerava que **“(...) el hombre no utiliza sólo la experiencia heredada físicamente. Toda nuestra vida, nuestro trabajo y nostra conducta están baseada en una utilización más extensa de la experiencia de las generaciones anteriores, experiencia que no se transmite del padre al hijo durante el nacimiento. Convencionalmente la denominamos *experiência histórica*”**(p.85).

O processo de humanização, dentro dessa perspectiva teórica, insere o próprio homem, mediado pelas suas relações sociais, como construtor da sua própria condição humana. As ações que valorizam as relações humanas através das mediações sociais tornam-se, portanto, um importante espaço de promoção de saúde.

A intervenção psicológica, de acordo com essa proposta aparentemente ampla, não deve perder a especificidade do trabalho psicológico e essa especificidade é a de ser um profissional que promove saúde, atuando nas questões da subjetividade humana (intra-psíquicas) concretizada nas relações sociais (inter-psíquicas).

Rey(1997), em sua construção teórica acerca do conceito de subjetividade descreve **“(...) La subjetividad es la constitución de la psiquis en el sujeto individual, e integra también los procesos y estados característicos a este sujeto en cada uno de sus momentos de acción social, los cuales son inseparables del sentido subjetivo que dichos momentos tendrán para él”**(p.83). Dessa forma, a subjetividade nessa conceituação é compreendida como uma complexa interpenetração entre a singularidade do sujeito inserido numa determinada organização social e histórica e a constituição dos próprios eventos sociais, transformada em subjetividade social. Constituído e constituinte, essa é a dinâmica presente na construção do sujeito psicológico e será esse sujeito o objeto de estudo da Psicologia e da atuação do próprio psicólogo. Como desenvolver ações específicas na dinâmica institucional? Como compreender esse sujeito psicológico presente nas relações institucionalizadas? Enfim, como promover saúde dentro desse contexto?

Nos relatos apresentados neste trabalho, tais indagações se fazem presente. O psicólogo, segundo os entrevistados, deve fazer intervenções junto às questões psicológicas presentes na instituição educacional. Para S4 **"o psicólogo tem um conhecimento específico"** que deverá ser utilizado no trabalho das relações e das subjetividades. Para S2 o profissional de

Psicologia tem condições e instrumentalização técnica para atuar junto às *"relações dentro das instituições educacionais"*, promovendo melhorias nas situações de aprendizagem e de ensino, considerando que a promoção de saúde irá possibilitar uma outra qualidade na intervenção do psicólogo. S3 amplia tal participação apontando a necessidade do psicólogo participar mais ativamente dos *"debates sobre as instituições educacionais"*, para compreender os mecanismos de exclusão e participação presentes nessa dinâmica, atuando sempre na direção da construção de uma postura que busque a cidadania dos envolvidos em tais contextos.

Parece que a preocupação deve ser de uma atuação que, sem perder a especificidade do psicólogo, especificidade esta entendida por S4 como a do profissional que, *"em qualquer lugar que ele estiver, ele vai estar trabalhando com a saúde"* e com a subjetividade, compreenda, também, as relações sociais que compõem tais instituições enquanto parte constitutiva da subjetividade dos seus componentes.

Enfim, é possível observar que os sujeitos desta pesquisa buscam a construção de um profissional ético, preocupado com práticas profissionais mais comprometidas com as transformações sociais. Este processo avança na medida em que os profissionais tenham uma clareza maior da estreita relação entre Ciência Psicológica e Sociedade. Para Camino(1998)*"(...) as diversas teorias e práticas psicológicas cooperam diferentemente na construção da cidadania e no destino da humanidade(...) por sua natureza, todo conjunto de conhecimentos e práticas da Psicologia refere-se, de alguma maneira, à concepção do que é o Indivíduo e a Sociedade e portanto relaciona-se também com o processo de construção da consciência coletiva dos direitos da humanidade"*(p.47-48). Portanto, para os sujeitos, não existe uma prática profissional "neutra" ou "ingênua", existe sim, um projeto de sociedade que sustenta determinadas ações dentro de um contexto histórico.

1.2. Educação e trabalho preventivo na comunidade .

A relevância da Ciência Psicológica é descrita pelos sujeitos, especialmente por S9, que considera que *"a Psicologia, hoje em dia, está mudando o enfoque"* apontando a necessidade da Psicologia ampliar cada vez mais práticas e reflexões que possibilitem ao profissional uma atuação mais concreta na comunidade¹⁷, numa perspectiva que envolva educação e prevenção.

O trabalho preventivo desenvolvido na comunidade é uma preocupação presente nos relatos. Sobre esta questão há algumas diferenças conceituais: umas mais próximas do conceito conservador de prevenção, entendendo que é necessário um trabalho que crie uma atitude preventiva nas pessoas em relação ao seu futuro, à sua vida; outras, consideradas neste trabalho como mais avançadas, apontando que a prevenção em Psicologia é quase uma prevenção inespecífica, cuja ação é voltada à construção de espaços de reflexões sobre as dificuldades e o enfrentamento cotidiano da vida, num processo de conscientização dos fatores que interferem nesse cotidiano.

Inserida tal posição nas discussões presentes, é possível verificar que a Psicologia tem avançado sistematicamente nesse campo através de estudos que se desdobram em posições teóricas, metodológicas e de ação junto às comunidades. Para Campos(1996) ***"a comunidade, (...) é o lugar em que grande parte da vida cotidiana é vivida."*** (p.9).

Foi a partir da década de 60 que os psicólogos começaram a se inserir em movimentos populares, desenvolvendo trabalhos psicológicos junto a comunidades de baixa renda, colaborando para o processo de deselitização da profissão.

¹⁷ Para ampliar a discussão sobre o conceito de comunidade ver SAWAIA, B. B. Comunidade: a apropriação de um conceito tão antigo quanto a humanidade . In: CAMPOS,

Em especial a Psicologia Social Comunitária, em suas discussões, tem demonstrado uma posição avançada, realizando trabalhos de pesquisa e atuação profissional visando à promoção de saúde da população através da conscientização progressiva sobre as condições de vida, que tal população encontra-se inserida. Diz Campos(1996) ***“os trabalhos comunitários partem de um levantamento das necessidades e carências vividas pelo grupo-cliente, sobretudo no que se refere às condições de saúde, educação e saneamento básico(...) procura-se trabalhar com os grupos populares para que eles assumam progressivamente seu papel de sujeitos da sua própria história, conscientes dos determinantes sócio-políticos de sua situação e ativos na busca de soluções.”(p.10).***

Lane(1996) sistematizou a trajetória histórica da Psicologia Comunitária no Brasil, inserida no contexto sócio-político da América Latina, na década de 60, marcado pela repressão e ditadura no Continente. Essa trajetória foi pontuada por preocupações de diferentes profissionais, como psiquiatras, assistentes sociais, pedagogos e psicólogos, em construir atividades que possibilitassem o resgate da cidadania. Na década de 80 o movimento centrou-se na busca de uma caracterização da Psicologia Social Comunitária, já marcada por algumas experiências relevantes realizadas na área da saúde, saúde mental, educação popular e trabalho, nas periferias, com mulheres, etc.

No final dos anos 80 a sistematização dos trabalhos realizados na comunidade toma corpo. Nas discussões desencadeadas nesse processo de sistematização os trabalhos em grupo ganham força enquanto um caminho para se chegar a compreender a dinâmica do próprio grupo e das instituições presentes nas organizações populares. A promoção de saúde aparece nos relatos de Bonfim(1988) que, ao descrever o trabalho do seu grupo, apontou para uma relação direta entre saúde e condições de vida, considerando o psicólogo como um profissional que pode atuar no sentido de desvelar tais

R. H. de F. (org.) **“Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia”**.

condições, para que as pessoas possam ter autonomia perante a constituição da sua saúde.

Essas discussões, presentes ainda hoje nos encontros e congressos da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), mostram um certo vigor dessa nova área de atuação e como esse fato pode contribuir para uma profissionalização, cada vez maior, da Psicologia junto ao trabalho na comunidade. Góis(1993), na sua definição sobre a Psicologia Comunitária, descreve a específica contribuição que a Psicologia pode ter nesse campo. Diz ele que a Psicologia Comunitária é “ **uma área da Psicologia Social que estuda a atividade do psiquismo decorrente do modo de vida do lugar/comunidade; estuda o sistema de relações/representações; identidade; níveis de consciência ,(...) seu problema central é a transformação do indivíduo em sujeitos”(p.11).**

O psicólogo que atua junto à comunidade, desenvolvendo trabalhos geralmente com outros profissionais, inicia tal ação com o levantamento das condições de vida da população que será atendida, buscando compreender quais são os seus problemas enfrentados quotidianamente, em especial os de saúde, educação e saneamento básico. Será através dos dados obtidos que o trabalho de conscientização terá então início, buscando progressivamente que os sujeitos se apropriem da sua própria história e aprendam a construir ações que possibilitem as mudanças. Segundo Freitas(1996), “**(...) a busca do desenvolvimento da consciência crítica, da ética da solidariedade e de práticas cooperativas ou mesmo autogestionárias, a partir da análise dos problemas cotidianos da comunidade, marca a produção teórica e prática da Psicologia Social Comunitária”(p.10)**

Nos relatos dos sujeitos apareceram trabalhos educacionais inseridos na comunidade na perspectiva de promoção de saúde, como “ *trabalho com moradores de rua*”(S5), com “*jovens de periferia*”(S2). Um deles, bastante

interessante, é o desenvolvido por S6, com a *"utilização do brinquedo"*. Através da exploração lúdica, por parte das crianças e dos seus pais, S6 demonstra que, com essas "brincadeiras", é criado um espaço simbólico da ludicidade, do prazer do brincar, que possibilita às pessoas resgatarem a ludicidade como espaço do encontro, do crescimento e do desenvolvimento, sendo, portanto, uma circunstância de educação e promoção de saúde junto a essa população. Mas, conforme S6 aponta, essas experiências são isoladas e de pouco impacto junto aos profissionais de Psicologia, sendo necessário criar mecanismos que facilitem *"os intercâmbios teóricos e práticos"* para ampliar tais atuações.

As importantes contribuições da Psicologia Social Comunitária ainda não são parte integrante da profissionalização do psicólogo. Basta verificar que os trabalhos desenvolvidos nessa área, em sua maioria, ainda estão calcados numa visão conservadora e adaptacionista, buscando na atuação dita "preventiva" evitar os comportamentos inadequados da população - como os da violência, os que envolvem meninos e adolescentes que vivem na rua, provenientes de famílias que vivem na miséria. Enfim, a lógica é a da adaptação dessa população.

Nesta perspectiva, chega a ser ingênuo imaginar que bastam ações bem intencionadas para alterar a vida dessas pessoas. A cultura de prevenção assim desenvolvida, como forma de promoção de saúde, pode ser considerada conservadora na medida em que a preocupação básica é o "não adoecer", contrapondo-se com uma visão integrativa dos vários fatos e modos de vida que compõem a saúde da população, em geral, e do indivíduo, em particular.

É possível concluir que as questões relacionados ao trabalho preventivo na comunidade, dentro de uma perspectiva de promoção de saúde, já produziram um conhecimento consistente, mas que representam, na maioria, atuações isoladas e pesquisas desenvolvidas na academia; é necessário que tais ações e estudos passem a incorporar a profissionalização do psicólogo, especialmente na Formação, o que possibilitará o

desenvolvimento de um volume maior de trabalhos que caracterize o “fazer psicológico” nesse contexto.

É possível verificar que a concepção apresentada pelos sujeitos sobre a inserção social do trabalho do psicólogo, dentro do foco educativo e de promoção de saúde, demonstra uma crescente preocupação com as questões ligadas à cidadania, Estado de Direito, exclusão social e escolar, enfim, passando a entender que não existe uma ação "neutra" e que toda ação é sempre mediada pelas questões éticas e políticas.

Com isso, é necessário que o profissional compreenda cada vez mais que tais determinações encontram-se inseridas no contexto contraditório das relações sociais, onde a Educação é um importante mediador destas práticas sociais. Para Gomes(1995), é fundamental que o psicólogo compreenda a contribuição que a Psicologia pode proporcionar à Educação ***"(...) através do aprofundamento dos conhecimentos sobre a ação educativa, sobre o desenvolvimento das potencialidades humanas, sobre a manutenção da saúde mental e bem-estar do cidadão"***(p.5).

Para concluir a discussão sobre a inserção social do trabalho do psicólogo, envolvendo a ética e a ação preventiva, é importante descrever o pensamento de Valls(1996) que traduz, de forma clara, a importância do pensamento ético no cotidiano profissional, como um elemento que possibilita um constante "estado de alerta" em relação à complexidade da realidade, traduzida no fenômeno humano, impedindo um certo "acomodamento" frente aos fatos. Para o autor acima citado, ***"A ética se preocupa(...) com as formas humanas de resolver as contradições entre a necessidade e a possibilidade, entre o tempo e eternidade, entre o individual e o social, entre o econômico e o moral, entre o corporal e o psíquico, entre o natural e o cultural e entre a inteligência e a vontade. Essas contradições não são todas do mesmo tipo, mas brotam do fato de que o homem é um ser sintético, ou, dito mais exatamente, o homem não é o que apenas é, pois ele precisa tornar-se um homem, realizando***

em sua vida a síntese das contradições que o constituem inicialmente"(p.56). Portanto, o pensar e agir dentro de um padrão ético, deve ser inerente a uma prática profissional que se pretenda "ser" e "ter" uma inserção social conseqüente e transformadora.

2. VISÃO INSTITUCIONAL

2.1. A Instituição: espaço de conhecimento e atuação profissional

Os discursos dos sujeitos apontam para uma atuação institucional, entendendo que é necessário que o psicólogo conheça a dinâmica das relações ali existentes; como aponta (S7), o psicólogo pode ser "*um interlocutor atento*" que propicie um espaço de promoção de saúde, provocando a ruptura dos comportamentos cristalizados, emergindo o sujeito intencional, ou seja, aquele que está cômico das suas ações e pode, dessa forma, colaborar com a alteração do curso dos fatos e da estrutura institucional.

A promoção de saúde dentro de um trabalho institucional configura-se: a) pelo conhecimento da dinâmica institucional, por parte da comunidade e dos sujeitos que compõem tais instituições com o objetivo de "*integração daquela comunidade e daquelas instituições*" (S4). Este processo de integração pode fazer com que o indivíduo se aproprie "*do seu mundo para melhor conhecer suas determinações*"(S1), o que pode tornar possível que o mesmo possa "*construir projetos de vida mais reais*"(S5); b) pela valorização das relações humanas, compreendidas como espaços de mediações sociais, propiciando o conhecimento, por parte dos envolvidos, das determinações sociais e afetivas presentes na dinâmica institucional. O sujeito, para S2, nessa perspectiva, pode passar a "*se perceber como um ser histórico, determinado e ao mesmo tempo ativo no social, ele pode construir fórmulas de superar obstáculos, fórmulas de alcançar metas*".

A visão predominante nos discursos desses sujeitos demonstra uma necessidade do profissional de Psicologia conhecer mais sobre instituições. O trabalho deve estar articulado com tal conhecimento para que haja objetivos claros e bem definidos sobre as ações que o psicólogo aí irá realizar.

Para discutir as relações presentes nas instituições - entendidas como locais onde o trabalho educativo acontece -, e a sua influência sobre diferentes personagens que compõem esse espaço, parece fundamental reportar-se à Psicologia Organizacional e do Trabalho, enquanto uma área da Psicologia que vem acumulando contribuições teóricas importantes, as quais devem ser conhecidas e exploradas pelo psicólogo que deseja ter uma atuação institucional.

Zanelli(1994), em sua tese de doutorado, realizou um interessante estudo sobre os movimentos emergentes na prática do psicólogo das Organizações no Brasil. O autor revê, através da literatura sobre o tema, a evolução dessa área da Psicologia e descreve os diferentes momentos que traçaram essa trajetória, identificando que **“(...) o objeto de estudo da Psicologia Organizacional encontra-se na interseção das ações da pessoa e da organização, como um todo complexo, dinâmico e inserido em uma ampla conjuntura(p.83)”**.

As discussões contribuíram para uma redefinição do papel do psicólogo junto às organizações. Malvezzi(apud Zanelli, 1996) aponta para as modificações que foram acontecendo no decorrer do tempo, que diminuíram a influência das Teorias da Organização sobre o trabalho do psicólogo. Atualmente, com a mais recente nomenclatura nessa área designada como Saúde Mental no Trabalho, começa, segundo o autor, a inverter a situação anterior; hoje, a Psicologia passa a influenciar a Teoria da Administração. Diz ele:**“(...)vamos encontrar psicólogos desenvolvendo novas metodologias, principalmente aquelas designadas pelo título de saúde**

mental no trabalho. Conseqüentemente, as teorias da organização também passam por uma revisão(p.79)''.

Esse campo que se apresenta é ainda muito novo e merece maiores estudos, principalmente por ser necessariamente interdisciplinar, onde o objetivo é estudar e conhecer o impacto da vida laboral e seus efeitos psíquicos e psicossomáticos na vida do trabalhador. As maiores contribuições sobre esses conceitos foram dados pela pesquisa em Ergonomia, através de estudos para conhecer os fatores humanos no trabalho.

É importante ressaltar que a questão da saúde também é uma preocupação presente na atuação do psicólogo junto às instituições. Sato (apud Zanelli, 1996) denuncia uma visão de saúde restrita à ausência de doenças profissionais e contrapõe com uma visão mais ampla, na direção da subjetividade e do conhecimento prático dos trabalhadores, na qual a Psicologia pode oferecer recursos teóricos e metodológicos importantes para tal tarefa. Por outro lado, a grande contribuição que este momento pode trazer para a Psicologia é o de reconhecer, segundo Spink(1992), a necessidade de encontrarmos uma mediação conceitual ***“(...) entre o nível macro(epidemiológico) e o nível micro (do tratamento individual) que facilitaria a prática no contexto imediato do trabalho”(p.93).***

Remetendo todo esse movimento, observado hoje na área da Psicologia das Organizações, para a dimensão do presente trabalho, especificamente para a importância que os entrevistados deram ao trabalho institucional, parece que as discussões em curso podem contribuir, de forma inequívoca, para atuações institucionais, ou seja, a própria Psicologia já possui construções teóricas importantes para a compreensão da dinâmica institucional e o papel do psicólogo nelas. Para Zanelli(1996) ***“(...) os psicólogos devem ser agentes de mudanças. Ser agentes de mudanças pressupõe relacionamento, participação, comunicabilidade, aceitação e poder de fluência. As mudanças devem começar no próprio psicólogo(p.138)''.*** Ressalta ainda que o trabalho deve estar focado na

perspectiva de uma promoção de saúde dos sujeitos envolvidos naquela instituição, e acrescenta: ***“(...) como profissional da saúde, o psicólogo deverá ser capaz de acompanhar e responder às demandas sociais e políticas pela melhoria de vida no trabalho(p.139)”***.

O grande desafio parece ser o de lidar com questões ligadas a aspectos individuais (micro) de forma contextualizada com instituição-sociedade(macro). Esse é o próximo ponto que se destaca nas falas dos entrevistados: a necessidade do psicólogo, que trabalha nas instituições educacionais, conhecer as relações constitutivas entre sociedade-educação e sujeito. É o que será discutido a seguir.

2.2. Educação/Sociedade/Sujeito e Instituição Escolar

Os relatos apontaram para a necessidade do psicólogo ter uma visão que abarque o conhecimento das relações entre educação-sociedade-sujeito, compreendendo a instituição como parte do reflexo social: *"é pensar como é que esta instituição se insere na vida social"* (S3) e na própria vida dos sujeitos que a compõem. Somente com uma clareza sobre o contexto e o movimento presentes nesta relação será possível para o psicólogo entender a especificidade desse espaço institucional e as relações que nele são constituídas. Para S1 *"a Educação(...) é um processo de construção, de desenvolvimento de saúde individual(...) no sentido do indivíduo se apropriar das suas determinações e poder atuar no seu meio"*. Para S2, o espaço de promoção de saúde no contexto educacional é propiciado quando o psicólogo desenvolve um trabalho *"com professor , com alunos, com o diretor"* focalizando as relações *"professor-aluno, aluno-diretor, professor-diretor"* para que todos possam perceber *"como eles estão se construindo como professores, alunos, diretor"*.

Para os sujeitos desta pesquisa, o trabalho educacional que o psicólogo pode realizar, deve privilegiar a circulação de

informações(conhecimento escolar, institucional e social) e as inter-relações presentes nesse contexto. Pode, dessa forma, realizar um trabalho com qualidade, no projeto de educação e saúde, junto às pessoas que estejam envolvidas, procurando reverter, por exemplo, o processo de "expulsão continuada" (fracasso escolar) presente nas instituições educacionais brasileiras.

A Educação no Brasil tem sido objeto de estudos que denunciam a exclusão das classes populares ao longo da história educacional. Trabalhos como os de Paim(1974), Nagle(1976) e, mais recentemente, Saviani(1994), entre muitos outros, vêm discutindo exaustivamente as questões educacionais, entendidas como parte indissociável do sistema social que as constitui e engendra, sendo necessário, ao educador, conhecer essas relações antagônicas que compõem a organização de uma sociedade de classes, relações que são refletidas em seus mais diversos aparelhos ideológicos, entre eles o da educação. Ou seja, a prática educativa reflete as forças contraditórias presentes na sociedade em que está inserida.

Na Psicologia, temos os trabalhos, entre outros, de Patto(1990), Amaral(1997), Souza e Machado(1997), que apontam para as questões ideológicas presentes no fracasso escolar e nos diagnósticos psicológicos. Enfim, a literatura sobre o assunto tem mostrado, de forma extensa, que não é mais possível uma visão "ingênua" de uma educação divorciada da realidade, com um fim em si mesma. As questões que se apresentam, então, são: por que a realidade educacional, ao longo do seu percurso histórico, não conseguiu alterar o quadro da exclusão e da marginalidade escolar ao longo desses anos? Porque os psicólogos, em sua maioria, ainda desenvolvem trabalhos que contribuem para a discriminação e expulsão dos alunos, através dos famosos "diagnósticos psicopedagógicos" ?

As respostas devem ser cuidadosas para não se redundar num reducionismo simplista, mas elas parecem apontar para atuações que ainda não incorporaram os avanços já obtidos pela literatura. Gomes(1995), em seu estudo sobre a atuação do psicólogo, faz uma discussão neste sentido. Para

ela ***“(...) o progresso científico tem sido apreciável; entretanto, os resultados das pesquisas feitas ao longo do tempo não conseguiram adoção pelo campo, onde a prática acontece. É preciso superar a enorme defasagem entre o conhecimento disponível e seu uso”(p.100).***

O grande desafio que se apresenta é o de criar, cada vez mais, espaços que, superando uma visão estritamente corporativa, possibilitem um maior intercâmbio entre o conhecimento gerado pela pesquisa e a prática profissional do psicólogo na Educação, buscando construir ações transformadoras dessa complexa realidade. A partir do conhecimento científico já acumulado, aliado ao compromisso político de transformação social, será possível uma atuação mais voltada à construção de uma Educação de qualidade para todos.

O objetivo principal de tal ação deve ser o de garantir o direito à Educação com qualidade a todas as crianças brasileiras, entendendo a importância desse direito enquanto parte da humanização do homem, através do acesso aos bens culturais produzidos historicamente pela humanidade.

Essa preocupação aparece nos relatos dos sujeitos deste estudo, que entendem ser fundamental o psicólogo participar, cada vez mais, dos debates sobre as instituições educacionais, para poder realizar um trabalho mais conseqüente, no nível micro institucional (atendimento individual), diante da complexidade do nível macro social (educação e sociedade). Como bem descreve Gomes(1995), ***“(...) frente à realidade nacional, o psicólogo dedicado à área da Educação necessita , não só considerar os aspectos históricos e bases teóricas em que está sustentado o sistema educacional brasileiro, como estar preparado profissionalmente para determinar prioridades e definir sua atuação frente às demandas surgidas”(p5).*** Não é uma tarefa fácil, porém necessária e urgente; por isso essa preocupação apontada nos relatos tem um significado especial para este trabalho, pois possibilita mostrar como está se configurando a realidade

dos psicólogos que desejam construir um trabalho de promoção de saúde na Educação.

A instituição escolar é entendida como espaço de interlocução, onde o psicólogo deve ser *"um interlocutor atento, especialmente em relação ao professor, resgatando o seu potencial de educador"*(S7), *"de valorização das relações humanas"*(S2), tendo o papel do *"profissional de escuta"*(S5), ou seja, o psicólogo deve favorecer o conhecimento sobre as conexões existentes no espaço institucional, sendo este *"inserido na vida social"*(S3), para que as pessoas que o compõem possam produzir *"ações sedimentas pela apreensão de tal realidade"*(S4).

No entanto, algumas pesquisas, como as de Balbino(1990) e Alves(1990), mostram que o papel que o psicólogo desempenha na Educação ainda está baseado, na maioria das vezes, em visões conservadoras de saúde, buscando na prevenção ou na remediação soluções para os "problemas" que aparecem no contexto educacional, com as "crianças problema", ou com distúrbios de aprendizagem, etc.

Machado e Souza(1997), discutindo sobre as crianças excluídas da escola em consequência de uma visão de exclusão que culpabiliza a vítima, fazem um alerta aos psicólogos: ***"(...) temos convicção de que não difundir críticas às concepções preconceituosas é compactuar com a exclusão de crianças, adolescentes e adultos do universo escolar, com todas as consequências sociais desse fato. Exclusão, sim, pois, (...) os encaminhamentos de crianças para atendimento psicológico e/ou médico selam destinos, trajetórias escolares. Desmontar a produção de esquema de resistência ao pensar, ao conhecer, ao criar, tem exigido muito trabalho e perseverança"*(p.36).**

No trabalho desenvolvido pelos sujeitos da presente pesquisa, é possível observar tentativas de construir projetos e ações na direção da discussão apontada pela autora acima, sendo que nesse particular, esses

projetos e ações adotam uma postura crítica em relação ao trabalho de discriminação que vem sendo realizado por psicólogos na educação. Por exemplo, o espaço de interlocução que o psicólogo deve proporcionar na instituição escolar deve, segundo S7, quebrar os comportamentos cristalizados que sucumbem qualquer avanço na dinâmica institucional. O psicólogo, enquanto um interlocutor atento, pode criar circunstâncias que possibilitem um trabalho de ruptura no ambiente institucional, na medida em que as relações cristalizadas que paralisam mudanças podem ser superadas, estabelecendo-se novas relações, em um espaço de trabalho mais saudável e produtivo.

Para S4, que realiza trabalhos com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, é necessário atender rapidamente a criança encaminhada, caso contrário ela fracassará, contribuindo para o rebaixamento da sua auto-estima e da sua relação com o processo de conhecer. Destaca que o importante é direcionar esse atendimento para uma nova configuração junto à escola na sua relação com tal criança e, principalmente, um trabalho junto à própria criança, para que ela possa re-estabelecer uma nova relação com aquisição de conhecimentos, valorizando seu encontro com o novo, com o conhecer algo e com a sua capacidade de criação.

O que é possível observar, nesse tipo de trabalho, é que mesmo tendo uma visão mais avançada, no sentido de não culpabilizar a vítima, ainda é um atendimento unilateral, onde somente uma das partes está diretamente envolvida - a criança e a sua família - . O aspecto institucional - a escola -, e seus personagens - professores, colegas, diretor, supervisor, etc. - ficam fora das etapas de atendimento, sendo somente solicitadas algumas referências sobre a criança, tais como ficha de avaliação preenchida pelo professor e os cadernos de atividades da criança. Mas o foco central acaba sendo a própria criança deslocada da dinâmica institucional onde tais "problemas" aparecem concretamente.

Com isso, exclui-se do espaço escolar a "criança problema", assim como a resolução da mesma, correndo-se o risco inevitável de uma visão parcial e até mesmo ideológica sobre a questão. Ou seja, o problema é da própria criança que deve "se fortalecer" através do "tratamento psicológico", para recuperar o seu espaço de aprendizagem dentro da escola.

Em sua tese de doutorado, Machado(1996) apresentou uma reflexão sobre a reinvenção de uma avaliação psicológica, cujo foco desloca-se da criança e sua família, passando para as relações instituídas na escola e seus personagens, acreditando que estas relações podem estar gerando tanto a aprendizagem como a não-aprendizagem; ou seja, a avaliação passa a ser composta a partir do conhecimento das relações que se constituem no processo de ensinar e aprender. Tal perspectiva exige a participação efetiva das pessoas que são parte da dinâmica instituída dentro da escola, para a construção da hipótese diagnóstica e da própria devolução, enquanto parte integrante e interessada no processo de "ajuda" daquela determinada criança.

Portanto, os trabalhos que o psicólogo pode desenvolver junto às instituições educacionais passam necessariamente por uma clareza teórica que se desdobra em metodologias, com o compromisso de realizar ações que viabilizem a promoção de saúde dos sujeitos que fazem parte de tais instituições, entendida como circunstâncias que envolvem o coletivo institucional no processo de reflexão, conhecimento e ação, para o renovado, o reinventado por todos. O caminho ainda "está sendo feito", não está completo, realizado, mas já dá mostras de que é possível construir uma prática profissional com o objetivo acima proposto.

3. TRABALHOS COLETIVOS E INTERDISCIPLINARIEDADE

Os relatos demonstraram uma grande valorização da ação coletiva desenvolvida com outros profissionais, seja no âmbito institucional ou nas

atuações de caráter privado, buscando compreender e construir um trabalho de promoção de saúde dentro desse contexto interdisciplinar.

Todos os sujeitos apontaram a importância da atuação com outros profissionais. Esses trabalhos devem pautar-se por *"questões teóricas em comum"*(S1), que podem enriquecer o olhar em relação aos fenômenos educacionais. O trabalho com outros profissionais propicia, segundo S6, *"leituras diferenciadas da realidade, leituras de cada área de conhecimento"*, tornando-se possível desenvolver um bom trabalho, na medida em que o mesmo em equipe é mais fortalecido, complementando as ações de todos; como aponta S10, *"é muito mais interessante você estar trabalhando com outros profissionais do que isolado"*. Outra questão é a relatada por S2, referindo-se à importância de se desenvolverem, desde a Formação, discussões sobre trabalhos em equipes com diferentes profissionais *" enquanto uma exigência do mercado atualmente"*.

Atuar com outros profissionais parece demonstrar uma preocupação, por parte dos entrevistados, em superar a *"visão de onipotência da Psicologia"*(S3), compreendendo cada vez mais que é necessário ir além dos conhecimentos psicológicos *"para dar conta da complexa teia de relações presentes no cotidiano de uma organização social"*(S7). O trabalho coletivo possibilita essa troca, através dos "diferentes olhares" para o mesmo fenômeno e pode, dessa forma, construir uma compreensão da totalidade do fenômeno estudado e observado.

Para discutir o trabalho coletivo, torna-se necessário trazer tal questão para o terreno da interdisciplinariedade, terreno esse que tem sido foco de muitos debates. Busca-se identificar as conceituações teóricas numa perspectiva histórica, tentando clarear os caminhos já abertos e suas perspectivas para o futuro, que possibilitem a compreensão entre a interdisciplinariedade e os campos de conhecimento. Nessas reflexões, aparece a importante contribuição dada por Severino(1995), que discutiu a relação entre o uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber, apontando que tal tema não é novo na Filosofia; entende que o que

comparece atualmente como novo é o sentido dado nessa relação, onde não se busca mais a polarização de um(uno) sobre o outro(múltiplo), nem tampouco o equilíbrio que elimine as tensões nessa relação. Para ele, o que parece ser fundamental é **“(...) o convívio das duas perspectivas de modo que poderíamos reafirmar(...) que o ser é uno e múltiplo ao mesmo tempo”(p.47).**

Além da discussão puramente epistemológica do tema, o autor descreve que o saber ultrapassa uma reflexão que aponte somente os nexos lógicos entre conceitos e relações formais obtidas com conhecimento de um determinado fenômeno e está fundamentalmente ligado a uma dimensão axiológica, composta pelas dimensões de natureza política e ética. Diz ele: **“(...) o saber tem também a ver com poder e não apenas com o ser e com o fazer”(p.47).**

Tal afirmação desvela as relações historicamente construídas pelo homem, através das mediações sociais entre o saber - construções teóricas - e o fazer - o contínuo processo de agir - . Esse processo construído pela coletividade humana fez emergir a organização das sociedades, cuja constituição, ao longo da história, foi estabelecida através de um importante elemento: o poder, transformando a sociedade em sociedade política. O fortalecimento da sociedade política - poder - realiza-se através da aglutinação dos fatores econômicos e ideológicos para os quais convergem os elementos do saber e do fazer.

É nesse contexto que se torna possível compreender as relações de conhecimento e tecido social, pois será este tecido o gerador da existência humana e da produção do saber, permeado pelas questões ideológicas, presentes no contexto social. O movimento que aparece então é o constante embate entre o discurso ideológico, que objetiva legitimar determinadas relações de poder e o discurso contra-ideológico, que procura , através do exercício do saber, desvelar a alienação presente no primeiro discurso.

Para Severino(1995) **“(...) o saber, ao mesmo tempo, que se propõe como desvendamento dos nexos lógicos do real, se tornando então instrumento do fazer, propõe-se também como desvendamento dos nexos políticos, tornando-se instrumento do poder”**, o que aponta a importante dimensão da interdisciplinariedade do saber, na medida em que essa postura irá contribuir para lidar com a complexidade da teia de relações que se estabelece na produção do conhecimento, sendo possível dizer que tal postura pode fortalecer a consciência crítica sobre a constituição do saber enquanto um instrumento de poder. Nessa perspectiva, o autor conclui que ser interdisciplinar é fundamental para o saber e entende que essa postura é uma exigência intrínseca, pois que **“(...) o saber, enquanto expressão da prática simbolizadora dos homens, só será autenticamente humano e autenticamente saber, quando se der interdisciplinariamente”(p.53)**

Para Fazenda(1994), o pensar e o agir interdisciplinar estão ancorados na concepção de que nenhum conhecimento esgota-se em si mesmo, no sentido da completude do fenômeno estudado; por isso, a ação direciona para o diálogo, para a necessidade da interlocução com outras áreas do conhecimento, buscando, através dessa mediação, novas perspectivas da realidade e dos fenômenos estudados. Hoje, o caminho das interpenetrações das diferentes áreas do saber revela a angústia do nosso tempo: na divisão frenética das especializações do saber, as áreas acabaram perdendo de vista a totalidade do seu próprio objeto. Para Capra(1982) **“(...) a corrente principal das idéias se dividiu em dúzias de riachos (p.23)”** e estamos diante do dilema de esgotar a própria fonte.

Essas preocupações encontradas nos debates acadêmicos também estão presentes nos relatos dos sujeitos deste estudo. Todos citaram a necessidade de aprender a trabalhar com o outro, com o olhar diferente do seu. Os desafios para a consecução dessa tarefa parecem estar em torno de duas questões principais: a primeira, é superar, dentro da própria Psicologia, o modelo conceitual que privilegia a monicidade do uno, cujo sujeito, segundo Sawaia(1995), torna-se um autista, construindo, então, um modelo que

busque o **“(...) homem de carne e osso, do sujeito vivente fazendo história e sendo feita por ela, o qual estava sendo perdido nas análises estruturalistas radicais”(p.97)**. O segundo desafio está na construção de uma metodologia que possa delinear ações que superem o confronto de demarcar competências, no sentido corporativo de garantia de mercado de trabalho. Como afirma Morin(1985) **“(...) o problema não está em que cada um perca a sua competência. Está em que a desenvolva suficientemente para articular com as outras competências (disciplinas e conhecimentos)que, ligadas numa cadeia, formariam o anel completo e dinâmico, o anel do conhecimento do conhecimento”(p.33)**.

Portanto, a empreitada do trabalho interdisciplinar representa um grande desafio e é fundamental para o projeto de promoção de saúde; na realidade a própria concepção de saúde já é marcada como um campo interdisciplinar que busca romper com “status” negativo dado ao diferente, à alteridade.

Esses desafios, transformados em compromisso e ação, especialmente na prática profissional do psicólogo na Educação, podem contribuir para alterar o problema da exclusão e do fracasso escolar, presente hoje nas escolas brasileiras. E neste sentido, mudar o conceito de "saúde" é fundamental, pois o foco deixa de ser saúde enquanto ausência de doença, passando a ser compreendida, segundo Martinez(1996), como um conjunto de fatores que se inter-relacionam (somáticos e psíquicos), permitindo ao sujeito desenvolver ações adequadas no seu contexto social para o enfrentamento das contradições que se apresentam no seu dia-a-dia. Para a autora, **"modo de vida, salud y personalidad están intimamente relacionados entre sí y simultaneamente están intimamente vinculados a la educación"**(p.20).

4. OS DIFERENTES ESPAÇOS DE ATUAÇÃO, NA PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO, INSERIDOS NA PERSPECTIVA DE PROMOVER SAÚDE.

Ao longo desse conjunto temático foram citadas, pelos sujeitos, as diferentes ações que desempenham no seu cotidiano profissional e como, em cada uma delas, eles entendem estar promovendo saúde. Nas suas práticas profissionais, é possível observar que se busca sempre criar circunstâncias que propiciem reflexão e decisão.¹⁸ Parece que o psicólogo deve estar sempre atento em colocar o sujeito, objeto do seu trabalho, em contato com o seu próprio contexto, onde se produzem as diversas situações de vida. Através desse conhecimento, torna-se possível que as pessoas possam tomar “para si” o encaminhamento de decisões, novas ou não, no decorrer das suas experiências cotidianas.

4.1. Consultório/Escritório que desenvolvem serviços de atendimentos e consultorias.

Segundo os sujeitos desta pesquisa, a promoção de saúde, nesses contextos de práticas profissionais, está fortemente associada com o acesso ao conhecimento através da informação. As ações, por exemplo, de Orientação Vocacional realizadas nos consultórios ou em projetos de consultorias, junto às escolas, apontam para a preocupação *“do jovem conhecer os fatores determinantes que influenciam a sua escolha profissional”*(S1), propiciando ao mesmo *“resgatar a sua história de escolhas”*(S2). Para S10, o seu trabalho de Orientação Sexual e Orientação Vocacional promovem saúde na medida em que *“as escolhas são produto de um processo de reflexão”*.

¹⁸ Na definição de Bleger(1988) *“(…) o psicólogo é um especialista em tensões da relação ou comunicação humana e este é o campo específico sobre a qual ele deve atuar(…) o psicólogo intervém absolutamente em tudo que inclui ou implica seres humanos, para a proteção de tudo que concerne aos fatores psicológicos da vida, em suas múltiplas manifestações”(p.28-29)”*.

Dentro dessa perspectiva de propiciar informações através do processo de reflexão, Bock e Aguiar(1995) citam o trabalho de Orientação Vocacional inserido num projeto que ultrapassa a "busca" pura e simples sobre qual profissão o jovem deve escolher, constituindo-se sim como **"(...) um processo onde emergem conflitos, estereótipos e preconceitos que devem ser trabalhados para sua superação; onde a desinformação é enfrentada e possíveis caminhos para sua superação são traçados; onde o auto-conhecimento adquire status de algo que se constrói na relação com o outro, e não como algo que se dá a partir de uma reflexão isolada, descolada da realidade social, ou que se conquista através de um esforço pessoal. Dessa maneira(...) a Orientação Vocacional pode ser um trabalho de promoção de saúde"**(p.17).

No atendimento a crianças com problemas de aprendizagem vindas das escolas particulares, realizado por S7 no consultório, aparece tal preocupação ao executar um trabalho na linha da desalienação, demonstrando *"uma certa dificuldade de acesso ao interior da escola particular"*, o que dificulta, em parte, o seu trabalho. Isso aponta para uma perspectiva de não desconsiderar a dinâmica escolar, as questões do ensino, como fatores importantes no entendimento e tratamento dos problemas de aprendizagem.

A preocupação em "conhecer" o interior da escola e as relações instituídas no processo de aprender e ensinar, são discutidas por Machado, Souza e Sayão(1997). As autoras têm como pressupostos básicos para a realização do psicodiagnóstico duas questões consideradas fundamentais: a primeira é o entendimento de que **"(...) as causas da queixa escolar não podem mais ser atribuídas às crianças e as suas famílias, mas que são frutos de relações instituídas diariamente na escolas"**. Essas relações se compõem de regras disciplinares e da própria filosofia construída na escola, sobre o seu funcionamento e as relações de poder presentes na mesma. Toda essa dinâmica se faz presente nas relações de ensino e aprendizagem,

mediando desde as estratégias de ensino até as próprias concepções dos professores sobre os seus próprios alunos.

A segunda questão relaciona-se diretamente com a primeira, ou seja, por entender que é necessário compreender o contexto em que ocorrem os "problemas de aprendizagem", não é possível excluir do processo de avaliação e diagnóstico dos mesmos os personagens dessa relação, envolvendo professores, coordenadores, crianças e seus pais. Para as autoras acima citadas, os **"(...) professores e pais precisam ser co-participantes do processo e análise das dificuldades enfrentadas no processo de escolarização"**(p.76). Esse tipo de atuação exige um profissional que saiba reconhecer aspectos da realidade como parte constituinte da vida psicológica das pessoas.

As consultorias em projetos educacionais, realizadas por S6, envolvem tanto trabalhos institucionais como comunitários, cujo foco principal é o desenvolvimento do espaço lúdico, através do brinquedo. Trabalhando em um espaço de educação informal, junto a determinadas comunidade, S6 considera que promove saúde no seu trabalho ao propiciar *"humanização das pessoas através do lúdico"*. Tal ação é vista como uma circunstância facilitadora das inter-relações na comunidade, especialmente as relações entre pais e filhos, os quais "ganham" um espaço para resgatar a prazerosa relação do brincar juntos.

Esses trabalhos, desenvolvidos em sua maioria através de consultorias e projetos, mostram que é possível desenvolver uma atuação especialmente junto à comunidade, promovendo educação e saúde. O conceito de comunidade, segundo Sawaia(1996), deve ser compreendido como uma categoria que deve propiciar reflexões e ações considerando que o **"(...) seu conteúdo é extremamente sensível ao contexto social em que se insere, pois está associada ao debate milenar sobre exclusão social e ética do bem viver(...)** O elemento que lhe dá vida e movimento é a **dialética da individualidade e da coletividade"**(p.50).

Nos trabalhos desenvolvidos em instituições aparece claramente a necessidade de se conhecer a instituição como um espaço social onde as relações humanas acontecem. S7 desenvolve, através de projetos, serviços para as escolas e cursos de atualização para profissionais da área de saúde mental. Nesses trabalhos institucionais, S7 entende que a promoção de saúde é propiciada à comunidade envolvida em tais projetos, na medida em que objetiva *"resgatar sua auto-estima, e seus recursos técnicos"*, possibilitando dessa forma criar um ambiente institucional mais saudável e criativo.

Outro trabalho institucional citado é o desenvolvido por S9 junto à população de crianças e adolescentes "de risco". Para S9, a promoção de saúde implica em *"apontar um outro caminho"* para esta população através de um trabalho de prevenção e apoio junto às famílias. Nesse caminho aparecem os projetos de orientação sexual, prevenção a drogas e orientação vocacional, desenvolvidos nas escolas por S10. Tais trabalhos objetivam difundir a *"cultura preventiva dentro da escola"*(S10), entendendo que através da prevenção está promovendo saúde.

É possível verificar que os trabalhos realizados nas instituições, parecem levar em conta a dinâmica presente nesses espaços, no que se refere ao peso dado pelas mediações históricas e sociais presentes na vida do sujeito institucionalizado e na própria filosofia de funcionamento da instituição trabalhada.

Entre as atividades desenvolvidas por S1, aparece a função administrativa institucional que, apesar de não ser um trabalho específico do psicólogo, é realizada, segundo ele, na perspectiva de promover saúde, ao propiciar *"que as informações circulem para que as pessoas possam compreender melhor a realidade da própria instituição"*. A promoção de saúde, neste trabalho, é entendida enquanto um processo de não alienação, de conhecimento das multideterminações que envolvem a vida das pessoas, colocando os sujeitos que compõe tal instituição, em contato, através da via

comunicativa, com as questões que compõe a estrutura e funcionamento do local em que eles trabalham. O processo de “reflexão” e “decisão” parece ser o mediador importante no trabalho institucional desenvolvido por S1 que se define como *"uma intermediária entre o espaço coletivo, criado por esse coletivo, e cada um desses atores que criam este coletivo"*.

Ao analisar as práticas profissionais descritas acima é possível observar que as atuações, na sua maioria, aparecem como práticas aparentemente consagradas no repertório do psicólogo que atua na Educação. O que, no entanto, é significativo nas práticas profissionais desses sujeitos, e que pode ser identificado como "novo", parece estar na forma diferente de olhar o ser humano e o próprio fenômeno psicológico, derivando, dessa forma, "novas" praticas profissionais. Longe de ser simplesmente novas fórmulas para velhas ações (diagnóstico, avaliação, informação, etc) , pode-se identificar uma mudança em curso, que altera tanto questões teóricas quanto as práticas profissionais que vão sendo construídas.

As práticas profissionais dos sujeitos desta pesquisa têm buscado abordar o seu objeto de forma claramente contextualizada, levando em conta as mediações históricas e ideológicas que compõem tal objeto. Estas mediações fazem-se presentes nos conceitos teóricos subjacentes às ações que podem possibilitar a promoção de saúde através do acesso e permanência com sucesso do aluno na escola, de possibilitar escolhas profissionais mais conscientes, de propiciar a informação como um canal importante para a desalienação, etc.

Dessa forma, é possível verificar que os sujeitos desta pesquisa entendem, como fundamental, uma visão crítica da sociedade e de seus determinantes sociais na vida das pessoas, para poderem realizar uma prática profissional que possibilite circunstâncias concretas de promoção de saúde. Como aponta Maluf(1994), está emergindo um profissional ***"(...) mais lúcido a respeito das possibilidades e limites de sua ciência, que não ignora que nenhuma ciência humana aplicada pode desconsiderar o contexto filosófico-político no qual está inscrita"***(p.195).

4.2. A docência e a supervisão de estágio em Psicologia no 3º grau.

Em relação à atuação como docente em cursos de Psicologia, todos os sujeitos demonstraram uma preocupação com o desenvolvimento de circunstâncias que coloquem o aluno em contato com experiências significativas. Tais experiências têm o objetivo de fazer com que o aluno vá adquirindo uma postura de “estranhamento da realidade”, da forma como ela se apresenta, aprendendo a ter um “olhar” e uma “escuta” apropriados para captar as significações das relações humanas, cristalizadas no contexto social.

Para S1, a promoção de saúde é realizada na docência quando o *"aluno apreende a realidade através da perspectiva teórica que o possibilita entender as significações presentes naquela determinada situação"*. S2 considera que o seu trabalho educacional institucional, realizado na disciplina que ministra, tem por objetivo fazer com que *"os alunos tenham uma percepção maior dos conflitos, que eles percebam o porque desses conflitos"*. Nas discussões que S4 e S7 desenvolvem, o foco principal é realizar *"uma visão crítica sobre a atuação do profissional de Psicologia"*(S4), buscando nessas reflexões esclarecer *"o que é a vida na escola, o que são as práticas escolares, quem é o professor"*(S7). Essas aprendizagens podem possibilitar, ao futuro profissional, a construção de uma clareza teórico-prática dessas complexas relações presentes no contexto social, mediadas por aspectos ideológicos, políticos e históricos, e que se concretizam no cotidiano da instituição escolar e dos “sujeitos psicológicos” ali presentes.

É possível observar, nos relatos dos sujeitos que atuam como docentes, uma preocupação em estabelecer, no processo de construção do saber do aluno, vínculos com a realidade e suas contradições, pois será nela que tais conhecimentos irão se materializar através da intervenção

profissional. É necessário, portanto, aprender a lidar com a diversidade, com o diferente, enfim, com as contradições presentes no cotidiano social. Os docentes apontaram a reflexão como um elemento importante nas suas práticas pedagógicas, por entenderem que o processo reflexivo é um meio fundamental para se obter dos alunos uma aprendizagem significativa e concreta.

A utilização do processo de reflexão como prática pedagógica é discutida por Schön(1995) em seu trabalho sobre formação de professores como profissionais reflexivos. Para o autor, o processo de "reflexão-na-ação" envolve, entre outras dimensões, a relacionada à **"(...)confusão e incerteza"**, considerando ser **"impossível aprender sem ficar confuso"**. Cabe ao professor, mediador fundamental nesse contexto, **"(...) encorajar e reconhecer, e mesmo dar valor à confusão dos seus alunos. Mas também faz parte das suas incumbências encorajar e dar valor à sua própria confusão(...) o grande inimigo da confusão é a resposta que se assume como verdade única"**(p.85). Portanto, nas contradições presentes no percurso de ensinar e aprender, será possível estabelecer, por parte dos envolvidos nesta relação, uma reflexão sobre o conhecimento a ser incorporado.

Em relação ao trabalho de supervisor de estágios nos cursos de Psicologia, os sujeitos apontaram como importante o *"enfoque institucional como um fator de aprendizagem importante para o acadêmico, no sentido de realizar um trabalho que leve em conta as multi-determinações presentes numa instituição"*(S2), não perdendo de vista que *"as instituições reproduzem a hierarquia presente na sociedade"*(S3). O entendimento desse fato pode propiciar trabalhos mais conseqüentes e menos tecnicistas. O espaço educacional é compreendido como um importante espaço para *"o desenvolvimento de ações que podem promover saúde, através do processo de conscientização da dinâmica institucional, por parte dos envolvidos nela, além do auto-conhecimento"*(S8).

A preocupação presente nos profissionais docentes e supervisores é a de alterar uma hegemonia histórica, existente ainda hoje nos cursos de Psicologia, que ancora fortemente o trabalho do psicólogo em uma única área de atuação - a da clínica psicológica, com o referencial teórico da psicanálise, baseando-se no modelo de atuação do consultório¹⁹. Não é necessário deter-se muito sobre essa questão, visto que ela tem sido amplamente discutida, mostrando que tal hegemonia tem provocado distorções nas outras áreas de trabalho da Psicologia, especialmente na Educação, o que dificulta o surgimento de novas formas de pensar e atuar fora dos padrões predominantes.

O trabalho com crianças com problemas de aprendizagem é desenvolvido nos estágios por S4; entende *"ser necessário atender a tal demanda e criar um espaço de promoção de saúde para essas crianças, que acabam sendo expulsas do sistema, aumentando a fila da exclusão escolar"*. A relação que se estabelece com esse trabalho é o de valorizar a relação da criança com o conhecimento, recuperando a sua capacidade cognitiva e emocional no ato de aprender, não perdendo de vista o aspecto relacional com o contexto escolar.

Patto(1990), discutindo a questão da relação entre os mecanismos escolares e a subjetividade, aponta que não se trata de negar os conflitos intrapsíquicos presentes nas dificuldades escolares, mas é necessário observar que o contexto escolar, ao qual esta criança está submetida, pode contribuir para modificar ou reforçar tais conflitos. Escreve ela ***"(..) é preciso levar em conta a natureza da experiência escolar e suas relações com os temores com os quais a criança pode ter chegado à escola; estas experiências certamente consolidam ou aumentam tais temores ou colaboram para sua elaboração e superação (p.296)"***. Portanto, não é possível fazer um diagnóstico considerando a queixa escolar independente do próprio contexto escolar, sob pena de realizar um

¹⁹ Para aprofundar nessa questão ver BASTOS, A. V. B. Área de atuação: em questão o nosso modelo profissional. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **"Quem é o psicólogo brasileiro?"**. São Paulo. Edicon, 1988.

diagnóstico parcial, equivocado e psychologizante, negando as influências que as relações institucionais têm sobre o psiquismo humano. Tal preocupação parece estar presente no trabalho que S4 desenvolve no atendimento dos problemas de aprendizagem.

O trabalho de supervisão de estágios desenvolvido por S5, denominado *"intervenções psicológicas em situações educacionais"*, é bastante abrangente e envolve ações junto a moradores de rua, centros de juventude das comunidades e também em instituições educacionais. Tais trabalhos objetivam, através das ações de caráter educacional, promover a saúde dos envolvidos, ajudando-os, através *"da reflexão, a encontrarem soluções para os problemas que se apresentam no seu cotidiano"*.

As ações, nesses diferentes contextos, têm em comum uma preocupação que privilegia atuações mais integradas com a comunidade escolar em geral, seja no âmbito da educação formal ou da educação informal. Tais atividades, conforme aparecem nos relatos dos entrevistados, envolvem diagnóstico, intervenção, avaliação e pesquisa no campo das relações psicológicas e educacionais. Essas ações não são novas; o que aparece como divisor de águas é a crescente preocupação com a construção de uma perspectiva mais ampla, na busca de promover saúde na educação. Esta conceituação de saúde parece estar relacionada com um contexto propiciador do exercício da reflexão e decisão que poderão possibilitar uma intervenção e alteração de uma determinada realidade.

É possível dizer que a promoção de saúde, nessa prática profissional, relaciona-se fundamentalmente com o conhecer (socialização do saber) enquanto instrumentalização necessária para uma ação (fazer) que possa alterar positivamente determinada realidade (individual/institucional/comunitária). Nesta perspectiva, Gomes(1995), exemplificando o trabalho do psicólogo na escola, afirma que ***"é preciso encontrar um modelo que se adeqüe à realidade brasileira, em que haja uma adequada integração escola-comunidade. Nele, o psicólogo escolar***

atuando de forma interdisciplinar, poderá assumir compromissos sociais estabelecidos em conjunto e não apenas ditados por esta ou aquela teoria ou modelo cujo acesso e a manipulação é feita por poucos"(p.17).

O caráter da docência e da supervisão de estágios, que os sujeitos relataram, privilegia o processo da interação, da mediação, ou seja, onde o "fazer com" é parte integrante do "fazer como"... Parece ser fundamental, nessas aprendizagens, o ato de compartilhar dúvidas e decisões, entre quem ensina e quem aprende. Fontana(1997), utilizando-se do pensamento de Vygotsky explica que ***"(...) quando uma palavra, um modo de ação, uma prática, são ensinados(...) o desenvolvimento dessa palavra, desse modo de ação, dessa prática apenas começou. É no movimento mediado pelo "outro" que aprendemos e apreendemos o vivido, que nos elaboramos, que reafirmamos e transformamos o que somos, que nos desenvolvemos e singularizamo-nos... Aprendizado no tempo"***(p.197).

5. A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NA DIREÇÃO DA PROMOÇÃO DE SAÚDE.

5.1. Críticas ao modelo atual de formação do psicólogo

A Formação é considerada, pelos entrevistados, como o período em que o aluno terá acesso ao conhecimento teórico produzido pela Ciência Psicológica, desenvolvendo aprendizagens básicas sobre o fazer psicológico. O que deve nortear tal profissionalização, segundo a maioria dos sujeitos, não é necessariamente o aparecimento de "novas técnicas", mas a clareza teórica do objeto a ser trabalhado, pois essa compreensão possibilitará o sentido para as possíveis práticas já existentes, ou mesmo a construção de outras.

Os relatos dos entrevistados demonstram claramente que a mudança para uma Formação mais comprometida com a realidade já está presente, ainda que de forma localizada; não é possível negar que esses questionamentos já caracterizam os avanços da Formação do psicólogo, seja através das discussões acadêmicas, grupos de estudos ou de pesquisas que procuram sistematizar as discussões e ações que começam a emergir na Psicologia.

Os estudos produzidos sobre a Formação, especialmente os voltados para a Formação do psicólogo que irá atuar na Educação, também sinalizam a preocupação como uma ação profissional mais conseqüente e comprometida com a melhoria do panorama educacional. Yamamoto(1990) aponta o papel do psicólogo atuante na Educação como o profissional que pode melhorar a eficácia de todo processo educacional. Oliveira(1992), na conclusão da sua pesquisa sobre a Formação do psicólogo escolar, mostrou que as concepções atribuídas ao psicólogo escolar são ligadas ao trabalho preventivo, relacionado ao desempenho acadêmico e também no trabalho de resolução dos problemas, na medida em que surgem no contexto escolar.

Gonçalves(1994) conclui, no seu trabalho, que a Formação deve ser sólida e permitir acesso à complexa gama de informações teóricas que a Psicologia possui, nas suas diversas áreas de conhecimento: a de poder desenvolver um trabalho de intervenção mais direta, como de auxiliar na confecção de projetos, assessoria, etc. Witter(1996), em sua tese de doutorado, analisou a produção científica da Psicologia Escolar no período de 1990 a 1994 sobre formação e atuação. Sua conclusão demonstra que há uma predominância de pesquisa na área da atuação, mas que, no geral ainda existe uma carência de pesquisas que possam apontar novas estratégias para atuação e formação do psicólogo escolar. Enfim, já existe um volume razoável de trabalhos que apontam para o processo que vem ocorrendo na formação do Psicólogo no Brasil.

Na presente pesquisa, a preocupação com a Formação foi uma constante ao longo das entrevistas. Todos os sujeitos, em diferentes momentos, descreveram a importância de uma formação mais adequada à realidade do nosso tempo e contexto. As críticas ao modelo vigente foram várias vezes apontadas. Entre os aspectos mais citados, destaca-se a *"visão conservadora de saúde"*(S2), que postula a *"existência do homem natural e a crença na neutralidade no trabalho do psicólogo"*(S1), a *"hegemonia do modelo clínico/liberal"* que ocasiona uma *"identidade profissional eminentemente curativa"* (S7) e cuja *"estruturação não possibilita o acesso à maioria da população"*(S6) e a falta de uma *"formação pluralista que reflita o caráter multifacetado da própria Ciência Psicológica"*(S3)

Maluf(1994), em estudo sobre Formação e atuação do psicólogo na Educação, considerou que a especialização prematura nos cursos de Psicologia, enquanto consequência de um modelo hegemônico, tem sido prejudicial ao sentido unitário da Ciência Psicológica, havendo hoje um esforço para garantir ao aluno ***"(...) uma formação generalista – ao menos nesse primeiro nível, que é a graduação – que dê a possibilidade de familiarizar-se com diferentes campos de atuação(p.192)"***.

Um dos desdobramentos dessa situação na Formação daqueles que vão atuar na Educação, por exemplo, é o fenômeno da patologização do cotidiano escolar, de forma indiscriminada, que produz distorções ideológicas inaceitáveis, tais como a responsabilidade do fracasso escolar segundo uma visão essencialmente individualista, isentando a instituição escolar do problema. Portanto, é urgente a mudança desse enfoque único na Formação, para que o aluno tenha acesso às diferentes correntes teóricas da Psicologia e possa, ao final, fazer a sua própria síntese, estar instrumentalizado para construir um outro fazer profissional, levando em conta todas as dimensões presentes no complexo cotidiano escolar .

Um outro argumento, citado por S8, parece refletir uma preocupação presente no curso já há algum tempo. É a predominância da parte *"informativa"*, que não deixa espaço para a parte *"formativa"*. Esta, segundo

S8, *"estaria voltada à formação ética do profissional"*. O que parece estar faltando não é um espaço para uma, em detrimento da outra, visto que o aspecto "formativo" e o "informativo" são partes de um todo indissociável.

A questão passa, então, a apontar para a necessidade de realizar discussões, nesse "todo indissociável", que incluam não só as questões éticas como também o desenvolvimento de uma postura crítica sobre as questões políticas e sociais presentes no contexto onde se dá a intervenção do profissional de Psicologia. Tais reflexões devem estar presentes ao longo da Formação, permitindo que se amplie o debate das questões teóricas da Psicologia e das práticas delas derivadas e, fundamentalmente, discutir a função social do profissional de Psicologia, dentro de uma realidade de pobreza e exclusão da maioria da população. Estas discussões podem possibilitar ao aluno a construção de uma postura ética e crítica, sobre o "saber" e o "fazer" psicológico.

Outros aspectos apontados pelos sujeitos foram relacionados com a estruturação dos estágios. Para estes sujeitos, os estágios têm propiciado basicamente: uma *"ênfase na técnica, descolada de uma perspectiva teórica que oriente tais ações"*(S6, S3); uma hegemonia de determinadas correntes teóricas, na execução de práticas, o que *"limita o conhecimento do aluno da abrangências e complexidade da Ciência Psicológica"* (S6); o *"pouco conhecimento dado, na formação de outras áreas do conhecimento - Filosofia, Sociologia, História -"*(S8). Estas outras áreas, segundo S6, poderiam auxiliar na construção de ações que levassem em conta as multideterminações presentes nos fenômenos sociais, indo além do aspecto estritamente psicológico.

Nessa perspectiva, os sujeitos consideram que a Formação está calcada em um modelo conservador de promoção de saúde, privilegiando um modelo clínico, sustentado por teorias que têm o seu foco voltado para a descrição dos comportamentos patológicos, produzindo, dessa forma, técnicas diagnósticas voltadas tanto para a cura como para a prevenção desses comportamentos. Essa situação tem contribuído para uma

consolidação da identidade do psicólogo marcada exclusivamente pelo seu caráter terapêutico, dificultando a construção de um outro perfil profissional que possa atender diferentes situações, como as institucionais e comunitárias.

A busca da transformação do modelo de Formação que predomina atualmente é uma preocupação presente nos relatos dos sujeitos deste estudo. Estas preocupações não apareceram ao acaso, mas são partes de uma história que está sendo construída coletivamente. Esta história revela que a categoria dos psicólogos tem procurado avançar nas suas reflexões sobre a profissionalização da Psicologia. Para Bastos e Achcar(1994), "**(...) os elementos que definem uma profissão, por natureza, são passíveis de transformação ao longo do tempo(...) isso confere às profissões um caráter intrinsecamente dinâmico na sua permanente interação com o contexto social. O caso do exercício profissional do psicólogo não poderia fugir a esta regra geral**"(p.247).

5.2. O movimento dos sujeitos desta pesquisa: a formação do psicólogo na direção da promoção de saúde

As preocupações apontadas pelos sujeitos deste estudo não fogem às questões mais amplas do movimento da categoria, na medida em que eles encontram-se, ao longo do seu tempo profissional, mergulhados neste contexto como construtores e sendo construídos por ele: sujeitos, tempo e contextos, produzindo profissionais de Psicologia. Como descreve Fontana(1997)"**no tempo, vivemos e somos nossas relações sociais, produzimo-nos em nossa história.(...) No tempo nos constituímos, relembramos, repetimo-nos e nos transformamos, capitulamos e resistimos, mediadas pelo outro, mediadas pelas práticas e significados da nossa cultura. No tempo, vivemos o sofrimento e a desestabilização, as perdas, a alegria, e a des-ilusão. Nesse movimento contínuo, nesse**

jogo inquieto , está em constituição o nosso ser profissional"(grifo nosso, p.203).

Os sujeitos, no seu "movimento de transformação", entendem que a formação deve ser pensada numa outra perspectiva de promoção de saúde - aquela em que tal conceito estaria imbricado nas condições e modos de vida das pessoas. Rey(1993), discutindo essa concepção, aponta que ao longo do tempo, a trajetória da conceituação de saúde esteve ligada ao modelo semiológico descritivo, que concebe a saúde como "ausência de sintomas". Segundo o autor, essa ótica separou a saúde somática da saúde mental. Considerando tal conceituação equivocada, Rey descreve que "***la salud, sin embargo, es un complejo proceso cualitativo que define el funcionamiento completo del organismo, integrándose de forma sistémica lo somático y lo psíquico, formando una unidad, donde lá afectación de uno actuá necesariamente sobre el otro***" (p.07),

Nessa perspectiva , as condições sociais estão intimamente ligadas ao desenvolvimento da saúde, na medida em que toda sociedade é composta por organizações sócio-econômicas e estas acabam determinando o modo de vida dos homens presentes em cada grupo social. Segundo o autor "***la sociedad, con los recursos e organización de que dispone, define un conjunto de condiciones que de forma directa ou indirecta influyen sobre la salud humana***"(p.19).

É possível então apontar que, na perspectiva de uma visão sistêmica de saúde, fatores relacionados ao modo de vida dos homens estarão atuando de forma direta nas reais possibilidades de uma vida saudável ou não. Com isso, a concepção de saúde é ampliada para além dos limites da ausência de doença e está ligada aos vários aspectos que estão presentes na vida do homem, como moradia, lazer, educação, trabalho, etc. O equilíbrio desses componentes da vida diária irá compor o grande mosaico da saúde humana.

O reflexo dessa outra visão de saúde na Psicologia recai diretamente na conceituação do fenômeno psicológico. Essa questão é encontrada no trabalho de Bastos e Achcar(1994), que descrevem uma mudança na concepção do fenômeno psicológico que tem sido historicamente no Brasil **"centrado no plano individual (indivíduo a-histórico, isolado do seu contexto social)"** para uma reformulação do fenômeno psicológico **"visto na sua interdependência com o contexto socio-cultural"**(p.250)

Para desenvolver um profissional preparado para atuar nessa perspectiva é necessária a construção de espaços de reflexões que favoreçam o aparecimento de um novo profissional de Psicologia. Esse novo profissional não seria a negação da promoção de saúde baseada na identidade terapêutica de um profissional da cura, característica ainda forte entre os psicólogos²⁰ e a comunidade em geral. Implicaria na ampliação da atuação que seria a de um profissional que pode trabalhar com a promoção da saúde psicológica inserida nas questões mais amplas da vida dos indivíduos, de modo a favorecer o seu auto-conhecimento, tornando-se construtor da sua própria história e da sua cidadania, dando, como descreve S2, *"uma outra qualidade à intervenção do profissional de Psicologia"*.

Bock e Aguiar(1995) consideram como principal objetivo da Psicologia a promoção da saúde. Segundo as autoras, **"o psicólogo é um profissional que deve trabalhar para a promoção da saúde, superando a prática da prevenção"**(p.10). Sem negar o aspecto curativo da Psicologia, as autoras apontam que é necessário ir além de tal prática, visto que a ação preventiva trás, no seu interior, a visão da patologia, cuja lógica é a necessidade constante de desenvolver ações direcionadas ao sintomas das doenças. A mudança do enfoque passa, então, para um trabalho que não mais enfoque a doença, mas sim a saúde.

²⁰ Na pesquisa **"Psicologia: Formação, Atuação Profissional e Mercado de Trabalho"**, realizada em 1995, pelo Conselho Regional de Psicologia-06(SP/MS/MT), através do cadastramento dos psicólogos da região, os dados encontrados mostraram que a área de atuação predominante é a do consultório particular com 40,75%. Esses dados confirmam a mesma tendência, encontrada na pesquisa realizada pelo Conselho Federal de Psicologia entre os anos de 85 e 87 abrangendo todas as regiões do país. Esses fatos revelam que não houve mudanças no perfil da atuação dos psicólogos ao longo dos últimos 10 anos.

Bastos e Achcar(1994) apontam que, no modelo tradicional, a natureza da intervenção era **"focada no indivíduo "intra-psi"** cuja predominância era a **"do caráter curativo, remediativo"**. Os movimentos de transformação de um novo modelo passam a privilegiar uma intervenção mais **"centrada em contextos, em grupos, ação preventiva , prospectiva"**(p.255). É na busca desse novo profissional que os sujeitos procuraram descrever como a formação pode, de fato, propiciar a profissionalização das ações do psicólogo voltada para a maioria da população, em consonância com a realidade brasileira, buscando compreender, dentro da sua característica de profissional, o "fenômeno psicológico" traduzido nas "subjetividades" que se apresentam no contexto social, seja este contexto institucional e/ou individual.

A Formação, de acordo com tal projeto, deve *"possibilitar aos alunos um conhecimento básico de Psicologia"*(S4); para tanto, necessita ser generalista para que *"o aluno consiga entender qual o papel social do psicólogo"*(S2) e teoricamente pluralista, propiciando o *"conhecimento das principais teorias psicológicas e de atuação profissional"*(S9). Deve possibilitar também a oportunidade de acesso a *"outras áreas do conhecimento que podem auxiliar no trabalho do psicólogo"*(S3), habilitando-o a fazer leituras da realidade e aprender a construir, através da sua síntese pessoal ao final do curso, projetos de intervenção nessa mesma realidade.

Tal perspectiva deve procurar romper com o distanciamento entre ciência e prática, presente, segundo Francisco e Bastos(1992), no modelo dominante. Para os autores **" o modelo dominante de formação não articula o processo unificado à formação científica(para a produção de conhecimento) e à formação tecnológica(para a prestar serviços)"**(p.216). A consequência deste modelo é a predominância de uma formação tecnicista que tem por finalidade principal o domínio, por parte do futuro profissional, de técnicas do "como fazer", aprofundando a distância entre prática profissional e geração de conhecimento científico.

Superar tal situação exige uma nova articulação entre ciência e prática, buscando caminhos para uma efetiva integração. Francisco e Bastos(1992) descreveram alguns posicionamentos que podem ser considerados fundamentais para ajudar a enfrentar as dificuldades dessa articulação. São eles: **"1. Que a produção de conhecimento científico seja incrementada dentro de modelos mais abrangentes(...)****2. Que as práticas possam ser fecundadas pelo conhecimento e possam, também, gerar conhecimento mais diretamente vinculado aos problemas concretos e mais complexos(...)****3. Que o processo educacional seja capaz de articular esses dois domínios, quer desenvolvendo estudos apoiados em múltiplas perspectivas, quer desenvolvendo habilidades de reflexão crítica e investigação apropriadas ao contexto aplicado da profissão"**(p.221-224). Dentro deste enfoque, questões como diferentes concepções do fenômeno psicológico presentes nas teorias, estágios, trabalho interdisciplinar, pesquisa, habilidades técnicas, compromisso ético e político, passam por uma revisão capaz de provocar rupturas importantes, entre elas a de **"entender a necessidade de uma intervenção social-política para além do individual"**(p.220).

Os estágios, por exemplo, que estão estruturados no modelo 4+1, acabam reforçando a dicotomia teoria/prática hoje existente. Para atender uma formação que supere esta dicotomia, é necessário construir uma nova dimensão na relação teoria e prática. Nessa perspectiva, é desnecessário um momento exclusivo de estágios, sendo mais importante criar oportunidades de práticas onde o aluno, desde o início do curso, possa estar envolvido em projetos de pesquisa e de extensão progressivamente mais complexos. Nesse modelo, os trabalhos desenvolvidos deixam de ser simplesmente uma aplicação das técnicas aprendidas, cuja ênfase é a do pragmatismo, passando a ter uma dimensão mais reflexiva²¹, na medida em que eles são

²¹Na epistemologia da prática que vem sendo discutida por Donald Schön (1995) o conceito de reflexão é definido como um processo que envolve professores e alunos cuja a aprendizagem é construída a partir da análise e interpretação da própria atividade realizada. Para Garcia(1995) é importante **"formar professores que venham refletir sobre a sua própria prática, na expectativa de que a reflexão será um instrumento de**

partes de *continuum* de aprendizagens ao longo da formação, possibilitando uma melhor instrumentalização do aluno, ajudando-o a romper com cisão entre o "pensar" e o "fazer" nas suas futuras práticas profissionais.

Os profissionais entrevistados por Duran(1994) descreveram diferentes formas de integrar teoria e prática; uma delas, exemplifica de forma clara a dimensão acima citada. É a que aponta para uma contínua interação entre teoria e prática , num processo em espiral, assim descrita pelo autor: **"(...) o processo realiza um percurso em que uma vivência prática dá condições mínimas para informação e reflexão teórica que, por sua vez, é necessária ou conveniente para outra experiência prática que se segue de mais informação e reflexão teórica em nível mais complexo, e assim por diante"** (p.200).

Essa perspectiva favorece o que Schön(1995) denominou de *Practium Reflexivo*, que é compreendido como um espaço em que professores e alunos se assumem como investigadores da sua própria prática, buscando uma constante avaliação baseada na reflexão(teoria) das ações(prática) realizadas. O que se tem então, neste modelo, não é o "momento do estágio" como o momento específico da prática, mas "momentos de aprendizagens constantes" que envolvem teoria e prática, ao longo do curso.

A perspectiva interdisciplinar, outro aspecto importante no trabalho do psicólogo, também aparece de forma marcante nas questões apresentadas pelos sujeitos. Entendem que, para possibilitar esta atuação, é necessário, desde a formação, que o aluno tenha um sólido conhecimento de outras áreas, sendo as mais apontadas a Filosofia, a Sociologia e a História. Para S3, esses conhecimentos podem dar *"uma visão menos individualista, própria da Psicologia em geral , possibilitando uma visão mais ampliada da sua atuação profissional"* e dando ao aluno *"uma oportunidade de*

desenvolvimento do pensamento e da acção (p.60)". Para aprofundar sobre o conceito de *reflexão-na-ação* de Donald Schön ver as seguintes obras do autor: **The Reflective Practitioner**, 1983 e **Educating the Reflective Practitioner**, 1987.

contextualizar a Psicologia diante de outros conhecimentos"(S4). Esta contextualização, segundo S6, torna possível "entender o desenvolvimento histórico dos fenômenos sociais e políticos, enquanto parte integrante da produção do conhecimento, entre eles o da Psicologia".

Ainda com relação a essa questão, S7, S8 e S10 consideram como necessário a construção de uma postura interdisciplinar, na formação, para que se possa desenvolver *"uma prática não alienada"*(S7), na medida em que propicia ao aluno entender *"que a Psicologia não dá conta de explicar tudo"*(S8). Em vista da atuação na Educação, o conhecimento de teorias educacionais críticas, foi citado por S1, S3, S5, S10 como parte fundamental para o psicólogo que pretende atuar na área e ter uma compreensão melhor das interfaces entre a Psicologia e a Educação. Esse conjunto de relatos expressa claramente a importância dada pelos sujeitos ao trabalho interdisciplinar, que deve ser iniciado na formação e aperfeiçoado no trabalho diário do psicólogo junto a outros profissionais.

É importante acrescentar que a produção da Psicologia, até por força da sua constituição enquanto Ciência, restringe-se à busca de desvendar os fenômenos psicológicos, produzindo conhecimento e teorias psicológicas; mas nas intervenções em situação real, esses mesmos fenômenos psicológicos estão interagindo com outras variantes que são analisadas por outras áreas do conhecimento ou por equipes interdisciplinares. Dessa forma, é fundamental adquirir aprendizagens, no período da Formação, que possam instrumentalizar o aluno a desenvolver ações conjuntas com outros profissionais.

Como apontam Bastos e Achcar(1994), ***"a natureza complexa dos fenômenos que demandam a intervenção do psicólogo, nos diversos domínios do seu campo de atuação, aliada às concepções emergentes que procuram ver o fenômeno psicológico nas suas interações, conduz à necessidade de integração de múltiplas perspectivas profissionais"***. Dessa forma, o trabalho junto a outros profissionais torna-se ***"um imperativo***

para que o enfrentamento do problema seja congruente com as múltiplas facetas que ele assume"(p.254).

Em relação às habilidades técnicas, os sujeitos apontaram que a mesma deve sempre estar ancorada numa determinada concepção teórica de fenômeno psicológico. Para S1, ***"a técnica deve existir não enquanto um fim em si mesma, mas diretamente relacionada com uma determinada reflexão teórica"***, considerando que somente dessa forma será possível superar a dicotomia entre teoria e prática profissional. Segundo Mancebo(1997) ***"(...) esta suposta oposição ou dicotomização entre formação teórica e prática não aparece gratuitamente na cabeça do aluno e pelo menos, em alguma medida deve refletir as próprias características dos cursos de Psicologia sua estrutura curricular, seu caráter fragmentado, e, talvez, principalmente, sua desvinculação da nossa realidade"***(p.23).

Uma das formas para superação da questão acima é o desenvolvimento da pesquisa nos cursos de formação. Bock(1997), ao descrever os elementos que considera fundamentais para desenvolver uma formação crítica, cita entre esses elementos a pesquisa, demonstrando que é necessário uma formação que propicie ao aluno o contato com a pesquisa, ***"(...) que ensine a perguntar, a estranhar o familiar e buscar novas respostas"***. Com isso aprofunda-se a noção da construção do conhecimento como um produto histórico, conhecimento entendido ***" (...)como um saber produzido para responder a determinadas questões, em um determinado momento da sociedade, por isso um saber em permanente movimento"***(p.42).

Nessa perspectiva, a atividade de pesquisa na formação pode possibilitar ao aluno aprendizagens importantes. Nos relatos dos sujeitos deste trabalho aparece claramente uma valorização das atividades de pesquisa como uma forma do aluno aprender a manusear técnicas de observação, registro, entrevista etc, que irão lhe servir ***"para conhecer melhor***

a realidade"(S8) e em outras atividades como; "a própria avaliação diagnóstica"(S6), a "construção de instrumentos de avaliação"(S3), e fundamentalmente compreender como se constrói o conhecimento científico.

Outra questão citada, dentro das habilidades profissionais, é a de "conhecer e aprender a trabalhar com grupos"(S10)..Tal preocupação parece apontar para uma mudança no foco do trabalho do psicólogo, geralmente mais voltado ao trabalho individual, numa relação dual, "para trabalhos que envolvam grupos, numa relação coletiva"(S3). Para tanto, é necessário, segundo S4, S5 e S7, conhecer referenciais teóricos que instrumentalize a desenvolver ações junto aos grupos, na saúde, na educação, na comunidade.

Para Bleger(1995) "**(...) apesar de possuímos conhecimentos e técnicas de grupo bastante desenvolvidas, não é menos certo que necessitamos de estratégias para utilização dessas técnicas e conhecimentos**"(p.105) Parece ser fundamental entendermos a dinâmica das organizações e dos "grupos naturais" que se desenvolve no seu próprio meio, para avançarmos nas estratégias de compreensão e intervenção no universo complexo onde ocorre o fenômeno psicológico. Nesse aspecto, o autor valoriza o conhecimento dos mecanismos grupais no desenvolvimento do trabalho de promover saúde.

Segundo Bleger, os trabalhos grupais que expressam a promoção de saúde são aqueles que, ultrapassando a visão de saúde no seu sentido estrito de ausência de doença, buscam "**(...) um aproveitamento mais eficiente de todos os recursos com que conta cada grupo para mobilizar sua própria atividade na procura de melhores condições de vida, tanto no campo material como no cultural, no social e no psicológico**"(p.106)

É possível concluir que, nesse amplo processo de reflexões que apontam as contradições e as possibilidades de superá-las, já está em curso a construção de um "novo" modelo de prática profissional, cuja identidade está se configurando na direção da promoção de saúde na Educação.

Fontana(1997) faz uma interessante analogia com a tarefa da construção da identidade profissional e complexo aprendizado de bordar. Diz ela: **"Assim, o nosso começo, começa pelo "em se fazendo" por entre múltiplos fios colocados juntos, enlaçados, entrelaçados, que em movimento compõem tramas diversas. (...) mas o bordado não é mágico, ele se faz com/pelo trabalho, nos acontecimentos, no tempo(...) introduzimos novos pontos no bordado, suprimos outros, revemos planos, misturamos cores e fios...Tecendo e destecendo, constituimo-nos como profissionais"**(p.198).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ALGUMAS SÍNTESES POSSÍVEIS.

As questões que foram discutidas a partir das falas dos sujeitos confirmam os resultados encontrados em muitos outros estudos sobre Formação e atuação do psicólogo, tanto no seu âmbito mais geral, como os trabalhos desenvolvidos por Gomide(1988), Francisco e Bastos(1992), Bastos e Achcar(1994), Duran (1994), como também no aspecto específico do psicólogo que atua na área da Educação, onde temos os estudos de Witter e Outros(1992), Voltolini(1994), Maluf(1994), Gomes(1995) e Witter(1996).

No entanto, as sínteses que podem ser feitas incluem necessariamente dois aspectos que estarão separados somente para fins de análise, pois ambos são parte de um mesmo contexto: 1. *A história da Psicologia no Brasil*, que está sendo construída pela categoria dos psicólogos, história esta mediada pelos sujeitos desta pesquisa, através dos caminhos que os mesmos vêm construindo, buscando a transformação através de suas práticas profissionais; 2. *A história pessoal/profissional dos sujeitos desta pesquisa*, expressas nas suas falas sobre a concepção de promoção de saúde no trabalho educacional, apontando concepções que se diferenciam da visão "tradicional", o que indica, concretamente, que a história da Psicologia está mediando as ações e pensamentos destes sujeitos. Estes dois eixos podem contribuir no desenvolvimento das discussões postas sobre esta temática.

O que parece fundamental é o “processo” que os sujeitos desta pesquisa estão vivendo em suas singularidades. Singularidades essas que se apresentam como fragmentos da totalidade da história da categoria, mostrando sujeitos e histórias como partes que se constituem e são constituídos no/pelo contexto das reflexões sobre a Psicologia como ciência e profissão.

A promoção de saúde aparece como uma condição importante para que haja uma mudança de práticas profissionais, havendo, porém, a necessidade de se alterar o próprio conceito de saúde enquanto ausência de doença, hoje fortemente presente nas representações dos profissionais de Psicologia, derivando uma atuação eminentemente curativa.

No campo específico da atuação da Psicologia na Educação, esse novo conceito de saúde já aparece nos debates. Martínez(1996), por exemplo, descreve a escola como um espaço vital para a promoção de saúde, destacando que tal promoção é função do conjunto da sociedade e das suas instituições. Segundo a autora ***“La nueva concepción de salud que presentamos guarda una relación mas evidente com el proceso educativo. A partir de ella podemos analizar el papel de la escuela, como una das instituciones básicas de la sociedad, en el processo de salud”***(p.20).

Nessa ótica, Neves(1997), em seu trabalho de tese realizado junto a um grupo de professores, considera que ***“o importante é construirmos uma nova possibilidade de intervenção psicológica”*** apontando para uma intervenção que não fique somente na resolução do problema já posto, mas que busque novas formas de promover saúde que ela define como ***“um trabalho de re-significações das relações e experiências vividas como mantenedoras da exclusão e exploração”***.(p.247).

Esse aspecto que Neves(1997) discute remete para o outro foco apontado: o da história que a categoria dos psicólogos vem construindo, ou seja, a ação política que está subjacente às discussões que são colocadas para a reflexão coletiva dos psicólogos no nosso país.

Bock(1997), em sua tese de doutorado, recupera a trajetória da categoria e demonstra que houve avanços importantes nos movimentos das entidades representativas dos psicólogos, ao longo das últimas três décadas. Especialmente nos anos 80, ocorreu um movimento de resistência, por parte das entidades, em defesa da qualidade dos serviços públicos na saúde e na educação. A década de 90 é marcada pela continuidade dessas lutas, que se envolveram com movimentos sociais mais amplos, como a luta anti-manicomial, dos sem-terra, dos direitos humanos, etc.

No entanto, para aquela autora, as entidades não têm conseguido, de forma satisfatória, alcançar a maioria dos psicólogos, seja por estar em alguns momentos com um projeto político de valorizar a própria entidade, ou ainda por ter um discurso voltado para uma minoria, que é o profissional do serviço público. Mas é preciso que as entidades avancem na construção de projetos que propiciem discussões críticas, nos quais os psicólogos se reconheçam como partícipes e possam refletir coletivamente os rumos da Psicologia em nosso país.

Para Bock(1997), é fundamental propiciar circunstâncias que favoreçam a militância de um maior número de psicólogos em suas entidades regionais e nacionais, por considerar que a militância "**(...) coloca os psicólogos em contato com a realidade brasileira, com os problemas e aspectos psicológicos dessa realidade, com as limitações de nossas práticas e concepções, enfim a militância nas entidades é um fator de avanço pela possibilidade de reflexão coletiva que traz**"(p.286).

A Formação e atuação poderão sofrer modificações substantivas se esse movimento ganhar corpo junto à categoria, em resposta às muitas

aflições presentes, traduzidas por questionamentos de como ser um psicólogo, atendendo à demanda que a realidade brasileira impõe.

A grande aprendizagem desses movimentos é de que os psicólogos poderão aprender a discutir coletivamente os rumos que irão caracterizar a identidade profissional, identidade esta baseada na instrumentalização técnica apoiada numa visão teórica consistente, compreendendo de forma crítica a função social da profissão no contexto brasileiro. A compreensão da natureza política da prática profissional do psicólogo poderá criar circunstâncias que estabeleçam compromissos concretos para responder indagações que estão presentes no seu cotidiano, como estas: como romper com a ideologia liberal ainda fortemente presente nas concepções teóricas e práticas profissionais dos psicólogos? como estruturar um modelo de formação e atuação que atenda à maioria da população, com o objetivo ético de buscar garantir a essa população a apropriação da sua condição humana?

Enfim, os relatos propiciaram, em relação ao questionamento inicial deste estudo, respostas que mostram um processo intenso de re-pensar o fazer psicológico dentro de uma “nova” perspectiva de promover saúde, cujas práticas estejam sustentadas por teorias que contemplam uma visão mais totalizante do conceito de saúde e do próprio objeto psicológico. Para poder caminhar nessa direção, parece necessário rever as conceituações de *homem* e *fenômeno psicológico* na Psicologia, privilegiando o primeiro conceito como forjado pelo seu tempo e grupo social, compreendendo, então, o segundo como um fenômeno histórico, delimitado pela condições sócio-históricas que o constituiu. Homem e fenômeno psicológico, constituído e constituinte do seu tempo.

A saúde psicológica é entendida, nessa perspectiva, como um processo de apreensão e compreensão, por parte do indivíduo, das condições concretas da sua vida e do seu grupo social, instrumentalizando-o a interferir e alterar coletivamente tal realidade. Essa situação pode produzir, em termos da subjetividade do indivíduo, um reconhecimento de poder

tornar-se artífice da sua própria história, fortalecendo o seu mundo psicológico para os enfrentamentos e contradições presentes na sua vida.

O projeto de promover saúde na Educação através da prática psicológica, nessa perspectiva, necessita, no processo de sua construção, ter como base duas dimensões fundamentais. Uma é dimensão ética, que se compõe pela solidariedade *ao outro e com o outro*, onde segundo Guareschi(1998) ***"reconhecemos o outro como uma pessoa com quem entramos em diálogo e que, na convivência, é essencial à nossa realização humana, e não como simples indivíduo que está ao nosso lado, com quem entramos em contato pelo simples motivo da sobrevivência, em competição potencial conosco"***, ou seja, compreendendo o ser humano como um ser dialógico em sua singularidade e alteridade, cuja ***"subjatividade é composta por milhões de relações que estabelece durante toda sua existência"***(p.18). Nessa visão relacional entre os homens, a concretude da ética determina que não haja alguém privado dos direitos sociais básicos da vida , senão ela se torna inócua, abstrata.

A outra é a dimensão política do compromisso com a transformação social. Camino(1998) discute a responsabilidade social da Psicologia e sua relação com a construção dos Direitos Humanos. Para o autor é possível ***"(...) afirmar que a Psicologia participa claramente nos processo de exclusão/inclusão que se desenvolvem no interior das sociedades, a partir da maneira de definir as diferenças sociais e culturais: diferenças como as de gênero, raça, normalidade, etc."***. Longe de simplificar a Psicologia segundo uma visão maniqueísta, o autor afirma que é necessário ***"(...) que o avanço nas definições psicológicas dos diversos grupos sociais não decorre só da acumulação de informações sobre esses grupos, mas também da oposição de visões que se desenvolvem em função das pertenças sociais e das ideologias dos diversos grupos que investigam esses problemas"***(p.60).

Pode-se afirmar que os construtores da Psicologia são sujeitos históricos e mergulhados no contexto ideológico da época. As diversas idéias psicológicas sobre o homem, que compõem a ciência Psicológica e as suas práticas profissionais, refletem as contradições e as complexidades presentes no interior de uma dada sociedade em um determinado momento histórico. Portanto, é necessário superar uma consciência ingênua para poder realizar análises que apoiem as múltiplas variantes que determinam o aparecimento e desenvolvimento do conhecimento científico, onde figura, entre outras, a Ciência Psicológica.

Ao direcionar essas duas dimensões, ética e política, frente à realidade tão antagônica de miséria de muitos e riqueza de poucos em nosso país, visando a um projeto de promoção de saúde na Educação, o que aparece como prioridade é o de mudar a política atual que impõe um quadro da exclusão da maioria das crianças brasileiras do acesso e permanência na escola. Este fato vem privando essa população do conhecimento acumulado e sistematizado pela cultura, tornando-se um grave problema ético pela ausência de um Direito Básico que é o da Educação. Não é possível ficar indiferente frente a esta realidade tão dramática. Valls(1996) descreve bem essa dramaticidade com a qual nos defrontamos. Diz ele: **"(...) se é verdade que as grandes reformas de que nosso país necessita não são questões apenas éticas, mas também políticas, o inverso não é menos verdade: não são só políticas, são questões éticas que desafiam o nosso sentido ético"**(p.73).

Como é possível, então, construir projetos de promoção de saúde que alterem tal situação? Não há uma resposta fácil e simples. No entanto parece importante citar alguns pontos que podem propiciar o exercício da relação ação-reflexão, fortalecendo e ampliando essa árdua tarefa, que é coletiva e interdisciplinar:

1. são necessários projetos políticos das entidades de Psicologia que possibilitem, cada vez mais, aos profissionais tornarem-se sujeitos da sua própria história, reconhecerem-se como autores e ousarem construir um

perfil e práticas profissionais que caracterizem uma "praxis social"²² conseqüente;

2. compreender que não existe ato que não seja político; portanto, a prática profissional, sem deixar de ter o seu aspecto técnico específico, é sempre um ato político;

3. construir um projeto de formação que, de fato, seja generalista e com pluralismo teórico, para poder habilitar o futuro profissional com práticas que absorvam as contribuições que a Ciência Psicológica acumulou nas suas diversas áreas,(Psicologia Organizacional, Psicologia Educacional, Psicologia Clínica, Psicologia Social Comunitária, entre outras emergentes), além dos conhecimentos das Ciências Humanas, necessários ao enriquecimento do olhar e a instrumentalização para atuar interdisciplinarmente;

4. esse novo projeto de formação deve ter, como base fundamental, o investimento constante na qualificação do corpo docente visando alterar a postura, presente hoje nos cursos, que privilegia uma formação tecnicista e deslocada da realidade. O objetivo é buscar, fundamentalmente, "dar vida" (compromisso coletivo) a um currículo que aponte para a formação de um profissional, cuja identidade esteja vinculada tanto com o avanço da Ciência Psicológica, quanto na construção de práticas profissionais que privilegiem a promoção de saúde da maioria da população brasileira;

5. a atuação na área da Educação deve vincular-se a uma compreensão das teorias educacionais e das múltiplas relações que constituem tal campo, considerando especialmente a sua dimensão político-ideológica;

6. ainda na especificidade da atuação na área da Educação, buscar, através do desenvolvimento de práticas interdisciplinares, iniciados através de

²² O conceito de *praxis social* segundo Vásquez(1986) relaciona-se às ações que se orientam no sentido de transformar o homem , entendido como ser social, e as suas relações concretas com condições da vida econômica, política e social, na qual está inserido. Ou seja, a *praxis social* é eminentemente uma *atividade política*, que busca alterar, através de

projetos realizados no curso de formação, ações que possibilitem especialmente alterar a política do fracasso escolar, por uma política do sucesso e permanência na escola.

Para concluir essa síntese, será utilizada a citação de Neves(1997) que, de forma clara, define a contribuição que o psicólogo pode dar ao buscar desenvolver um trabalho de promoção de saúde na Educação. Na sua tese, a autora focaliza o trabalho realizado com um grupo de professores, que pode ser caracterizado como um exemplo de uma atuação na promoção de saúde junto à comunidade educacional. Diz a Autora **"(...) Assim, o caminho de promoção de saúde pressupõe a recusa do existente, pela via da contradição, da "resistência", do enfrentamento dos conflitos. Terá como norte, ou talvez utopia (algo que ainda não foi possível, nem por isso é impossível), que as professoras, através do que não têm , ou não são, possam tornar-se outras de si mesmas ou, pelo menos, no processo de apropriação de suas histórias, de significação, dos seus sentimentos, possam lutar por isso com mais condições"**(p.255).

O desafio está posto!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, J . R . P. de **História da Instrução Pública no Brasil (1500-1889)** , Trad. Antonio Chiazzotti, São Paulo, EDUC; Brasília, DF, INEP/MEC, 1989.
- ALVES, G . **O pensamento burguês e o plano de estudo do Seminário de Olinda (1800-1836)** , Campinas, UNICAMP, Faculdade de Educação, Tese de Doutorado, 1990.
- ALVES, L. C. F. "Psicologia escolar: a redefinição de uma prática". **Psicologia e Sociedade**. Ano V, n.º 8:175-181, 1989-1990.
- ANDALÓ, C. S. J. de A. " O papel do psicólogo escolar" . **Psicologia, Ciência e Profissão** . Brasília, C.F.P., 4(1): 43-46, 1984.
- AMARAL, L. A . "Histórias de Exclusão - e de Inclusão? - na Escola Pública". In: Conselho Regional de Psicologia - 6ª Região. **Educação Especial em Debate**. São Paulo, Casa do Psicólogo/CRP-06, 1997.

- ARBUÉS, A. E. & LOIS, M. F. " Apuntes sobre la situación de la Psicología escolar en Espanha". In: GUZZO, R. S. L. & OUTROS. **Psicologia Escolar: padrões e práticas em países de língua espanhola e portuguesa** . Campinas, Ed. Átomo, 1993.
- BALBINO, V. C. R. "Psicólogos Escolares em Fortaleza; dados da formação, da prática e da contextualização profissional". **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, CFP, 10(2-3-4):50-57, 1990.
- BASTOS, A .V. B. "Áreas de Atuação: em questão nosso modelo profissional" In: Conselho Federal de Psicologia. **Quem é o Psicólogo Brasileiro?** São Paulo, Edicon, 1988.
- BASTOS, A. V. B. & ACHCAR, R. "Dinâmica profissional e formação do psicólogo". In: Conselho Federal de Psicologia. **Psicólogo Brasileiro . Práticas emergentes e desafios para a formação**. São Paulo, Casa do psicólogo, 1994.
- BAKHTIN , M. **Marxismo e Filosofia da linguagem**. São Paulo, 5ª ed., Hucitec, 1990.
- BECKER, H. S. **Métodos e técnicas de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo, Hucitec, 1993.
- BERLINGUER, G. **Questões de vida. Ética, Ciência e Saúde** . São Paulo, Hucitec/APCE/CEBES, 1993.
- BLEGER, J. **Psicologia da Conduta** . Porto Alegre, Artes Médicas, 1984.
- _____. **Psico-Higiene e Psicologia Institucional** . 3ª ed., Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

_____. **Temas de Psicologia: entrevista e grupos.** São Paulo, 7ª ed., Martins Fontes, 1995.

BOCK, A. M. B. & AGUIAR, W. M. J. "Por uma prática promotora de saúde em Orientação Vocacional". In: BOCK, A. M. B. & Outros. **A escolha profissional em questão.** São Paulo, Casa do Psicólogo, 1995.

BOCK, A. M. B. "Eu caçador de mim. Pensando a profissão de Psicólogo". In: SPINK, M. J. (org.) **O conhecimento no cotidiano. As representações sociais na perspectiva da Psicologia Social.** São Paulo, Brasiliense, 1993.

_____. "Psicólogo : um profissional da Educação" . I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. **Identidade e perspectivas.** Campinas, Abrapee/PUCCAMP, Ed. Átomo, 1992. (Anais).

_____. **As aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia: um estudo sobre o significado do fenômeno psicológico na categoria dos psicólogos.** São Paulo, PUC, Tese de Doutorado, 1997.

BORI, C. M. & BOTOMÉ, S. P. & DAL PIAN, M. C. & DE ROSE, J. C. C. & SIMÃO, E. " Desempenho de professores universitários no levantamento e caracterização de problemas de ensino: descrição de um procedimento". **VII Reunião da SPRP** , 1978.(Anais).

BOSI, E. **Memórias e Sociedade - lembranças de velhos-** . São Paulo, T.A. Queiroz, 1979.

_____. "A Psicologia entre fogos cruzados". In: PATTO, M. H. S. **Psicologia e Ideologia - uma introdução crítica à Psicologia escolar.** São Paulo, T. A. Queiroz, 1984.

- BOTOMÉ, S. P. "Em busca de perspectiva para a psicologia como área de atuação e como campo profissional". In: Conselho Federal de Psicologia. **Quem é o Psicólogo Brasileiro?** São Paulo, Edicon, 1988.
- BRONFENBRENER, V. " Motivacional and social components en compensatory education programs" In: GROTBORG, E. **Critical Issues en research related disadvantaged children** . Princeton, N. J. Educational Test Service, 1969.
- CAMINO, L. "Direitos Humanos e Psicologia". In: Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. **Psicologia, Ética e Direitos Humanos**. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 1998.
- CAMPOS, F. C. B. **Psicologia e Saúde - repensando práticas** . São Paulo, Hucitec, 1992. (série saúde/loucura).
- CAMPOS, R. H. de F. "A psicologia social comunitária". In: CAMPOS, R. H. de F. (org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, Ed. Vozes, 1996.
- CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico** . Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982.
- CAPRA, F. **O Ponto de Mutação** . São Paulo, Cultrix, 1982.
- CARVALHO, C. V. & SILVA, L.C. " Atuação dos psicólogos na Saúde Pública: dificuldades e possibilidades de trabalhos com grupos". **Psicologia: Ciência e Profissão** . Brasília, CFP. nº 2,3,4, 1990.
- CARRAHER, T. N. **Sociedade e Inteligência**. São Paulo, Cortez, 1989.

CIAMPA, A. C. da. "Identidade". In: LANE, S. (org.), **O homem em movimento**. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CODO, W. & OUTROS. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. São Paulo. Ed. Vozes, 1993.

CODO, W. & SAMPAIO, J.J.C. (orgs.) **Sofrimento psíquico nas Organizações. Saúde mental e trabalho**. Petrópolis, Vozes, 1995.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o Psicólogo Brasileiro?** São Paulo, Edicon, 1988.

_____. "Como está a saúde mental do trabalhador?", **Psicologia - Ciência e Profissão**, Brasília, nº2, 1988.

_____. "Prática Psicológica: repetição ou mudança". **Psicologia Ciência e Profissão**. nº 2 - 3 - 4, 1990.

_____. **Psicologia- Jornal da Constituinte**. Brasília, nº5, março de 1994.

_____. **Psicólogo Brasileiro: construção de novos espaços**. Campinas, Ed. Átomo, 1992.

_____. **Psicólogo Brasileiro: práticas emergentes e desafios para a formação**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.

_____. "Exposição de motivos do código de ética profissional do psicólogo". In: **Psicologia e Legislação**. Brasília, Conselho Federal de Psicologia, 1995.

- CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 6ª REGIÃO. **Psicologia: Formação, Atuação e Mercado de Trabalho.** São Paulo, CRP-06, 1995.
- CORRÊA, M. A. M. **O Psicólogo escolar hoje...o fracasso escolar de sempre.** Campinas, FE/UNICAMP, tese de doutorado, 1995.
- CUNHA , L . A . **Educação e Desenvolvimento Social no Brasil.** Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.
- CUNHA, B. B. B. **Psicologia na escola: caminhos de uma prática.** São Paulo IP/USP. Tese de Doutorado, 1994.
- CUNNINGHAM , J. & OAKLAND, T. "International School Psychology Association - Guidelines for the Preparation of School Psychologists". **School Psychology International** . London, SAGE Publications, 19:19-30, 1998.
- CURY , C . R . J . **Ideologia e Educação Brasileira.** São Paulo, Cortez/Autores Associados, 1984 (Coleção Ed. Contemporânea).
- DEJOURS, C. **A loucura do trabalho- estudo da psicopatologia do trabalho.** São Paulo, Cortez/OBORÉ. 3. ed., 1988.
- _____ & OUTROS. **Psicodinamica do trabalho - contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho** . São Paulo, Editora Atlas, 1994.
- DORNELES, R. W. J. **O que são Direitos Humanos.** São Paulo, 2º ed., Brasiliense, 1997 (Coleção primeiros passos: 229).

- DURAN, A. P. "Alguns dilemas na formação do psicólogo: buscando sugestões para supera-los". In: Conselho Federal de Psicologia. **Psicólogo Brasileiro. Práticas emergentes e desafios para a formação** . São Paulo, Casa do psicólogo, 1994.
- DUBOS, R. "O homem e seu ambiente". Washington, Organização Pan-Americana de Saúde, **Publicação Científica**. nº 131, 1966.
- ENGELMANN, A. "O significado como parte do diálogo". **Ciência e Cultura**. (Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). 35(10): 1452-1455, 1983.
- FARIAS, A. de **O papel do psicólogo escolar visto por professores de 1º, 2º e 3º graus - um estudo descritivo**. Porto Alegre, UFRGS, Dissertação de Mestrado, 1980.
- FAZENDA, I. C. A . **Interdisciplinariedade: história e pesquisa**. Campinas, Papirus, 1994.
- FERREIRA, M. G. **Psicologia educacional. Análise crítica** . São Paulo, Cortez, 1986.
- FIGUEREDO, L. C. M. **Psicologia - uma introdução** . São Paulo, Educ, 1995.
- _____ . **A invenção do psicológico - quatro séculos de subjetivação. 1500- 1900** . São Paulo, Escuta/Educ, 1992.
- FONTANA, R. A . C. **Como nos tornamos professoras: aspectos da constituição do sujeito como profissional da educação**. Campinas, FE/UNICAMP, Tese de Doutorado, 1997.

- FRANCISCO A . L. & BASTOS A . V. B. "Conhecimento, Formação e Prática - o necessário caminho da integração". In: Conselho Federal de Psicologia. **Psicólogo Brasileiro - Construção de novos espaços**. Campinas, Ed. Átomo, 1992.
- FRANCO, M. L. P. B. " Concepção do homem, indivíduo e sociedade. Contribuições da Psicologia da Educação" In: BERNARDO, M. V. C. **Formação do professor: atualizando o debate** . São Paulo, Educ, 1989. (série Cadernos PUC).
- FREITAS, M. F. Q. "Psicologia na comunidade, psicologia da comunidade e psicologia (social) comunitária: Práticas da psicologia em comunidade nas décadas de 60 a 90 , no Brasil". In: CAMPOS, R. H. de F. (org.) **Psicologia Social Comunitária - da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, Vozes, 1996.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido** . Rio de Janeiro, Paz e Terra, 6º ed., 1978.
- _____ . **Educação e Mudança** . Rio de Janeiro, Paz e Terra, 5º ed. , 1982.
- FREITAG, B . **Escola , Estado e Sociedade** . São Paulo, Ed. Moraes, 1980.
- _____ . **Sociedade e Consciência - um estudo piagetiano na favela e na escola** . São Paulo, Cortez/Autores Associados,1984.
- GABBI, O. F. Jr. "O que é Psicologia? leis, regras e psicologização do cotidiano". **Ciência e Cultura** , 38(3), março, 1986.
- GADOTTI, M. " Educação e ordem classista". In: FREIRE, P. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

- GARCIA, C. M. "A Formação de professores: Centro de Atenção e Pedra-de-toque". In: NÓVOA, A . (org.) **Os professores e a sua Formação**. Lisboa, 2º ed., Publicações Dom Quixote, 1995.
- GATTI, B. A. " Novos saberes, sua unidade/identidade na multiplicidade que os informa" . In: MARTINELLI, M. L. e Outros. **O Uno e o Múltiplo nas relações entre as áreas do saber**. São Paulo, Cortez/Educ, 1995.
- GÓIS, C. W. de L. **Noções de psicologia comunitária**. Fortaleza, Edições UFC, 1993.
- GOMES, V. L. T. **Atuação do Psicólogo Escolar: teoria prática e compromisso social**. São Paulo, IP/USP, Tese de Doutorado, 1995.
- GONÇALVES, C. L. C. **Formação e estágio Acadêmico em Psicologia Escolar no Brasil: análise curricular**. Campinas, PUCCAMP, Dissertação de Mestrado, 1994.
- GOMIDE, P. I. C. "A formação acadêmica: onde reside suas deficiências?" In: Conselho Federal de Psicologia. **Quem é o Psicólogo Brasileiro?** São Paulo, Edicon, 1988.
- GOYOS, A. C. N. **A profissionalização de deficientes mentais: um estudo de verbalização de professores acerca dessa questão** . São Paulo, IP/USP. Tese de Doutorado, 1986.
- GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura** . Rio de Janeiro, 4º ed. , Ed. Civilização Brasileira, 1982.
- _____. **Concepção Dialética da História** . Rio de janeiro, 7º ed., Ed. Civilização Brasileira, 1987.

- GRANDELLA, JR., O. " Psicólogo (ser ou não ser ?) escolar ou um ator à procura de um papel". **Programa e resumos da XX Reunião Anual de Psicologia da SPRP** . Riberão Preto, 1990.
- GUANAIS, M. A. B. **O trabalho e a qualidade total: contribuições do Psicólogo organizacional**. Campinas, FE/UNICAMP. Dissertação de Mestrado, 1995.
- GUARESCHI, P. A . "Ética, Justiça e Direitos Humanos". In: Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. **Psicologia, Ética e Direitos Humanos**. Brasília, CFP, 1998.
- GUIMAGH ,J. & GORDON, I. J. **School performance as a function of early stimulation. Final report**. Florida University, 1976.
- HÉRBERT, L. M. & GOYETTE, G. & BOUTIN, G. **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa, Instituto Piaget, 1990.
- HESS, R. **La pédagogie institutionnelle - aujourd' hui** . Paris, Jean Pierre Delarge editions universitaires, 1975.
- IÑESTA, R. E. **El conductismo: reflexões críticas** . Barcelona, Ed. Fontanella, 1982.
- JAPIASSU, H. **O mito da neutralidade científica** . Rio de Janeiro, Imago, 1981.
- _____ . **Introdução do pensamento epistemológico** . Rio de Janeiro, F.Alves, 4. ed., 1986.
- KONDER, L. **O que é Dialética**. São Pauli, 3ªed., Brasiliense, 1981 (Coleção primeiros passos:23).

- KUSOLIN, A. R. **La Psicologia de Vygotsky.** Madrid, Alianza Editorial, 1994.
- LANE, S. T. M. **Psicologia Social: o homem em movimento** . São Paulo, Brasiliense, 1984.
- _____. "Histórico e fundamentos da psicologia comunitária no Brasil". In: CAMPOS, R. H. de F. (org.) **Psicologia Social Comunitária - da solidariedade à autonomia.** Petrópolis, Vozes, 1996.
- LAROCCA, P. **Conhecimento psicológico e séries iniciais: diretrizes para a formação de professores.** Campinas, UNICAMP, Dissertação de Mestrado, 1996.
- LEITE, S.A. S. **As Instituições Escolares e a atuação do psicólogo.** São Paulo, 1995 (mimeo).
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do Psiquismo** . Lisboa, Livres Horizontes, 1978.
- LIBANÊO, J. C. "Psicologia Educacional: uma avaliação crítica". In: LANE, S. T. M. (org.) **Psicologia Social : o homem em movimento** . São Paulo, Brasiliense, 1984.
- LOPES, E . M . T . " O Escolanovismo: revisão crítica ". In: MELLO, G . N . de (org.) **Escola Nova, Tecnicismo e Educação Compensatória** . São Paulo, Ed. Loyola, 1984 (Coleção Espaço).
- LÜDKE, M. & ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação: uma abordagem qualitativa** . São Paulo, Cortez, 1986.
- LUNA, S. V. de " O falso conflito entre as tendências metodológicas". In: FAZENDA, I. **Metodologia da Pesquisa Educacional** . São Paulo, Cortez, 1989.

- LUCKESI, C. C. **Filosofia da Educação**. São Paulo, Cortez, 1990.
- MACHADO, A. M. **Reinventando a avaliação psicológica**. São Paulo, IP/USP. Tese de Doutorado, 1996.
- MACHADO, A. M. & SOUZA, M. P. R. & SAYÃO, Y. "As classes especiais e uma proposta de avaliação psicológica". In: Conselho Regional de Psicologia - 6ª região. **Educação Especial em debate**. São Paulo, Casa do Psicólogo/CRP-06, 1997.
- MACHADO, V. L. S e Outros. "Psicólogo e o Orientador Educacional na escola: conflito ou cooperação?" **Programa da XII Reunião Anual de Psicologia da SPRP**. Ribeirão Preto, 1982.
- MALUF, M. R. "Psicologia e Educação: paradoxos e horizontes de uma difícil relação". I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. **Identidade e perspectiva**. Campinas, Abrapee/PUCAMP, Ed. Átomo, 1992.(Anais).
- _____. "A formação e atuação do Psicólogo na Educação: dinâmica de transformação" . In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro - práticas emergentes e desafios para a formação** . São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
- MANCIBO, D. "Formação do psicólogo: uma breve análise dos modelos de intervenção". **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, CFP, n.º1,1997.
- "MANIFESTO DOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO NOVA" , **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos** , nº 79, p. 108-127, 1960.
- MALVEZZI, S. **O papel dos psicólogos profissionais de recursos humanos: um estudo na Grande São Paulo**. São Paulo, PUC, Dissertação de Mestrado, 1979.

- MARTINELLI, M. L. & RODRIGUES ON, M. L. & MUCHAIL, T. S.(orgs.) **O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber** . São Paulo, Cortez/Educ, 1995.
- MARTINS, J. " A Ciência através dos tempos - a neutralidade da ciência". In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 6ª região. **Psicologia no ensino de 2º grau- uma proposta emancipadora** . São Paulo, Edicon, 1987.
- MARTINEZ, A . M. "La escuela: un espacio de promoción de salud" **Psicologia Escolar e Educacional**. Campinas, ABRAPEE. Vol.1(1):19-24, 1996.
- MARX, K. & ENGELS, F. **A Ideologia Alemã - Teses sobre Feuerbarch** . São Paulo, Ed. Moraes, 1984.
- MASSIMI, M. **História da Psicologia Brasileira - da época colonial até 1934** . São Paulo, EPU, 1990.
- MELO, S. L. **Psicologia e Profissão em São Paulo** . São Paulo, Ática, 1975.
- MENDES, R. **Patologia do Trabalho**. Rio de Janeiro, Editora Atheneu, 1995.
- MERANI, A. **Psicologia e Alienação** . Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- MICHELANT, G. "Sobre a utilização da entrevista não-diretiva em sociologia". In: THIOLENT, M. **Crítica Metodológica. Investigação Social e enquete operária**. São Paulo, Ed. Polis, 1982.
- MIRANDA, A. M. V. & SANCHES, M. A. C. " O trabalho do psicólogo com famílias de pacientes psiquiátricos". **Psicologia: Ciência e Profissão** . Brasília, CFP, nº 2, (3-4), 1990.

- MORAES, L. L. **Medicina Preventiva** . São Paulo, Fundo editorial BYK Prociencx, 1985.
- MOREIRA, M. H. C. " Possibilidades e Limites do Psicólogo Educacional". In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA - 4ª região. **Possíveis olhares. Outros fazeres** . Belo Horizonte, 1992.
- MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa, Europa-América, 1985.
- MOURA, D. **Saúde não se dá: conquista-se** . São Paulo, Hucitec, 1989 (Série Saúde em Debate, 22).
- NAGLE, J . **Educação e Linguagem** , São Paulo, EDART, 1976.
- NEVES, W. "Psicólogo Escolar da Prefeitura Municipal de São Paulo. Atividade e Representação". I Congresso Nacional de Psicologia Escolar. **Identidade e Perspectivas**. Campinas, Abrapee/PUCCAMP, Ed. Átomo, 1992.(Anais).
- NEVES, W. M. J. **As formas de significação como mediação da consciência: um estudo sobre o movimento da consciência com um grupo de professores**. São Paulo, PUC, Tese de Doutorado, 1997.
- NORA, P. "O retorno ao fato". In: LE GOFF, J. & NORA P. (Orgs.) **História: novos problemas**. São Paulo, Francisco Alves, 1976.
- OAKLAND, T. & STENBERG, A. " Psicologia Escolar, uma visão internacional". In: GUZZO, R. S. L. e OUTROS. **Psicologia Escolar: padrões e práticas em países de língua espanhola e portuguesa** . Campinas , Ed. Átomo, 1993.

- OAKLAND, T. & CUNNINGHAM, J. L. "A Survey of School Psychology in Developed and Developing Countries". **School Psychology International**. London, SAGE Publications, 13:99-130, 1994.
- _____. "International School Psychology Association - Definition of School Psychology". **School Psychology International**. London, SAGE Publications, 18:195-200, 1997.
- OLIVEIRA, A. M. de e Outros. **Aspectos da História da Filosofia**. 10ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1992.
- OLIVEIRA, F. A . F. **Formação do Psicólogo escolar em duas Instituições de Ensino Superior: análise através dos planos de disciplinas**. Campinas, PUC, Dissertação de Mestrado, 1992.
- OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky - aprendizado e desenvolvimento um processo sócio-histórico**. São Paulo, Ed. Scipione, 2ª ed., 1995. (Série Pensamento e Ação no Magistério).
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. **Documentos básicos**. Ginebra, OMS, 26ªed., 1976.
- PAIM , A . **História das Idéias Pedagógicas no Brasil** , São Paulo, Ed. USP, 1974.
- PALLLAZZO, L. O . "A evolução dos Direitos Humanos e suas Novas Dimensões". In: Comissão Nacional de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia. **Psicologia, Ética e Direitos Humanos**. Brasília, CFP, 1998.
- PATTO, M. H. S. **Introdução à Psicologia Escolar** . São Paulo. T. A. Queiroz, 1982.

_____. **Psicologia e Ideologia: uma visão crítica da Psicologia Escolar**. São Paulo, T. A. Queiroz, 1984, p.97.

_____. **A produção do fracasso escolar - histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo, T.A. Queiroz, 1990.

PESSOTI, S. " Notas para uma história da psicologia brasileira". In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo Brasileiro**. São Paulo, Edicon, 1988.

PIAGET, J. **Seis estudos de Psicologia**. São Paulo, Forense Universitária, 1969.

PINHEIRO, O. G. **Promoção de saúde na comunidade**. São Paulo, 1995, (mimeo).

_____. " PUC/SP tem saúde coletiva em seu currículo". **Psicologia - jornal da constituinte**. C.F.P., Brasília, nº5, março de 1994.

POPPOVIC, A. M. & OUTROS " Marginalização cultural: subsídios para um currículo pré-escolar". **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, FCC, (14): 7-73, 1975.

REY, F. G. **Personalidad, salud y modo de vida**. México, UNAM, 1993.

_____. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. Habana, Editorial Pueblo y Educación, 1997.

_____. **Epistemologia qualitativa: sus implicaciones metodologicas**. Campinas, UNICAMP, 1997. (apostila dada no curso realizado na Pós Graduação - Educação).

SATO, L. "O psicólogo e a saúde do trabalhador na área sindical". In: CAMPOS, F. C. B. (org.). **Psicologia e saúde: repensando práticas**. São Paulo, Hicitec, 1992.

- SANT'ANA, H. H. N. **A Psicologia Escolar em São Paulo: uma contribuição à sua avaliação e perspectiva** . Tese de Doutorado, São Paulo, IP/USP, 1984.
- SANTOS, B. de S. **Pelas Mãos de Alice/ Subjetividade, Cidadania e Emancipação.** São Paulo, Cortez, 1997.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia** . São Paulo, Cortez/Editores Associados, 1983 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo).
- _____ . " Tendências e Correntes da Educação Brasileira " In: MENDES, D . T . (org.) **Filosofia da Educação Brasileira** . Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1985.
- _____ . **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** São Paulo, Cortez/Autores Associados, 4ª ed., 1994. (Coleção Ed. Contemporânea).
- SAWAIA, B. B. " A falsa cisão retalhadora do homem". In: MARTINELLI , M. L. e Outros(orgs.) **O Uno e o Múltiplo nas relações entre as áreas do saber.** São Paulo, Cortez/Educ, 1995.
- _____ . "Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade". In: CAMPOS, R. H. de F. (org.). **Psicologia Social Comunitária - da solidariedade à autonomia.** Petrópolis, Vozes, 1996.
- SEVERINO, A . J. "O poder da verdade e a verdade do saber". In: MARTINELLI, M. L. & RODRIGUES, M. L. & MUCHAIL, S. T. (org.) **O Uno e o Múltiplo nas relações entre as áreas do saber.** São Paulo, Cortez/Educ, 1995.
- SOUZA, M. P. R. & MACHADO, A . M. "As crianças excluídas da escola: um alerta para a Psicologia". In: MACHADO, A . M. & SOUZA, M. P.

- R. (org.). **Psicologia Escolar: em busca de novos rumos**. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1997.(Coleção Psicologia e Educação).
- SCHÖN, D. A . "Formar professores como profissionais reflexivos". In: NÓVOA, A . **Os professores e a sua Formação**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1995.
- SCHARAIBER, L. B.(org.) **Programação de saúde hoje** . São Paulo, Hucitec, 1990. (Saúde em Debate - série didática).
- SEVERINO, A. J. "O poder da verdade e a verdade do saber". In: MARTINELLI, M. L. e outros.(orgs.)**O uno e o múltiplo nas relações entre as áreas do saber** . São Paulo, Educ/Cortez, 1995.
- SPINK , M. J. " Psicologia da Saúde: a estruturação de um novo campo de saber". In: CAMPOS, F. C. B.(org.) **Psicologia e Saúde - repensando práticas** . São Paulo, Hucitc, 1992.
- SIMÃO, L. M. Interação pesquisador-sujeito: a perspectiva de ação social na construção do conhecimento. **Ciência e Cultura** (Revista da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência). 41(12): 1195-1202, 1989.
- SIMÕES, A. J. R. " Psicologia em Angola: alguns aspectos precursores da Psicologia da Educação". In: GUZZO, R. S. L. & OUTROS. **Psicologia Escolar: padrões e práticas em países de língua espanhola e portuguesa** . Campinas, Ed. Átomo, 1993.
- SIMONSEN, R. C . **História Econômica do Brasil (1500/1800)** . São Paulo, Ed. Nacional, 8. ed., 1978.

STERNS, M. & PETERSON, E. **Parental involvement en Compensatory Educational Programs** . California, Stanford Research Institute, 1973.

TRAGTENBERG, M. **Burocracia e Ideologia**. São Paulo, Ática, 1974.

_____. **Sobre Educação, política e sindicalismo**. São Paulo, Cortez, 1982.

THIOLLENT, M. **Crítica Metodológica. Investigação Social e enquete operária**. São Paulo, Ed. Polis, 1982.

_____. "Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução". In: **Cadernos de Pesquisa** . São Paulo, F.C.C., (49):45-50, maio, 1984.

_____. **Metodologia da Pesquisa-Ação**. São Paulo, Ed. Cortez/Autores Associados, 1986. (Coleção Temas Básicos de Pesquisa - Ação).

TUNES, E. **Identificação da natureza e origem das dificuldades de alunos de pós graduação para formularem problemas de pesquisa, através dos seus relatos verbais** . Tese de Doutorado, São Paulo, IP/USP, 1981.

URT, S. C. **A Psicologia na Educação: do real ao possível** . Dissertação de Mestrado, PUC /SP, São Paulo, 1989.

VALL, A . L. M. **O que é Ética** . São Paulo, 9ª ed. , Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos:177).

VASCONCELOS, E. M. **Do hospício a comunidade** . Belo Horizonte, SEGRAC, 1992.

- VASQUES, A. & OURY, F. **Vers une pédagogie institutionnelle**. Paris, François Maspero, 1975 (série pédagogique).
- VASQUÉZ, A . S. **Filosofia da Praxis**. Rio de Janeiro, 3ª ed. Paz e Terra, 1986.
- VOLTOLINI, R. **Psicólogo escolar ou Co-Pedagogo? Uma contribuição crítica à definição ao do papel do Psicólogo Escolar**. São Paulo, IP/USP. Dissertação de Mestrado, 1994.
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- _____. "The Concrete Human Psychology - um manuscrito inédito de Vygotsky". **Psikhologiya**. Moscou, n.º 1, 1988.
- WITTER, G. P. & OUTROS. " Atuação do psicólogo Escolar e Educacional no Brasil através de textos (1980 - 1992)". In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo Brasileiro - construção de novos espaços** . Campinas, Ed. Átomo, 1992.
- WITTER, G. P. **O psicólogo escolar: pesquisa e ensino**. Tese de Livre Docência, São Paulo, IP/USP, 1978.
- WITTER, C. **Psicologia Escolar: Produção Científica, Formação e Atuação(1990-1994)**. São Paulo, IP/USP. Tese de Doutorado, 1996.
- YAMAMOTO, O . H. "A Psicologia Escolar em Natal: características e perspectivas". **Psicologia Ciência e Profissão**. Brasília, CFP, n.º9, (3-4):40-49, 1990.

YASSLE, E. G. **A Formação do Psicólogo Escolar no Estado de São Paulo. Subsídios para uma ação necessária** . Tese de Doutorado, PUC/SP, São Paulo, 1990.

ZANELLI, J.C. **A formação profissional e atividades de trabalho: uma análise das necessidades identificadas por psicólogos organizacionais** . Tese de Doutorado, Campinas, UNICAMP, 1992.

ANEXOS

Anexo I

1. DADOS DE CARACTERIZAÇÃO PROFISSIONAL.

FORMAÇÃO

- *Graduação*: _____ ano: ____
Instituição: _____

- *Pós-graduação*: sim() não()
Especialização: _____ ano: ____

Instituição: _____

Mestrado: _____ ano: ____

Instituição: _____

Doutorado: _____ ano: ____

Instituição: _____

Obs: completo() incompleto()

TEMPO DE ATUAÇÃO: _____

LOCAL(AIS) EM QUE ATUOU E/OU ATUA:

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____

2. QUAIS AS SUAS CONCEPÇÕES SOBRE:

SAÚDE: _____

ATUAÇÃO DO PSICÓLOGO, HOJE, NA EDUCAÇÃO: _____

OBSERVAÇÕES: _____

Anexo II

MATRIZ COM AS 5 CLASSES DE REPOSTAS LEVANTADAS A PARTIR DA PERGUNTA INICIAL DO ESTUDO.

1. ATUAÇÃO PROFISSIONAL	2. CONHECIMENTOS TEÓRICOS.	3. HABILIDADES TÉCNICAS	4. REPRESENTAÇÃO	5. VALORES

Anexo III

EXEMPLO DO PROCESSO DA *ENTREVISTA RECORRENTE* REALIZADA COM UM SUJEITO PARTICIPANTE

1ª ENTREVISTA - E1 - (10.06.96)

1. Entrevista Inicial para a coleta dos dados de Caracterização Profissional.

E. (entrevistador). Boa Tarde, eu gostaria de agradecer a sua participação no meu trabalho. Vou explicar para você o objetivo da minha pesquisa. Como eu já havia falado para você ao telefone, eu estou desenvolvendo a pesquisa do meu doutorado com o objetivo de realizar uma análise sobre a atuação do psicólogo na Educação, na perspectiva da promoção de saúde, buscando compreender, através de entrevistas com profissionais, se tal atuação pode ser considerada como um avanço nas práticas profissionais.

S. (Sujeito). Interessante o seu trabalho, acho que é possível que a minha atuação possa contribuir com alguma coisa nesta direção de promoção de saúde na Educação, porque venho desenvolvendo trabalhos exatamente com isso.

E. Inicialmente eu gostaria de obter dados bem objetivos sobre sua formação e atuação profissional, preenchendo esse pequeno questionário, certo? Você pode ir lendo e se tiver alguma dúvida...

S. Tá bom. (passa a responder as perguntas do questionário de caracterização profissional).

E. Bom você me deu esses dados sobre a sua formação e sobre a sua atuação de forma bem objetiva, eu queria agora reconstruir um pouquinho a sua

história. Eu queria que você me falasse a respeito da sua graduação, como foi sua graduação, o que foi que mais te marcou nessa graduação, assim como a sua própria atuação profissional ao longo dos 19 anos.

S. A minha graduação é marcada muito pelo momento histórico que eu estudei, eu entrei em 71 até 75, peguei um período da repressão, da ditadura, então eu acabei me envolvendo, eu já tinha um envolvimento com o ensino secundarista, então isso marcou muito uma preocupação de cunho social, a preocupação com o social foi uma coisa que marcou muito a minha formação, sem dúvida alguma. Então durante o curso de Psicologia, eu tinha uma preocupação com o curso de Psicologia, mas sempre assim, como é que a Psicologia poderia ser uma ciência mais voltada para a maioria, contribuísse para as condições de melhoria de vida, então a minha graduação foi muito marcada por isso. Também na graduação eu me interessei muito pelas disciplinas de Psicologia Social que indicava assim um caminho, e eu me interessei muito pelas disciplinas da Psicologia Educacional. Em termos de trabalho eu acabei juntando essas disciplinas de Social e Educacional e me interessei muito por trabalhos em comunidade também, então sempre nos estágios quando eu podia, eu fazia estágio em Educação, comunidade, trabalhei muito tempo em favela, nas comunidades trabalhei com grupos de adolescentes, com grupos de mulheres, grupos de gestantes, educação de adultos. Então assim eu sempre fui muito voltada para essa área de social e educacional que era uma forma que eu tinha de combinar minhas preocupações sociais, preocupações como cidadã e com o meu trabalho com a Psicologia, e assim eu acabei me afastando um pouco de algumas áreas da Psicologia, como a psicanálise, por conta disso, na verdade a psicanálise apontava para um tipo de teoria que ao meu ver se afastava da concepção do homem histórico, socialmente determinado, então na verdade não respondia às minhas necessidades então eu me afastei. O behaviorismo também de uma forma mais funcionalista, apesar do lado materialista prá mim era mais próximo, ele não respondia as minhas preocupações que eram muito marcadas, na verdade, por leituras do marxismo, eu comecei por essa área desde o começo, então faltava dialética, faltava movimento no behaviorismo, então também na era a saída. Então eu fiquei meio que perdida em alguns momentos, mas me encaminhei para essa área da Psicologia Educacional e da Psicologia Social, acho que isso me marcou muito, tanto que eu me formei e fui trabalhar direto numa escola e mantive um trabalho na comunidade que eu

tinha, grupo de jovens na periferia, fazendo um trabalho nem era remunerado. Então a minha graduação acho que foi muito por aí.

E. A sua atuação parece que desde início foi muito voltada a questão da docência?

S. Também, assim que eu me formei eu fui trabalhar numa escola, que era uma coisa que me agradava muito trabalhar com a educação, era uma escola especialmente boa, era uma escola particular que tinha uma perspectiva, que hoje em dia é muito comum, hoje em dia essas escola trabalham com construtivismo, escolas preocupadas com a formação, não só com a informação. Eu trabalhava numa escola judaica, uma escola com uma diretora que era da esquerda, com preocupações sociais, alias eu fui para essa escola por conta disso, e daí a coisa da docência também, eu fui dar aula que era uma coisa que eu queria, não foi por acaso, eu procurei para dar aula eu só tinha conseguido emprego numa escola que era a FIAM depois virou FMU. Eu comecei na FIAM, a FMU foi depois que eu dei aula, foi depois que eu fiquei um tempo fora do Brasil, depois que eu voltei fui trabalhar na FMU. Então assim a escola e a docência eram duas coisas que me interessavam muito, então dar aula era uma coisa que para mim fazia parte de uma perspectiva de estar na universidade porque eu poderia pesquisar, que na verdade nem acontece tanto, se você for ver a universidade como lugar que faz isso, enfim essa idéia de pesquisar e estudar faziam parte das minhas preocupações, então o meu primeiro ano de trabalho foi na escola e na FIAM, depois eu passei um ano fora, eu morei em Portugal, entre Portugal e a Espanha, depois de um ano e pouco eu retornei, daí eu continuei dando aula, daí eu fiquei muito tempo só dando aula, aula e supervisão só no trabalho de docente. Depois de uns 7 anos para cá eu comecei a trabalhar com prática psicológica, eu comecei a fazer Orientação Vocacional, dar assessoria para as escola, enfim esse escritório que a gente tem que é o NACE que trabalha com um pouco mais com a atividade mais prática, mas assim ser professor é a atividade principal, sem dúvida, mesmo que tivesse mais trabalho no NACE, esse semestre eu até tive, mas assim ser professora é a atividade principal, sem dúvida, mesmo com muito trabalho no NACE, eu aceito mas tenho um limite, porque eu não quero diminuir minha atividade docente, porque eu gosto mais.

E. Você acha que a sua trajetória profissional também acabou sendo marcada por preocupações que você já tinha na graduação ?

S. Sem dúvida, então assim as matérias que eu fui dar aula, eu continuei me firmando nas matérias de Psicologia Educacional e Social, dei muito tempo aula de Psicologia de Comunidade, enfim dar supervisão o tempo todo que eu trabalhei, tanto em Mogi, quanto em Santo André como em Guarulhos, eu dava supervisão sobre trabalhos com jovens em periferia, sempre foi uma coisa que eu gostei muito, trabalhar com adolescente e esse tipo de adolescente. Então as preocupações sociais se mantiveram, de uma maneira ou de outra se mantiveram, através das matérias, através da pesquisa, mesmo as preocupações com o mestrado acho que as preocupações que eu tinha na graduação elas se firmaram se consolidaram , claro que elas foram se alterando mas se mantiveram na minha experiência profissional.

E. Acho que estou satisfeita inicialmente com as suas respostas. Quero marcar um dia para realizar uma segunda etapa de entrevistas. Essas entrevistas são denominadas de *entrevistas recorrentes*. Como é esse procedimento? É basicamente o seguinte, a cada entrevista eu sistematizo as suas resposta em uma matriz e no encontro seguinte você tem acesso a essa matriz para que possamos discutir sobre esta sistematização e fazer as mudanças que forem consideradas necessárias tanto por você quanto por mim. E nós só encerraremos esse processo quando para ambas, o assunto for considerado esgotado em todos os seus aspectos, tá bom?

S. Tudo bem, então você me liga depois, para podermos agendar o próximo encontro.

E. Certo. As dúvidas a gente vai discutindo ao longo do processo das próximas entrevistas. Mais uma vez, obrigada pela sua atenção.

2ª ENTREVISTA - E2 - (08.07.96)

E. Eu vou colocar para você a questão central que é a seguinte: quais os conhecimentos teóricos, habilidades práticas, concepções, valores, etc.

necessários para que o psicólogo enquanto um profissional de saúde, atue na Educação? Ao longo da nossa entrevista essa questão problematizadora irá sendo respondida, então inicialmente eu gostaria que você me explicitasse dentro da atuação do psicólogo na Educação, numa perspectiva de promover saúde, você identificasse a sua atuação e justificasse essa atuação dentro dessa visão.

S. Eu preciso perguntar algumas coisas prá você. Eu não estou trabalhando atualmente como psicóloga educacional ou escolar, eu trabalho como professora, eu tenho uma outra prática como Orientadora Educacional, que daí eu faço um trabalho com alunos de uma escola, então talvez eu pudesse falar um pouco dessa prática e daí como professora, eu não sei como você está entendendo, quando você fala da minha prática, é o que eu ensino para os alunos?

E. Sim...

S. Eu não vou mais a escola fazer esse trabalho, mas eu já fiz a muitos anos atrás, eu nem pensava desse jeito.

E. Na verdade esse é um trabalho do profissional de Psicologia que inclui também a docência.

S. Então assim, eu vou estar primeiro falando de como eu trabalho com os meus alunos, o que eu estou tentando passar prá eles, depois a outra prática de Orientação Vocacional - O. V. , que é meio decorrente. Então o que eu tenho tido com os meus alunos, é assim, quando a gente fala do profissional psicólogo como um promotor de saúde, a gente não está negando que o psicólogo tenha uma prática que não é promotora de saúde. A gente percebe assim que tem momentos da prática psicológica que o trabalho dele é curativo mesmo, então ele vai estar no consultório dele, ou mesmo na escola, se bem que na escola eu discordaria, mas enfim dentro da escola pode ter uma criança com problemas de aprendizagem. Eu não acho que é o psicólogo escolar que vai resolver, teria que encaminhar para alguém, então existe aquela prática psicológica que é mais curativa mesmo, curativa - preventiva, sei lá, quer dizer que aquele cara que vai pegar um problema que vem, vai alguém lá no seu consultório, te procura para resolver um problema, esse é um tipo de prática,

eu não estou negando , não vai deixar de existir provavelmente, não sei, não adianta nem querer imaginar um dia que as pessoas não mais tivessem sofrimentos psicológicos. Agora quando eu coloco a prática da promoção de saúde, na verdade é assim, é uma tentativa de ampliar o campo de atuação do psicólogo e não só ampliar é criar uma prática com uma outra qualidade, não vou dizer que é melhor ou pior , mas é uma outra qualidade, é diferente, por que daí o psicólogo não seria mais um profissional que iria ficar esperando que as pessoas adoecem para procurá-lo no consultório. Ele vai, através de um trabalho institucional, porque eu trabalho com a questão institucional educacional, então ele vai através de uma escola, de uma creche ou mesmo uma unidade da Febem, uma casa abrigo, enfim ele vai para instituições educacionais e vai fazer um trabalho aí onde ele não está preocupado com nenhuma doença e nem prevenir uma doença em particular, quando eu falo em prevenir eu já estou pensando em doença, não ele não vai estar pensando em prevenir essa ou aquela doença, inclusive eu acho que em Psicologia a gente não sabe prevenir, porque em Psicologia a gente não tem essa possibilidade de fazendo tal coisa, evita-se o sofrimento psicológico, então isso é uma prevenção inespecífica, o que deixa de ser prevenção, então esse é um termo que veio do modelo médico, por isso eu acho complicado, eu não uso esse termo na Psicologia. Então a promoção de saúde ela amplia e muda a qualidade da intervenção porque você vai numa instituição e aí você vai pensar o seguinte: eu vou trabalhar nessa instituição não pensando na doença, mas pensando como nesse espaço criar melhores condições de saúde, o que que está por trás dessa concepção? Eu acredito que tanto a saúde como a doença, quer dizer as condições que o indivíduo constrói de saúde ou de doença. A saúde e a doença são construídas na relação com o outro. Na relação com o outro eu posso me tornar mais saudável ou mais doente? A idéia da promoção vem assim, então vamos intervir justamente nas relações, vamos intervir onde as relações estão acontecendo, é nesse confronto com outro que ele vai se constituir enquanto indivíduo e vai contribuir na constituição do outro. Então o trabalho de promoção de saúde numa escola, que eu discuto com os meus alunos, é o trabalho onde você vai numa instituição, no caso, a escola, onde você vai tentar, num primeiro momento, ter uma compreensão da realidade institucional, então o psicólogo não pode chegar e ficar trabalhando como bombeiro, pronto-socorro desse ou daquele problema em particular até descolada da realidade, então o que ele deveria estar fazendo? intervindo mas ao mesmo tempo que ele vai intervir ele tem que começar a compor um

diagnóstico que de prá ele ter uma visão da totalidade institucional. Quer dizer, quais são os problemas que acontecem aqui? quais são os objetivos dessa instituição, o que ela pretende, enfim não adianta falar eu tenho uma classe indisciplinada e um professor mal preparado. O professor mal preparado, precisa ver mal preparado prá quem? o que está se entendendo como mal preparado. O aluno indisciplinado dentro desse contexto precisa entender, por que de repente o diretor pode achar que os indisciplinados são os mais saudáveis da escola, ou não. Então eu tenho que entender o significado daqueles problemas, ou daquelas condições que estão sendo vividas ali. O que elas estão significando naquele contexto em particular. Então o primeiro momento para se ter uma promoção e se ter uma visão de totalidade, é ter uma visão que a escola é um todo que contém partes, mas essas partes são mediação da totalidade, expressos na totalidade, então eu tenho que olhar professor-aluno, a relação professor-aluno e funcionário, o currículo, enfim, tem que tentar articular o significado prá poder entender o significado das partes. Eu só vou entender a parte à luz da totalidade, um olhar metodológico. Isso feito, você tem que ir fazendo isso e ir percebendo as prioridades da escola e aí eu entendo como eu devo estar atuando é trabalhando á nível de onde eu possa promover a saúde, é a nível das relações e muitas vezes você não trabalha com o que eu quero, o ideal é você chegar e trabalhar com a direção da escola prá que ela qualifique prá ela mesma quais são os seus objetivos, quais são as suas propostas, o que ela pensa de Educação, de aluno e tal, prá daí isso ficar mais claro para os professores, mas nem sempre isso acontece assim. Eu vejo a gente trabalha muito com a escola, através do NACE a gente faz assessoria prá escola, então você monta o diagnóstico, falar quais são os problemas e a escola resolve atacar por outro lado, então nem sempre você consegue. Então pelo menos, eu digo para os alunos assim, a gente tem que tentar mesmo que a escola me diga você não pode trabalhar com professores, o que eu percebo muito com os meus alunos em situações reais, com professores vocês não podem , vocês podem trabalhar com os alunos. Então eu estou tendo uma experiência interessante, eu estou a dois semestre com uma escola e eles não tinham me deixado trabalhar com os professores só com os alunos, então eu trabalho com o grupo-classe, eu entro na classe, eles me deram um horário na grade de horários, os meus alunos entram e fazem dez encontros, então eu falo prá eles, tudo bem não é o que a gente acha melhor? não é, mas é uma possibilidade de dependendo como a gente trabalha, até dá prá você através dessa parte classe entender melhor a

totalidade escola e também tentar intervir na totalidade. A gente está fazendo um trabalho prá discutir a relação aluno-aluno e aluno-professor, aluno-escola. Através da fala dos alunos a gente vai entendendo o que ele pensa da escola, o que é essa escola, quem é o professor dessa escola, esses dois semestre os alunos tiveram uma mudança na forma de se relaciona, a ponto desse semestre agora que começa o diretor vir falar com a gente que quer que a gente trabalhe com os professores, porque os professores começaram a falar que a classe estava diferente, que estava acontecendo alguma coisa, então ele topou nesse semestre de trabalhar com os professores também, então quer dizer, tudo bem, é um trabalho lento? é mas é a possibilidade que a gente tem é nossa realidade, não adianta falar não vou, só trabalho se for com o professor, com o todo, nem sempre eu tenho essa condição, mas o que eu estou chamando de promoção de saúde? Eu estou tentando trabalhar nas relações com os alunos, prá que esse alunos que convivem esse cotidiano consigam então, o que eu vou chamar de promoção de saúde, que os alunos, as pessoas tenham uma consciência maior da condição deles, enquanto alunos, eles tenham uma percepção maior dos dramas, dos conflitos que eles vivem, que eles percebam os porquês desses conflitos, ou seja que eles se percebam como indivíduos históricos, que eles percebam que eles tem aqueles dramas todos, que o diretor fala que eles são um lixo, que o professor tinha vontade de vomitar na cara deles, enfim esse nível a escola. Então no começo eles falavam, nós somos um lixo mesmo, e ficavam assim desenhavam, me sinto um lixo. O nosso trabalho começou a questionar, porque vocês são lixo? o que vocês fazem que vocês não devem ser respeitados mesmo? Eles começaram a achar que não era bem assim, nós não somos lixo, aí eles começaram a perceber a condição de vida deles, que é de uma classe social super baixa, muitos deles assaltam na esquina, o professor não respeita, mas eles não tem culpa, até que eles começaram a pensar um pouco a ter uma consciência maior de si enquanto histórico, enquanto social, enquanto ser que é de relação, que ele foi se construindo assim mas que ele não é por isso que vai dizer assim, bom nasci assim então vou ser assim, mas que ao mesmo tempo que ele é determinado ele também pode transformar o social. Essa seria uma concepção de saúde prá gente, quer dizer, é fazer um trabalho pra que a gente através dessas relações que a gente vive ele consiga se perceber como ser histórico, determinado e ao mesmo tempo ativo no social, ele pode construir fórmulas de superar obstáculos, fórmulas de alcançar metas, agora claro ele vai ver a meta eu quero ser presidente da república, não sei... por que

inclusive quando for pensar as suas metas, tem que pensar assim, não é que tem que ser metas pequenas, mas tem que ser uma meta que surja dessa reflexão com a realidade, na verdade é ter a possibilidade de construir projetos de vida calcados na realidade, isso seria prá gente promover saúde. E essa estratégia acho que dentro da escola ela surte um efeito muito grande então, tudo bem, tem crianças com problemas de aprendizagem, tem crianças com problemas específicos que tem que ser encaminhadas prá quem vai curar, agora eu acho fundamental para o profissional, eu acho que o psicólogo pode fazer isso muito bem, é fazer esse trabalho com professor, com diretor, com os alunos, prá que esses indivíduos através das relações em que eles vivem, professor-diretor, professor-aluno, aluno-diretor, consigam perceber nessa relação como eles estão se construindo como professores, como alunos, enfim como diretor. Esse é um trabalho que eu estou chamando , com os meus alunos, de promoção de saúde, é um trabalho mais educacional. Eu trabalho numa disciplina, tem um núcleo nosso que é o núcleo da Educação, é o núcleo que tem essa matéria que eu dou, tem outra matéria que discute a questão da educação ideologia, que a Ana dá e outra matéria mais específica que é como trabalhar com crianças e adolescentes. Então são três matérias e eles fazem estágios.

E. E teria alguma problema em relação ao próprio estágio, como o problemas da entrada do psicólogo na escola? A questão do papel em relação ao pedagogo...

S. Quanta às estagiarias eles adoram, agora o psicólogo não é nem previsto na escola. Na prefeitura de São Paulo não tem mais. Antigamente teve, tanto que quando nós fizemos o mestrado , existiam cem vagas para psicólogos na prefeitura mas depois deixou de existir Os próprios psicólogos, quando entrou a Erundina, Dr. Paulo fez uma reunião com eles perguntou como é que era, tal, porque era muito ruim o trabalho deles, tanto que ninguém sentiu falta quando eles forma embora. A minha tese é sobre isso, mas os psicólogos quiseram ir embora, foram todos para a saúde, isso é a cara do psicólogo, na Educação, então quer dizer não tem, então assim quando você vai prá escola e propõe esse tipo de trabalho, agora as escolas acham ótimo com os estagiários mas com o profissional não, o que você tem é o psicólogo fazendo trabalho na escola particular, isso você tem muito.

E. Então o trabalho do psicólogo na escola, se caracteriza mais na escola particular?

S. A gente faz escola pública nos estágios mas é um trabalho que aparece mais em escola particular efetivamente, agora essa forma de atender nossa não trabalha só com a instituição escolar, a gente chama de instituição educacional, então a gente vê o psicólogo fazendo isso em creche, em unidades da Febem, casas abrigos, Centro da Juventude, esses locais você tem psicólogo, mas nas escolas públicas não.

E. Na verdade o que estaria na base dessas concepção é promover saúde através das próprias relações.

S. Prá nós a saúde porque você poderia dizer então a saúde é tornar as pessoas felizes, satisfeitas, não é isso, prá nós promover a saúde significa ter uma consciência maior de si, perceber sua determinações, perceber a sua constituição histórica e conseguir através daí construir projetos, superar obstáculos, enfim construir formas de vida mais calcada na realidade dele na realidade social. Esse é o meu trabalho de docência. Agora o meu trabalho de O.V. a gente tem um jeito de trabalhar O.V. que é assim que prá nós é um modelo e trabalho de promoção de saúde. A gente trabalha tanto no NACE, as pessoas vão lá, como a gente vende pacotes, prá escolas, a gente faz seis, oito, dez tanto de sessões que a gente propõe, a escola compram, aí que faz sou eu, a gente vai às escolas e faço. E fora do horário de aula, em geral é no meu horário fora daqui, e assim o trabalho de O.V. seria um trabalho de promoção, porque o trabalho de O.V. numa visão clássica tem a preocupação de indicar a profissão que a pessoa vai fazer, então é você nasceu prá ser tal coisa, ou mesmo você nasceu para.... esse trabalho aplica alguns teste, mas é muito centrado prá satisfazer uma ansiedade emergente ali super aparente, explosivo do adolescente que é o que fazer no meu futuro. A gente pensa sim que é importante dar essa resposta, porque ele te procurou prá isso, então eu não vou, então eu não vou desviar o foco, o foco é a O. V., eu estou preocupada em ajuda-lo a fazer uma escolha. Só que o processo de pensar a escolha, nesse processo não é só importante você saber, vou fazer isso ou aquilo, prá nós o importante é o processo justamente, que nesse processo você vai construindo, vai refletindo sobre várias coisas que te dá a possibilidade final de chegar a uma ou duas, afunilar a sua escolha, mas o

importante não é só a resposta da profissão, prá nós o importante, é que no processo de reflexão da profissão, ele reflita sobre um conjunto de coisas que estão necessariamente embutidas, quando eu penso profissão eu tenho que pensar em futuro, eu tenho que pensar porque será que eu gosto dessas coisas, porque será que eu sempre achei que deveria fazer tal carreira, porque será que eu gosta, porque será que eu não gosto, eu tenho que pensar sobre a realidade social, tenho que pensar como é que eu estou pensando em me colocar nessa realidade econômica e social, tenho que pensar a minha relação com a minha família, será que a minha família tem a ver com as coisas que eu gosto, que eu não gosto? será que os meios de comunicação de massa tem a ver, será que a mídia em geral, será que os meus amigos tem a ver com as minhas escolhas? enfim ele tem que pensar que o tipo de atividade, escolher uma profissão, é uma atividade, é uma escolha, alias, como toda escolha humana que é individual porque é o indivíduo quem faz, eu acho que ele escolhe sim , mas é uma escolha que atravessada por toda uma realidade social. Não dá prá gente imaginar que um indivíduo escolhe só a partir de algo interno. A escolha ao nosso ver, é construída também a partir das relações com o outro. Então a gente construiu um jeito de trabalhar com O.V. em que a gente tem vários encontros, discussões, temas polêmicos, técnicas, e tal, que ao longo de dez encontros, seis encontros, a gente vai criando uma condição do jovem ir fazendo aquele movimento de saúde, ou seja, ele começa se apropriar da sua história, ele começa a pensar porque ele gosta, porque ele não gosta, se ele escolhe, se escolhe é com liberdade total , sem liberdade, é determinado, mas ao mesmo tempo se é determinado ele tem livre escolha ? Então a gente vai criando toda essa polêmica para ele pensar a sua história, a sua história de escolhas , a gente da informações sobre a realidade social, enfim prá ele pensar um pouco sobre o que existe aí , mas é todo um trabalho que ele vai se apropriando da sua própria história social, pensando melhor a sua realidade histórico social e criando possibilidades dele fazer uma reflexão prá chegar no momento que eel vai ter que escolhe mesmo, mas o que a gente discute é assim , que a melhor escolha é aquela que considera um maior número possível de determinações sobre a sua escolha. O sujeito que consegue maior clareza sobre o maior número de determinações, quer dizer, determinações sociais, afetivas, políticas, enfim, tudo que está me determinando, quanto mais eu conheço, mais consciente é a escolha, portanto , mais saudável. Então a gente percebe muito que na prática da O.V. a gente segue um caminho que é extremamente promotor de saúde, quer dizer a gente

não vai tumultuar os conflitos que ele está tendo naquele momento, nem abafar, ao contrário, desde que ele chegue lá e diga, tudo bem eu sei o que eu vou fazer, tem alguns que falam, ah eu estou aqui porque a escola mandou fazer, mas eu sei o que eu vou fazer. Tudo bem o nosso papel lá não é tranquilizá-los, você fica num cantinho, que está resolvido, não. Tanto que tem alguns que colocam assim, eu tenho um grupo que eu peguei no final de junho, quando eu chegava eles diziam, como é que é hoje você veio prá ajudar ou prá atrapalhar? Porque eles brincavam comigo que eu ia sempre prá atrapalhar, não prá ajudar, porque tinha aqueles que já chegavam decididos, desde pequenininhos minha mãe e o meu pai diziam que eu ia ser médico e está decidido e agora você veio aqui e fez uma confusão eu não sei mais se eu quero ser médico. Prá nós a saúde não é dar respostas prontas, nem ficar tranqüilo, abafar o conflito. Prá nós o caminho da saúde é justamente o caminho onde levanta dúvidas, se a coisa está muito cristalizada parada, tem que levantar dúvidas, ele tem que se conhecer melhor prá ver se essas escolhas tem a ver com sua vida, tem que pensar melhor porque que eu gosto de uma coisa, será que é porque alguém disse, tem que conhecer mais a realidade, então é uma caminho que ao mesmo tempo que a gente promove questionamento que até gere um conflito neles, a gente tenta é claro criar estratégias que o ajudem a concluir, algumas coisas, sintetizar, mas é um processo deles, tanto que quando chega no final que eles sintetizam sobram duas ou três profissões, outros fecham numa, mas é um processo que ao nosso ver é um processo, é um trabalho educacional, não é terapêutico, e é uma trabalho de promoção de saúde. Então eu acho que é um exemplo que a gente percebe na prática como uma possibilidade.

E. E voltando a questão básica : quais os conhecimentos teóricos, habilidades técnicas, valores, representações o profissional de Psicologia deve ter para atuar na Educação, nessa perspectiva de promoção de saúde?

S. Acho que a gente depara com o aluno, aqui na PUC é até assim, acho que em função do currículo novo, a gente mexeu em várias coisas, alterou, acho que a gente está conseguindo até ficar mais próximo de uma condição de poder entender o que é isso. Mas eu acho que é uma luta conseguir ter essa visão. Primeiro assim tem que quebrar aquele estereótipo do psicólogo como aquele que trabalha no divã, num consultório, numa visão estritamente clínica de consultório. A Formação do psicólogo se ela é toda essa, dificulta muito

imagina que um dia ele vai trabalhar não com a doença, que ele não vai necessariamente trabalhar com aquele lugar certinho, estruturado, organizado, que é consultório, tal. Ele vai ter uma coisa muito Os meu alunos vão no Núcleo de Trabalhos Comunitários - NTC, aqui que desenvolve trabalhos comunitários , eles vão pra dentro de um ônibus que é uma brinquedoteca ambulante e vão para a periferia trabalhar com as crianças, com a população em geral, quer dizer é um trabalho muito mais comum. É um trabalho de promoção de saúde mas é um trabalho muito mais estruturado. Então é assim , ou uma coisa mais estruturado como é a escola, de qualquer maneira ele não vai chegar lá e ficar atendendo crianças com problemas de aprendizagem, professores histéricos, professores chorando , ou fazer lista de casamento ou batizado , então fica meio sei lá o que. Então a Formação tem que quebrar um pouco esse estereotipo de trabalho tradicional de consultório, onde o importante é curar, é lidar com a doença, com as patologias . Acho que tem que ter uma formação que quebre um pouco esse estereotipo, essa imagem, que é a imagem que a maior parte dos alunos tem . É claro que não cabe só a Formação fazer isso, a sociedade pensa assim, você fala prá alguém que você é psicólogo e não atende, eles falam ah mas que pena , mas porque pena? é meio psicólogo, é um psicólogo de segunda categoria, então essa é uma questão. Outra coisa é que eu acho que você precisa ter uma Formação mais generalista, ou seja, uma formação menos técnica, uma formação que ele não vai ficar só assim, tem que ter as técnicas claro, mas vai ficar uma Formação estritamente técnica, como assim vários tipos de testagem, fica em cima disso como assim eu não posso entrar na escola sem um teste na mão, ou aquela Formação que tem uma concepção mesmo técnica do psicólogo. O que a gente chama de uma Formação mais generalista é aquele em que o aluno consiga perceber socialmente qual o papel do psicólogo tem na sociedade. Isso é importante para o psicólogo quebrar o estereotipo do psicólogo clínico. Então pensar assim qual é a função do nosso papel na sociedade, ele pode trabalhar com consultório? pode, mas o que mais ele pode fazer? Ele pode trabalhar num hospital, ele pode trabalhar em milhões de outros lugares, abri um pouco para mostrar um currículo que favoreça a reflexão sobre a função social do psicólogo, que favoreça a experiência com outras áreas que não só a área clínica, que dê abertura para poder fazer estágio no Carandiru, na escola, na Febem, no Centro de Saúde, no Hospital Dia, mas enfim você dar oportunidade para o aluno perceber outras formas de atuação. A gente faz isso em nosso curso de Social, a gente abre todos os locais possíveis de trabalho

para o psicólogo, em vez de instituições mais formalizadas, como empresas até em situações como o trabalho com prostitutas na rua. Ela vai três vezes por semana à noite e fica lá, os alunos foram lá ver como elas trabalham, prá depois tentar um trabalho de grupo, para distribuir camisinha. Então é mostrar para os alunos que tem outras coisa prá fazer que está mais na linha da promoção. Outra questão importante é que o curso de Psicologia discuta mais a concepção de homem. Um curso de psicologia que não pode ficar assim, claro tem correntes em Psicologia que trabalha quase que inatista, de aspectos naturais, a própria psicanálise tem muito disso mas nós estamos abrindo um espaço na Psicologia de mostrar o outro lado, nós temos dado para os alunos uma outra forma de conceber o homem que é dentro da Teoria Sócio-histórica, quer dizer é mostrar que o homem não é esse homem que o Édipo filogeneticamente transmitiu, então não é negar isso, porque tem gente psicanalista que acredita e vai dar isso, mas é poder dar essa outra possibilidade, então é assim nós temos um outro tipo de homem que é histórico, construídos e que portanto se ele se constrói nas relações com o mundo, nada mais justo que ele também possa intervir nessas relações, justamente aí é que ele vai poder se tornar mais ... mais ético. Então é um curso que dê essa visão social, no sentido de homem, mundo, que isso muitas vezes é fraca. A gente tem sentido, de uns dois anos para cá uma mudança grande, tanto que as matérias eletivas nossas que a quatro anos atrás não tinha quase aluno, no máximo 12 alunos, esse ano na eletiva da Sócio-histórica nós estamos com 34 alunos e na optativa do 5º ano, nós estamos também com trinta e poucos alunos. Isso prá nós é um indicativo de que os alunos estamos procurando mais, não estão muito mais fechados. Isso porque em Psicologia Geral, a Ana e a Graça já vem fazendo um trabalho há três anos, nas quatro Sociais a gente também vem discutindo. Então assim, não que a gente queira a hegemonia, mas a gente quer que essa posição teórica também exista.

E. A crítica que se faz é de se ter privilegiado até o momento a questão da técnica em detrimento da teoria no curso de Psicologia. Como seria dentro dessa perspectiva nova a questão da habilidade técnica, ou não precisa? concretamente como é que você vê isso?

S. Eu acho que não dá prá jogar fora a questão das habilidades técnicas, só que eu nunca falaria da técnica descolada, eu acho que o problema é esse, eu acho que tem que ter técnica, por exemplo na O.V. eu trabalho em cima de

técnicas, estratégias, você tem que saber fazer aquilo, enfim você tem que saber fazer o trabalho acontecer. Agora o que te digo é o seguinte, não tem que abolir a técnica, mas sempre que eu pensar na técnica, ela deve estar sempre vinculada, relacionada, embasada numa teoria, daí não tem problema você utilizar a técnica. A técnica só surge porque a teoria fez uma reflexão, a teoria é o momento da reflexão, a teoria e prática na verdade tem que estar sempre relacionada, então assim através de um pensamento teórico eu tenho um olhar da realidade, eu vejo a realidade de uma maneira, esse meu olhar já é olhar que tem significados a partir da minha teoria, eu não olho uma realidade e vejo o empírico puro, não existe o empírico puro, tudo que eu olho e descrevo eu já foquei um pedaço prá olhar, então assim é um olhar que é teórico, que vai prá prática trás novidades e conteúdos da prática reforça a teoria e é nesse movimento que eu vou construir a técnica, prá que a técnica me de formas prá estar intervindo melhor nessa prática, mas se a técnica é uma forma de me ajudar a intervir melhor nessa realidade, essa forma não pode estar, de maneira alguma, descolada de um conjunto teórico, que me dá o objetivo da minha intervenção, me dá o sentido do que eu estou fazendo, me diz prá que que eu estou fazendo. A técnica me diz o "como" fazer mas assim mas o como prá mim eu só posso atingir se eu tiver muito claro o que que eu quero atingir e o porque que eu estou intervindo. Então eu não vejo problemas, eu acho que o curso tem que ter momentos técnicos, mas o problemas que eu vejo, primeiro é que as técnicas são muitas, então acaba sendo uma coisa exacerbada, você tem não sei quantos TEAPs, tem um monte de técnicas de grupo, mas assim chegava na hora da supervisão, que eu preciso que eles saibam trabalhar com grupos, então vamos trabalhar com grupo, tudo bem todo mundo já fez aqui, parecia que ninguém tinha feito. A gente aprendeu lá a usar o "cosme e damião", não sei bem prá que que serve, como é que faz. então não adiantava nada, eu dizia, gente a técnica é o de menos, não precisa comprar livro nenhum pega os que vocês tem, a técnica a gente inventa. Em O.V. eu invento, eu quero fazer o pessoal discutir como é que é a família como é a pressão que a família exerce na minha escolha, o que que a gente podia inventar? vamos inventar uma dramatização, inventa uma família que o filho chegou e queria ser bailarino, aí o pai teve um chique, então eu estou inventando, eu não preciso pegar um livro e copiar aquelas técnicas. Então eu acaba tendo a necessidade de alguma técnica, claro que me ajuda os livros de dinâmica, mas eu podia saber tudo aquilo decor, se eu não tivesse claro o que eu quero, o objetivo que eu quero atingir, essas técnicas não iam me servir prá nada.

Então eu acho que os cursos são muito sobrecarregados de técnicas, agora não acho que é o caso de eliminá-los, mas sempre que a técnica aparecer, ela tem que aparecer muito bem relacionada com uma teoria, prá ser muito bem compreendido o sentido da técnica, que tipo de interferência ela vai ter, que o objetivo ela vai dar, que pensamento, que concepção de homem está por trás disso, prá gente discutir que por trás dessa técnica está tal concepção de homem e de mundo, que eu acho que hoje eles não percebem, então eu acho que esse é que é o problema.

E. E em relação aos valores, como esse profissional deve ter esse pré requisito?

S. Olha eu acho que não só o psicólogo, mas qualquer profissional é fundamental que ele tenha uma ética, que ele tenha uma forma de avaliar, de criticar, de negar e afirmar, enfim os valores sociais, o que está posto ali. No caso do psicólogo eu acho super importante, super responsável por isso. Não acho que o curso tenha que dar, tanto que a ética é de cada um, você constrói a sua reflexão ética, mas eu acho que o curso tem que dar condição do aluno construir essa reflexão ética, não é o curso de ética que vai dar, apesar de que o curso de ética aqui, o pessoal faz um super esforço, com os alunos despertarem prá essa questão, por exemplo, a gente pega o juramento que se faz nas formaturas do curso de Psicologia, a gente lê para analisar o que significa aquelas coisas, eu juro isso, eu juro aquilo, juro salvar a humanidade, ajudar os pobres, quer dizer a gente estimula muito o aluno, eu acho que isso cabe na formação, aqui na PUC nesse aspecto eu acho muito bom, a Bronia , a Ana , a Patrícia, acho que já tem uma tradição aqui, que nunca ficou restrito ao código de ética dessas coisas, a gente discute mais assim como o aluno, a gente estimula assim um olhar crítico para os valores que estão colocados aí, é isso que a gente quer prometer? é isso que a gente quer jurar? que o psicólogo está construindo, então cabe ao curso de Psicologia dar condições para o aluno ter uma ética própria e ter alguns uns valores, eu acho que nisso não tem que ser neutro mesmo, que coloca claramente, como por exemplo no nosso currículo, está claramente que a nossa opção é trabalhar com o serviço público, claro que o pessoal vai para o consultório, mas vários núcleos colocam que é importante a gente estar olhando para esse lado, que é justamente que não tem acesso, no nosso núcleo a gente coloca que nós vamos trabalhar com a escola pública, porque é quem não tem acesso esse tipo de serviço. Então

alertar para algumas necessidades sociais, questionar os valores sociais, isso você tem que estar fazendo ao longo do curso para você tentar construir um profissional um pouco mais consciente, mais crítico e que tenha condições de uma ética própria no sentido de estar fazendo uma reflexão própria sobre os valores, sobre a moral, eu acho que cabe ao curso sim, no nosso curso a gente não se isenta de estar fazendo isso, inclusive assim a gente faz discussões, o aluno diz assim, "nossa mas você não é neutro", cada a sua neutralidade? com papo de política. Eu digo não eu sou contra Pitta, Maluf, o que ele fez com a escola, eu acompanhei, na saúde, não eu não sou neutra, eu acho que eu estou colocando a minha posição, vocês tem todo o direito de discordar, eu não sou tão ruim assim eu até converso com o resto... Eu acho que agente tem até que discutir, então a gente tem que tomar cuidado com tal pessoa que fez isso com a Educação. Dentro do curso, isso é uma coisa eventual, eleição, coisa assim, e, geral dentro do curso, o que a gente tem feito é assim em alguns momentos estar pontuando, principalmente no curso de ética, no curso de Psicologia Geral, de Psicologia Social, deve ter outros, mas enfim que tente estimular esse olhar crítico e estimular outras coisas mais posicionadas como a questão da cidadania, por exemplo no Social IV, no ano passado, a gente começou o curso com uma palestra do Odair Sass sobre Cidadania, a gente chegava a colocar será que não era esse o papel do psicólogo, estar contribuindo para que o indivíduo se torne realmente um cidadão. Então a gente tenta pegar alguns eixos pra nortear alguns cursos. Teve cursos de seminários o eixo era discutir o homem participativo, cidadão, então a gente estão sempre tentando resgatar alguns valores como democracia, participação, cidadania, direito a saúde, direito à educação, enfim princípios que não são nada mais do que princípios liberais, não é nada de tão revolucionário falar de direito a saúde, a educação, mas acaba se tornando revolucionário, na verdade eles foram colocados mas não foram feitos. Então a gente sempre está colocando essas questões pra estar estimulando essa reflexão política, porque a gente espera estar formando um profissional que olhe a realidade e não fique tão tranquilo assim, ele tem que estranhar um pouco. Tem uma professora que sempre termina o curso dele com um trecho da peça de Brecht, acho que é a "exceção e a regra", que fala que as pessoas tem que estranhar aquele momento que parece natural, tem que parar e estranhar, a coisa do estranhamento, é isso que a gente coloca para os alunos, essa é uma postura que leva à ética. Tem que estranhar, não dá pra achar natural que tenha um posto de saúde desse jeito, tem que estranhar uma criança que está com onze,

doze anos e não aprende, é burro? nasce burro? tem que estranhar essas crianças na rua....

E. Eu agradeço a sua atenção, por hoje é suficiente. Eu vou sistematizar suas respostas em, uma matriz e trago na próxima entrevista para que a gente possa estar discutindo possíveis dúvidas e fundamentalmente verificar com você, as minhas sistematizações sobre as suas respostas, possibilitando a você interferir e modificar aquilo que você considerar necessário, tá bom?

S. .Está ótimo.

E. Então eu entro em contato com você logo que eu terminar de montar a matriz com as sistematizações das respostas.

3ª ENTREVISTA - E3 - (19.08.96)

E. Você pode dar uma olhada na matriz, onde eu procurei sistematizar as suas respostas. A última coluna é a das dúvidas, que são questões não bem esclarecidas ou questões que após a leitura me pareceram importantes serem abordadas. Então, olha aqui nessa matriz as dúvidas que eu tenho é porque eu não explicito muito isso... da sua atuação profissional, como por exemplo, as disciplinas que você ministra.

S. Sim. Eu dou Psicologia Social I e II eu dou uma das matérias teórica do Núcleo de Psicologia Educacional.

E. Certo.

S. A matéria que eu dou é a *Ação do Psicólogo na Instituição Educacional*. Não é só nas escolas é nas Instituições Educacionais no plural. Então eu tenho vários alunos que vão para a FEBEM, vão para as creches, orfanatos e escolas.

- E.** Certo.
- S.** Eu dou Estágio, dou Supervisão de Estágio só pra quem vai para a escola. Eu não tenho experiência com creche, com FEBEM. Meus alunos fazem estágio só na escola. E dentro da escola eles trabalham... eu sempre quero que eles trabalhem com o professor, mas é bem mais fraco o trabalho com professor e acaba sendo um trabalho mais com os alunos, mas não individual, um trabalho de grupo, um trabalho com grupo clássico. Dinâmica da classe, coisas assim.
- E.** Em relação ainda ao seu trabalho na faculdade de Psicologia, você desenvolve projetos de pesquisa, extensão e docência?
- S.** É, atualmente eu estou fazendo só meu doutorado, e a única coisa de pesquisa que eu orientei foi sobre Iniciação Científica dos alunos.
- E.** Certo.
- S.** Os alunos fizeram Iniciação Científica e eu orientei alguns projetos nesses últimos tempos aí.
- E.** Aqui a extensão funciona de que forma?
- S.** Ah! Eu também fiz... esqueci. Aqui tem extensão e prestação de serviço. Tem extensão, eu fiz num projeto no ano passado, o ano inteiro. Eu prestei serviço em uma escola pública. Eu e um outro professor. Nós fizemos orientação vocacional, ao invés dos alunos fazerem, nós fizemos. Porque a gente tinha um projeto que a gente achava que era muito voltado para a escola particular e tinha pouca experiência em escola pública, até porque eu trabalho fora daqui, com classe média, média alta.
- E.** Sei.
- S.** Então a gente fez um projeto de prestar serviço na escola pública, mas a gente mesmo foi fazer. Até para a gente ver como é que era.

E. Certo.

S. Eu trabalhei com dois grupos no 1º semestre, na escola Caetano de Campos, e dois grupos no 2º semestre em outra escola. A gente fez um relatório e tal, fez uma análise da experiência, que serviu para a gente estar hoje em dia, dando supervisão para alunos em escola pública. Eu acho que com mais condição e tal. Esse foi um dos últimos projeto de extensão.

E. Certo. E quanto a interdisciplinariedade? Quando você fala do trabalho institucional, esse trabalho você desenvolve em parceria com outros profissionais?

S. O trabalho institucional muitas vezes eu discuto meio que teoricamente, porque na verdade os alunos não fazem o trabalho exatamente interdisciplinar, né? Então... agora eu sempre discuto a importância do trabalho interdisciplinar.

E. Certo.

S. E até diferencio um pouco. Tem um texto do Celso Ferreti que eu uso para mostrar que não é multidisciplinar, que interdisciplinar... aqueles profissionais tem um projeto em comum. Cada um pode ter a sua especificidade, mas tem que ter um projeto em comum, uma visão de homem, uma visão de trabalho. Para mim interdisciplinar é isso. Senão é um amontoado de gente junto, cada um brigando pelo seu mercado, cada um brigando pelo seu mercado, pela sua fatia.

E. Sem dúvida.

S. Mas eu discuto muito a importância disso. Que é uma realidade do mercado. No Centro de Saúde ele vai encontrar um Fono, ele vai encontrar uma Assistente Social. Na escola vai encontrar um Pedagogo. Essa é uma realidade que eu discuto bastante com eles, né? Mas em termos de forma assim: prá mim o trabalho interdisciplinar tem que ser

pessoas que tenham objetivos comuns, que compartilhem, que não fragmentem o seu sujeito lá, crianças, adolescentes, seja lá quem for o professor. mas claro, cada um vai contribuir com o seu conhecimento específico, mas dentro de um projeto comum.

E. Quando você cita essa questão, você considera que é necessário o aluno conhecer outros campos de conhecimento , além da própria Psicologia?

S. Isso é fundamental, porque ele vai poder compreender a própria constituição da Ciência Psicológica, através da Filosofia, e a contextualização da Psicologia através da História , da Sociologia. Agora para o profissional que vai atuar na Educação ele deve conhecer, é claro, as teorias educacionais, para poder compreender a realidade do campo educacional.

E. Ainda sobre conhecimentos teóricos, você falou que a posição teórica da Psicologia Sócio-histórica ainda não ocupa espaço na formação entre os profissionais? Qual a consequência disso para você?

S. Ah! tá. Então assim, na formação eu acho que ela está ganhando espaço o sintoma disso, que a disciplina eletiva nossa de Sócio-história, ela vem se mantendo já há dois anos. Com o núcleo 51 que é um núcleo de Orientação Vocacional nessa abordagem , também aconteceu esse ano, com um número grande de alunos que é uma matéria optativa. Então isto vêm mostrando, eu estou oferecendo uma eletiva de pesquisa na minha abordagem Sócio-histórico, que eu acho que vai acontecer no ano que vem, que é como pesquisar através das significações e tal, um pouco da minha tese, né? Então assim, eu acho, está ampliando, mas não é uma coisa ainda significativa... mas está ampliando. Nosso status está até melhorando, em 96 fui escolhida paraninfa.

E. Parabéns!

S. A gente se assustou, o pessoal da Sócio-histórica teve professores que foram homenageados... porque antigamente a gente nem aparecia, nem

convidavam a gente, então nosso status está melhorando. Então assim, eu acho que entre os profissionais é muito pouco. Eu acho que um grupo pequeno. Tanto que quando a gente vai falar em outros lugares, a gente... mesmo aqui perto na USP, a gente tinha um grupo de Orientação Vocacional que era o GOV, nós ficamos dois anos nos reunindo e produzimos aquele livro que a gente... você deve conhecer, né? E quando a gente falava que a gente trabalhava com essa linha Sócio-histórica... o povo da lá na USP ficava... isso não é Psicologia, esses termos que a gente usava como : mediação, a unidade do singular e do universal, não sei o que da genética, eles diziam que isso não tinha nada a ver. Eles achavam que isso não era Psicologia. O texto que eu fiz, eu e a Ana, para publicar no livro, nós ficamos horas discutindo. Enfim, até gostaram, mas acharam que era muito esquisito. Então assim, eu acho que entre os profissionais fora PUC é uma coisa esquisita. Não é nada conhecido não.

- E.** Você considera que isso acontece , especialmente no meio acadêmico, porque tal posição teórica ainda é incipiente?
- S.** É, eu acho que é, ela não é muito conhecida.
- E.** Ah! tá. Nesse sentido ela é. E você considera que ela é fundamental para que o profissional trabalhe nessa concepção de promoção de saúde?
- S.** Eu acho que sim, quer dizer, a promoção de saúde, pode ser vista de maneiras muito diferentes. Da maneira como a gente entende promoção de saúde é fundamental a compreensão do homem-histórico, do homem-social e do homem que vive uma relação de mediação com o meio, senão é outra concepção de promoção a saúde. Então a teoria dá uma, um fundamento, que o que a gente entende por promoção de saúde.
- E.** Certo. Dentro da formação profissional, você considera que o fato de existirem diferentes grupos teóricos não dificulta o trabalho interdisciplinar? No interior da própria formação?

- S.** Olha, eu acho que o trabalho interdisciplinar não necessariamente dificulta. Na formação de quem? Formação do...
- E.** Do psicólogo.
- S.** Do psicólogo, eu acho que sim, que não necessariamente dificulta. Eu acho que a diversidade até é uma coisa interessante na verdade. Só que acho assim, que essa diversidade na verdade ela não se constitui no trabalho muito interdisciplinar. Eu acho que quando nós formamos o aluno não é exatamente... O aluno não convive com uma equipe multidisciplinar. Mas com a nossa equipe sim nós o grupo da Sócio-histórica, nós somos tudo a mesma coisa. Mas se for pensar os vários professores que eles tem na formação deles é... Nós não somos uma equipe multidisciplinar. Nós não compartilhamos de projetos comuns, nós temos visões muito diferentes. Nós temos gente aqui que fala que é importante discutir essa coisa de, sei lá, de cristais. Então assim, que tem visões de homem absolutamente com a natureza humana, de homem nato, uma coisa da religiosidade. Enfim, então a gente convive... os alunos convivem com formações absolutamente diferentes. Então assim, não chega a ser uma formação interdisciplinar. É uma formação que tem vários profissionais que vão lá e dão o seu recado. E ele tem como lidar com essa diversidade. E ele vai com o tempo percebendo qual é mais coerente, qual que ele gosta mais e tal. Mas assim, ele tem uma colcha de retalhos. Entra eu e fala que não tem natureza humana, que não tem nada, que não tem nada natural, que tudo é histórico. Um outro professor, talvez, em seguida, fala que jura, que o Édipo existe, aqui e numa tribo de índios, há 1000 anos atrás e vai existir há 10.000 anos à frente, exatamente assim. Independente da cultura ou de qualquer coisa. Então o aluno escuta isso e escuta eu. E aí ele vai ter que lidar com tudo isso.
- E.** Bem, na verdade é aquela coisa, de Psicologias, né?
- S.** É, Psicologias. Não tenho a mínima dúvida. Os alunos falam: Nossa! não tem nada a ver com o que você fala. Ficam chocados de ver como é que

a gente consegue conviver todo mundo, cada um falando coisas tão diferentes.

- E.** Na cabeça do aluno é quase uma torre de Babel.
- S.** É, exatamente.
- E.** Bom sobre o espaço profissional. Você considera que o espaço dentro da escola hoje perdido pelo psicólogo, deve ser ocupado dentro de um novo foco de promoção de saúde?
- S.** Eu acredito que sim. Eu acho que a saída do psicólogo trabalhar, é trabalhar na promoção de saúde, porque é uma forma de atuar que ele vai trabalhar com a totalidade institucional, com as relações, com a dinâmica. E os problemas de aprendizagem, os problemas individuais que vão continuar surgindo, ao meu ver tem que ser encaminhados para alguém trabalhar fora da escola. E inclusive, essa visão acho que facilita o trabalho, que não necessariamente o psicólogo tem que ficar oito horas por dia na escola. Ele pode, mesmo no estado, ou na prefeitura, ele poderia ser responsável por cinco escolas, por exemplo.
- E.** Sei.
- S.** Ele vai até a escola, conversa, dá esquema de supervisão, conversa com os professores, discute a prática, mais ou menos uns dois dias, depois volta depois de dois dias, quer dizer, um trabalho que ele vai estar dando assessoria, não precisa ficar que nem no pronto socorro, dentro de uma salinha esperando aquele monte de problema aparecer. Não seria essa a atuação dele. Então acho que é mais viável inclusive, o trabalho de promoção de saúde.
- E.** Essa realidade até já existe, em alguns casos, através dos estágios. Afinal se há demanda para esses trabalhos de estagiários na escola, isso não significa necessidade?

- S.** Eu acho que sim, quer dizer, o que os estagiários nossos estão tentando fazer nas escolas, é tentar fazer um pouco esse trabalho que a gente acha que o psicólogo poderia fazer dentro de promoção de saúde.
- E.** Certo.
- S.** Apesar de que eu não nego, tem escolas particulares que tem profissional psicólogo dentro da escola todo dia, meio período e tal. Mas que tem o que fazer. Mas nesse "tem o que fazer", não seria o trabalho do indivíduo descolado não. Prá mim é sempre um trabalho institucional. Até detectando problemas que deveriam ser encaminhados para uma estância ou outra para atender a nível individual.
- E.** Você acha que esse tipo de trabalho ele acaba não misturando aquela coisa toda, que todo mundo fala, não é psicólogo, é pedagogo?
- S.** É, eu acho que não. Eu acho que é uma experiência... nesse ponto eu concordo com Bleger, promoção de saúde dá uma especificidade para o trabalho psicólogo. Eu não vou trabalhar com problema de ensino, de didática, de... Eu não vou me confundir com aquele negócio de , tipo de orientação da professora, de como ensinar a somar ou diminuir para o aluno. Eu não vou me meter nisso. Até, claro, eu até posso estar discutindo junto. Eu vou ter que estar discutindo junto. Porque o psicólogo institucional ele tem que ter uma visão de totalidade da escola. Ele vai ter que saber quais são os problemas do pedagogo, do professor, do aluno. Mas o trabalho dele é para trabalhar com as relações.
- E.** Até por causa das teorias, né? do Desenvolvimento, de Aprendizagem...
- S.** É, mas ele vai estar trabalhando com o grupo, com o grupo de professores. Quais são os problemas, quais são as tensões, quais são os conflitos. Ajudá-los a superar os conflitos. É um trabalho de saúde, mesmo. E de diagnóstico. Ao mesmo tempo que ele está promovendo saúde, ele está fazendo diagnóstico. Ele está percebendo quais são as necessidades, quais são as dificuldades, para poder estar vendo quem é

que vai resolver isso. É um trabalho de diagnóstico também, o trabalho de promoção de saúde, né? É um trabalho muito mais psicológico mesmo, eu acho. Não se confunde com o trabalho do pedagogo.

- E.** Então você acha que essa configuração do psicólogo como um profissional de saúde é uma configuração, vamos dizer entre aspas, correta?
- S.** Eu acho que sim. Eu sei que é muito controvertido isso. Eu já discuti isso uma vez com o Sérgio. O Sérgio achava que não, tal. Mas eu continuo achando que sim. Que... eu não sei se é tão fundamental isso atualmente. Tinha uma época que eu batia mais o pé com isso, nesse ponto. Talvez até porque as lutas dos profissionais de saúde foram lutas que tomaram mais corpo socialmente. Então, é um pessoal que lutou muito para quebrar os estereótipos em uso de lidar com a loucura, com a doença. Então o profissional de saúde parece até uma coisa de vanguarda, que lutou mais, né? Não sei. Talvez por isso eu tenha me apegado, na verdade, tanto a esse termo: profissional de saúde. Agora o que eu vejo de essencial, não sei se é chamar de saúde, mas assim, é um profissional que não é preocupado com o particular descolado da instituição, com o aluno, com o professor descolado. Mas pra mim o psicólogo tem que ser um profissional que vai trabalhar com as relações institucionais usadas, com as relações institucionais, com a dinâmica institucional. E isso se dá através dos indivíduos, é claro. Mas entendendo sempre assim, que eu não vou trabalhar com o problema de alguém. Eu vou trabalhar para que as relações se dêem de maneira melhor e tal. E, a meu ver, isso favorece a saúde. Agora eu não nego que ao mesmo tempo ele está promovendo saúde dentro da instituição educacional, ele está promovendo melhores condições de aprendizado e de ensino. Porque na hora que o profissional psicólogo, aliás, o professor, o aluno conseguem se aperceber dos seus problemas. Conseguem ter mais clareza das dificuldades, conseguem enfrentar os conflitos, superá-los e tal. Eles vão ter condição de ensinar melhor. Então é um profissional da saúde da Educação, na verdade, né?

Por isso, profissional da saúde. Isso é uma coisa que eu continuo chamando, mas eu tenho dúvida. Eu acho que ele é um profissional da saúde, mas saúde esteja... no caso da Educação é uma saúde para que se favoreça melhores condições de Educação. Tudo na escola.

E. É, eu acho na verdade essa denominação acaba refletindo muito o movimento histórico...

S. Sem dúvida, sem dúvida. A Ana que me alertou para isso uma vez. Ela falou: pensa bem se você não faz questão de chamar por conta de... E eu pensei: é mesmo. Foi um movimento de vanguarda, que lutava contra essa coisa de cuidar só de trabalhar com doenças, dos estereótipos. Foi o movimento da categoria que expressou isso. Então talvez eu tenha me apegado a esse termo por conta disso. Mas eu percebo que assim, quer dizer, de alguma maneira me chama a atenção para você pensar: Espera aí! Eu não vou trabalhar só com, como ensinar a criança. Não é só isso que eu vou trabalhar. Eu vou trabalhar com a saúde no sentido de dar melhores condições de lidar com o ensino.

E. Certo.

S. Então eu estou entendendo que a saúde mental dá condições de se lidar com o ensino. Eu estou pensando isso agora assim...

E. Está ótimo. Você gostaria de falar sobre mais alguma coisa da matriz?

S. Não, prá mim, está bom

E. Ok! Para mim também, acho que as dúvidas foram bem esclarecidas. Eu vou refazer a matriz e trago no próximo encontro. Obrigada pela sua atenção.

S. Eu é quem agradeço estou gostando de realizar essa entrevista, estou achando interessante... então eu espero você me telefonar par que a gente possa marcar a próxima entrevista, tá bom?

R. Certo.

4ª ENTREVISTA - E4 - (21.10.96.)

E. Conforme combinamos eu trouxe a matriz já com as modificações feitas a partir da nossa última conversa, gostaria que você olhasse e pudesse opinar sobre a matriz.

S. Está certo. (começa a ler a matriz em voz alta). Olha eu acho que está muito bom, gostei muito da sua síntese acho que você conseguiu sistematizar de forma interessante as minhas idéias.

E. Você considera que o assunto está esgotado? Não gostaria de discutir mais alguma coisa?

S. Para mim está sim. Achei muito interessante essa forma de fazer a entrevista, porque eu nunca tive a oportunidade de ver a sistematização dessa forma, em uma matriz com categorias, das idéias que eu tenho e da minha própria atuação. Achei bem legal essa experiência.

E. Que bom que você gostou, quero agradecer muito a sua cooperação e acho que podemos considerar então encerrada as nossas entrevistas.

S. Eu gostaria de ver o trabalho todo , quando estiver pronto.

E. Com certeza, eu vou avisar a época da defesa e então a tese estará disponibilizada na biblioteca da UNICAMP. Mais uma vez obrigada pela sua participação.

Matriz final confeccionada a partir das sistematizações realizadas nas entrevistas.

(as alterações dos conteúdos verbais estão marcadas na matriz através do nº da entrevista - ex: E1, E2).

1. ATUAÇÃO PROFISSIONAL			2. CONHECIMENTOS TEÓRICOS	3. HABILIDADES TÉCNICAS
<p>1.1. O QUE FEZ.</p> <p>1.1.1 Trabalhos em Psicologia da Educação:</p> <ul style="list-style-type: none"> - psicóloga em Escola particular. (E1) - Docência em Psicologia no 3º grau. (E1) <p>1.1. 2.Trabalhos em Psicologia na Comunidade:</p> <ul style="list-style-type: none"> - grupos de jovens na periferia.(E1) - grupos de gestantes.(E1) - educação de adultos.(E1) 	<p>1.2. O QUE FAZ.</p> <p>1.2.1. Docência em Psicologia no 3º grau:</p> <ul style="list-style-type: none"> -desenvolve pesquisa (E2) com trabalhos de Iniciação Científica. (E3) - desenvolve extensão (E2) e prestação de serviço. (E3) - integra uma equipe de professores da corrente teórica da Sócio-histórica(E2),ministrando as disciplinas Psico Social I e II e <u>Ação do psicólogo na Instituição Educacional</u> .(E3) <p>1.2.2. Supervisora de Estágio em Psicologia Escolar.</p> <ul style="list-style-type: none"> - É Supervisora de Estágio.(E2) - O Estágio é em escolas trabalhando com os professores e com alunos. E3 <p>1.2.2. Orientação profissional -O.V.</p> <ul style="list-style-type: none"> - trabalho de consultoria com outros profissionais, desenvolvendo projetos para jovens no escritório e nas escolas. (E2) 	<p>1.3. POR QUE FAZ.</p> <p>1.3.1.Docência em Psicologia:</p> <ul style="list-style-type: none"> - docência vista como área de maior interesse profissional. (E2) - privilegia, no trabalho de estágio, o enfoque institucional inserido num contexto social..(E2) - considera que a promoção de saúde amplia e muda a qualidade da intervenção. (E2) -entende que a saúde e a doença são construídas através mediação social com o outro(E2), entendida como mediação social (E3), portanto a promoção de saúde é a intervenção nessas relações. (E2) - desenvolve um trabalho que considera educacional , dentro da perspectiva da promoção da saúde. (E2) <p>1.3.2. O.V.</p> <ul style="list-style-type: none"> - o "processo de escolha" profissional é o foco principal do trabalho. (E2) -entende que o jovem no processo de reflexão resgata a sua história de escolhas. (E2) - a promoção de saúde, no trabalho de O.V. , envolve uma tomada de consciência , por parte do jovem , dos determinantes envolvidos na sua escolha profissional. (E2) 	<p>2.1.PERSPECTIVA TEÓRICA.</p> <p>2.1.1.Teoria Sócio-histórica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - compreende que a teoria Sócio-história contribui para uma nova concepção de homem, vendo-o como um ser histórico, constituído através das suas relações sociais. (E2) - tal concepção ainda é incipiente nos cursos de Formação, mas vem ganhando a cada ano mais espaço tanto entre os alunos, quanto entre os profissionais. (E3) - considera importante que tal posição teórica consolide cada vez mais um espaço, dentro dos cursos de Formação.(E2) <p>2.1.2. Outras Áreas do Conhecimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - considera que o profissional deve conhecer outras áreas do saber, tais como Filosofia, História, Sociologia. Entende que tais conhecimentos podem auxiliar na compreensão da constituição da Ciência Psicológica .(E3) - entende como fundamental o conhecimento das teorias educacionais, para aqueles profissionais que pretendem atuar na Educação, pois estes conhecimentos podem auxiliar a compreensão do campo educacional. (E3) 	<p>3.1. TEORIA INSTRUMENTALIZADA PELA TÉCNICA.</p> <p>3.1.1. A importância da técnica:</p> <ul style="list-style-type: none"> - entende que a técnica deve existir, não enquanto fim em si mesma, mas diretamente relacionada à uma determinada reflexão teórica. (E2) - a construção da técnica se dá no movimento do olhar teórico seguido da operacionalização prática, cujos resultados devem subsidiar novas reflexões teóricas; E2 -a técnica vista como uma forma mais adequada de intervenção na realidade. (E2) <p>3.2.1. A instrumentalização técnica necessária ao profissional:</p> <ul style="list-style-type: none"> - entende que é necessário ,desde a Formação, o psicólogo identificar a concepção de homem que sempre está subjacente a determinada técnica.(E2) -a consistência de uma visão teórica, nos objetivos de determinado trabalho, possibilita a construção de "técnicas" adequadas a tal trabalho, por parte do profissional. (E2)

4. REPRESENTAÇÕES	5. VALORES	6. FORMAÇÃO PROFISSIONAL	7. ESPAÇO PROFISSIONAL	8. INTERDISCIPLINARIEDADE
<p>4.1. PROMOÇÃO DE SAÚDE NO TRABALHO EDUCACIONAL.</p> <p>4.1.1. A promoção de saúde através da tomada de consciência:</p> <ul style="list-style-type: none"> - o processo educacional possibilita um processo de reflexão, que aponta para as determinações afetivas, sociais, econômicas, etc., que estão influenciando diretamente na construção da existência do homem. (E2) - Esse processo se traduz na tomada de consciência do sujeito e, conseqüentemente na construção de projetos de vida calcados na realidade. (E2) - esse movimento é considerado como o espaço da promoção de saúde, dentro de um trabalho educacional, cabendo ao psicólogo desenvolvê-lo. (E2) 	<p>5.1. RELEVÂNCIA DO TRABALHO PROFISSIONAL.</p> <p>5.1.1. A ética no trabalho do psicólogo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a construção de uma reflexão ética deve ser iniciada na Formação do Profissional. (E2) - entende que é fundamental, o compromisso da Formação, em criar circunstâncias que propiciem ao aluno, o aparecimento de um olhar crítico a respeito dos valores postos na sociedade. (E2) <p>5.1.2. O psicólogo promovendo saúde:</p> <ul style="list-style-type: none"> - entende que o psicólogo está habilitado a desenvolver, de forma competente, intervenções nas relações existentes nas instituições educacionais, sendo que tais intervenções podem ser caracterizadas como ações de promoção de saúde. (E2) - entende que o psicólogo é um profissional de saúde, embora não considere isso o ponto fundamental, na medida em que promove a saúde "das relações" dentro da instituição, e ao mesmo tempo, promove melhores situações de aprendizagem e ensino. (E3) - considera que a denominação "de saúde" reflete um momento histórico dentro da categoria, da participação nas lutas da saúde a nível nacional. (E3) 	<p>6.1. CURSO DE FORMAÇÃO.</p> <p>6.1.1 Predominância da noção conservadora da saúde/doença:</p> <ul style="list-style-type: none"> - entende que os cursos de Formação, estão em sua maioria, estruturados dentro de uma visão clínica que pressupõe um profissional que só vai trabalhar com a doença. (E2) - considera importante uma Formação generalista, que rompa com o modelo estritamente técnico, existente hoje nos cursos. (E2) - entende que o aluno, na sua Formação, se depara com uma colcha de retalhos, em termos de diferentes Psicologia. (E3) - considera como ponto fundamental, a discussão, no interior da Formação, sobre uma nova concepção de homem, que contemple uma reflexão ética e teórica, possibilitando a Promoção de Saúde, assim como formas de implementá-las. (E3) 	<p>7.1. - A INSERÇÃO DO PSICÓLOGO NAS DIFERENTES INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS.</p> <p>7.1.1. O espaço profissional existente.</p> <ul style="list-style-type: none"> - atualmente os psicólogos tem atuado em diferentes instituições educacionais, mas o mesmo não está previsto nas escolas públicas. (E2) - a suspensão dos psicólogos do espaço escolar, foi fruto de uma decisão da própria categoria, que esejava estar lotada na saúde. (E2) - os trabalhos nas escolas, hoje, estão restritos às escolas particulares. (E2) - entende que a inserção do psicólogo na escola pública, nesse período, foi desastrosa, haja visto que a saída dos mesmos nem foi muito sentida pela comunidade escolar. (E2) - considera que o psicólogo de atuar dentro de uma perspectiva de promoção de saúde, numa visão institucional, num trabalho de assessoria às escolas. (E3) - a promoção de saúde, dá uma especificidade ao trabalho do psicólogo, que é o de trabalhar com as relações nas instituições educacionais, embora ele possa e deve estar discutindo junto com a equipe escolar, sobre a totalidade do trabalho educacional. (E3) 	<p>8.1. - A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO INTERDISCIPLINAR.</p> <p>8.1.1. Discussão sobre o trabalho inter-disciplinar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - desenvolve com os alunos, na Formação, reflexões sobre o trabalho em equipe, apontando que tal trabalho possibilita a complementação de diferentes pontos de vista sobre determinado fenômeno. E3 - entende que um trabalho interdisciplinar pressupõe diferentes profissionais com um projeto político educacional comum, uma visão de homem, uma metodologia de trabalho. E3 - considera necessária essa discussão, enquanto uma exigência do mercado atualmente. E3

Obs: Ao longo de todo o processo, as alterações das matrizes basearam-se nas dúvidas levadas pelo entrevistador e pela leitura atenta por parte do sujeito. Na quarta entrevista (E4) o sujeito considerou que a sistematização realizada na matriz estava satisfatória e não havendo mais dúvidas, por parte do entrevistador e do sujeito, foi considerado encerrado o procedimento das **Entrevistas Recorrentes**

Anexo IV

SÍNTESE DAS VERBALIZAÇÕES DO SUJEITO POR CONJUNTO TEMÁTICO DE ACORDO COM O QUADRO III .

1.0 PAPEL DO PSICÓLOGO E DA PSICOLOGIA.

1.1. A CIÊNCIA PSICOLÓGICA.

1.1.1. A contribuição da Psicologia para a sociedade

- entende que a Ciência Psicológica já avançou e tem contribuições teóricas importantes para a compreensão da realidade. Considera que a principal contribuição da Psicologia no Brasil é investir na área comunitária na perspectiva da prevenção.(S9).

1.2. RELEVÂNCIA DO TRABALHO DO PROFISSIONAL DE PSICOLOGIA.

1.2.1. A especificidade da intervenção psicológica.

- considera que o psicólogo deve ter uma especificidade na atuação , junto a outros profissionais da Educação, a fim de não perder a identidade de psicólogo. Tal identidade é constituída através das intervenções nos aspectos psicológicos , dentro da instituição educacional que se relaciona diretamente com os processos de relações e da subjetividade.(S4).

1.2.2. O profissional de psicologia comprometido com a sociedade.

- considera que o profissional tem que ter clareza de um projeto político, a longo prazo, de valorização da pessoa humana. Entende que o psicólogo engajado nessa visão, é movido também pela “paixão”, tendo claro que tal projeto poderá ser usufruído por outras gerações.(S6)

1.2.3. A atuação do psicólogo vista como uma trabalho de valorização do ser humano.

- considera que o profissional de psicologia deve estar sempre preocupado com a valorização da vida e do homem. Entende que algumas teorias psicológicas, hoje, já demonstram tais preocupações, apontando para mudanças necessárias de enfoque e atuação. Considera que a ação do psicólogo é relevante dentro da perspectiva de um trabalho preventivo e institucional.(S9).

- considera que um profissional de psicologia sempre procura ajudar o outro, sendo tal preocupação inerente à escolha de ser psicólogo. Entende que toda escolha tem um fim reparatório e considera que a psicologia tem a característica do profissional de ajuda. Considera que o psicólogo deve estar atento à mudanças, buscando na sua criatividade atender as novas demandas que aparecem na atualidade.(S10).

1.2.4. O psicólogo visto como um profissional que deve promover saúde.

- entende que o psicólogo está habilitado a desenvolver, de forma competente, intervenções nas relações existentes nas instituições educacionais, sendo que tais intervenções podem ser caracterizadas como ações de promoção de saúde. Entende que o psicólogo é um profissional de saúde, embora não considere isso o ponto fundamental, na medida em que, promove saúde “das relações” dentro da instituição e ao mesmo tempo promove melhoras nas situações de aprendizagem e ensino. Considera a denominação “de saúde” como um reflexo

do momento histórico, dentro da categoria, da participação nas lutas da saúde a nível nacional.(S2).

- entende que a promoção da saúde pressupõe uma ação transdisciplinar, envolvendo o psicólogo e outros profissionais embasados por uma visão teórica crítica da sociedade. A promoção de saúde passa pela promoção da cidadania dos cidadãos e o profissional deve estar atento às questões políticas que podem desenvolver tal questão. O profissional deve participar coletivamente do debate sobre as instituições educacionais, escola, creche, etc. enquanto espaços que promovem a cidadania ou a exclusão.(S3).

- entende que em qualquer espaço profissional, seja ele na saúde, na educação ou na empresa, o profissional de Psicologia é eminentemente alguém que trabalha com o objetivo de promover saúde. Considera que a promoção de saúde, no trabalho educacional, concretiza-se quando o psicólogo tem uma visão da realidade educacional e da dinâmica existente no interior da mesmas, tornando-se um elemento de escuta em tais situações. Considera ter paixão pelo que faz, e essa “paixão” vista como mola propulsora de um trabalho comprometido com a qualidade e com a maioria da população.(S5).

- entende que o psicólogo está habilitado a desenvolver intervenções nas relações existentes nas instituições educacionais, enquanto profissional da “escuta”, sendo que tais intervenções podem ser caracterizadas como ações que promovem a saúde. Considera o psicólogo como um profissional que irá mediar os conflitos existentes nas relações humanas, através da comunicação e da linguagem.(S4).

- entende que as ações derivadas da perspectiva de um projeto político claro e definido, podem ser caracterizadas como ações de promoção de saúde, cujo enfoque está centrado no resgate das relações humanas, ou da “humanização” do homem.(S6).

1.2.5. A profissionalização do psicólogo para atuar na área comunitária.

- considera incipiente as ações desenvolvidas pela Psicologia, hoje no Brasil, na área comunitária. Entende ser necessária a troca de informações entre profissionais que atuam nessa área, com o objetivo de construir um corpo teórico e de intervenção mais consistentes. Sintetiza o seu trabalho como sendo de uma psicóloga que trabalha na comunidade em geral, desenvolvendo ações de valorização do ser humano, através do aspecto lúdico-educacional.(S6).

1.2.6. A importância da questão da ética no trabalho do psicólogo.

- considera que atuação do psicólogo deve estar revestida pela ética da transformação social.(S1).

- a construção de uma reflexão ética, deve ser iniciada na Formação do profissional. Entende que é fundamental o compromisso da Formação em criar circunstâncias que propiciem ao aluno o aparecimento de um olhar crítico a respeito dos valores postos na sociedade.(S2).

- entende que é necessário criar espaços que propiciem discussões a respeito dos valores hegemônicos na sociedade. Considera que o profissional é quem fará a síntese dessas discussões, construindo um conjunto de princípios éticos que deverão nortear a sua atuação.(S3).

- entende como necessária a construção de um senso-crítico a respeito da realidade, acreditar nas possibilidades de realização do outro e na também na intuição do psicólogo, sobre as situações postas.(S4).

- entende como fundamental discutir a ética, no sentido mais amplo, com o objetivo de dar suporte e referência ao trabalho do profissional.(S7).

- a reflexão ética é considerada um valor fundamental para o profissional que atua nas instituições. Além da questão ética, valores como senso de justiça, de humanidade e de cidadania devem estar presentes em seu trabalho, considerando que tais valores podem apontar para uma atuação mais comprometida e de qualidade.(S8).

2. CARACTERÍSTICAS DO PROCESSO DE PROMOÇÃO DE SAÚDE.

2.1. PROMOÇÃO DE SAÚDE NO TRABALHO DA PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO.

2.1.1. O espaço de promoção humana entendido como gerador de saúde.

- no espaço escolar é necessário criar espaços de regaste e valorização das relações humanas envolvendo professor-aluno, professor-pais, aluno-pais, etc. Esse regaste da história de vida de cada um dos sujeitos envolvidos, em tais instituições, possibilita a composição do quadro de relações culturais produzidas em determinadas comunidades. Tal movimento é considerado como espaço de promoção de saúde, dentro do trabalho educacional que busca humanizar as relações. Esse trabalho deve ser desenvolvido pelo psicólogo junto com outros profissionais. O processo educativo, realizado através do lúdico, é considerado um espaço de informação, acolhimento e fala para as pessoas que estão envolvidas no trabalho.(S6).

2.1.2. A promoção de saúde no trabalho do psicólogo, na perspectiva de uma cultura de prevenção.

- entende que a promoção de saúde, no trabalho do psicólogo, é realizada através do enriquecimento de informações teórico-científicas, espaço para reflexões e momentos de tomada de decisão, tendo como finalidade a adoção de comportamentos mais amadurecidos, responsáveis e preventivos. A prevenção é entendida como “criar atitudes” que gerem cuidados e a auto-estima do indivíduo com a sua própria vida e com o seu desenvolvimento. Considera que o seu trabalho de psicóloga na área educacional, tem por finalidade a promoção de saúde ao propiciar circunstâncias , para as pessoas que atende, de desenvolver uma atitude de educação e saúde para com as suas vidas.(S10).

2.1.3. A promoção de saúde desenvolvida através do auto-conhecimento.

- considera que o auto-conhecimento é atingido quando uma pessoa descobre os seus recursos para lidar com as situações problemáticas. Esse processo se traduz no cotidiano do sujeito e, conseqüentemente, na construção de projetos de vida mais reais, possibilitando à pessoa reorganizar sua vida, baseada nos seus próprios recursos para tal. Considera tal trabalho como um espaço de promoção de saúde, dentro de um enfoque institucional, cabendo ao psicólogo realizá-lo, desmistificando a patologização do cotidiano.(S5).

2.1.4. Visão integrada da Educação no espaço institucional e social.

- entende que é necessário o psicólogo compreender que a instituição é parte e reflexo do contexto social. Considera necessário romper com as práticas psicológicas, dentro da escola, legitimadoras da discriminação social. A promoção de saúde concretiza-se na instituição educacional, como resultado do trabalho do psicólogo, com diferentes profissionais, no movimento de conhecer (socialização do saber) e do fazer (ação coletiva dos diferentes profissionais articulados e envolvidos com a comunidade escolar).(S3).

- entende que a promoção de saúde é realizada quando são criadas circunstâncias em que as pessoas de uma determinada instituição, inseridas numa determinada comunidade, conseguem uma integração com vistas ao bem estar comum. Tal integração baseia-se na melhoria das relações entre as pessoas no espaço institucional e na comunidade em geral.(S4).

2.1.5. A promoção de saúde na atuação do psicólogo, realizada em Instituições que trabalham com populações “de risco”.

- considera importante o trabalho do psicólogo na instituição, desenvolvendo ações que procurem alterar a realidade , na medida do possível, das populações excluídas socialmente. Entende que o trabalho do psicólogo é basicamente o de criar ambientes positivos, que valorizem a vida humana na perspectiva de promover saúde das crianças e adolescentes “ de risco”. Considera que o trabalho do psicólogo pode possibilitar mudanças na vida das crianças e adolescentes “de risco”, entendendo tais mudanças como promoção de saúde, na medida em que, podem resultar em situações de vida mais dignas para essa população.(S9).

2.1.6. A promoção de saúde através do processo de compreensão/conhecimento realizado no trabalho educacional.

- entende que a promoção de saúde se concretiza através do acesso ao conhecimento que leve o indivíduo a compreender sua inserção na sociedade e as multi-determinações da constituição da sua existência, possibilitando uma atuação que aponte para uma compreensão/conhecimento do mundo. (S1).

- o processo educacional propicia um processo de reflexão, que aponta para as determinações afetivas, sociais, econômicas, etc., que estão influenciando diretamente na construção da existência do homem. Esse processo se traduz na tomada de consciência do sujeito e, conseqüentemente, na construção de projetos de vida, calcados na realidade. Esse movimento é considerado como o

espaço de promoção de saúde, dentro do trabalho educacional, cabendo ao psicólogo desenvolvê-lo.(S2).

- considera que o trabalho de promoção de saúde é aquele que permite a reflexão dos problemas da própria escola, envolvendo todos os componentes - professores, pais, alunos, técnicos - de tal instituição.(S4).

2.1.7. A promoção de saúde vista como um espaço de interlocução dentro da escola.

- considera que o espaço de interlocução pode produzir rupturas nas práticas cristalizadas no cotidiano escolar. Tais rupturas podem promover a saúde, através do resgate da auto-estima e das potencialidade do professor e do aluno, concretizando-se em novas práticas escolares. Entende que é importante que o psicólogo desempenhe o papel de interlocutor junto ao professor na escola, além de facilitador da comunicação entre os vários personagens da cena escolar, tornando-se um profissional que promove saúde, através da circulação de pensamento, onde este está paralisado.(S7).

- entende que o trabalho do psicólogo é o de criar espaços para a comunidade escolar, refletir sobre os seus problemas, questionamentos e soluções. Essa dinâmica de reflexão, possibilita aos pais, professores, alunos e a comunidade, obter consciência dos fatos e, conseqüentemente, construir projetos coletivos que visem à melhoria do cotidiano escolar.(S8).

3. ATUAÇÃO PROFISSIONAL.

3.1. ATIVIDADES PROFISSIONAIS INSERIDAS NA PERSPECTIVA DE PROMOÇÃO DE SAÚDE

3.1.1. Trabalhos desenvolvidos em Psicologia da Educação, no consultório, instituições e na comunidade.

- desenvolve projetos de Orientação Vocacional com outros profissionais, no próprio escritório de consultoria e nas escolas. Entende que o trabalho de Orientação Vocacional propicia o espaço de reflexão para os jovens sobre sua escolha profissional. A promoção de saúde acontece ao possibilitar ao jovem o conhecimento dos fatores determinantes que influenciam sua escolha profissional. (S1).

- desenvolve projetos de Orientação Vocacional com outros profissionais, no próprio escritório de consultoria e nas escolas. Entende que o jovem no processo de reflexão resgata a sua história de escolhas. A promoção de saúde envolve uma tomada de consciência, por parte do jovem, dos determinantes envolvidos na sua escolha profissional. (S2).

- Empresa de Consultoria para projetos Educacionais - Projeto Ônibus-Ludicidade junto ao NTC/PUCSP ; projetos de treinamento de voluntários para atuar no Centro de Juventude do C&A e nas creches, na área de brinquedo. O trabalho de consultoria em Educação é um resultado de todo um diagnóstico feito na comunidade, sobre a questão da evasão escolar. Considera que a utilização do brinquedo, do lúdico é uma metodologia que possibilita intervir no espaço simbólico das relações. Entende que tais projetos avançam na promoção da saúde ao possibilitar a humanização das pessoas através do lúdico, e das inter-relações existentes na comunidade.(S6).

- Serviço de Psicologia Escolar da USP - SEPE, desenvolvendo serviços de atendimento breve, projetos de saúde mental do escolar em parceria com outros profissionais, cursos de atualização, supervisão para profissionais de saúde mental e para as escolas públicas, e desenvolve trabalhos de Psicologia Escolar nas escolas públicas. Realiza atendimento clínico, em consultório particular, de

crianças que apresentam dificuldades no processo de aprendizagem. Entende que os trabalhos desenvolvidos pelo Serviço de Psicologia Escolar promovem saúde, por possibilitar espaços para a comunidade resgatar o seu valor, sua auto-estima, os seus recursos técnicos, desenvolvendo-se e, melhorando, dessa forma, o cotidiano escolar.(S7).

- desenvolve atividades de coordenação em instituições de atendimento à crianças “de risco”. Considera que o seu trabalho é fundamentalmente de promoção humana, dentro de uma perspectiva preventiva, voltado para a população considerada “de risco”. Entende que o seu trabalho é de promoção de saúde, na medida em que está intervindo no encaminhamento dessa população de forma mais “saúdavel”, podendo alterar, com isso, sua perspectiva de vida.(S9).

- desenvolve trabalhos de Orientação Profissional em consultório particular. Entende que o trabalho de Orientação Vocacional promove saúde, propiciando reflexões em relação às escolhas que devem ser realizadas; e no trabalho de orientação sexual, o aspecto preventivo e do desenvolvimento da capacidade de cada um, é entendido como uma circunstância de promoção de saúde. Atua na Secretaria Estadual de Educação - SP, desenvolvendo projetos de Orientação Vocacional, Orientação Sexual e prevenção às drogas para adolescentes, profissionais da saúde e educação, e cursos de capacitação de educadores em Ed. preventiva . Psicóloga em Instituição de Sexualidade. Trabalho na Associação Brasileira de Psicodrama. Considera que o seu trabalho, nas escolas, facilita a criação de multiplicadores no sentido da prevenção, entendendo que promove saúde ao difundir a cultura preventiva nas escolas através da formação de líderes.(S10).

3. 1. 2. Atividades relativas ao desempenho da função docente em cursos de Psicologia .

- desenvolve trabalhos de pesquisa, iniciação científica, extensão e ensino, trabalha numa equipe de professores na perspectiva teórica da Psicologia Sócio-histórica. Ministra as seguintes disciplinas: *Psicologia geral I e II - História da Psicologia; Psicologia da Educação e Adolescência* no Núcleo 51 - Saúde do Adolescente. Desenvolve o trabalho do magistério na linha da desalienação. A promoção de saúde se dá através da apreensão, por parte do aluno, da inter-relação entre teoria e prática.(S1).

- a docência é vista como a área de maior interesse profissional. Realiza trabalhos de Iniciação Científica e Serviços na comunidade, integrando o grupo de professores da corrente Sócio-histórica. Ministra as disciplinas *Psicologia Social I e II*, e a disciplina teórica *A ação do psicólogo em Instituições Educacionais* no Núcleo de Educação. Considera que desenvolve um trabalho educacional na perspectiva de promover saúde.(S2).

- coordena a área de Psicologia da Educação - equipe de professores que desenvolvem trabalhos na área e ministra a disciplina *Psicologia da Educação* - procura desenvolver conteúdos nas disciplinas que levam o aluno a ter uma reflexão crítica sobre a atuação profissional de Psicologia. Tais conteúdos priorizam os trabalhos grupais e coletivos. Considera que desenvolve um trabalho educacional, dentro da perspectiva de promoção de saúde, na formação dos alunos. (S4).

- integra a equipe da área da Psicologia da Educação e ministra a disciplina *Análise e Intervenção Psicológica em Instituições Educacionais* - as disciplinas teóricas, tem por objetivo levar o aluno a entender a intervenção do psicólogo num contexto institucional. Considera que desenvolve um trabalho basicamente de promoção de saúde.(S5).

- ministra a disciplina *Psicologia Escolar e Problemas de Aprendizagem* - considera que desenvolve um trabalho crítico dentro da disciplina, propiciando

uma reflexão, por parte dos alunos, sobre as questões ideológicas presentes no cotidiano escolar e na ação do psicólogo, apresentando novas formas de trabalho. (S7).

3.1.3. Atividades de Supervisor de Estágio em Psicologia Escolar, nos cursos de Formação de psicólogo.

- supervisiona o estágio em Psicologia Escolar em diferentes instituições educacionais, envolvendo professores e alunos. Privilegia, no trabalho de estágio, o enfoque institucional, inserido num contexto social. Considera que a promoção de saúde amplia e muda a qualidade da intervenção; entende que a saúde e a doença são construídas através da mediação social com o outro; portanto a promoção de saúde é a intervenção nessas relações. Desenvolve um trabalho que considera educacional e dentro da perspectiva de promoção de saúde.(S2).

- supervisiona o estágio em Psicologia Escolar inserido nas escolas. O trabalho de estágio nas escolas é dentro de um enfoque institucional inserido na vida social. Considera que desenvolve um trabalho mais coletivo e educacional dentro da perspectiva da promoção de saúde, que é efetivada através da socialização do saber psicológico junto à comunidade educacional.(S3).

- supervisiona o estágio em Psicologia Escolar junto ao CEFAM. O trabalho de estágio é desenvolvido dentro da escola pública com alunos do magistério. Considera que desenvolve um trabalho informativo apontando novas alternativas teóricas e práticas. Entende que promove saúde no trabalho de informar determinados conteúdos psicológicos, que podem ajudar a todos, professor alunos, equipe escolar, a pensar na educação, em novos recursos de ensino, visando o processo de ensino e aprendizagem e a vê-los como cidadãos. (S8).

- supervisiona estágio em Psicologia Escolar na avaliação e atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem . Entende como necessário o trabalho com a criança que fracassa na escola, pois a criança acaba sucumbindo. O trabalho de estágio é feito nesta linha, numa perspectiva grupal, focando as potencialidades da criança e suas relações com o conhecimento. A promoção de saúde é entendida , nesse tipo de atendimento, como um trabalho que cria circunstâncias que impeçam a instalação definitiva de doenças, nas pessoas.(S4).

- supervisiona estágio em instituições escolares, através de trabalhos em grupos ou individuais e na comunidade através de projetos de assessoria. O trabalho de estágio é dentro de um enfoque de intervenção psicológica nas instituições educacionais, com o objetivo de atender a uma demanda crescente. Considera que desenvolve um trabalho basicamente de promoção de saúde , propiciado através do processo de reflexão e análise objetivada no trabalho institucional, visando um auto-conhecimento das pessoas envolvidas no mesmo.(S5).

3.1.4. Atividade Administrativa/Institucional desempenhando a função de Direção.

- exerce atualmente o cargo de diretora da Faculdade de Psicologia. Considera que promove saúde ao desempenhar o papel de mediadora entre o espaço institucional e o espaço coletivo das pessoas que compõe tal instituição.(S1)

3.1.5. Aspectos relativos à importância de um trabalho desenvolvido em parceria com outros profissionais.

- entende que a abordagem teórica deve ser o ponto aglutinador de um trabalho com outros profissionais, possibilitando a construção coletiva de um projeto comum.(S1).

- entende que conseguiu, ao longo de nove anos, um trabalho de qualidade graças a uma equipe coesa e com objetivos comuns. Considera que o psicólogo

tem sua especificidade, que é trabalhar com as relações humanas, mas entende que a riqueza do trabalho está na troca e na sua cumplicidade dentro de uma equipe interdisciplinar.(S4).

- considera que o trabalho com outros profissionais propicia contribuições teóricas diferenciadas, ampliando o “olhar” sobre determinadas realidade.(S6).

- entende que o trabalho do psicólogo na escola é mais enriquecedor, quando desenvolvido junto a um grupo de profissionais que tem um projeto em comum. Considera que o trabalho integrado avança nas questões coletivas, não ocorrendo brigas por espaços na instituição e sim a busca da cooperação do coletivo que beneficie o trabalho como um todo.(S8).

- entende que a união de diferentes profissionais com objetivos em comum, fortalece o trabalho. No seu trabalho, considera que a parte social e pedagógica, realizada por assistentes sociais e pedagogos, complementa o seu trabalho como psicóloga inserida numa equipe na instituição.(S9).

- considera que o envolvimento de diferentes profissionais , nos trabalhos que já foram desenvolvidos , trouxeram uma complementação fundamental para os objetivos propostos no início dos mesmos.(S10).

- desenvolve com os alunos , na formação, reflexões sobre o trabalho em equipe, apontando que tal trabalho possibilita a complementação de diferentes pontos de vista sobre determinados fenômenos. Entende que o trabalho multidisciplinar pressupõe diferentes profissionais com um projeto político educacional em comum, uma visão de homem, uma metodologia de trabalho. Considera necessária essa discussão enquanto uma exigência do mercado atualmente.(S2).

- considera necessário construir uma postura profissional que facilite o trabalho interdisciplinar na instituição, tentando desenvolver a identidade dos educadores. Entende que tal perspectiva completa enriquece e complementa o trabalho do psicólogo.(S8).

- desenvolve um trabalho na escola, junto com uma professora da Psicologia Clínica. Tal participação possibilita a ampliação do atendimento à criança, assim como do conhecimento sobre a mesma, por parte dos estagiários e professores de diferentes áreas. Considera que seria um avanço, se tal prática fosse mais disseminada na Formação.(S3).

3.1.6. Discussão sobre o espaço profissional existente hoje para o psicólogo que desenvolve atividades em instituições educacionais

- atualmente os psicólogos tem atuando em diferentes instituições de Educação Formal e não Formal, mas não são mais previstos nas escolas municipais de São Paulo. Tal suspensão foi uma imposição administrativa que alterou o setor de saúde do escolar, passando todos os psicólogos lotados nesse setor para a Secretaria de Saúde do Município. Considera que fez parte de uma minoria que resistiu nessa mudança, porque a maioria dos profissionais desejava estar na Saúde. Considera que o psicólogo, em parceria com outros profissionais pode atuar nas chamadas instituições educacionais presentes na Educação Formal ou não.(M4).

- entende que a suspensão dos psicólogos da Secretaria, foi uma decisão da própria categoria que desejava estar lotada na Saúde. Os trabalhos dos psicólogos estão, hoje, restritos às escolas particulares, sendo que os trabalhos nas escolas públicas estão restritos aos estágios. Considera que o psicólogo deve atuar, dentro da perspectiva de promoção de saúde, numa visão institucional, num trabalho de assessoria às escolas. A promoção de saúde dá uma especificidade ao trabalho do psicólogo, que é trabalhar com as relações

nas instituições educacionais, embora ele possa e deve estar discutindo, junto à equipe escolar, sobre a totalidade das mesmas.(S2).

3.1.7. A inserção do psicólogo na escola.

- a demanda escolar acerca do trabalho do psicólogo ainda é a “velha demanda”, que é a de legitimar o fracasso escolar por via da cientificidade da Psicologia. Entende que o psicólogo pode responder a tal demanda de uma outra forma, dentro do modelo de promoção de saúde. É importante ressaltar que o trabalho deve ser desenvolvido através da articulação de diferentes profissionais, além do próprio psicólogo, com o objetivo de enfrentar os problemas que as instituições apresentam. O espaço profissional do psicólogo, nas instituições educacionais é necessário, mas exige que o mesmo saia do gabinete para entender melhor as instituições, dentro de uma perspectiva que tanto pode ser de assessoria ou não, dependendo da conjuntura encontrada.(S3).

4. FORMAÇÃO PROFISSIONAL.

4.1. A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO NO MODELO TRADICIONAL DE PROMOÇÃO DE SAÚDE.

4.1.1. A estruturação presente nos cursos atualmente.

4.1.1.1. Predominância da face conservadora de saúde/doença no curso de Psicologia.

- entende que a maioria das abordagens teóricas presentes no curso de Psicologia, sustenta o postulado do homem natural, a crença da neutralidade no trabalho do psicólogo . Considera que o curso de Psicologia dá ênfase na técnica em detrimento da teoria.(S1).

- o aluno se depara com uma colcha de retalhos , em termos de diferentes Psicologias, de forma desarticulada, ocasionando mais dificuldades no entendimento da construção dessas diferenças. Considera importante uma formação generalista rompendo com o modelo estritamente técnico, existente hoje nos cursos.(S2).

- entende que os cursos de formação estão, em sua maioria, estruturados dentro de uma visão fragmentada do homem. Considera que a divisão de áreas da Psicologia, dentro da formação, é mais um complicador para uma atuação mais integrada do profissional de psicologia.(S3).

4.1.1.2. Predominância do modelo clínico/liberal na Formação do psicólogo.

- considera que a formação está hoje, em sua maioria, estruturada sob a ótica de um único modelo - o clínico - . Este fato influencia a identidade do profissional, que cria a expectativa de trabalhar em consultório e com a doença.(S2).

- entende que os cursos de formação estão, em sua maioria, estruturados dentro de uma visão clínica que pressupõe um profissional que só vai trabalhar questões psicológicas ligadas às patologias.(S5).

- considera que é dada pouca importância às teorias cognitivas na formação, enquanto consequência da predominância teórico-prático da visão clínica nos cursos. (S3).

- entende que ainda hoje, existe toda uma expectativa na formação, de ver o psicólogo como um profissional liberal de clínica. Considera que tal expectativa é equivocada, sendo necessário uma valorização das outras áreas , dentro dos cursos de Psicologia.(S7).

- entende que os cursos de formação, estão em sua maioria, dentro de uma visão clínica. A crítica sobre isso, não se restringe ao modelo clínico, mas à forma como ele é organizado, dentro de uma perspectiva “individualista” e que atende poucos.(S6).

4.1.1.3. Predominância da parte informativa nos cursos de Psicologia.

- entende que os cursos de Psicologia, em sua maioria, investem mais na parte informativa, relativo ao conhecimento sistematizado do saber psicológico, no entanto, considera que a parte formativa também deveria estar presente, com o objetivo de auxiliar os alunos a construírem valores importantes para atuação profissional.(S8).

4.1.2. Conhecimentos teóricos da Psicologia.

4.1.2.1. A hegemonia de algumas teorias psicológicas em detrimento de outras, vista como um aspecto deformador da formação profissional.

- a hegemonia na formação dentro de uma visão clínica/individualista, dificulta a criação de novos modelos de intervenção, como o atendimento à comunidade através de grupos.(S6).

- a pouca importância dada na formação às teorias cognitivistas, é vista como uma consequência da predominância teórica e prática da visão clínica no interior dos cursos(S3).

4.1.3. Conhecimentos teóricos de outras áreas.

4.1.3.1. Pouco conhecimento de outras áreas que podem auxiliar o trabalho do psicólogo.

- considera que falta mais informação na formação, de outras áreas do conhecimento, tais como Filosofia, Sociologia, Economia, que poderiam ampliar a visão do aluno sobre o homem.(S8).

- considera importante que o aluno tenha conhecimento de outras áreas do conhecimento tais como Filosofia, Sociologia, História da Educação. (S3).

4.1.4. Os estágios supervisionados.

4.1.4.1.Os estágios constituídos com ênfase na técnica, descolados da teoria.

- considera que os estágios produzem práticas tecnicistas, não se tornando um espaço de reflexão para o aluno, mas sim de réplicas dos modelos já existentes.(S6).

- considera que é necessário, desde a formação, o aluno estar engajado em projetos que propiciem a reflexão e a integração teoria - prática, para superar a prática excessivamente técnica presente hoje nos cursos.(S3).

4.1.5. Habilidades do profissional de Psicologia.

4.1.5.1. Modelo da Formação atual, visto como um aspecto que dificulta a instrumentalização técnica adequada a um bom trabalho profissional.

- considera que o atual modelo é tecnicista, o que favorece uma prática descolada da teoria que a produziu. Tais práticas acabam sendo inconsistentes e ineficientes para intervir na realidade. (S6).

- entende que a Formação hoje está pautada no modelo 4+1, o que dificulta uma boa instrumentalização técnica. As diferentes áreas da Psicologia também são

consideradas um problema para o desenvolvimento das habilidades técnicas.(S3).

4.2. A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO QUE SE CONTRAPÕE AO MODELO TRADICIONAL DE PROMOÇÃO DE SAÚDE .

4.2.1.Perspectivas dadas pela Formação.

4.2.1.1.A Formação entendida como um tempo de aprendizagens básicas na área da Psicologia.

- considera importante uma formação generalista que rompa com o modelo estritamente técnico existente hoje, nos cursos de Psicologia. (S2).

- entende que os cursos de formação irão possibilitar aos alunos o conhecimento básico da Psicologia. Entende que as dificuldades presentes na Formação, devem ser compreendidas a partir do contexto do Ensino Superior no Brasil, que é marcado por problemas e contradições.(S4).

- considera que é necessário o aluno compreender que a formação é apenas o início de um longo processo de formação permanente. Essa educação continuada realizada através de estudos, vivência profissional e técnica que lhe irão possibilitar a “fazer leituras” da realidade e a realizar intervenções na mesma.(S7).

- entende que o curso de Psicologia deve propiciar uma visão geral sobre a ciência e a profissão. Considera que teve um bom curso de formação, vivenciando diferentes práticas propiciadas pelo seu estágio.(S10).

- considera que seria importante o aluno ter conhecimento na Formação dos aspectos preventivos na atuação do profissional, para poder habilitá-lo a

desempenhar adequadamente frente às complexas situações que a realidade pode apresentar.(S9).

4.2.1.2. A importância de uma nova concepção de homem na formação.

- considera como ponto fundamental a discussão, no interior da formação sobre uma nova concepção de homem, que contemple uma reflexão ética e teórica, possibilitando a promoção de saúde, assim como formas de implementá-la.(S2).

4.2.1.3. Discussão na Formação de novos espaços de atuação.

- considera como ponto fundamental a discussão, no interior da formação, sobre novos espaços de atuação, especialmente aqueles considerados como “situações educacionais”, em que o psicólogo pode atuar na perspectiva de promoção de saúde.(M5).

- considera que o psicólogo poderá atuar junto à comunidade, desenvolvendo práticas que poderiam favorecer o desenvolvimento de projetos para a melhoria de vida da população.(S6).

4.2.2. Conhecimentos das principais correntes teóricas da Psicologia.

4.2.2.1. Conhecer as principais concepções “de homem” presente nas diferentes teorias psicológicas e seus desdobramentos práticos - profissionais.

- considera que a teoria Sócio-histórica é a que melhor faz a ponte entre teoria e realidade; considera que tal visão teórica é importante para o psicólogo que quer atuar na perspectiva da promoção da saúde. Considera que essa perspectiva teórica contrapõe-se à noção de homem natural. A Educação, dentro dessa

concepção teórica, é vista como um fenômeno construído historicamente e que se atualiza constantemente através das relações sociais.(S1).

- entende que a teoria Sócio-histórica contribui para uma nova concepção de homem, vendo-o como ser histórico constituído através das suas relações sociais. Tal concepção é ainda incipiente nos cursos de formação, mas vem ganhando cada vez mais espaços tanto entre os alunos, quanto os profissionais.(S2).

- compreende que as teorias críticas contribuem para uma nova concepção de homem, vendo-o como um ser determinante e determinado pelas circunstâncias sociais e históricas. Considera importante que o profissional tenha conhecimento dessas teorias. As teorias críticas geraram um corpo teórico dentro da Psicologia, a chamada corrente Sócio-histórica. Considera importante conhecer, dentro desse enfoque, a Psicologia Social e a Institucional, entre outras. Entende que a corrente teórica da Sócio-histórica pode dar uma visão menos intimista do homem, possibilitando uma atuação mais integrada do profissional. Tais conhecimentos ampliam as possibilidades do profissional promover a socialização do saber e conseqüentemente a promoção de saúde.(S3)

- considera importante conhecer, além das teorias da Psicologia da Educação, as da Psicologia Institucional e Psicologia Social, tendo em vista que tais conhecimentos ajudam na reflexão das práticas desenvolvidas. Entende que é necessária uma postura aberta frente a diferentes teorias, porque considera que nenhuma delas dá conta da complexidade do ser humano. No seu trabalho, definido dentro do construtivismo, da psicanálise e dos grupos operativos, utiliza-se dos conhecimentos de Sara Pain, Piaget, Pichon River, entre outros.(S5).

- considera as bases psicanalíticas de autores independentes, como Winnicott e outros, interessantes para interpretar as situações institucionais. Entende que é

fundamental o conhecimento das teorias de desenvolvimento e aprendizagem, presentes nas relações e evolução do ser humano.(S4).

- considera fundamental a compreensão do fenômeno psicológico , em suas várias vertentes teóricas. Para o seu trabalho considera importantes as contribuições de Freud - Psicanálise, Piaget - Construtivismo, Pato- Psicologia Escolar, para o entendimento das relações homem-mundo em geral e do universo escolar em particular.(S7).

- considera importante o conhecimento da psicologia educacional, das teorias do desenvolvimento e da aprendizagem, da psicanálise, do psicodrama, especialmente autores como Piaget, Alcília Fernandes, Bohoslavisky, Winicott, Moreno, Erickson, para o desenvolvimento do seu trabalho(S10).

- entende que todo conhecimento psicológico é importante para o seu trabalho, mas aponta algumas teorias de suporte como as teorias do desenvolvimento, da psicologia social, das organizações, as teorias da personalidade, enquanto facilitadoras diretas do trabalho do psicólogo escolar, utilizando referenciais das teorias behaviorista , cognitivista, com Piaget e Vygotsky e com Moreno(S8).

- considera que todo conhecimento psicológico é importante para o desenvolvimento do seu trabalho. Utiliza várias vertentes teóricas - comportamental, cognitiva, humanista - utilizando autores como Vygotsky, Rogers, Maslow, entre outros nos encaminhamentos e leituras realizadas na sua atuação.(S9).

4.2.3. Conhecimento de outras áreas, na Formação, objetivando habilitar o psicólogo para uma atuação interdisciplinar.

4.2.3.1. Áreas das Ciências Humanas.

- entende que é fundamental o aluno conhecer outras áreas como a Filosofia, História e Sociologia, para compreender melhor a própria construção da Ciência Psicológica. Considera que é necessário conhecer as teorias educacionais, especialmente aqueles que vão trabalhar na Educação, pois estes conhecimentos irão ajudá-lo a entender, mais claramente, o campo educacional.(S2).

- considera importante que o profissional tenham conhecimento de outras áreas de conhecimento , tais como a Filosofia, a Sociologia, História da Educação, entre outras, possibilitando uma ampliação da perspectiva de trabalho profissional.(S3)

- considera importante que o profissional conheça teorias de outras áreas como a História, a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia, para colocar um contexto nas teorias psicológicas. Considera importante conhecer teorias das organizações, que possibilitem entender a dinâmica das instituições, do caráter conservador das mesmas para uma intervenção mais claramente definida.(S4).

- entende como necessário o conhecimento de teorias que contextualizam o desenvolvimento histórico dos fenômenos sociais e políticos, enquanto parte integrante da produção de determinados conhecimentos teóricos. Considera importante que o profissional conheça teorias das áreas de História, Sociologia, para poder melhor compreender a história das teorias psicológicas. Considera que tais conhecimentos podem dar uma visão menos individualista, própria da Psicologia em geral, possibilitando uma visão mais ampliada, por parte do profissional, da sua atuação.(S6).

- entende ser necessário ir além da Psicologia para se obter uma compreensão melhor do fenômeno humano. Considera que a Filosofia, a História, a Sociologia como áreas de conhecimento que contribuem para ampliar a compreensão do homem inserido no mundo.(S7).

- considera importante que o profissional tenha conhecimento de outras teorias, tais como a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia, a Economia, com o objetivo de ampliar sua visão de mundo. Tais conhecimentos ampliam as possibilidades do profissional a promover a socialização do saber e conseqüentemente a promoção de saúde.(S8).

- considera importante o profissional ter conhecimento de outras áreas como a médica, não devendo ficar preso às leituras técnicas mas ler jornais, revistas, etc. (S10).

- entende que é importante conhecer posições teóricas que se diferenciam mas que se complementam nas decisões práticas. Considera fundamental que o profissional tenha conhecimento das teorias educacionais, com uma visão mais crítica como as de Paulo Freire. Considera que tais conhecimentos podem dar uma visão mais ampla dos fenômenos humanos e sociais, o que possibilitaria trabalhos voltados para o aspecto mais coletivos e integrativo, trabalhos esses propícios à promoção de saúde. (S5).

- a Educação é vista dentro da teoria Sócio-histórica como um fenômeno constituído historicamente e que se atualiza constantemente através das relações sociais.(S1).

- entende que o profissional deve conhecer mais a área pedagógica. Considera importante a teoria humanista subjacente a Pedagogia Salesiana, enquanto suporte para o seu trabalho. Tal pedagogia gerou novas vertentes como a Pedagogia da Presença.(S10).

4.2.4. O estágio supervisionado.

4.2.2.1. Estágio compreendido como espaço de importante reflexão para o aluno.

- os estágios são considerados espaços importantes para o aluno entender e aprender a lidar com as contradições existentes nas instituições que, na maioria das vezes, reproduzem a estrutura conservadora e autoritária, presentes também na sociedade. Entende que as vivências conflitantes dos estágios propicia ao aluno uma visão mais realista do movimento existente na sociedade, levando-o a refletir sobre a importância de uma atuação profissional engajada numa ação política mais ampla.(S3).

- entende que no espaço universitário, o estágio é o espaço privilegiado para desenvolver ações de investigação que possibilitem uma reflexão crítica das teorias aprendidas e dos modelos práticos delas derivados. No entanto, atualmente, tais estágios têm produzido práticas tecnicistas, não se tornando espaço de reflexão, mas sim de réplicas de modelos já existentes.(S6).

- entende que nos estágios procura-se atingir a parte informativa e formativa, sendo que as circunstâncias específicas do estágio acaba concretizando mais a parte informativa. Entende que esta vai contribuir para a reflexão, mudanças de atitudes e busca de alternativas, que podem evitar determinados problemas e auxiliar no trabalho de promoção de saúde. Esse movimento de ajudar a pensar, dar apoio, no trabalho do estágio, é considerado como o espaço de promoção de saúde, dentro do trabalho educacional, cabendo ao psicólogo desenvolvê-lo. Entende que o estágio pode propiciar ao aluno o desenvolvimento de uma visão mais integradora do homem, através de ações interdisciplinares.(S8).

4.2.5. A importância da técnica instrumentalizada pela teoria.

- considera que a instrumentalização técnica deve ser o reflexo da apropriação teórica por parte do aluno. Dessa forma será a própria teoria que dará possibilidades ao aluno de adquirir habilidades técnicas. (S1).

- entende que a técnica deve existir, não enquanto um fim em si mesma, mas diretamente relacionada com uma determinada reflexão teórica. Entende que é necessário, desde a formação, o psicólogo identificar a concepção de homem subjacente a determinada técnica, pois a consistência de uma visão teórica, possibilita a construção de determinadas “técnicas” adequadas a tal trabalho, por parte do profissional. (S2).

- entende que na formação, os estágios são fundamentais para o aluno trabalhar a construção de técnicas adequadas ao seu desempenho profissional.(S5).

- entende que desde a Formação é necessário que o aluno esteja inserido em projetos que propiciem a reflexão entre teoria e prática, para não cair no tecnicismo.(S6).

4.2.6. Habilidades, vistas como apropriação de técnicas, necessárias ao profissional de Psicologia.

4.2.6.1. Técnicas de avaliação diagnóstica.

- considera que uma visão teórica consistente possibilita a construção de técnicas de avaliação, no trabalho profissional do psicólogo. Considera importante o profissional saber planejar, observar, registrar, analisar e construir instrumentos de avaliação com o objetivo de realizar diagnósticos.(S3).

- considera fundamental que o profissional aprenda técnicas de observação e registro, enquanto instrumentos importantes para diagnosticar a realidade trabalhada. Tais técnicas, no entanto, devem ser complementadas com espaços

de discussões entre diferentes profissionais para fins de avaliação, à luz de determinada teoria, sobre o que foi diagnosticado.(S6).

- considera importante o conhecimento das técnicas de entrevista , do psicodrama e do aconselhamento psicológico, com o objetivo de se obter um diagnóstico e prognóstico da situação. Considera importante o aluno aprender técnicas de observação e entrevista para atuação na família. Entende que o profissional de Psicologia deve ter o conhecimento das técnicas de observação e da entrevista como suporte para a realização do diagnóstico.(S9).

4.2.6.2. Técnicas de trabalho em grupo.

- considera importante , dentro da realização do seu trabalho, o conhecimento das técnicas do psicodrama e dos jogos dramáticos.(S10).

- entende como necessário construir o conhecimento a respeito da entrevista e do trabalho em grupo.(S3).

- entende que é necessário ao profissional um constante ambiente de estudo e reflexões sobre as ações desenvolvidas, a fim de aperfeiçoar as técnicas utilizadas. Aponta entre as técnicas do psicodrama, as de coordenação, observação, registro como técnicas de suporte para o trabalho grupal.(S5).

- considera que o psicólogo é fundamentalmente um profissional da “escuta”. Entende que a técnica da observação enquanto um suporte para olhar e interpretar o significado de determinadas situações. Tais interpretações devem ter o respaldo dos significados encontrados.(S4).

- considera importantes as técnicas de interpretação e assinalamentos, as de grupo - psicodrama -, por exemplo, para o desenvolvimento do trabalho junto às escolas. (S7).

4.2.6.3. Técnicas de pesquisa.

- considera que a Universidade é o espaço ideal, durante a Formação profissional, para a aquisição de hábitos de pesquisa, através da investigação , da reflexão e da discussão. Tais hábitos podem possibilitar uma atitude reflexiva mais conseqüente sobre a relação de determinadas construções teóricas e as práticas delas derivadas. Entende que a pesquisa, como por exemplo, a Iniciação Científica , podem possibilitar a criação do hábito de observar, registrar e refletir criticamente sobre as situações postas. (S6).

- considera que a atividade de pesquisa é fundamental para a aquisição de técnicas que propiciem a aprendizagem sobre produção de conhecimento, da observação, registro, dados estatísticos. A pesquisa ajuda a conhecer melhor a realidade. Entende ser necessário que o profissional domine as técnicas e o entendimento de dinâmica de grupo, de aconselhamento psicológico, entre outros, para obter um bom desenvolvimento do seu trabalho na escola.(S8).